

Salete Gonçalves

MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E LAZER NO LITORAL TURÍSTICO POTIGUAR

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2018

Salete Gonçalves

MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E LAZER NO LITORAL TURÍSTICO POTIGUAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para a obtenção do título de Doutora.

Linha de pesquisa: Lazer e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Christianne Luce Gomes

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2018

G635m 2018 Gonçalves, Salete
Migração internacional e lazer no litoral turístico potiguar [manuscrito] /
Salete Gonçalves. – 2018.
218f.,: il.

Orientador: Christianne Luce Gomes

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 191-213

1. Lazer - Teses. 2. Turismo – Teses. 3. Migração internacional - Teses.
I. Gomes, Christianne Luce. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU:379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



ATA DA 37ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

SALETE GONÇALVES

Às 14h00min do dia 30 de julho de 2018 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E LAZER NO LITORAL TURÍSTICO POTIGUAR", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Fausto Reynaldo Alves de Brito (UFMG)	X	
Prof. Dr. Hilton Fabiano B. Serejo Bernardini (UFVJM)	X	
Profa. Dra. Olívia Cristina F. Ribeiro (UNICAMP)	X	
Profa. Dra. Pamela de Medeiros Brandão (UFRN)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: Aprovada

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Este documento tem validade de 60 dias.

Belo Horizonte, 30 de julho de 2018.

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes Christianne Luce Gomes

Prof. Dr. Prof. Dr. Hilton Fabiano B. Serejo Bernardini Hilton F.B. Serejo

Prof. Dr. Fausto Reynaldo Alves de Brito Fausto Alves de Brito

Profa. Dra. Olívia Cristina Ferreira Ribeiro Olívia Cristina

Profa. Dra. Pamela de Medeiros Brandão Pamela de Medeiros Brandão

Aos meus pais, Edinice Cosmo Gonçalves e
Benedito Gonçalves (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, sem sua permissão não seria possível chegar até aqui. Ele por muitas vezes, me animou a prosseguir nessa árdua tarefa, me trazendo a memória o porquê de estar escrevendo esta tese; por outras vezes, acalmou o meu coração e renovou as minhas forças, quando pensei que não mais as teria; e nunca me permitiu sentir solitária, pois sua presença é real e constante em minha vida.

À minha família, em especial a minha mãe, Dona Dena, por todo o seu afeto e por acreditar que eu conseguiria enfrentar mais esse novo desafio, sem o seu apoio incondicional isso não seria possível. Ao meu pai, Benedito (*in memoriam*), no qual carrego comigo todos os seus ensinamentos. Estendo minha gratidão, aos meus irmãos – Silvana, Sérgio e Sueli –, cunhados – Dias, Marta e Sandro – e queridos sobrinhos – Vivi, Tetê, Joãozinho, Samuca e Yasmin. Vocês são meu alicerce e estão sempre ao meu lado, fazendo-se presente mesmo em momentos ausentes, respeitando o meu silêncio e isolamento quando se fez necessário, e dando-me colo quando mais eu precisei. Essa conquista é nossa, amo vocês!

Aos queridos OS MIDAS, Oscar, Michel, Iluska, Daniel, Ana Paulina (*in memoriam*) e Salomar, amigos-irmãos que ganhei na Graduação em Turismo na UFRN e que até hoje moram no meu coração, sou grata pelo enorme carinho que sinto por cada um de vocês.

Aos meus amigos do e pelo Turismo, que mais uma vez, estiveram ao meu lado diante desse novo desafio acadêmico: Marcelo Taveira, Linaldo da Silva, Pricylla Lopes, Bety Álvares, Mabel Guardia, Tatiana Moritz, Tatiana Ghelen, Patrícia Amaral, Maria Páscoa, Samara Aires, Queila Pahim, Richard Medeiros e Adriana Costa.

Aos retirantes: Rita, Aniele, Cathia, Khelen, Bruno, Sandrinha, André, Ronaldo e Robertinha. Essa mistura de sotaques, culturas, histórias e estórias foi fundamental no desenvolvimento dessa tese!

Aos colegas do grupo LUCE, pelos debates, encontros presenciais e virtuais que auxiliaram a refletir sobre o meu objeto de estudo e outros temas.

À professora Maria Pontes, da UFRN, a quem admiro, respeito e tenho um profundo carinho, por ser uma inspiração para mim e por me ajudar a perceber o quão importante é investigar a relação entre o turismo e migração.

À UERN, pela liberação para cursar o meu Doutorado na UFMG, em especial aos colegas do Departamento: Rosa, Rai, Michele, Cláudia Regina e Saulo, mais do que compartilhar o ambiente do trabalho são amigos para uma vida inteira.

À CAPES, por ter me concedido uma bolsa de oito meses, para participar do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) na Universidade de Alicante/Espanha, o que contribuiu ricamente nas reflexões sobre minha tese. Em especial, agradeço ao professor Tomás Mazón, que me acolheu de uma forma tão especial naquela Instituição, mais do que um supervisor, tornou-se um amigo.

Aos docentes do PPGIEL por suas contribuições e discussões para se pensar o lazer, com toda a certeza enriqueceram a minha formação acadêmica. Não poderia deixar de agradecer também, a nossa querida Secretária Cinira, hoje aposentada, mas que sempre esteve disposta a me ajudar, e ao atual Secretário Danilo, que também se mostrou bastante solícito.

Aos professores Dimitri Fazito, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e Alisson Barbieri, do Programa de Pós-Graduação em Demografia, ambos da UFMG, que conduziram de uma forma tão contundente e provocativa a disciplina “Tópicos Avançados de Pesquisa em Migração I: Teoria e Método em Migração”, os conteúdos aprendidos foram a base para desenvolver essa discussão desafiadora sobre a migração.

À minha querida orientadora Chris, por toda a sua paciência, amizade, compreensão, conselhos e afetuosidade. Por me incentivar e auxiliar nesse processo de construção intelectual, me direcionando e ajustando quando necessário, e me permitindo voar também, sem que eu perdesse a minha identidade. Aprendi muito com você, e espero poder aprender muito mais.

Aos professores que participaram de minha qualificação por suas preciosas contribuições e pelos novos encaminhamentos que deveriam ser seguidos, Dr. Helder Isayama e Dr^a. Pamela Brandão.

À banca de defesa e aos membros titulares, os professores: Dr^a. Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, Dr^a. Pamela de Medeiros Brandão, Dr. Hilton Fabiano Boaventura Serejo Bernardini e Dr. Fausto Reynaldo de Alves Brito; e aos membros suplentes, professoras Dr^a. Diomira Maria Cicci Pinto Faria e Dr^a. Marutschka Martini Moesch, obrigada pela gentileza em aceitar o convite, tenho certeza que o olhar de cada um dos senhores contribuirá para o aprimoramento desta tese.

Aos portugueses, italianos e espanhóis que aceitaram participar dessa pesquisa, sem eles, essa investigação não seria possível.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram indiretamente para a conclusão dessa tese, minha profunda gratidão.

Por não conseguir sempre por em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998, p. 45)

RESUMO

Esta tese buscou compreender de que maneira se processa a dinâmica da migração internacional orientada pelo lazer no litoral oriental potiguar e suas influências na geração de novos fluxos turísticos e migratórios no Rio Grande do Norte. Para tanto, buscou-se investigar o perfil, a trajetória e os fatores decisórios na fixação de residência de estrangeiros no litoral oriental potiguar; discutir a territorialização sociocultural dos imigrantes, bem como as tramas de suas redes sociais no Brasil e em seu país de origem; compreender a percepção dos imigrantes sobre a hospitalidade pública local nos territórios turísticos e não-turísticos; avaliar em que medida a migração influenciou as experiências de lazer dos pesquisados. O estudo justifica-se, principalmente, por ser uma temática que requer aprofundamento teórico, diante da escassez de pesquisas no cenário brasileiro, especialmente quando se considera o campo de estudos do lazer. Trata-se de um estudo complexo, de natureza qualitativa que adotou como estratégias de pesquisa o estudo de caso e o levantamento de dados por meio da realização de entrevistas com 31 imigrantes, naturais da Itália, Espanha e Portugal. A análise interpretativa foi empreendida com auxílio do *software* MAXQDA, visando organizar e sistematizar as informações coletadas junto aos entrevistados. Os resultados evidenciam que esses sujeitos migraram em busca de um novo estilo de vida e/ou novos desafios pessoais; de investir no setor turístico e/ou imobiliário, assumir cargos de trabalho e/ou estabelecer vínculos conjugais. Independentemente do perfil dos estrangeiros pesquisados, constatou-se que não se trata de uma busca meramente material, mas simbólica – ligada ao clima, ao sol, a tranquilidade e a natureza – apresentando assim, outras questões que compõem o lazer. Evidenciou-se também que a vinda desses imigrantes promoveu a criação de novas territorialidades e territórios, o que foi concretizado por meio da alimentação, do idioma e das redes sociais, que contribuíram com o processo de adaptação e criação de novos vínculos. No tocante as redes sociais, elas se formam de modo bastante particular, havendo maior aproximação com brasileiros e distanciamentos dos compatriotas. O uso da tecnologia e das mídias sociais, no entanto, foi destacado como fundamental na manutenção dos laços deixados no país de origem. Verificou-se que a hospitalidade pública local nos territórios turísticos se faz mais presente do que nos territórios não-turísticos, apontando para a ineficiência do Estado, amplamente destacada pelos imigrantes. A pesquisa constatou que uma das principais consequências da migração foi a ampliação do lazer e uma fluidez maior nas relações de trabalho, fazendo com que essas duas esferas da vida social sejam mais articuladas, ao invés de serem contrapostas. Pôde-se constatar ainda, que por um lado, a migração facilitou a experiência turística de familiares e amigos, e por outro, permitiu a circulação desses imigrantes até o país de origem; apontando para a existência de um fluxo internacional. Por fim, a migração foi avaliada majoritariamente como positiva, havendo pouco interesse pelo regresso à terra natal. Dessa maneira, nesta pesquisa a migração internacional no litoral potiguar é uma extensão do fenômeno turístico, tendo um peso na incidência de novos fluxos imigratórios e turísticos, deflagrando assim sua recursividade.

Palavras-Chave: Migração internacional. Turismo. Lazer. Território.

ABSTRACT

This thesis sought to understand in which way it is processed the dynamics of international migration oriented by leisure in the eastern potiguar coast and what are its influence in the generation of new touristic and migratory flows in Rio Grande do Norte. For this purpose, it was pursued to investigate the profile, the trajectory and the decisive factors in the residence fixation of these foreign people in the eastern potiguar coast; discuss the sociocultural territorialization of the immigrants, as well as the plots of their social networks in Brazil and in their country of origin; comprehend the perception of the immigrants towards local public hospitality in the touristic and non-touristic territories; evaluate to what extent the migration has influenced the experiences of leisure of the researched ones. The study justifies itself mostly for being a thematic that requires theoretical deepening, facing the shortage of research in the Brazilian scenario, especially when it is considered the field of leisure studies. It is a complex study, of qualitative nature, that adopted as research strategies the case study and data collection by means of interview with 31 immigrants, natives of Italy, Spain and Portugal. The interpretative analysis was undertaken with the assistance of the software MAXQDA, seeking to organize and systematize the collected information with the interviewed. The results highlight that these subjects migrated searching for a new style of life and/or new personal challenges; for investing in the touristic and/or real estate sector, take over work functions and/or establish marital bonds. Regardless of the profile of the researched foreign people, it was realized that it is not about a merely material pursuit, but symbolic – attached to the weather, sun, peace and nature – presenting thus other matters that compose leisure. It was also highlighted that the coming of these immigrants has promoted the creation of new territorialities and territories, which was achieved by means of feeding, language, social networks, which have contributed with the process of adaptation and creation of new bonds. Regarding to social networks they form themselves in a very particular way, having a bigger approximation with Brazilians and estrangement of compatriots. The use of technology and social medias, however, was detached as fundamental in the maintenance of bonds left in the country of origin. It was verified that local public hospitality in the touristic territories is more present than in non-touristic territories, pointing to the inefficiency of the State, widely highlighted by immigrants. The research has recognized that one of the main consequences of migration was the expansion of leisure and a bigger fluidity in the work relations, making these two spheres of social life articulate instead of oppose. It was also perceived that on one hand, migration has facilitated the touristic experience of family and friends, and, on the other hand, it has allowed the circulation of these immigrants until the country of origin; pointing to the existence of an international flow. Lastly, migration was evaluated mostly as positive, having few interest in returning to the homeland. Thus, in this research international migration in the potiguar coast is an extension of the touristic phenomenon, having an influence on the incidence of new migratory and touristic flows, deflagrating thus its recursiveness.

Keywords: International migration. Tourism. Leisure. Territory.

RESUMEN

Esa tesis buscó comprender de qué manera se procesa la dinámica de la migración internacional orientada por el ocio en el litoral oriental potiguar y cuáles son sus influencias en la generación de nuevos flujos turísticos y migratorios en el Estado de Rio Grande do Norte. Para ello, se buscó investigar el perfil, la trayectoria y los factores decisivos en la fijación de residencia de esos extranjeros en el litoral oriental potiguar; discutir la territorialización sociocultural de los inmigrantes, así como las tramas de sus redes sociales en Brasil y en su país de origen; comprender la percepción de los inmigrantes sobre la hospitalidad pública local en los territorios turísticos y no turísticos; evaluar en qué medida la migración influyó las experiencias de ocio de los encuestados. El estudio se justifica, principalmente, por ser una temática que requiere profundización teórica, ante la escasez de investigaciones en el escenario brasileño, especialmente cuando se considera el campo de estudios del ocio. Se trata de un complejo estudio de carácter cualitativo que adoptó como estrategias de investigación de la colección de estudio de casos y datos a través de entrevistas con 31 inmigrantes, nativos de Italia, España y Portugal. El análisis interpretativo fue emprendido con ayuda del software MAXQDA, buscando organizar y sistematizar las informaciones recogidas junto a los entrevistados. Los resultados evidencian que estos sujetos migraron en busca de un nuevo estilo de vida y / o nuevos desafíos personales; de invertir en el sector turístico y / o inmobiliario, asumir cargos de trabajo y / o establecer vínculos conyugales. Independientemente del perfil de los extranjeros investigados, se constató que no se trata de una búsqueda meramente material, sino simbólica, relacionada al clima, al sol, la tranquilidad y la naturaleza, presentando así otras cuestiones que componen el ocio. Se evidenció también que la llegada de estos inmigrantes promovió la creación de nuevas territorialidades y territorios, lo que se concretó a través de la alimentación, el idioma y las redes sociales, que contribuyeron con el proceso de adaptación y creación de nuevos vínculos. En cuanto a las redes sociales, ellas se forman de manera bastante particular, habiendo mayor aproximación con brasileños y distanciamientos de los compatriotas. El uso de la tecnología y de los medios sociales, sin embargo, fue destacado como fundamental en el mantenimiento de los lazos dejados en el país de origen. Se verificó que la hospitalidad pública local en los territorios turísticos se hace más presente que en los territorios no turísticos, apuntando a la ineficiencia del Estado, ampliamente destacada por los inmigrantes. La investigación constató que una de las principales consecuencias de la migración fue la ampliación del ocio y una fluidez mayor en las relaciones de trabajo, haciendo que esas dos esferas de la vida social se articulen más, en vez de ser contrapuestas. Se pudo constatar que, por un lado, la migración facilitó la experiencia turística de familiares y amigos, y por otro, permitió la circulación de esos inmigrantes hasta el país de origen; que apunta a la existencia de un flujo internacional. Por último, la migración fue evaluada mayoritariamente como positiva, habiendo poco interés por el regreso a su país de origen. De esta manera, en esta investigación la migración internacional en el litoral potiguar es una extensión del fenómeno turístico, incidencia de nuevos flujos migratorios y turísticos, desencadenando así su recursividad.

Palabras-Clave: Migración internacional. Turismo. Ocio. Territorio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 – Chegada de turistas internacionais no RN por vias de acesso – 2003-2016	52
Gráfico 02 – Ano de chegada ao RN	105
Gráfico 03 – Vivências de lazer dos entrevistados.....	179
Figura 01 – Morro do Careca localizado na Praia de Ponta Negra	32
Figura 02 – Falésias na Praia do Amor	33
Figura 03 – Vale Encantado em Pium	34
Mapa 01 – Mapa do Rio Grande do Norte, com ênfase na área de estudo.....	31
Quadro 01 – IDH do Rio Grande do Norte e municípios investigados	35
Quadro 02 – Descrição dos entrevistados	43
Quadro 03 – Similitudes e diferenças entre migração e turismo	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – População residente por lugar de nascimento em país estrangeiro no estado do RN – 2000-2010	29
Tabela 02 – Nacionalidade da demanda turística internacional no destino Natal/RN 2004 - 2016(%)	37
Tabela 03 - Pessoas que residiam há menos de 10 anos ininterruptos no Rio Grande do Norte total e país de residência anterior (Censo 2010)	38

LISTA DE SIGLAS

ALC - América Latina e Caribe
ANAC – Associação Nacional de Aviação Civil
APA - Área de Proteção Ambiental
ARS - Análise de Redes Sociais
ASCIBRA – Associação Cultural Ítalo Brasileira.
BA – Bahia
BC – Banco Central
BNB – Banco do Nordeste
BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE – Ceará
DELEMIG - Delegacia de Polícia de Migração
DF – Distrito Federal
EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
ES – Espírito Santo
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FIFA - Federação Internacional de Futebol Associado
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEMA – Instituto de Desenvolvimento do Meio Ambiente
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
INFRAERO - Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano
MTUR – Ministério do Turismo
NASA - *National Aeronautics and Space Administration*
NE - Nordeste
OIM - Organização Internacional das Migrações
OMT - Organização Mundial do Turismo
ONG - Organização Não-Governamental
ONUBR – Organização das Nações Unidas Brasil
PDSE – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior
PDTIS - Programa de Desenvolvimento Territorial Integrado Sustentável

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PNT – Plano Nacional de Turismo

PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo

PT – Partido dos Trabalhadores

RN – Rio Grande do Norte

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SETUR – Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte

SP – São Paulo

TAP – Transportes Aéreos Portugueses

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TLb – Tempo liberado

TLv – Tempo livre

UA – Universidade de Alicante

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNTWO – *World Tourism Organization*

ZPA – Zona de Proteção Ambiental

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PERCURSO METODOLÓGICO	27
2.1 Natureza da investigação.....	27
2.2 Abrangência do estudo	28
2.3 Coleta de dados	39
2.4 Análise dos dados	45
3 O “DESCOBRIMENTO” DO LITORAL POTIGUAR E SUA INTERNACIONALIZAÇÃO.....	47
4 MIGRAÇÃO E TURISMO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	62
4.1 Aproximações entre as definições da OMT e OIM.....	68
4.2 Migração orientada pelo lazer e turismo enquanto fenômenos recursivos ...	75
4.3 (Re) Pensando o lazer no contexto da migração	84
5 TECENDO TERRITORIALIDADES E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO MIGRATÓRIO.....	92
6 SER IMIGRANTE NO LITORAL TURÍSTICO POTIGUAR.....	102
6.1 Quem são esses imigrantes?	103
6.2 Ser imigrante em um destino turístico	122
<i>6.2.1 Territorialização sociocultural e redes sociais</i>	<i>123</i>
<i>6.2.2 Hospitalidade pública potiguar no território turístico e não-turístico</i>	<i>151</i>
6.3 Fluxos turísticos e migratórios no litoral potiguar	164
<i>6.3.1 Entre o ir e o vir</i>	<i>165</i>
<i>6.3.2 Destino residencial e/ou turístico?.....</i>	<i>170</i>
<i>6.3.3 Migração e lazer: entre o idealizado e o real</i>	<i>175</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICES.....	214

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais os destinos turísticos tornam-se globais, ou seja, assumem uma forte capacidade de atração em nível mundial, os turistas ultrapassam fronteiras mais longínquas e as localidades assumem maior ubiquidade. Além disso, os deslocamentos são favorecidos tanto pelos acordos políticos e econômicos entre algumas nações, como pela redução, cada dia mais, das barreiras nos sistemas de transportes e comunicação.

Soma-se a essas questões, o fato de os custos das viagens apresentarem alternativas mais acessíveis para o usuário nos dias atuais, ampliando as possibilidades para que o ato de viajar não seja apenas um luxo reservado a uma parcela privilegiada da população, mas uma possibilidade que se estende a diferentes camadas da população.

Com isso, muitas pessoas atravessam fronteiras geográficas para descobrir novos lugares e culturas. Para além da viagem turística, muitos decidem fixar residência nos destinos turísticos visitados devido ao poder de atração de alguns lugares, e aos vínculos constituídos com o território. Situações como essas são cada vez mais comuns, e acabam aproximando o fenômeno turístico do migratório.

Sabe-se que esses dois tipos de mobilidades vêm assumindo maiores volumes anualmente. Considerando o fluxo internacional migratório, no período de 2000 a 2009 o número cresceu em torno de 4,6 milhões por ano, mais que o dobro da década anterior, que foi de 2 milhões (ONUBR, 2013). Segundo dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2016), no ano de 2015, havia aproximadamente 244 milhões de imigrantes, ou seja, 3,3% da população mundial residiam fora do seu país de origem.

Pesquisas realizadas pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2017), por sua vez, apontam que o turismo mundial cresceu interruptamente entre 2009 e 2016. As chegadas de turistas internacionais passaram de 25 milhões em 1950 para 278 milhões em 1980. Algumas décadas depois, passaram de 674 milhões em 2000 para 1,2 bilhão de turistas em 2016 – cerca de 46 milhões a mais do que no ano anterior. Ainda segundo o referido órgão, 2016 foi o oitavo ano seguido de crescimento do segmento, após a crise financeira global de 2008, sequência não contabilizada desde a década de 1960.

Esse número segue em ascensão. Em 2017, o fluxo de turistas internacionais alcançou um total de 1,322 bilhões, um aumento de 7%, e as previsões apontam que

este forte impulso se manterá em 2018 (UNWTO, 2018). O mesmo estudo aponta que a expansão deste tipo de turismo irá superar o prognóstico realizado pela OMT no ano de 2011, intitulado *Tourism Towards 2030*. A estimativa era que se atingisse a cifra de 1,4 bilhão de turistas em 2020 e 1,8 bilhão em 2030. Porém, a nova previsão dá conta de que ao invés de um crescimento médio de 3,3% ao ano, este atingirá entre 4% e 5% (UNWTO, 2018).

Desse modo, tanto o fenômeno turístico quanto o migratório estão em expansão nos dias de hoje. Além dessa característica em comum, evidencia-se outra: conforme dados levantados pela OIM em 2016, a escolha pelo destino, numa lista de dez nações, prioriza seis: Estados Unidos, Alemanha, Rússia, Reino Unido, França e Espanha.¹ Esses países estão, de acordo com a OMT em 2015(a), entre os 10 principais receptores de turistas, que são os seguintes: França, Estados Unidos, Espanha, China, Itália, Turquia, Alemanha, Reino Unido, Rússia e México.

Mais um aspecto que sustenta essa discussão se refere aos sentidos que os movimentos turísticos e migratórios assumem no globo terrestre. Conforme a OMT (2017), no ano de 2016, 51% de todo o fluxo internacional concentrava-se na Europa, 24% na Ásia e Pacífico, 16% no continente Americano, 5% na África e 4% no Oriente Médio. Em termos de fluxo turístico internacional, a concentração diz respeito aos países ricos, situados no hemisfério Norte.

Entre os principais corredores migratórios mundiais², historicamente, o maior fluxo é no sentido Sul-Norte, ou seja, de pessoas originárias de países menos desenvolvidos para países mais desenvolvidos. Segundo a OIM (2016), um em cada cinco imigrantes vive em uma das 20 maiores cidades do mundo. Essa informação pode ser observada no ano 2015, em que a corrente migratória sul-norte correspondeu a 45% do total, seguida pelos deslocamentos Sul-Sul com 35%, Norte-Norte 17% e Norte-Sul

¹ De acordo com a OIM (2016), o país de destino mais popular dos imigrantes é o Estados Unidos, onde 46,6 milhões de estrangeiros residiam oficialmente em 2015, seguido pela Alemanha (12 milhões), da Rússia (11,9 milhões), Arábia Saudita (10,2 milhões), Reino Unido (8,5 milhões), Emirados Árabes Unidos (8,1 milhões), Canadá e França (7,8 milhões cada), Austrália (6,7 milhões) e Espanha (5,8 milhões).

² Segundo Anich, Brian e Laczko (2013), os quatro principais corredores migratórios mundiais são: (a) Norte-Norte: da Alemanha para os Estados Unidos, do Reino Unido à Austrália, do Canadá para a Coreia e do Reino Unido para os Estados Unidos; (b) Sul-Sul: da Ucrânia para a Rússia, da Rússia a Ucrânia, de Bangladesh ao Butão, do Cazaquistão para a Rússia, e do Afeganistão ao Paquistão; (c) Sul-Norte: do México aos Estados Unidos, da Turquia a Alemanha, e da China, Filipinas e Índia para os Estados Unidos; (d) Norte-Sul: dos Estados Unidos para o México e África do Sul, de Alemanha a Turquia, de Portugal ao Brasil, e da Itália para a Argentina.

3% (OIM, 2016). Como se pode perceber, a migração Sul-Norte representa quase a metade do total das correntes migratórias mundiais.

Porém, o que se destaca para o presente estudo é a migração no sentido Norte-Sul, ou seja, de países considerados desenvolvidos, para países em desenvolvimento. Apesar de representarem entre 3% a 6% do total da migração internacional, ou entre 7 a 13 milhões de pessoas, esse número vem crescendo consideravelmente nos últimos anos.

O movimento Norte-Sul vem aumentando, sobretudo, devido à chegada de imigrantes europeus na América Latina e Caribe (ALC), bem como para a África. Entre o início de 2008 e final de 2009, os principais países de procedência de imigrantes com destino à ALC, em particular a Argentina e ao Brasil, eram Espanha (48.000), Alemanha (21.000), Países Baixos (17.000) e Itália (16.000) (CÓRDOVA, 2012).

Cabe destacar que os imigrantes, principalmente aqueles que são reconhecidos como mão de obra qualificada, foram atraídos também para os países que compõem o BRICS³: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Segundo estudos propostos pela OIM (2016), o contingente na China aumentou em 35% nos últimos dez anos, com um número cada vez maior de pessoas originárias do hemisfério Norte. Além disso, o número de portugueses na África aumentou em 42% no transcurso do último decênio, e os Estados Unidos estão se tornando o principal país de origem dos imigrantes com destino ao Brasil.

O aumento no fluxo migratório Norte-Sul pode ser explicado, em parte, pela crise financeira e econômica iniciada em 2008 nos Estados Unidos e que repercutiu diretamente na Europa, associada ao fato da prosperidade econômica e estabilidade política na qual alguns países periféricos vinham passando no mesmo período, inclusive o Brasil, durante a gestão do então presidente Lula da Silva (2003-2010).

Além desse aspecto, os movimentos Norte-Sul são atrelados a outros motivos, entre os quais, o desejo de explorar oportunidades econômicas no mercado mundial, o desejo de estudar ou aposentar-se no exterior, interesse em restabelecer vínculos com o país de origem, vontade de trabalhar em empresas multinacionais que se estabelecem nos países do hemisfério Sul e que necessitam de trabalhadores

³ BRICS é um agrupamento econômico, composto por cinco países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Esses países juntos detêm 21% do PIB mundial e formam o grupo de países que mais crescem no mundo. Desde a sua criação, o BRICS tem expandido suas atividades em duas principais vertentes: (i) a coordenação em reuniões e organismos internacionais; e (ii) a construção de uma agenda de cooperação multissetorial entre seus membros (BRASIL, 2016).

qualificados (OIM, 2016). Pode ser mencionada, também, a busca por um novo estilo de vida (O'REILLY, 2009; JANOSCHKA, 2011).

No cenário brasileiro, a migração aumentou aproximadamente 87% quando se leva em conta os períodos entre os censos de 1995/2000 e 2005/2010, registrando o ingresso de 268.201 pessoas nos cinco anos anteriores ao censo de 2010 (OIM, 2013). Considerando a procedência desses imigrantes, entre os anos de 2000 e 2010, os Estados Unidos, o Japão, o Paraguai e a Bolívia seguiram sendo os principais países emissores, constatando-se assim uma forte migração gerada tanto no sentido Norte-Sul, quanto Sul-Sul. Além disso, enquanto a Argentina tem perdido sua relevância no contexto brasileiro nos últimos 10 anos, Portugal vem se destacando como um grande emissor de migrantes. (IDEM).

A chegada substancial de haitianos e venezuelanos no Brasil também merece atenção. O primeiro grupo chegou, marcadamente, a partir de 2010, após um abalo sísmico de grandes proporções cujo epicentro foi próximo a capital haitiana, Porto Príncipe. Porém, segundo Fernandes e Farias (2012), o que explica a emigração haitiana não foi apenas esse terremoto, mas um conjunto de vulnerabilidades, entre elas, a instabilidade política, mazelas sociais e econômicas e catástrofes ambientais frequentes. Já a migração do segundo grupo, começou a se intensificar a partir de 2014, tendo seu ápice em 2018, devido – principalmente - à crise política e econômica pela qual a Venezuela vem passando (CHARLEAUX, 2018).

É importante destacar, ainda, que esses imigrantes seguem ocupando o território nacional de forma heterogênea, porém com maior concentração na região sudeste do Brasil, com 66,4% dos imigrantes; seguidos por 17,3 % que vivem no Sul; 6,3% no Centro-oeste; 5,6% no Nordeste e 4,4% no Norte (IBGE, 2010).

Embora o percentual da região Nordeste seja baixo quando comparado a outras regiões brasileiras, entre os anos de 2010 e 2012 foi ali que houve uma maior concessão de vistos de trabalho a estrangeiros, principalmente para europeus. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, enquanto a média nacional subiu 21%, os vistos de trabalho concedidos no Nordeste a estrangeiros tiveram um surpreendente aumento de 310% (PE247, 2013).

Esses números mostram o crescimento substancial dos estrangeiros no Nordeste, e apesar de existirem dados estatísticos que os estimem, faltam estudos que os qualifiquem. Nesse sentido, Soares, Lobo e Matos (2015, p.204) afirmam que

[...] os dados mais recentes sobre os fluxos migratórios internacionais dão margem ao entendimento de que o Brasil ampliou as oportunidades de inserção da força de trabalho no mercado laboral e abriu possibilidades de investimentos empresariais, o que favoreceu a imigração e, em certa medida, inibiu a emigração.

Corroborando essa afirmação, segundo dados do PE247 (2013), os europeus investiram quase R\$ 150 milhões na região Nordeste em 2012, investimento acima daqueles feitos no Sudeste no mesmo ano, que foram de R\$ 115 milhões. Os investimentos no Nordeste brasileiro foram direcionados, em especial, para o mercado turístico-imobiliário, assumindo maior expressividade na Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte (CRUZ, 2007; ALEDO *et al.* 2011; FONSECA, 2015).

Esses três estados do Nordeste tiveram um aumento significativo de estrangeiros na década 2000. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), juntos, concentravam 65,7% do total de estrangeiros residentes na região, no ano de 2010. Constatou-se também que, entre eles, o Rio Grande do Norte teve um maior aumento da população residente por lugar de nascimento em país estrangeiro, num intervalo de dez anos. Assim, o Estado potiguar assumiu a primeira posição, crescendo 78,8% nesse período, passando de 1.578 para 2.823; em segundo lugar, o Ceará que teve um aumento de 62,9%, passando de 3.631 para 5.916; e por fim, a Bahia cresceu 24,1%, passando de 10.649 para 13.218 (IBGE, 2000a; 2012).

Infere-se, assim, que o processo de internacionalização decorrente dos fluxos turísticos e migratórios - através dos investimentos europeus em parte do litoral nordestino, iniciado em meados da década de 1990 e intensificado na década de 2000 - estimulou a vinda e fixação desses estrangeiros principalmente para o Rio Grande do Norte, e teve dois desdobramentos: o surgimento do turismo de segunda residência⁴ (turismo residencial) e a migração orientada pelo lazer (*migración residencial*⁵). Esta pesquisa se dedica a esse segundo tipo de migração, uma vez que constatou-se um aumento expressivo de estrangeiros no litoral turístico potiguar.

Em face desse panorama, torna-se pertinente discutir e aprofundar as relações entre o turismo e a migração internacional orientada pelo lazer no litoral

⁴ Esse entendimento é aprofundado por Fonseca e Lima (2012), para as autoras, a segunda residência é um domicílio de uso ocasional e temporário, que pode ter várias finalidades e usos. Sendo o usuário que define se o uso do imóvel será para fins turísticos ou de trabalho, dessa forma, a segunda residência só será um alojamento turístico se tiver essa finalidade para o seu usuário.

⁵ Nesse tipo de migração, a residência primária passou a ser no próprio destino turístico, sendo de uso permanente ou semipermanente. (HUETE; MANTECÓN, 2011).

oriental potiguar. Afinal, muitos turistas estrangeiros optaram por tornar o destino turístico o seu novo local de residência, mesmo diante dos contrastes sociais e regionais encontrados nessa porção do Nordeste brasileiro, quando se considera o Brasil como um todo e se compara ao país de origem desses estrangeiros, o que pode ser devido a diferentes interesses e que precisam ser investigados.

Acredita-se que não se trata apenas de uma relação causal, determinista e linear (MORIN, 2007) entre esses fenômenos, mas, de uma relação marcada pela recursividade, na qual seus produtos e os seus efeitos são eles próprios causadores do que os gera e/ou produz. Nesse sentido, defende-se que o fenômeno turístico é um fator propulsor da migração orientada pelo lazer e vice-versa, retroalimentando-se na produção contínua de fluxos migratórios e turísticos, potencializados por suas redes sociais.

Considerando esse instigante e complexo cenário, foi formulada a questão que guiou esta tese: De que maneira se processa a dinâmica da migração internacional orientada pelo lazer no litoral oriental potiguar e suas influências na geração de novos fluxos turísticos e migratórios no estado?

Essa questão central se desdobra em outras indagações: Quem são esses estrangeiros? Quais foram os fatores decisórios na fixação de residência no litoral potiguar? Como ocorreu o processo de territorialização sociocultural e como eles mantêm suas redes sociais no Brasil e em seu país de origem? De que maneira percebem a hospitalidade pública local nos territórios turísticos e não-turísticos? Em que medida a migração influenciou suas experiências de lazer? A fixação desses estrangeiros influenciou, de alguma maneira, o fluxo turístico ou migratório do Estado do Rio Grande do Norte?

Considerando essa problemática, o objetivo geral desta tese é compreender de que maneira se processa a dinâmica da migração internacional orientada pelo lazer no litoral oriental potiguar e suas influências na geração de novos fluxos turísticos e migratórios no Rio Grande do Norte.

Somam-se ao objetivo geral, os específicos para a realização da investigação, a saber:

- ✓ Investigar o perfil, trajetória e os fatores decisórios na fixação de residência de estrangeiros no litoral oriental potiguar;

- ✓ Discutir a territorialização sociocultural dos imigrantes, bem como as tramas de suas redes sociais no Brasil e em seu país de origem;
- ✓ Compreender a percepção dos imigrantes sobre a hospitalidade pública local nos territórios turísticos e não-turísticos;
- ✓ Avaliar em que medida a migração influenciou as experiências de lazer dos pesquisados.

Ressalta-se que o tema central desta investigação – migração orientada pelo lazer – é recente, datando de meados da década de 1970 na Europa, num movimento Norte-Norte global e que vem se expandindo a partir do século XXI no sentido Norte-Sul. Além dos casos dos europeus em direção à América do Sul, observam-se também movimentos de norte-americanos para países da América Central (O'REILLY, 2009; JANOSCHKA, 2011).

Cabe esclarecer que não há um consenso, entre os estudiosos, quanto à terminologia que melhor defina o que venha ser esse tipo de migração contemporânea: *migración residencial*, *lifestyle migration*, *leisure migration*, *amenity migration* ou *migración orientada por el ocio*. No entanto, suas principais características são: a busca por um novo estilo de vida, a valorização de experiências de lazer, a forte presença da paisagem natural (qualidade ambiental), clima mais ameno e a autorrealização. (WILLIAMS; HALL, 2000; NIEVES, TERÁN; MARTINEZ, 2008; GOSNELL; ABRAMS, 2009; O'REILLY; BENSON, 2009; O'REILLY, 2009; KRIT, 2011; HUETE; MANTECÓN, 2011; TORKINGTON, 2011; JANOSCHKA, 2013; JANOSCHKA; DURAN, 2014).

Dessa forma, explicita-se que no estudo em tela, a expressão a ser utilizada é *migração orientada pelo lazer*, considerando a produção espanhola e por acreditar que é a tradução que mais se aproxima da Língua Portuguesa. Esclarecendo que o entendimento do lazer proposto neste estudo não se reduz a uma visão funcionalista, compensatória ou romântica, nem tampouco é tratado em oposição ao trabalho, pois, é uma prática social complexa que deve ser contextualizada local e temporalmente (GOMES, 2014a).

Janoschka (2011, p. 82-83) complementa que “todos os termos empregados têm em comum o fato de aludir a um tipo de mobilidade que se encontra em um

contínuo conceitual entre a migração e o turismo”⁶. Para além dessa visão, defende-se que esse *continuum* ocorre também em suas práxis, principalmente pela rede social que é estabelecida por esses sujeitos, promovendo um processo de recursividade entre os fenômenos turístico e migratório.

Estudos sobre a temática⁷ consideram que esse tipo de imigrante assume algumas características particulares, dentre elas: são originários de países mais desenvolvidos e fixam residência em países menos desenvolvidos; possuem maior grau de instrução e melhores condições financeiras quando comparado aos residentes no destino; são detentores de recursos econômicos para se reproduzir na localidade receptora, não sendo atraídos prioritariamente pela busca de trabalho, já que, geralmente, possuem suas necessidades financeiras e materiais satisfeitas, prevalecendo o caráter simbólico da experiência (WILLIAMS; HALL, 2000; O'REILLY, 2009; HUETE; MANTECÓN, 2011; JANOSCHKA, 2011; 2013).

Compreende-se também que a migração orientada pelo lazer, embora seja um movimento global, acontece em distintas escalas, variando de região para região. Embora não tenham sido encontrados estudos que revelem a realidade brasileira e do Rio Grande do Norte, questiona-se se essas características também são encontradas nos imigrantes que residem no litoral oriental potiguar, bem como se o novo estilo de vida idealizado por esses sujeitos foi alcançado.

Ressalta-se que discutir essa temática é um desafio que tem se intensificado desde a ocasião da construção da dissertação de Mestrado desta autora (GONÇALVES, 2010), apresentada em 2008 junto ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), cujo título foi: Turismo em Jogo: A Dinâmica da Reterritorialização em Tibau do Sul/RN. O objetivo dessa pesquisa foi investigar o processo de (des) (re) territorialização turística no referido município, e dentre os resultados alcançados chamou a atenção a forte presença no discurso dos residentes entrevistados – quer sejam nativos quanto migrantes nacionais e internacionais – que a relação entre eles foi marcada por diversos embates, apresentando momentos de afetividade e resistência, acolhimento e hostilidade, distanciamento e aproximação, apontando para um tema que merecia ser aprofundado.

⁶ **Citação no original:** *Todos los términos empleados tienen en común el hecho de aludir a un tipo de movilidad que se halla en un continuum conceptual entre la migración y el turismo.*

⁷ As investigações nessa área se concentram na Europa, com destaque para as pesquisas realizadas pelas Universidades de Alicante (Espanha), Autónoma de Madrid (Espanha), Sussex (Inglaterra) e Loughborough (Inglaterra).

Naquele momento, embora os imigrantes não tenham sido o objeto de investigação, ficou claro nos resultados a influência dos estrangeiros nas mudanças socioculturais, econômicas e até políticas naquele destino, o que despertou o interesse em avançar os estudos direcionados para esse público.

Além disso, outros fatores convergiram o olhar para esse campo, tais como o fato de residir em uma cidade turística e vivenciar a “invasão” de estrangeiros das mais diversas nacionalidades, a rápida modificação da dinâmica urbana do Estado potiguar, a forte especulação imobiliária e a promoção/aumento da prostituição. Ademais, percebeu-se uma certa aversão a esses sujeitos pela comunidade local. Por isso, tentar compreendê-los, identificar seus interesses e as relações de alteridade é algo que instiga a realização desta pesquisa sobre tal realidade, tendo em vista o interesse em aprofundar essa discussão.

Por isso, entender a história pregressa desses estrangeiros no tocante as suas experiências de lazer e viagens facilita o entendimento da situação atual desses sujeitos, e também se fez necessário compreender em que sentido a mudança de residência para um país estrangeiro contribuiu para melhorar suas experiências de vida.

Ao se fixarem no destino, os imigrantes iniciam um processo de apropriação do novo, estabelecendo novos laços, dando outros significados e sentidos às formas de habitar, às experiências de lazer, às novas formas de interação com os migrantes e não-migrantes, que resultam na criação de novos territórios. Além disso, é provável que esses estrangeiros recebam familiares e amigos em períodos de férias, feriados e finais de semana, e que essas experiências possibilitam a geração de novos fluxos turísticos e/ou migratórios.

Outra dimensão a ser considerada está relacionada com o fato de esses imigrantes, ao retornarem esporadicamente ao país de origem, não terem clareza sobre o seu *status*, provocando talvez um *status* híbrido entre “estar turista” e “ser migrante”. Tal preocupação faz com que a investigação se insira em um contexto de ampliação dos estudos sobre migração e turismo, com foco nos imigrantes e no seu processo de territorialização.

Para identificar os estudos que abordam esse tema, foi feito um levantamento no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Nível Superior (CAPES)⁸, que disponibiliza dissertações e teses do período de 1987-2016, utilizando os termos: “imigração e turismo”. Foram encontrados 15 estudos, 09 focados no patrimônio cultural (com ênfase na gastronomia), 02 destacando os aspectos econômicos e 02 a hospitalidade, 01 direcionado ao planejamento urbano e outro a questão social. Os detalhes dessas produções podem ser encontrados no apêndice A.

A maioria dos grupos de imigrantes trabalhados nas dissertações e teses pesquisadas remonta ao segundo ciclo imigratório⁹ vindo para o Brasil, que resultou em diversas colônias italianas, alemãs, portuguesas e japonesas. Esses estudos tratam de processos migratórios mais antigos, que refletiram no desenvolvimento de destinos e atrativos turísticos.

Dentre esses trabalhos, foi identificada apenas uma tese que, de fato, se aproxima da proposta ora apresentada, cujo objetivo foi “compreender como se formam as relações de sociabilidade entre os estrangeiros que vivem em Natal, à luz de suas análises e percepções do espaço vivido, quanto das relações sociais estabelecidas entre eles e a população local” (VIANA, 2012, p.15).

A autora delimitou seu estudo no bairro de Ponta Negra, localizada na capital do Estado potiguar, e em estrangeiros de várias nacionalidades, independente da motivação dessa migração. A presente pesquisa, no entanto, pretende utilizar uma abordagem complexa para compreender a migração orientada pelo lazer e o turismo como um processo recursivo. Logo, o intuito é ir além das transformações espaciais ou econômicas, focalizando as redes sociais, territórios e lazeres realizados entre os imigrantes no destino turístico, reforçando assim que esse é um campo fértil e requer avanços teóricos.

Em seguida foram feitas novas buscas na mesma base de dados aplicando as palavras-chave “redes migratórias” e “redes sociais de imigrantes”. Foram encontrados 12 e 04 trabalhos, respectivamente, porém nenhum deles abordava os imigrantes

⁸ Esse banco de dados foi escolhido por ser uma das principais plataformas científicas do país e por conter teses e dissertações defendidas junto a diversos programas de pós-graduação. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

⁹ Analisando-se brevemente o processo imigratório brasileiro destacam-se quatro marcos: o período colonial, com a vinda de africanos escravizados e europeus (principalmente portugueses, espanhóis, franceses e holandeses); já em fins do século XIX e meados do século XX com a vinda de novos imigrantes europeus (como italianos e alemães) e japoneses, motivados por melhores condições de vida e fugidos das guerras; no período pós Segunda Guerra Mundial houve uma interrupção desses fluxos migratórios, retomados em fins do século XX e início do século XXI percebendo-se novas formas e motivações em viajar, entre elas o turismo (IBGE, 2000b).

orientados pelo lazer ou relacionavam movimentos migratórios em direção a destinos turísticos.

Posteriormente, pesquisou-se pelo termo “turismo residencial” e foram localizados 07 trabalhos, todos focados no litoral. Entre eles, 05 pesquisas foram realizadas na região nordeste, denotando um *lócus* de investigação em expansão. Porém, esses estudos priorizaram os produtos imobiliários e sua forte capacidade de promover a valorização do solo, modificar a paisagem, promover novos padrões residenciais, estimulando investimentos e conseqüentemente a especulação imobiliária, provocando a construção de condomínios, segundas-residências e fazendo uso do mercado turístico. Por exemplo, podem ser citadas as publicações de Anderáos (2005), Silva (2010), Assis (2013) e Silva (2013).

Entretanto, quando se coloca em evidência o caráter simbólico da migração orientada pelo lazer, os estudos são incipientes. Neste contexto, cabe ratificar que os trabalhos supracitados abordam o turismo residencial, turismo de segunda residência ou imobiliário-turístico, formas de mobilidades que são distintas da migração orientada pelo lazer, tema central desta tese.

Por fim, a busca foi feita usando os termos *lifestyle migration*, migração orientada pelo lazer e migração residencial, mas nenhum arquivo foi encontrado. Dessa forma, percebe-se a necessidade de ampliar as investigações, uma vez que são raros os estudos que abordam tal temática no Brasil.

Esses resultados ressaltam a necessidade de se investigar as relações entre os fenômenos turísticos e migratórios, lançando novos olhares para essa questão. Corroborando essa perspectiva, Barretto (2009, p.2-3) esclarece que

No Brasil, a aproximação progressiva entre migrações e turismo, tanto de forma estrutural quanto a partir da percepção dos sujeitos não tem sido trabalhada, ou pelo menos, não há publicações que indiquem que estudos dessa natureza estejam sendo realizados.

A escassez de pesquisas sobre a temática também já era apontada por Ramos (2003), em seus estudos sobre imigrantes brasileiros no Canadá.

Além do exposto, vale destacar que a abordagem do lazer no processo de produção do espaço turístico se consubstancia como uma das muitas possibilidades empíricas pelo viés geográfico, merecendo, portanto, uma atenção especial, conforme salienta Mascarenhas (2010). Sendo assim, tanto os pesquisadores do Turismo quanto

da Geografia convergem para a necessidade de fomentar estudos que abordem essas temáticas, como objeto de investigação. E embora esses estudos não sejam tão recentes, as lacunas apontadas por esses estudiosos ainda não foram totalmente preenchidas.

Seguindo essa linha de interpretação, Assis (2013) afirma que um dos principais desafios para os pesquisadores é estudar o turismo no contexto das mobilidades contemporâneas, buscando fundir as análises espaciais do tempo livre, recreação e lazer com as demais formas de movimento empreendidas pelos indivíduos nas suas práticas cotidianas. Nesse processo, há que se destacar a necessidade de empreender análises inter e multidisciplinares sobre essa prática social de grande relevância no contexto das mobilidades e dos comportamentos das sociedades contemporâneas. Dessa forma, reforça a proposição de estudos que façam essa interface, apontados como algo necessário e emergencial.

Nesse sentido, investigar as migrações orientadas pelo lazer, em um destino turístico do Nordeste brasileiro torna-se uma proposta pertinente e atual. Acredita-se que os resultados dessa investigação poderão contribuir com a elaboração de políticas públicas de lazer, de turismo e migratórias, considerando os contextos locais pesquisados, uma vez que envolve todos esses âmbitos. Poderão contribuir, também, para pensar essa dinâmica em outros destinos litorâneos do Nordeste brasileiro, para que não se reproduzam os efeitos negativos encontrados nesse caso e se potencializem as experiências satisfatórias. Além disso, possibilitará aos acadêmicos, gestores, empresários, políticos e sociedade em geral aprofundar o conhecimento sobre esses campos de investigação.

Cabe ressaltar que o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer busca promover o intercâmbio científico com outros Departamentos e Instituições de Ensino. Dessa forma, enquanto docente do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, espera-se compartilhar os conhecimentos sobre o lazer, com ênfase no turismo, e contribuir assim, com os estudos e pesquisas que vêm se desenvolvendo na Universidade Federal de Minas Gerais, e vice-versa.

Para melhor coerência e compreensão desta tese, ela está estruturada em sete capítulos, sendo o presente intitulado “Introdução”, em que se contextualizou a problemática da pesquisa, se apresenta tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos, sua relevância teórico-empírica e sua estrutura.

O capítulo seguinte detalha o percurso metodológico adotado para alcançar os objetivos desta investigação. Envolveu a caracterização da pesquisa, os métodos utilizados, a abrangência do estudo, a definição dos sujeitos de pesquisa, as estratégias para coleta de dados e os procedimentos empregados, e por fim, a explanação de como foram analisados os resultados.

A terceira secção, “O ‘descobrimento’ do litoral potiguar e sua internacionalização” faz uma alusão à proposição de que o Brasil foi “descoberto” em terras potiguares e contextualiza o turismo internacional no litoral oriental potiguar.

A quarta parte, “Migração e turismo: diálogos possíveis”, apresenta os elementos teóricos para uma melhor compreensão a respeito das aproximações entre os fenômenos turístico e migratório, discutindo as principais definições e conceitos que os sustentam. Destaca-se ainda o entendimento sobre a migração orientada pelo lazer e a compreensão do lazer dentro dessa perspectiva.

O tópico subsequente, denominado “Tecendo territorialidades e redes sociais pela migração orientada pelo lazer”, discorre sobre conceitos de território e rede, compreendendo-os como unidades não antagônicas, podendo o território confundir-se com a própria rede e a rede ser o elemento constituinte do território. Além disso, propõe uma reflexão sobre redes sociais de imigrantes com base nas contribuições dos principais estudiosos que dialogam sobre o tema.

O sexto capítulo, “Vir a ser imigrante no litoral turístico potiguar”, abordou a análise e discussão dos dados coletados, buscando responder aos objetivos desta tese. Apresentam-se os imigrantes investigados, suas trajetórias, processos de adaptação, avaliação do projeto migratório e perspectivas do retorno. Os elementos empíricos percebidos por eles são confrontados com o referencial teórico que sustentou a investigação.

E por fim, são tecidas algumas considerações finais, conforme o que foi encontrado ao longo dessa pesquisa.

Espera-se que este estudo teórico-empírico contribua com os estudos migratórios e turísticos ao considerar que a migração nos destinos litorâneos estimula o turismo internacional e vice-versa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta as escolhas metodológicas percorridas para alcançar os objetivos geral e específicos desta investigação. Está subdividido em quatro subcapítulos, apresentando primeiramente, a natureza da investigação; em seguida, a abrangência do estudo; posteriormente, as estratégias e procedimentos para coleta de dados, e, por fim, o detalhamento de como foram analisados os resultados.

2.1 Natureza da investigação

Vários autores recomendam a busca de novas abordagens para se pensar as novas mobilidades e o turismo (BARRETO, 2009; NECHAR; PANOSSO NETTO, 2005, 2010; ASSIS, 2013; RAMÍREZ, 2010; FRATUCCI, 2014; NOSCHANG, 2014).

Entende-se que os fenômenos estudados nesta pesquisa são complexos, ou seja, apresentam características complementares, não-excludentes e não-lineares. Partindo desse princípio, o turismo está contido na migração orientada pelo lazer, e este está contido no turismo. E, a partir dessas interações, ambos formam/estabelecem redes e produzem territórios para desenvolver suas vivências, que se autoalimentam de modo dialógico e recursivo (MORIN, 2007).

Complementando essa compreensão,

[O paradigma da complexidade] é uma transformação fundamental do nosso modo de pensar, perceber e avaliar a realidade, marcada por um mundo global que interconecta pensamentos e fenômenos, eventos e processos, e onde os contextos físicos, biológicos, psicológicos, linguísticos, sociais, econômicos, ambientais, são reciprocamente interdependentes¹⁰. (RAMÍREZ, 2010, p.57).

Dessa forma, esses fenômenos foram analisados de modo interdependente, conectado, buscando indícios que comprovem essa recursividade.

Utilizou-se como estratégia de pesquisa o estudo de caso (YIN, 2001), que nesta tese, consiste na dinâmica imigratória do litoral turístico potiguar.

¹⁰ **Citação no original:** *[El paradigma de la complejidad] es una transformación fundamental de nuestro modo de pensar, percibir y valorar la realidad, signada por un mundo global que interconecta pensamientos y fenómenos, sucesos y procesos, y donde los contextos físicos, biológicos, psicológicos, lingüísticos, sociales, económicos, ambientales, son recíprocamente interdependientes.* (RAMÍREZ, 2010, p.57).

Considera-se que o enfoque mais pertinente é o qualitativo¹¹ (HAGUETTE, 1992), na medida da análise e interpretação da realidade dos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido,

As [pesquisas] qualitativas pretendem obter uma compreensão mais profunda do contexto e da visão dos próprios atores para poder interpretar a realidade. Mesmo quando o material empírico se resume a um único indivíduo ou instituição, como acontece nas histórias de vida ou nos estudos de caso, a ambição de generalizar a outros indivíduos, grupos ou situações é clara, pois sem ela estaríamos falando de história ou de literatura, não de ciência social. (CANO, 2012, p. 108-109)

Ratifica-se assim, que o caso do litoral oriental potiguar pode apontar para analisar realidades semelhantes que ocorreram em outros destinos na costa brasileira. Já que outros municípios costeiros tiveram um aumento do fluxo internacional turístico que incidiram também em migrações.

2.2 Abrangência do estudo

O Rio Grande do Norte está situado no nordeste brasileiro, possui 167 municípios, abrangendo uma área total de 52.811,107 km² e uma população de 3.168.027 habitantes. (IBGE, 2012). Tem por limites o Oceano Atlântico a norte a leste, o Estado da Paraíba a sul, e o Ceará a oeste.

Economicamente, cabe destacar que o Produto Interno Bruto (PIB) do estado, em 2014, alcançou R\$ 57.250 milhões, representando 1,0% do PIB brasileiro, ocupando a 5ª posição na Região Nordeste e a 18ª no Brasil (IDEMA, 2015). Nesse mesmo ano, a economia do Estado teve retração de 2,0%, inferior à queda observada no Nordeste (3,4%) e no Brasil (3,5%).

O Setor Agropecuário participou com 3,2% do valor adicionado da economia estadual, o Setor Industrial contribuiu com 21,0% – com destaque para o petróleo e gás, seguido pela salineira e eólica – e o Setor Serviços representou 75,8% - incluindo o turismo, construção civil e comércio varejista. Excluindo o Setor Público, vale salientar que o Comércio é a principal atividade econômica do Rio Grande do Norte. (IDEMA, 2015).

¹¹ Cabe esclarecer que inicialmente pensou-se em realizar uma pesquisa qualitativa e quantitativa, por compreender que “ambas as abordagens podem ser consideradas complementares muito mais do que antagônicas, a despeito do esforço de alguns para enfatizar a dicotomia” (CANO, 2012, p. 110), porém na coleta de dados do questionário não houve uma adesão significativa por parte dos imigrantes.

Buscando delimitar o recorte espacial deste estudo e considerando as relações entre as migrações e o turismo internacional, decidiu-se realizar o cruzamento de dados entre o fluxo imigratório e a demanda turística no Estado potiguar para que de posse dessas informações adquirisse meios para melhor delimitar o *locus* de pesquisa e os sujeitos a serem pesquisados.

Primeiramente, foi realizado o levantamento nos censos demográficos de 2000 e 2010, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para verificar os municípios que detêm o maior número de imigrantes, conforme tabela 1.

Tabela 1 – População residente por lugar de nascimento em país estrangeiro no estado do RN – 2000-2010

Município	2000		2010	
	Valores absolutos	Percentuais	Valores absolutos	Percentuais
Natal	1.175	74,46%	1.512	53,56%
Parnamirim	52	3,3%	570	20,19%
Tibau do Sul	34	2,15%	221	7,83%
Mossoró	77	4,88%	146	5,17%
Outros	240	15,21%	374	13,25%
Total	1.578	100%	2.823	100%

Fonte: IBGE, 2012

Como se pode observar na tabela 1, houve um aumento expressivo do número total da população residente nascida em país estrangeiro no Estado potiguar durante a década de 2000, um crescimento em torno de 80%. Além disso, constata-se que houve uma descentralização desses imigrantes da capital em direção a outras cidades.

Pode-se considerar ainda que, de todos os municípios que formam o estado, o número de residentes estrangeiros se concentra em apenas quatro deles: Natal, Parnamirim e Tibau do Sul, situados na porção litorânea oriental, que juntos no ano de 2000 concentravam 80% do total de estrangeiros residentes no Rio Grande do Norte; e no ano de 2010, alcançaram 82%. E Mossoró, na porção oeste potiguar.

Interessante destacar que os três primeiros municípios são costeiros e integram o Polo Turístico Costa das Dunas– considerado o principal ponto receptor de turistas do Rio Grande do Norte e o primeiro Polo¹² a ser criado pela necessidade de

¹² Considerando o mapa do turismo do estado, que faz parte do Programa de Regionalização do Turismo proposto pelo Governo Federal, o mesmo é dividido em cinco polos turísticos: Costa das Dunas (16 municípios), Costa Branca (10), Agreste-Trairi (11), Seridó (9) e Serrano (18). Disponível em: <http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home>.

reunir municípios com potencialidades turísticas semelhantes e promover a estruturação e o planejamento da atividade no estado.

Quando esse Polo foi criado, em 2005, contemplava 16 municípios, mas atualmente, segundo a SETUR (2018) engloba 20, são eles: Arês, Baía Formosa, Canguaretama, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Maxaranguape, Natal, Nísia Floresta, Parnamirim, Pedra Grande, Pureza, Rio do Fogo, São Gonçalo do Amarante, São José do Mipibu, São Miguel do Gostoso, Senador Georgino Avelino, Tibau do Sul, Touros e Vila Flor. Ressalta-se que dos 18 municípios que o constituem, 14 são litorâneos, com uma extensão de 210 Km (RIO GRANDE DO NORTE, 2005; SETUR, 2018; IDEMA, 2014).

A exceção nesse *ranking* é a cidade de Mossoró, que está localizada no Polo Costa Branca¹³ e tem como principais atividades econômicas a produção salinera, petróleo e fruticultura, acreditando-se assim que são esses fatores que contribuíram para o fluxo de estrangeiros naquela localidade.

Outro fator decisório que corroborou na definição dos municípios investigados, diz respeito à localização dos meios de hospedagem no Estado. Dos 52.807 leitos existentes, 80% estão na sua porção oriental litorânea, ou seja, na área que corresponde ao Polo Costa das Dunas, totalizando 42.892 leitos. (IBGE, 2016). Sendo que, Natal, Tibau do Sul e Parnamirim, estão respectivamente na 1^a, 2^a e 5^a posição desse *ranking*, ofertando 29.354, 7.357, e, 1.314 leitos.

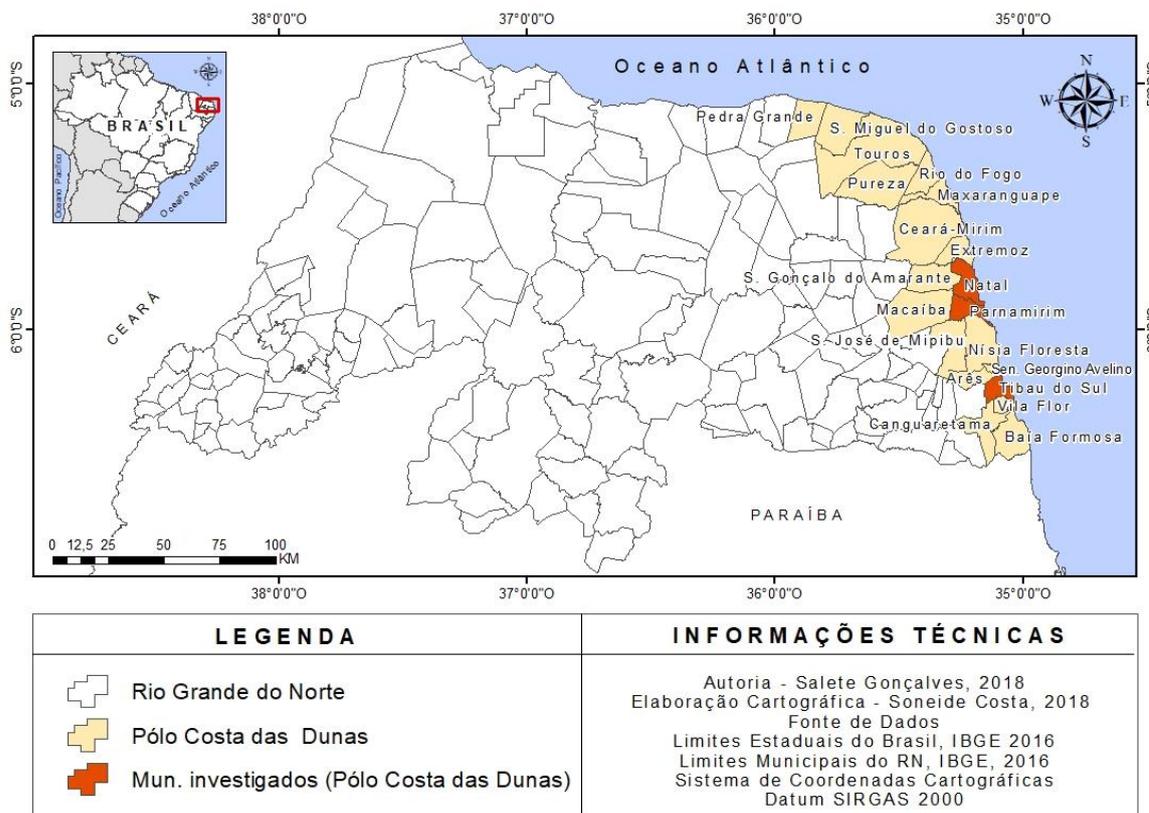
Dessa forma, tomando como referência a representatividade e confiabilidade desses dados, selecionou-se como recorte espacial desse estudo, os seguintes municípios: Natal e Tibau do Sul – que também fazem parte dos 65 destinos indutores¹⁴ do Brasil – além de Parnamirim, localizado na região metropolitana.

¹³ O Polo Costa Branca é constituído pelos municípios de Areia Branca, Galinhos, Grossos, Guamaré, Macau, Mossoró, Porto do Mangue, São Rafael, Serra do Mel e Tibau. É uma região de contrastes paisagísticos, envolvida pelo mar e o sertão. (BRASIL, 2016).

¹⁴ O estudo da competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional resultou de uma parceria do Ministério do Turismo (MTUR), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Fundação Getúlio Vargas (FGV), cujo objetivo foi eleger e avaliar a realidade de 65 destinos nacionais, englobando roteiros e regiões turísticas de todas as unidades da federação, a partir de treze dimensões: infraestrutura geral, acesso, serviços e equipamentos turísticos, atrativos turísticos, *marketing*, políticas públicas, cooperação regional, monitoramento, economia local, capacidade empresarial, aspectos sociais, aspectos ambientais e aspectos culturais; e a partir desse resultado, propor ações e estruturar essas localidades para oferecerem serviços e produtos com padrões de qualidade internacional para fortalecer o turismo no Brasil e servir de modelo para outros municípios. Cabe ressaltar que estrutura 65 destinos indutores foi uma das metas do Plano Nacional de Turismo (PNT) 2007-2010. (BRASIL, 2007).

Destaca-se que os municípios eleitos se localizam próximos entre si. Natal é a capital, distando 14 Km de Parnamirim e 77 Km de Tibau do Sul, conforme se observa no mapa 1.

Mapa 1 – Mapa do Rio Grande do Norte, com ênfase na área de estudo



Fonte: Autoria – Salete Gonçalves, 2018. Elaboração cartográfica - Soneide Costa, 2018. Dados: IBGE, 2016; SETUR, 2018

Como se observa no mapa 1, os municípios situam-se no litoral oriental potiguar. Segundo Fonseca:

Devido à necessidade de se dinamizar a economia potiguar e considerando-se a potencialidade turística existente em seu território, muitos esforços têm sido efetuados no sentido de incrementar essa atividade (especialmente no litoral oriental), assim como na elaboração de um produto turístico capaz de ser competitivo no mercado internacional. Muitas áreas periféricas e marginais investem na atividade turística por considerar que essa é uma das poucas atividades que podem trazer algum dinamismo em suas economias. O governo do estado do Rio Grande do Norte elegeu a atividade para ser o eixo dinamizador da economia do Litoral Oriental Potiguar e tem desenvolvido muitos esforços para impulsioná-la, através de políticas públicas implementadas com esse fim (2005, p.80).

Cabe destacar que os principais atrativos turísticos que compõem essa região são naturais, representados por praias com águas mornas, dunas, lagoas, mangues, falésias e mata atlântica.

Sendo o turismo de “sol & praia” o principal segmento turístico, realidade marcante no Rio Grande do Norte e que não se difere do cenário nacional, já que é o tipo mais citado pelos turistas internacionais que buscam o Brasil com 68,8% de indicação (MTUR, 2016). O mesmo conta com 410 Km de faixa litorânea, formada majoritariamente por praias arenosas (72%) e falésias da Formação Barreiras (26%); a planície, os tabuleiros costeiros e os campos de dunas são os elementos de relevo predominantes em todo o litoral; com a planície fluvial restringindo-se a desembocadura dos principais rios; outra característica presente é a presença de linhas de recifes de arenito (*beachrocks*) (VITAL *et al.*, 2006)

Natal possui uma área de 171,15 km², população estimada em 803.739 habitantes (IBGE, 2012). Limita-se ao Norte com o município de Extremoz; ao Sul, com Parnamirim; e a Leste, com o Oceano Atlântico. É o principal destino potiguar, dispondo da maior infraestrutura e prestação de serviços turísticos. Também é o ponto de apoio para que os turistas visitem outras localidades próximas, tais como Extremoz – onde localizam-se as dunas de Genipabu – e Maxaranguape – onde se encontram os parrachos de Maracajaú. Considerando a capital do Estado potiguar, seus principais atrativos são o Morro do Careca (ver FIGURA 1), a Fortaleza dos Reis Magos, o Parque das Dunas, as praias de Ponta Negra e dos Artistas.

Figura 1 – Morro do Careca localizado na Praia de Ponta Negra



Fonte: Arquivo pessoal.

Percebe-se que o Morro do Careca é uma formação dunar, com uma forte presença da vegetação nativa, denominada mata de restinga. É uma Zona de Proteção

Ambiental (ZPA 6), sendo denominado “Monumento Natural do Morro do Careca e complexo dunar contínuo”. (NATAL, 2007, não paginado). Vale destacar que, desde 1997 foi proibida a circulação de pessoas no local para evitar a erosão da duna e a deterioração da vegetação.

Essas características atreladas ao mar azul e águas mornas atraem os estrangeiros não apenas como turistas, mas também como imigrantes, ademais essa foi uma das principais imagens divulgadas nos materiais promocionais do destino potiguar ao público internacional.

Outro aspecto interessante que pode ser observado na figura 1 é o contraste do ambiente natural com as construções verticais (meios de hospedagens e edifícios residenciais) que vem modificando a paisagem costeira desde a década de 2000. Ressalta-se que muitos desses empreendimentos tiveram recursos de capital estrangeiro.

Tibau do Sul é o segundo portão de entrada do Estado, abrange uma área de 101,822 km², com uma concentração populacional de 11.385 habitantes (IBGE, 2012). Limita-se ao Norte com o município de Senador Georgino Avelino e Oceano Atlântico; ao Sul, com Vila Flor e Canguaretama; a Leste, com o Oceano Atlântico; Oeste, com Arez e Goianinha. O município é lembrado pela Praia da Pipa, sendo muitas vezes sobreposto a sua sede municipal. Interessante destacar que é o único destino que consegue captar turistas independentemente de Natal. Apresenta um clima cosmopolita e multicultural, com uma forte presença de estrangeiros. Destacam-se as praias do Amor (conforme FIGURA 2) e do Madeiro, as dunas de Sibaúma, as falésias, o Santuário de Pipa, a APA Bonfim/Guaraíra, além da sua gastronomia e vida cultural noturna.

Figura 2 – Falésias na Praia do Amor



Fonte: Arquivo pessoal.

Nota-se na figura 2, mais uma representação de um conjunto paisagístico edênico que atrai os turistas do Brasil e de vários países do mundo, formado por: praia, natureza, sol e mar. Também se pode observar, em determinadas épocas do ano, a presença de golfinhos e tartarugas marinhas em toda a faixa litorânea, remetendo-se à imagem de um paraíso intocado, pouco habitado e por isso, idealizado como um rincão perfeito para começar uma nova vida. Ademais, o nome da praia, do Amor, é bastante sugestivo e contribui para valorizar o destino, quer seja turístico como também residencial.

Parnamirim situa-se na região metropolitana, abrange uma área de 124,01 km², e possui 202.456 habitantes (IBGE, 2012). Limita-se ao Norte, com Natal; ao Sul, com São José de Mipibu e Nísia Floresta; a Leste, com o Oceano Atlântico; a Oeste, com Macaíba. Seus principais atrativos são a Vila Feliz, o Cajueiro de Pirangi - considerado o maior Cajueiro do mundo -, parrachos na praia de Pirangi do Sul, a praia de Cotovelo, o Vale Encantado (ver FIGURA 3), a lagoa de Pium, e, o Museu Aeronáutico Trampolim da Vitória, situado na base aeronáutica Barreira do Inferno.

Figura 3 – Vale Encantado em Pium



Fonte: <http://www.imgonline.com.br/blog/2018/01/31/5-razoes-para-voce-nao-ignorar-o-vale-encantado-em-piumrn/>

Esse Vale, com um título bastante revelador, remete a ideia do encantamento, da sedução e magia, estimulando outros sentidos ao visitante. O rio, a lagoa e a flora agregam valor ao destino, mostrando que a costa potiguar não possui apenas o mar como fator atrativo, auxiliando na promoção do Rio Grande do Norte.

Esses três municípios também seguem melhorando seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com um aumento progressivo nas últimas décadas. Isso pode ser indicativo de algumas melhorias nas condições de vida da população que reside nessas localidades, como se pode observar no quadro 1.

Quadro 1 – IDH do Rio Grande do Norte e municípios investigados

	1991	2000	2010
Rio Grande do Norte	0,428	0,552	0,684
Natal	0,572	0,664	0,763
Parnamirim	0,472	0,629	0,766
Tibau do Sul	0,342	0,511	0,645

Fonte: PNUD (2013). Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

O Rio Grande do Norte, em 1991, possuía o segundo melhor IDH da região Nordeste e assumia a 16^o colocação nacional; no ano 2000 galgou algumas posições conquistando o melhor desempenho da região Nordeste e a 14^o posição no cenário brasileiro; o primeiro lugar na região Nordeste permaneceu em 2010, porém perdendo duas posições em nível nacional, reassumindo a 16^o colocação. Entretanto, o IDH no Brasil, em geral, está longe do ideal, sem contar que este índice é impreciso e pode mascarar muitas contradições sociais.

Com relação à posição por IDH que esses municípios assumem no estado, Natal e Parnamirim possuem o índice considerado alto, e, Tibau do Sul considerado médio. Parnamirim foi o município que teve a melhor posição em 2010, progredindo a cada década pesquisada; a capital potiguar permaneceu em primeiro lugar durante os Censos Demográficos de 1991 e 2000, porém declinou para a segunda posição em 2010. Em termos relativos, Tibau do Sul foi o município que teve o melhor desempenho, uma vez que quase dobrou o seu IDH, teve um crescimento 88,60% no período investido e ganhou 34 posições no ranking estadual (PNUD, 2013).

Esses índices apontam que, paralelamente ao desenvolvimento da atividade turística, ocorre uma melhoria das condições sociais desses municípios. Mesmo que não seja suficiente, o IDH é um indicador importante para apontar alguns aspectos relacionados ao bem-estar e a qualidade de vida da população residente, pois, considera três dimensões: renda, educação e longevidade (saúde). Embora esse indicador foque nesses três aspectos, sabe-se que o desenvolvimento humano e a qualidade

de vida vão além desses aspectos, mas que podem contribuir na tomada de decisão em uma possível migração ao Estado potiguar.

Com essa breve caracterização do *locus* de investigação, fez-se necessário definir a amostra dos sujeitos a serem investigados, já que o universo da pesquisa contemplou os imigrantes orientados pelo lazer que residem no litoral oriental potiguar, precisamente nos municípios de Natal, Parnamirim e Tibau do Sul. Para se eleger a nacionalidade dos investigados realizou-se uma pesquisa exploratória, coletando-se dados secundários junto aos órgãos públicos no âmbito federal e estadual.

Inicialmente, no *site* do Ministério do Turismo (MTUR) foram selecionadas as pesquisas de demanda turística internacional do Brasil, a partir da década de 2000, considerando o perfil dos estrangeiros que mais visitaram o Rio Grande do Norte, já que a internacionalização do turismo ganhou força no Estado potiguar com a chegada do século XXI (FONSECA, 2007).

Em seguida foi realizado o levantamento nos censos demográficos de 2000 e 2010, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para constatar a evolução imigratória no estado. Destaca-se que foram solicitadas ainda informações junto à Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte (SETUR/RN), porém esta informou que dispõe dos dados que são divulgados no *site* do Ministério do Turismo (MTUR). Também foram pedidos alguns dados junto a seccional estadual da Delegacia de Polícia de Migração (DELEMIG/RN), porém não se obteve retorno desta instituição.

De posse das informações coletadas organizou-se um banco de dados em planilhas no *Excel* considerando a nacionalidade dos estrangeiros, realizando-se um cruzamento entre a origem da demanda internacional do Rio Grande do Norte com o país de nascimento dos principais imigrantes que residem no referido estado. Buscou-se observar possíveis correlações entre as taxas imigratórias e o fluxo turístico internacional e, a partir delas, definir o público-alvo.

Nos estudos sobre demanda turística internacional realizados pelo MTUR a partir do ano de 2000, constatou-se que a cidade do Natal/RN aparece como um dos principais destinos turísticos visitados por estrangeiros apenas em 2004. Dessa forma, considerou-se o recorte de 2004-2016 e fez-se um levantamento da origem desses turistas, lembrando que Natal é o principal portão de entrada para os turistas que visitam o estado. (TABELA 2).

Tabela 2 – Nacionalidade da demanda turística internacional no destino Natal/RN 2004 -2016 (%)

	Nacionalidade	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
1.	Argentina	30,7	6,3	8,0	6,9	13,4	13,3	8,8	11,7	14,3	24,1	14,0	30,8	50,3
2.	Itália	17,6	17,2	21,0	21,8	22,0	22,6	20,5	13,5	19,1	16,3	13,4	9,3	6,7
3.	Portugal	7,2	23,4	19,0	20,5	14,8	14,7	11,6	13,5	13,9	9,0	6,7	6,4	3,6
4.	Espanha	2,1	11,9	8,0	11,3	9,8	7,5	10,8	8,6	9,6	5,1	5,1	4,2	3,5
5.	Estados Unidos	9,2	3,1	3,9	4,0	3,5	4,9	8,4	7,8	7,6	6,8	10,3	7,0	4,3
6.	Noruega	2,8	3,7	5,1	2,7	3,8	4,3	5,7	5,9	4,7	4,3	4,6	-	-
7.	Holanda	0,7	5,8	6,9	7,9	7,3	6,2	4,4	6,8	2,7	3,9	3,7	-	-
8.	França	3,6	2,0	1,7	1,8	1,8	5,4	4,3	3,1	4,4	3,1	3,7	4,3	2,2
9.	Alemanha	0,8	2,1	2,6	2,4	3,1	3,5	4,1	3,4	4,5	4,8	2,9	2,5	1,9
10.	Suécia	2,3	12,3	4,5	6,5	3,4	3,7	3,6	-	-	-	-	-	-
11.	Suíça	-	-	-	1,0	1,3	1,9	2,1	2,2	2,9	3,3	-	-	-
12.	Uruguai	-	-	-	-	-	-	0,6	3,6	2,3	2,1	8,3	5,2	7,2
13.	Outros	23	12,2	19,3	13,2	15,8	12	15,1	19,9	14	17,2	27,3	30,3	20,3

Fonte: BRASIL. MTUR 2011; 2013; 2015; 2017a.

Pode-se observar que os principais países emissores de turistas nesse período foram Argentina, Itália, Portugal e Espanha, sendo uma nação sul-americana fronteiriça, e três europeias. Também é interessante observar que a partir de 2012 ocorre um declínio do número de turistas europeus, inversamente proporcional ao aumento de visitantes argentinos. Um dos fatores causadores dessa mudança de cenário remete à diminuição de voos *charters*¹⁵ para a Europa e o início de voos diretos da capital potiguar até Buenos Aires, em 2015.

Considerando os Censos Demográficos 2000 e 2010 realizados pelo IBGE, os principais países de residência anterior das pessoas que residiam há menos de 10 anos ininterruptos no Rio Grande do Norte foram: Itália, Portugal e Espanha, tal como se observa tabela 3.

Tabela 3 - Pessoas que residiam há menos de 10 anos ininterruptos no Rio Grande do Norte - total e país de residência anterior (Censo IBGE - 2010)

País de residência anterior	Pessoas que residiam há menos de 10 anos ininterruptos na Unidade da Federação (Pessoas)
Itália	333
Portugal	308
Espanha	299
Estados Unidos	255
Reino Unido (Escócia, Inglaterra, Irlanda do Norte e País de Gales)	216
França	200
Japão	169
Noruega	136
Brasil	161.114
Total	164.114

Fonte: IBGE, 2012

Dessa forma, observando os países emissores de turistas e os dados do IBGE (2012), o resultado convergiu para os três países europeus: Itália, Portugal e Espanha, sendo esses os definidores do público-alvo da presente pesquisa: italianos, portugueses e espanhóis. Essa escolha ainda é ratificada pelo fato desses três países

¹⁵ Segundo a ANAC (Associação Nacional de Aviação Civil), o voo *charter* internacional é aquele executado a partir do território nacional com destino a outro país e vice-versa, permitindo o enquadramento como serviço de transporte aéreo não-regular, ou seja, um voo fretado. Além disso, tem o intuito de fomentar o turismo no local de destino e apontar novas rotas turísticas. (ANAC, 2011).

serem aqueles que mais realizaram investimentos no setor turístico e imobiliário do Estado norte-rio-grandense, no primeiro semestre de 2010 (ALEDO *et al.*, 2010).

Mais dois critérios foram utilizados para selecionar possíveis voluntários estrangeiros para contribuir com a pesquisa. O primeiro é conseguir se comunicar em português, já que dominar o idioma local é uma característica fundamental ao sujeito que deseja se integrar no novo destino residencial. O segundo critério é residir no mínimo há um ano nos municípios de Natal, Parnamirim ou Tibau do Sul, que foi o *locus* dessa investigação, sendo considerado residente e não turista.

Com relação ao recorte temporal, o marco referencial deste estudo será o ano de 2002, após a efetivação do PRODETUR/NE I, com melhoria do Aeroporto Internacional Augusto Severo e conseqüentemente com a intensificação dos voos *charters* para a capital Natal. No ano de 1995 apenas um voo *charter* semanal era realizado, passando para 08 voos *charters* em 2000 (BNB, 2005). Cabe destacar que 2005 chegou a receber 13 voos fretados semanais (originados de diversos países dentre eles: Espanha, Portugal, Itália, Holanda, Noruega, Finlândia, Suécia e Suíça), chegando a ter em 2008 investidores procedentes de 12 países, que realizaram 121 transações no valor de R\$25.535.219,00 (FONSECA, 2015).

Com a crise mundial ocorrida em 2008, houve um declínio no mercado imobiliário potiguar e uma reconfiguração dos fluxos turísticos, com a suspensão de diversos voos internacionais. No entanto, são desconhecidos os efeitos dessa crise na vida desses imigrantes e na vinda de novos estrangeiros.

Frente essas questões, o recorte temporal encerra-se no ano de 2016, dois anos após a realização da Copa do Mundo FIFA, realizada no Brasil. O Estado norte-rio-grandense sediou dois jogos dessa competição, e esse período de dois anos poderá auxiliar com mais clareza, se além do aumento da demanda turística internacional naquele período, esse megaevento influenciou, de alguma forma, a tomada de decisão em migrar para o Rio Grande do Norte. Acredita-se que esse intervalo de tempo permitirá compreender as particularidades e as relações entre os dois fluxos aqui estudados, o turístico e o migratório.

2.3 Coleta de dados

Neste subtópico são destacadas as estratégias metodológicas de coleta de informações, que foram utilizadas para responder os objetivos propostos.

Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das temáticas que sustentam esta tese, realizando buscas em livros, teses, dissertações, periódicos e nos principais *sites* acadêmicos da rede mundial de computadores, tanto em nível nacional quanto internacional, bem como no banco de teses da CAPES, que discorrem sobre migração orientada pelo lazer, turismo, território-rede e lazer. Este procedimento, conforme explica Severino (2007, p. 122) “[...] se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores em documentos impressos como livros, artigos, teses e etc. utilizando dados teóricos já trabalhados por outros pesquisadores devidamente registrados”.

No entanto, para uma melhor compreensão, organização e operacionalização das informações coletadas junto aos imigrantes, a parte empírica da pesquisa foi dividida em três etapas. Para a definição da amostra na primeira fase da coleta de dados, a mesma foi sustentada pela técnica *snowball sampling* (bola de neve). Segundo Babbie (2004), este procedimento é apropriado quando os membros de uma população especial são difíceis de localizar. Neste caso, os imigrantes italianos, espanhóis e portugueses que residem nos municípios de Natal, Tibau do Sul e Parnamirim.

Velasco e Díaz de Rada (1997) esclarecem que se trata de uma técnica de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os voluntários iniciais de um estudo indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto. Dessa forma, é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, onde o próprio grupo de imigrantes é quem irá defini-los, fazendo indicação de suas próprias redes sociais e apontando novos imigrantes a serem entrevistados e constituindo assim, o grupo a ser investigado. Nesse sentido,

Lembrar que o mundo e a realidade que se percebe depende da capacidade de percepção de quem o percebe, de tal maneira que podem perceber-se mundos e realidades diferentes. Mas não é possível garantir que nossa percepção seja a única, nem a melhor, nem a verdadeira, apenas podemos dar argumentos de porquê se percebe assim e não de outra maneira.¹⁶(RAMÍREZ, 2010, p. 60).

Sendo assim, será o mundo identificado, apreendido e analisado pelos próprios imigrantes, sendo eles os responsáveis em indicar os nós que compõem sua rede social de lazer. Ratifica-se que na amostragem *snowball*, o pesquisador coleta

¹⁶ **Citação no original:** *Tener presente que el mundo y la realidad que ser percibe dependen de la capacidad de percepción de quien percibe, de tal manera que pueden percibirse mundos y realidades diferentes. Pero ello, no es posible garantizar que nuestra percepción sea la única, ni la mejor, ni la verdadera, sólo podemos dar argumentos de por qué se percibe así y no de otra manera.*

dados sobre alguns membros da população-alvo que ele ou ela pode localizar, em seguida, pede aos indivíduos para fornecer as informações necessárias para localizar outros membros dessa população, sendo usada principalmente para fins exploratórios (BABBIE, 2004).

Neste estudo, os membros iniciais foram imigrantes indicados por brasileiros que fazem parte da rede social da pesquisadora. A partir dessa primeira cadeia de referência, foi solicitado que esses estrangeiros indicassem o nome e o contato de outros imigrantes e assim, sucessivamente.

Após essa fase de preparação da coleta de dados, foram realizadas entrevistas visando obter informações que atendessem os propósitos deste estudo. Conforme Weiss (1994), a entrevista aprofunda as respostas dos entrevistados, resulta em mais densidade de material, permite compreender intersubjetividades, podendo trazer resultados mais detalhados e conseqüentemente mais informações do que resultaria apenas uma questão de assinalar.

Os estrangeiros voluntários concederam uma entrevista e a quantidade de respondentes, conforme orientações de Brinkmann (2013), esteve sensível à saturação temática. O roteiro de entrevistas foi semiestruturado, pois “a flexibilidade da entrevista semiestruturada possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.188).

As questões foram divididas em três blocos: motivos para o traslado e adaptação no Brasil; relações com o país de origem e redes sociais dos imigrantes para o lazer. O roteiro pode ser vislumbrado no apêndice B. As entrevistas foram gravadas e transcritas para sua posterior análise. Além disso, foram realizadas anotações em um caderno com as impressões percebidas, conversas informais, observação direta *in loco*, características dos participantes, onde se buscou retratar detalhes e minúcias dos acontecimentos.

Ressalta-se que foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos entrevistados, que foi aceito pelos respondentes, onde se explicou a pesquisa e informou que os dados seriam utilizados apenas para os fins desse estudo e que o anonimato de todos os envolvidos seria preservado, conforme apêndice C.

Foram entrevistados 31 estrangeiros, sendo 14 italianos, 10 espanhóis e 7 portugueses. As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a abril de 2017, de acordo com disponibilidade dos imigrantes, e em diversos locais: residências (6), cafeterias (15), restaurantes (1) e âmbito do trabalho (9).

Destaca-se que os respondentes foram designados por nomes de cidades localizadas em seus países de origem, dessa forma, nas citações referentes a eles, os mesmos serão referenciados pelo codinome, idade e nacionalidade, utilizando-se para representar o sexo masculino – M, e feminino –F, com relação à nacionalidade: Itália – ITA, Espanha – ESP e para Portugal – POR. Também foram inseridas informações sobre a ocupação que os imigrantes desenvolviam durante o período da entrevista, conforme pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2 – Descrição dos entrevistados

	Codinome	Nacionalidade	Sexo	Idade	Ano de Chegada	Ocupação Atual	Em citação
1.	Pádua	Itália	Masculino	60	2006	Investidor e empresário no setor de hotelaria	Pádua (60, M, ITA)
2.	Florença	Itália	Feminino	33	2010	Arquiteta	Florença (33, F, ITA)
3.	Livorno	Itália	Masculino	26	2016	Recepcionista de hotel	Livorno (26, M, ITA)
4.	Sorrento	Itália	Masculino	54	1994	Empresário no setor de restaurantes	Sorrento (54, M, ITA)
5.	Puglia	Itália	Masculino	47	2012	Investidor e administrador de apartamentos para temporada	Puglia (47, M, ITA)
6.	Capri	Itália	Masculino	48	2003	<i>Chef</i> de cozinha	Capri (48, M, ITA)
7.	Nápoles	Itália	Masculino	42	2014	Corretor de imóveis	Nápoles (42, M, ITA)
8.	Palermo	Itália	Masculino	42	2007	Ambulante de praia	Palermo (42, M, ITA)
9.	Veneza	Itália	Feminino	56	2007	Dona de casa	Veneza (56, F, ITA)
10.	Milão	Itália	Masculino	49	2000	Empresário setor imobiliário e da construção civil	Milão (49, M, ITA)
11.	Bologna	Itália	Masculino	62	2009	Empresário <i>Herbalife</i>	Bologna (62, M, ITA)
12.	Turim	Itália	Masculino	37	2008	Empresário no setor de restaurantes	Turim (37, M, ITA)
13.	Trieste	Itália	Masculino	50	1996-1998* 2010	Empresário no setor de eventos	Trieste (50, M, ITA)
14.	Parma	Itália	Masculino	44	1995	Garçon	Parma (44, M, ITA)
15.	Córdoba	Espanha	Masculino	40	2007	Gerente de Hotel	Córdoba (40, M, ESP)
16.	Bilbao	Espanha	Masculino	46	2016	Diretor de Parque Aquático e Investidor	Bilbao (46, M, ESP)
17.	Barcelona	Espanha	Masculino	44	2008-2012* 2015	Empresário no setor de construção civil, hotelaria e imobiliário. Gestor de empresas que estão erradicadas no Brasil, mas que pertencem a outros estrangeiros	Barcelona (44, M, ESP)
18.	Zaragoza	Espanha	Masculino	41	2006	Empresário no setor de construção civil	Zaragoza (41, M, ESP)

19.	Vigo	Espanha	Masculino	51	2012	Empresário setor de construção civil, hotelaria e proprietário de uma escolinha de futebol	Vigo (51, M, ESP)
20.	Sevilha	Espanha	Feminino	61	2005-2015** 2016	Investidora e empresária no setor de hotelaria	Sevilha (61, F, ESP)
21.	Toledo	Espanha	Masculino	66	2011	Aposentado	Toledo (66, M, ESP)
22.	Segóvia	Espanha	Masculino	40	2012	Empresário no setor de construção civil	Segóvia (40, M, ESP)
23.	Pamplona	Espanha	Masculino	38	2009	Empresário no setor hoteleiro	Pamplona (38, M, ESP)
24.	Elche	Espanha	Masculino	22	2016	Desempregado	Elche (22, M, ESP)
25.	Aveiro	Portugal	Masculino	65	2000	Empresário no setor hoteleiro	Aveiro (65, M, POR)
26.	Guimarães	Portugal	Masculino	60	2011	Empresário no setor de construção civil	Guimarães (60, M, POR)
27.	Braga	Portugal	Masculino	48	2002	Rentista	Braga (48, M, POR)
28.	Coimbra	Portugal	Masculino	46	2013	Gerente de Pousada	Coimbra (46, M, POR)
29.	Sintra	Portugal	Feminino	32	2002	Gerente de um Espaço Infantil	Sintra (32, F, POR)
30.	Faro	Portugal	Masculino	46	2001	Empresário no setor de importação de vinhos	Faro (46, M, POR)
31.	Amarante	Portugal	Masculino	49	2016	Autônomo	Amarante (49, M, POR)

*Período de permanência durante a primeira experiência migratória ao litoral potiguar.

**Mantinha uma residência-secundária em Natal.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Ressalta-se que foi pertinente fazer essa descrição para se ter uma maior caracterização desses entrevistados e de antemão, identificou-se que a grande maioria deles atua no setor turístico e/ou imobiliário. Essa discussão será aprofundada no decorrer dessa investigação.

A partir dessas informações coletadas, as mesmas foram analisadas buscando compreender a dinâmica da imigração orientada pelo lazer no litoral oriental potiguar.

2.4 Análise dos dados

As informações coletadas nas entrevistas foram transcritas e inseridas no programa MAXQDA. Trata-se de um *software* lançado em 1989, que permite importar, organizar, analisar, visualizar e publicar diversas formas de dados que podem ser coletados eletronicamente ou não, incluindo entrevistas, grupos focais, questionários, documentos (PDF), tabelas (*Excel/ SPSS*), dados bibliográficos, fotos, vídeos, áudios e páginas da *internet* (MAXQDA, 2016).

Salienta-se que o uso desse tipo de ferramenta em pesquisas qualitativas é defendido por Soares (2005) ao compreender que diante do crescimento da grande quantidade de dados, a criação de *softwares* que permitem ler, codificar e classificar uma grande quantidade de informações, auxilia no seu processamento e armazenagem.

Nesse mesmo sentido, Teixeira e Becker (2001, p. 94) acrescentam que o seu uso “contribui para a economia de tempo e recurso, bem como a possibilidade de gerar análises mais ricas e aprofundadas”. Embora essas sejam as principais vantagens no uso desse tipo de recurso, ressalta-se que o *software* serve apenas como um recurso de apoio, já que a capacidade de organização e análise dos dados, só é possível através do conhecimento da teoria que respalda a pesquisa e da capacidade analítica de quem pesquisa.

Dessa forma, o MAXQDA auxiliou na sistematização dos dados, e, precisamente no processo de codificação, também denominado de categorização. Primeiramente lançou-se no *software* cada uma das entrevistas. Em seguida foram criados códigos e subcódigos buscando elementos significativos e recorrentes nas falas dos entrevistados que elucidassem aos objetivos dessa tese, sendo possível revisá-los e correlacioná-los.

A partir desses aspectos mais frequentes nas entrevistas, foram definidas as categorias de análise, que foram criadas a partir da teoria já existente, dos objetivos da pesquisa e das informações fornecidas pelos entrevistados.

Embora o processo de análise seja mecanicamente facilitado e acelerado por esse tipo de *software*, “a codificação é produto do raciocínio e da versatilidade do investigador. A realidade de uma codificação complexa é possível graças ao computador, mas o produto intelectual sempre pertence ao pesquisador” (MOREIRA, 2007, p.59).

Após a sistematização e codificação dos dados, foi realizada uma análise interpretativa, que tem por finalidade:

[...] tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor (SEVERINO, 2007, p. 94).

Dessa forma, buscou-se aprofundar o conteúdo encontrado em cada uma das entrevistas realizadas, verificando o que fora claramente dito e desvelando aquilo que estava implícito, apoiando-se nos pressupostos teóricos que sustentaram essa tese.

Isso posto, ressalta-se que os dados foram analisados e interpretados à luz dos propósitos do estudo e das teorias referenciais adotadas buscando ampliar os conhecimentos sobre a migração orientada pelo lazer e sua relação recursiva com o turismo. Por fim, destaca-se que resultados desta pesquisa serão retornados para os informantes e entrevistados que cooperaram para a sua realização.

3 O “DESCOBRIMENTO” DO LITORAL POTIGUAR E SUA INTERNACIONALIZAÇÃO

Uma das principais características do Rio Grande do Norte é a sua localização geográfica. Essa posição atualmente é reconhecida como um diferencial e potencial para a captação de turistas internacionais, principalmente europeus, uma vez que é o Estado mais oriental das Américas, sendo também conhecido como a “Esquina do Continente”.

Essa localização também atraiu estrangeiros no passado, e dois fatos históricos, intencionalmente escolhidos, merecem ser apresentados, para poder contextualizar o quão essa qualidade é marcante e ímpar no Estado norte-rio-grandense, permitindo que este obtivesse tanto algumas benesses, como prejuízos durante diversos momentos de sua história.

O primeiro fato a ser salientado, deve-se a proposição de que a primeira expedição portuguesa a aportar em terras brasileiras foi no território, que hoje é denominado Rio Grande do Norte, e não na Bahia, como se registram nos livros de História. Essa corrente é defendida por diversos pesquisadores, como Pinto (1998), Teixeira (2013) e Cavalcanti Neto (2018); e contam ainda com o apoio de diversos órgãos públicos locais, tais como a EMPROTUR e a SETUR/RN, que inclusive já realizaram audiências públicas no município de Touros/RN para tratar do tema do “Descobrimento do Brasil” e estão planejando a realização de uma série de seminários com o mesmo objetivo, a partir de maio de 2018.

Pinto (1998) foi o percussor nessa investigação acadêmica, sua tese é que Pedro Álvares Cabral desembarcou primeiro no território potiguar, mais especificamente na Praia do Marco, localizada em São Miguel do Gostoso. Antes desse município se emancipar, politicamente, pertencia ao município de Touros. Sendo cravado ali, em 1501, o Marco Colonial do Brasil, o chamado Marco Quinhentista, e que, com o passar dos séculos foi denominado de Marco do Descobrimento ou Marco de Touros, símbolo da posse do território para a Coroa Portuguesa. Para o autor, esse Marco é a comprovação da “descoberta” e prova de que a colonização portuguesa se iniciou no litoral potiguar.

Esse monumento atualmente se encontra em Natal, na Fortaleza dos Reis Magos, é feito de pedra, detendo 1,62 m de altura e 32,5 cm de largura, em uma de suas faces, possui a cruz da Ordem de Cristo e o escudo português esculpidos em relevo.

Corroborando com essa tese, Teixeira (2013) afirma que esse Marco é o registro mais antigo da presença dos portugueses no litoral brasileiro, sendo assim, a principal evidência sobre essa nova versão do “Descobrimento do Brasil”. Complementando suas explicações, o pesquisador acrescenta que as correntes marítimas e a direção dos ventos sugerem que o desvio realizado por Cabral em sentido às Índias direcionava-o para o Rio Grande do Norte.

Já Cavalcanti Neto (2018), buscando reforçar essa tese, encontrou justificativas analisando além das correntes marítimas, as descrições topográficas das cartas e mapas portugueses. Entre os diversos pontos apresentados pelo pesquisador, a descrição das serras e da vegetação na área nomeada de Cabo de São Jorge – local do desembarque de Cabral – não corresponde com a encontrada no litoral da Bahia, mas é semelhante à encontrada na costa potiguar, confirmando assim essa hipótese.

De forma geral, os principais argumentos defendidos por esses estudiosos são: o Monte Pascoal visto por Álvares Cabral teria sido Pico do Cabugi, localizado na região central do estado potiguar, no município de Angicos; o registro do mais antigo Marco do Brasil ser o Marco de Touros; de acordo com a Carta do Descobrimento haveria a presença de água doce nas proximidades do litoral (inexistente em Porto Seguro, na Bahia e presente nas proximidades do Marco de Touros); o segundo Marco fincado no nova Colônia foi em São Paulo e de acordo com registros nos mapas portugueses, eles navegaram duas mil léguas ao Sul do país, essa distância é a mesma do Rio Grande do Norte a São Paulo, caso partissem da Bahia, o segundo marco estaria cravado na Argentina. (ASSECOMRN, 2016).

Essas evidências chamam a atenção para se questionar onde os portugueses colonizadores desembarcaram pela primeira vez no Brasil, o que por muitos é chamado de “Descobrimento”. Essa ideia formada, inculcada e tomada como verdadeira por muitos séculos, apresenta algumas lacunas que devem ser melhor analisadas e talvez seja possível refutar a tese de que os portugueses, de fato, aportaram primeiramente na Bahia. Ressalta-se que no campo científico não existem verdades absolutas, uma vez que a produção do conhecimento é dinâmica e novas investigações podem apontar para novos caminhos.

Dessa forma, mesmo diante de algumas controvérsias, dúvidas e incertezas, essas discussões convergem para a importância da localização geográfica do estado do Rio Grande do Norte, e têm contribuído para fortalecer a imagem turística do destino potiguar, já que valoriza o segmento turístico histórico-cultural.

Com essa intenção e buscando diversificar o produto turístico local, a mais recente campanha de promoção turística do estado, lançada em março de 2018, foi denominada “Rio Grande do Norte: Tudo começa aqui”, instigando provocações sobre a tese de que o “Descobrimento do Brasil” ocorreu no referido Estado e que também deve ser conhecido por outros turistas, quer sejam nacionais ou internacionais.

O segundo registro histórico que se fará menção, se refere ao fato do Estado potiguar ter sido “redescoberto”, pelos norte-americanos, durante a II Guerra Mundial. Nesse período, o mesmo, sediou a Base Aérea Norte-Americana, além de diversas Unidades Militares das Forças Armadas Brasileiras.

Pela sua privilegiada posição geográfica, localizada no litoral nordestino, na chamada esquina do continente ou esquina do Atlântico, Natal foi favorecida pelo advento da Segunda Guerra Mundial. A cidade cresceu e evoluiu com a presença de contingentes militares brasileiros e aliados, consumindo-se o seu progresso com a construção das bases aérea e naval, local de onde as tropas partiam para o patrulhamento e para a batalha, na defesa do atlântico sul e na realização das campanhas militares no norte da África; fatos esses que lhe valeram o codinome de “Trampolim da Vitória”. (IDEMA, 2013b, p.6, grifo nosso)

Essa escolha foi pensada de modo planejado, já que o Rio Grande do Norte está localizado em uma região estratégica, “no extremo do Continente Sul-Americano e que mais se aproximava fisicamente do Continente Africano onde, no início dos anos 1940, as tropas do Eixo avançavam suas conquistas” (OLIVEIRA, 2017, p.4). Dessa forma, instalar-se ali, seria uma forma de garantir a segurança do Continente e ter mais proximidade ao território do inimigo para atacá-lo.

Ao longo dos anos que as tropas norte-americanas estiveram no estado, duas cidades tiveram maior importância, a capital, Natal e o município vizinho, Parnamirim. Nesse sentido,

Parte da Base Naval Brasileira foi destinada à acomodação dos norte-americanos, assim como às instalações do Hidroporto localizado no rio Potengi, conhecido como “Rampa”, de propriedade *da Air France*. Dessa maneira, o dique flutuante, a barca oficina, os aviões anfíbios, os dirigíveis e os aviões de bombardeio de patrulhamento de terra, usados para proteger comboios e submarinos de combate, podiam ser vistos a partir do pacato centro da cidade do Natal. Foram ainda construídos três Quartéis na área urbana da Cidade: o Grupamento de Artilharia de Campanha, o 16º Regimento de Infantaria e o Batalhão de Engenharia de Combate, para abrigar as tropas do Exército Brasileiro, como o Batalhão de Caçadores, o 3º Regimento de Artilharia Antiaérea, o 2º Batalhão de Carros de Combate Leve, a Companhia de Transmissão, o GEMAC, o Batalhão de Engenho (fazia parte da Infantaria) e a 7ª Companhia de Engenharia. Foram duas as instalações militares norte-americanas instaladas em Natal: a Base Marítima (ou “Rampa”) e a Base Terrestre de Parnamirim *Field* (ou “Campo”) - como eram chamadas popularmente esses dois locais pela população de Natal. (OLIVEIRA, 2017, p.5).

Percebe-se assim que, diante dessa infraestrutura criada para atender essa demanda tanto em Natal quanto em Parnamirim, a quantidade de militares que vivia na cidade deveria ser numerosa. Estima-se que 25 mil soldados norte-americanos viveram em terras potiguares nesse período, quando na época, Natal tinha cerca de 50 mil habitantes (OLIVEIRA; FERREIRA; SIMONINI, 2012).

Dessa forma, são notórias as transformações que esse evento ocasionou na dinâmica local. Dentre elas, mudanças espaciais na disposição das principais avenidas da capital e nas formas de habitação; impactos econômicos, influenciando diretamente o comércio local; alterações nos hábitos e costumes da população local diante desse novo fluxo de pessoas; forte influência sociocultural, principalmente no tocante ao idioma, com a introdução de termos ingleses no vocabulário local, modos de se alimentar e vestir. Ressalta-se que muitas dessas mudanças foram absorvidas pela cultura local e continuam presentes na contemporaneidade.

Esse fato histórico por muitos anos não foi valorizado pelo poder público local como uma estratégia de *marketing* para potencializar o turismo histórico-cultural do Rio Grande do Norte.

Apenas em 2007, foi feita uma proposta de intervenção na Rampa, que estava abandonada, mesmo sendo testemunha do encontro entre o presidente norte-americano Roosevelt e o chefe de estado brasileiro Getúlio Vargas. Dez anos depois, as obras para dar origem ao Complexo Cultural da Rampa foram iniciadas. Pretende-se restaurar a antiga estação de passageiros da base de hidroaviões do rio Potengi, a construção de um novo píer e o Memorial do Aviador.

Embora o prazo de entrega dessa obra tenha sido prorrogado, a ideia é legitimá-lo enquanto um patrimônio cultural e assim, atrair visitantes locais e turistas – nacionais e internacionais –, valorizando a importância do estado no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando Natal sediou a maior base aérea americana fora dos Estados Unidos. Essa ação agregará valor ao produto turístico potiguar, diversificando-o e tornando-o mais competitivo.

Mas o que a possibilidade do “Descobrimento do Brasil” no Rio Grande do Norte e o “Redescobrimento” do Estado potiguar durante a II Guerra Mundial têm em comum? Além do destaque da posição geográfica do estado para que esses eventos pudessem acontecer, destaca-se a presença marcante de estrangeiros em seu território durante esses dois períodos históricos.

Esses dois elementos, décadas depois, emergem mais uma vez, mostrando sua força, através de um “Novo Descobrimento” do estado norte-rio-grandense, marcado pela vinda de turistas europeus, que iniciavam, em fins da década de 1990, o processo de internacionalização da atividade turística, precisamente em seu litoral.

Mais uma vez, sua localização – a mais extrema das Américas, que possibilita menores distâncias até aos principais centros europeus –, aliada a um conjunto de fatores políticos, econômicos, ambientais e culturais, permitiu que esse fenômeno atingisse uma projeção expressiva, atraindo muitos estrangeiros e impactando a dinâmica local.

Essa internacionalização foi uma das consequências da implementação do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE I e II), formado por um conjunto de ações públicas elaboradas com intenção de criar meios reais para o desenvolvimento do turismo regional.

Especificamente, no Rio Grande do Norte, a primeira edição, PRODETUR/NE I (1996-2002), atendeu seis municípios: Natal, Parnamirim, Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Extremoz e Tibau do Sul. Consistiu na implementação de infraestrutura básica para atender a atividade turística e seus recursos foram divididos em três componentes: desenvolvimento institucional – investimentos nos setores e departamentos administrativos, elaboração da base cartográfica e de alguns planos diretores municipais –, obras múltiplas – os recursos foram alocados entre a recuperação ambiental, saneamento e estradas –, e aeroporto – aplicação de recursos na ampliação e modernização do Aeroporto Internacional Augusto Severo. (FONSECA, 2005).

A segunda edição, PRODETUR/NE II, segundo Lopes e Alves (2015, p.54), objetivou:

[...] dar continuidade às obras da primeira fase do programa, [...] visou identificar as falhas ocorridas neste primeiro momento, dar maior suporte à gestão e ao planejamento da atividade, assim como incentivar maiores estratégias para o desenvolvimento institucional do turismo nos estados e municípios, como já iniciado no PRODETUR I.

Nesse momento, a proposta era contemplar e fortalecer os Polos Turísticos de cada Estado, que para isso, deveriam elaborar seu plano, denominado de Plano de Desenvolvimento do Turismo Integrado (PDITS). Porém, ao final dessas ações, dos cinco polos que constituem o Estado, mais uma vez, aqueles municípios que compõem o Polo Costa das Dunas foram os maiores beneficiados.

Dessa forma, esse Programa foi fundamental para consolidar e expandir o desenvolvimento do turismo estadual. Segundo Fonseca (2007), foi a partir do PRODETUR/NE que se inicia uma nova fase do turismo potiguar, com a internacionalização dos investimentos e da sua demanda turística.

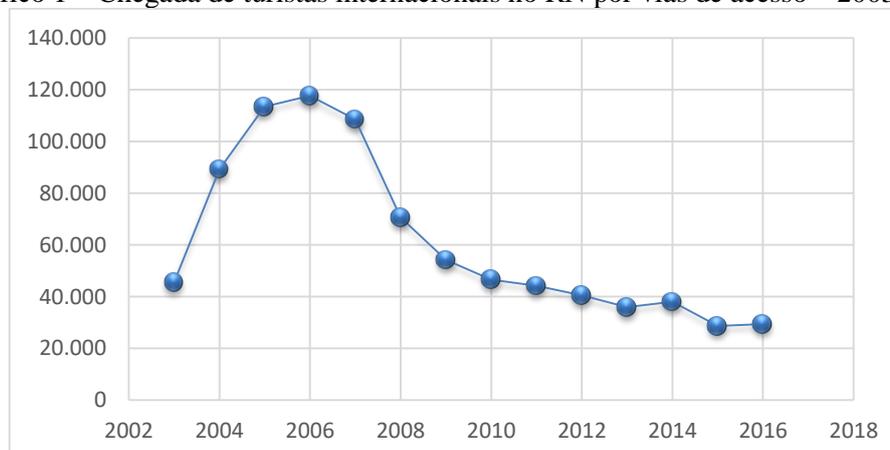
Embora se faz importante notar que outras políticas públicas progressivas foram desenvolvidas ao longo do tempo no estado, contribuindo para o emergir dessa atividade, principalmente no âmbito regional. Porém, essas políticas não foram objeto de análise deste estudo, uma vez que se direcionavam mais para o turismo doméstico.

Os investimentos do PRODETUR/NE na infraestrutura contribuíram para a atração de investimentos públicos e privados, e na descentralização da atividade na capital para municípios do seu entorno, e em Tibau do Sul, principalmente pela praia da Pipa.

Isso estimulou a vinda de muitos turistas estrangeiros – predominantemente, europeus – atraídos pelo clima, pela paisagem natural, e, a proximidade com a Europa – já que a capital do estado, Natal, está distante apenas 7 horas de voo de Lisboa, Portugal, um dos principais centros da Europa. Além disso, a valor do câmbio era favorável para os estrangeiros europeus, e a estabilidade econômica pela qual o Brasil vinha passando naquele período era atrativa para investimentos.

O crescimento do fluxo turístico internacional pode ser observado no gráfico 1, onde se apresentam as chegadas de turistas pelo Rio Grande do Norte, por vias de acesso, segundo Continentes e países de residência permanente, no período de 2003 a 2016, de acordo com o Anuário Estatístico do Turismo. (BRASIL. MTUR, 2018; 2016b; 2014; 2012; 2010; 2009; 2006).

Gráfico 1 – Chegada de turistas internacionais no RN por vias de acesso – 2003-2016



Fonte: BRASIL. MTUR. (2018; 2016b; 2014; 2012; 2010; 2009; 2006)

Como se pode observar, essa demanda turística aumentou progressivamente até meados da década de 2000. Tendo no período de 2003 a 2006 uma súbita ascensão do número de chegadas no estado do Rio Grande do Norte, nesse intervalo a quantidade de visitantes quase triplicou, passando de 43.588, em 2003, para 117.688, em 2006.

A partir de 2007, começa o processo de declínio dessa demanda estrangeira, atingindo no ano de 2013, um número de 35.888 chegadas de turistas internacionais, devido principalmente à crise mundial que teve como uma das consequências, a diminuição dos voos *charters*, oriundos da Europa.

De acordo com a Infraero (2011; 2014), o movimento anual de aeronaves (pousos mais decolagens) registrados em 2006, foi de 984 voos não-regulares e 861 voos regulares, totalizando 1.845 voos internacionais; já em 2013, essa quantidade diminuiu consideravelmente, realizando 179 voos não-regulares e 438 voos regulares, num total de 617 procedimentos.

Constata-se uma leve recuperação no ano de 2014, devido, possivelmente ao advento da Copa do Mundo, quando Natal foi sede de alguns jogos desse megaevento futebolístico. A partir de 2015, o estado ganhou novos voos internacionais, porém com foco na América do Sul, em especial ao público argentino e chileno.

Diante desses fatos, pode-se periodizar essa internacionalização europeia no litoral potiguar, em três fases: antes de 2002; entre 2002 e 2007; pós 2007. No primeiro momento, verifica-se uma baixa demanda de turistas internacionais, com a presença de visitantes de modo esporádico; já que não havia uma promoção turística mais incisiva do destino por parte do poder público local focada nesse público-alvo; aliada a ausência de uma regularidade nos voos internacionais; bem como, com a existência de uma infraestrutura turística deficitária.

O cenário muda profundamente a partir de 2002 e decorre até 2007, resultado como já fora dito dos investimentos do PRODETUR/NE. O referido programa serviu como propulsor da vinda de muitos estrangeiros europeus, principalmente de investidores, quer sejam individuais quanto grandes empresários e grupos do Setor Imobiliário, apresentando um novo tipo de turista consumidor.

Segundo Fonseca e Silva (2012, p. 112), muitos “investimentos efetuados por estrangeiros caracterizaram-se pela associação da hotelaria, segunda residências e áreas de lazer no mesmo empreendimento, exigindo grandes extensões de terra”. Tratavam-se, principalmente, de projetos de grandes complexos residenciais, incluindo espaços recreativos, segurança privada e dotados de infraestrutura hoteleira em áreas

valorizadas pelo turismo. Ademais, também adquiriam terrenos, casas e hotéis com o intuito de comercializá-los através uma imagem ligada ao entretenimento, ao prazer e a vida tranquila, com clima agradável no paraíso tropical. Tudo isso, com a grande vantagem de estar a poucas horas de voo do país de origem.

A maioria desses empreendimentos tinha a finalidade de funcionar como uma segunda residência, um lugar para as férias de verão e do descanso. Porém, para muitos outros era uma forma de assegurar e acumular mais capital, tornando-se essa prática também como um negócio lucrativo.

Esse período foi propício para esses investimentos estrangeiros devido a uma série de fatores.

[...] diversas razões explicam o grande interesse em investir no país [Brasil]: os turistas procuram cada vez mais diversificar esta atividade e buscar outros contextos socioculturais; o aumento da oferta de voos internacionais promovidos pelo país, unido a melhoria da estrutura aeroportuária especialmente na região Nordeste; a competitividade dos preços brasileiros comparados com destinos tradicionais como Espanha; e o processo de degradação socioambiental vivido em outras localidades¹⁷. (ALEDO *et al.*, 2011, p.781).

Todos esses elementos puderam ser encontrados no litoral oriental potiguar, constituída por uma população marcada por traços culturais distintos daqueles encontrados na Europa, a recente ampliação do seu aeroporto e expansão da sua malha aérea, os baixos preços dos terrenos quando comparados com os destinos europeus consolidados e sua rica paisagem natural, preservada e quase intocada, foram fundamentais para que esse fenômeno ocorresse durante aquele período e naquele espaço.

Além disto, também havia “interesse das empresas turísticas imobiliárias europeias que nesse momento procuravam diversificar seus investimentos turísticos e residenciais em novas áreas fora da Europa” (ALEDO *et al.*, 2010, p.2). E o Nordeste brasileiro acabou tornando-se, assim, um dos alvos dos investidores europeus.

Como resultado dessas aplicações financeiras valorizou-se o preço da terra, aumentando a especulação imobiliária, ou seja, a valorização do solo, que aumenta de valor devido a diversos processos que requerem pouco investimento, tais como:

¹⁷ **Citação no original:** *Según datos del mismo estudio, diversas razones explican el gran interés por invertir en el país: los turistas procuran cada vez más diversificar esta actividad y buscar otros contextos socioculturales; el aumento de la oferta de vuelos internacionales hacia el país, unido a la mejora de la estructura aeroportuaria especialmente en la región Nordeste; la competitividad de los precios brasileños comparados con destinos tradicionales como España; y el proceso de degradación socioambiental vivido en otras localidades.*

aquisição de determinadas permissões para edificar, construção de algumas infraestruturas e, sobretudo, *marketing* (CAÑADA, 2012).

Outro fator primordial para essa abrupta expansão deveu-se ao interesse do governo local em atrair investimentos do capital estrangeiro, na medida em que ofereciam algumas vantagens para esses investidores, tais como: a isenção ou diminuição de tributos fiscais e mínimo de exigências socioambientais, em troca da implementação desses grandiosos projetos turísticos e imobiliários, com a promessa de atrair mais turistas e novos investidores.

Nessa época, o Brasil vinha passando por um período de estabilidade política e econômica, com a gestão do então presidente Lula da Silva (2003-2010), depois de décadas de recessão, elevado índice da inflação e desemprego. Durante o seu Governo, o país conseguiu reduzir desigualdades sociais, teve fortes avanços econômicos, reforçou seus laços políticos e comerciais, sendo reconhecido e respeitado mundialmente, assumindo uma forte perspectiva de tornar-se uma potência global.

Ressalta-se que o Nordeste brasileiro teve avanços expressivos com os programas sociais desenvolvidos durante a gestão do Partido dos Trabalhadores (PT), atrelada aos investimentos na área Educação e Tecnologia, ações de combate à seca, resultando em uma significativa diminuição das desigualdades regionais.

De acordo com o Banco Central (BC), entre 2003 e 2013, o Nordeste teve índice de crescimento de 4,1% ao ano, enquanto o País registrou uma expansão de 3,3%. Isso representa um crescimento de 41% em 10 anos, ante 33% da média nacional, denotando fortes benesses para essa região durante esse período.

Outro dado interessante que contribuiu com os ganhos substanciais resultantes da política desenvolvida pelo Governo nessa região foi o aumento do poder de compra dos nordestinos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), entre 2001 e 2012, o nordestino teve o maior ganho de renda entre todas as regiões, o que fez com a participação da base da pirâmide social caísse 66% para 45%. Isso fez com que, a classe média deixasse de representar 28% da população nordestina em 2002, para 45% em 2012.

Dessa forma,

[...] parecia ser que [o Brasil] com o governo de Lula da Silva (2003-2010), iria converter-se em um lugar seguro para investimentos turísticos estrangeiros, longe de crises financeiras e longe da instabilidade climática. Além disso, o Brasil com 8,5 milhões de km² e 184 milhões de habitantes

apresentou condições muito "interessantes" para a implantação do negócio de lazer¹⁸. (MAS, 2015, p.313).

O autor ainda complementa que o prenúncio dos megaeventos esportivos: Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, anunciava o país como o novo “Eldorado” turístico-imobiliário mundial. (MAS, 2015).

Diante do conjunto dos fatores expostos, percebe-se que o Brasil, principalmente o litoral nordestino, continha todos os atrativos ideais para atrair investimento de capital estrangeiro. Ressalta-se que essa dinâmica imobiliária e turística favoreceu a vinda de outros perfis de estrangeiros, uma parte deles interessada em adquirir bens turísticos e investir nesse mercado, com o objetivo de “lavar” dinheiro obtido em atividades ilícitas e criminosas, como o narcotráfico e o tráfico de mulheres.

Corroborando com essa perspectiva,

As possibilidades de financiamentos para o setor também foram favorecidas por outros canais. O turismo e a construção beneficiaram muito diretamente a lavagem de dinheiro da fraude fiscal e da economia criminosa (tráfico de drogas, prostituição, jogo). Capitais de origem ilícita depositados em paraísos fiscais têm sido a base de financiamento de muitos empreendimentos turísticos-residenciais construídos nos últimos anos na região.¹⁹ (CAÑADA, 2012, p.47)

Esse procedimento tenta ocultar a origem ilegal do capital, então, geralmente, unem o dinheiro ilícito com o capital legal de uma empresa, apresentando como receita desta; ou também através da criação de empresas de fachada, que funcionam somente para esta prática, bem como na aquisição de imóveis.

No Rio Grande do Norte, alguns casos foram deflagrados pela Polícia Federal e noticiados na mídia, com o desmantelamento de organizações criminosas transnacionais, instaladas em Natal e ligadas a diversos grupos mafiosos. Nesse estudo, serão citadas as três principais operações, para que se possa contextualizar a dimensão desses fatos e sua influência na dinâmica local.

¹⁸ **Citação no original:** [...] parecía ser que con el gobierno de Lula da Silva (2003-2010) iba a convertirse en un lugar seguro para las inversiones turísticas extranjeras, lejos de crisis financieras y lejos de la inestabilidad climática. Además, Brasil con 8,5 millones de km² y 184 millones de habitantes (sexto país del mundo en cuanto a población) presentaba unas condiciones muy “interesantes” para el despliegue del negocio del ocio.

¹⁹ **Citação no original:** Las posibilidades de financiamiento del sector se han visto también favorecidas a través de otras vías. El turismo y la construcción se han beneficiado muy directamente del blanqueo de dinero procedente del fraude fiscal y la economía criminal (narcotráfico, prostitución, juego). Capitales de origen ilícito depositados en paraísos fiscales han sido la base de financiamiento de no pocos emprendimientos turístico-residenciales construidos en los últimos años en la región.

Primeiramente, destaca-se a Operação Corona²⁰, realizada no ano de 2005. A Polícia Federal no Rio Grande do Norte, com o apoio do Ministério Público Federal e da Justiça Federal, prendeu 15 pessoas (seis italianos, oito brasileiros e um uruguaio) por envolvimento com aliciamento e tráfico de mulheres para o exterior (Sevilha/Espanha), com a finalidade de exploração sexual, além de outros crimes, como lavagem de dinheiro. Essa organização detinha uma boate (prostíbulo), dois bares, uma loja no principal Shopping Center da cidade e uma pousada.

A segunda operação que merece ser apresentada, chama-se Paraíso.²¹ Deflagrada em 2007, foi realizada em parceria com Polícia da Noruega, contabilizando 11 mandados de prisão e 33 mandados de busca e apreensão no Rio Grande do Norte e na Paraíba. O grupo criminoso norueguês atuava no Estado desde 2002 e lavava dinheiro por meio de investimentos no mercado imobiliário potiguar, através da aquisição de diversos hotéis e condomínios no litoral de Natal, Parnamirim e Nísia Floresta.

A terceira ação policial, denominada Cristal²², ocorreu em 2009, em cooperação internacional com a Espanha, prendeu 27 pessoas, acusadas dos crimes de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, tráfico internacional de drogas, associação e financiamento ao tráfico, crime contra o sistema financeiro nacional e organização criminosa. O grupo mantinha uma estrutura empresarial formada por bares, restaurantes, construtoras, imóveis e escolas, com o objetivo de lavar os recursos obtidos ilicitamente com o narcotráfico no exterior. Era chefiada por um espanhol, mas continha integrantes italianos, brasileiros e cubanos.

Esses três fatos emblemáticos repercutiram grandemente na imagem do destino potiguar, em sua demanda turística, no surgimento de reações xenofóbicas por

²⁰ Para maiores informações: <http://www.mpf.mp.br/pgn/noticias-pgr/mpf-rn--operacao-corona-prende-15-pessoas-envolvidas-com-mafia-italiana-20051103>; <http://www.brechando.com/2016/09/aqui-foi-a-ilha-da-fantasia-ponto-do-trafico-de-mulheres-no-rn/>; <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI739173-EI5030.00-Italianos+presos+no+RN+teriam+lavado+R+mi.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

²¹ Maiores informações: <http://www.atarde.uol.com.br/economia/noticias/1350158-pf-combate-lavagem-de-dinheiro-no-rn-e-na-noruega>. Acesso em: 05 abr. 2018.

²² Maiores informações: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/operacao-cristal-quadrilha-desbaratada-pela-pf-administrava-colegio-particular-em-natal/134985>; <http://www.nominuto.com/noticias/policia/cristal-natal-era-sede-de-esquema-internacional-de-lavagem-de-dinheiro/43619/>. Acesso em: 05 abr. 2018.

parte de uma parcela da população, e a produção de territórios dominados pelos gringos²³ – marcada pela forte prostituição e livre consumo de drogas.

Pode-se afirmar, assim, que essa internacionalização potencializou e evidenciou a prostituição no litoral potiguar, atrelando essa imagem à do Rio Grande do Norte, e porque não dizer do Brasil, reforçando a ideia de belas mulheres e possibilidade de sexo fácil e barato (BIGNAMI, 2005). Os turistas estrangeiros que vinham em busca de sexo, voltavam aos seus países de origem e divulgavam suas experiências, prejudicando a imagem do país e despertando a curiosidade de outras pessoas para conhecerem essa prática (LARANJEIRA, 2012), alimentando assim esse tipo de atividade.

Essas práticas eram concentradas em Natal, próximo a equipamentos turísticos e nas principais vias que dão acesso ao bairro de Ponta Negra – principal bairro turístico da cidade. Era perceptível a circulação de garotas de programa e o uso de substâncias ilícitas em vias públicas, por onde famílias locais e outros turistas circulavam. Isso fez com que residentes e visitantes que não tinham interesse nesse tipo de atividade, buscassem outros bairros da cidade para vivenciar o lazer, e fossem hostis com certos estrangeiros.

Havia uma rede de prostituição velada articulada entre bares, meios de hospedagem, taxistas e agências europeias, pois, tratava-se de um negócio muito lucrativo. Porém, ser um destino com a marca de “sexo e turismo” resulta em uma série de consequências negativas, tais como: a imagem de que todas as mulheres brasileiras são prostitutas, o aumento da exploração sexual infanto-juvenil, da pedofilia e do tráfico internacional de mulheres.

Com a incidência desses casos foram realizadas algumas ações, campanhas de combate – principalmente, a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de mulheres –, no aeroporto, na Polícia Federal, nos meios de hospedagens e demais equipamentos turísticos, promovidos pelos órgãos públicos e algumas ONG's.

Diante desse contexto, não se pode generalizar a motivação e o interesse de todos os turistas estrangeiros que estiveram no estado durante esse período. Não se pode afirmar que eles vieram em busca de sexo e drogas, ou simplesmente para investir. Afinal, muitos turistas viajaram para o Rio Grande do Norte em busca de belezas

²³ Gringo é um termo popularmente utilizado no Nordeste brasileiro para se referir aos estrangeiros que residem ou realizam turismo no país, na maioria das vezes, é utilizado de modo pejorativo.

naturais e clima agradável, tendo um baixo custo no consumo do produto turístico Natal, uma vez que se comparado a outros destinos de sol & praia é mais econômico.

Segundo o Estudo da Demanda Turística Internacional 2004-2010 do destino Natal/RN (BRASIL, 2011), considerando o recorte temporal 2004-2007, a principal motivação desses turistas foi pelo lazer, na busca de “sol e praia”. Descobriram o destino por recomendação de amigos e familiares, reforçando assim, a importância da propaganda boca-a-boca, utilizaram serviço de pacotes turísticos na organização e execução da viagem. No tocante a hospedagem, majoritariamente alojavam-se em hotéis, *flats* ou pousadas, permanecendo uma média de 15 dias. A maioria desses estrangeiros era composta por homens na faixa etária de 41 a 50 anos, com formação de ensino superior e uma renda mensal média de 3.000€.

Com relação ao grau de satisfação da sua experiência turística, a maioria afirmou estar plenamente satisfeita. Quase a totalidade dos participantes dessa pesquisa, uma média de 96%, apontou pela intenção de retorno ao Brasil. Percebe-se assim, que o destino foi bem avaliado e teve um forte crescimento internacional nesse período (2002 a 2007). Mas em 2008, a crise financeira iniciada nos Estados Unidos afetou todo o mercado mundial, em especial o setor imobiliário e de construção civil.

A crise teve um impacto rápido e intenso nos setores de construção e imobiliário. E grandes grupos do setor construção e imobiliários protagonizaram as maiores falências conhecidas até hoje. O colapso da produção imobiliária começou, e a partir desse momento, foi se acentuando. A explosão da bolha afetou tanto a construção de novas casas, que foram despendendo²⁴. (MAS, 2015, p.384).

Esse cenário repercutiu diretamente na dinâmica imobiliária e turística local, marcando uma nova era do processo de internacionalização do turismo no litoral potiguar. Período esse que se inicia em 2008 e estende até os dias atuais. Esse período começou com uma forte retração econômica. Dessa forma, muitos empreendimentos ficaram inacabados, vários projetos de grande porte permaneceram no papel e outros foram redirecionados para o mercado nacional.

O declínio nos investimentos, com obras inconclusas, construções em áreas proibidas e casas-fantasma, provocou várias mudanças de caráter estrutural, uma vez que o interesse pelo lucro causado principalmente pela especulação imobiliária no

²⁴ **Citação no original:** *La crisis tuvo una rápida e intensa incidencia en los sectores de la construcción e inmobiliario. Y grandes grupos de la construcción e inmobiliarios protagonizaron las mayores quiebras conocidas hasta la fecha. El colapso de la producción inmobiliaria no hacía nada más que comenzar y a partir de ese momento se fue acentuado. La explosión de la burbuja afectó tanto a la construcción de nuevas viviendas que fueron descendiendo en picado.*

litoral turístico ignorou os riscos e impactos que essa prática poderia gerar, tais como vulnerabilidade econômica, degradação ambiental, transformação da paisagem de comunidades litorâneas e refuncionalização dos modos de produção (ALEDO *et al.*, 2010; FONSECA, 2015). Além disso, vale lembrar que diante de qualquer crise, o capital turístico move-se para outros territórios onde a acumulação de capital continua; reproduzindo a mesma dinâmica e impactando sobremaneira novos destinos (CAÑADA, 2012).

Embora a crise tenha impactado o fluxo turístico no estado, registrando um declínio substancial, pode-se dizer que não os inibiu por completo, uma vez que o estado continua a receber turistas oriundos da Europa, com voos regulares operados pela companhia aérea portuguesa TAP. Além disso, vale destacar que muitos desses europeus, outrora turistas e/ou investidores, decidiram fixar residência no litoral potiguar, quer seja porque haviam investido todo o seu dinheiro no estado, ou por terem negócios tanto em seu país de origem e no Brasil, ou simplesmente para mudar de estilo de vida.

Acrescentam-se ainda outros fatores que podem ter interferido na tomada de decisão de migrar para o Rio Grande do Norte - principalmente no plano da psicosfera (SANTOS, 1997), ou seja, aos aspectos simbólicos, subjetivos e nas representações do destino idealizados pelos imigrantes - tais como a ideia da diversão constante, paraíso tropical, descanso merecido, tranquilidade e contato direto com a natureza. Interesses esses que só puderam ser desveladas a partir de um diálogo com os sujeitos da pesquisa.

Outro fator que pode ter potencializado essas mobilidades, se remete à existência de redes sociais entre os imigrantes, podendo ter sido um meio para contribuir para que esses fluxos turísticos e migratórios permanecessem, mesmo diante da crise mundial, assumindo novas estruturas e/ou significados no decorrer do tempo. Já que é sabido que os laços estabelecidos entre os sujeitos que compõem a rede migratória facilitam as trocas de informações (HAGAN, 1998; SOARES, 2002; ACIOLI, 2007), produzindo territórios onde se é possível compartilhar suas experiências. Há ainda junto a essa rede social, a existência de recursos (materiais e imateriais), conhecimentos e meios – sistemas de comunicação e serviços de transportes – que culminaram tanto na efetivação da migração.

Por fim, cabe destacar que o Brasil, até meados da década de 2010, ainda vinha passando por um crescimento econômico e continua transmitindo confiança àqueles que desejassem torná-lo seu país de acolhida. Porém, esse cenário modificou-se

desde o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, gerando uma forte instabilidade política e crise econômica, colocando em xeque o Estado democrático de direito, depois de mais de uma década de ganhos sociais, decorrente da política implantada no Brasil durante o Governo do Partido dos Trabalhadores. Como consequência, isso gerou desconfiança e incertezas aos que residem no Brasil, podendo esse clima de dúvidas influenciar diretamente na decisão dos estrangeiros de retornar ao país de origem ou permanecer no destino. Aliada a isso, a reaquecida do mercado europeu nos últimos anos também pode contribuir como um fator atrativo para esse regresso.

Essa contextualização da internacionalização do turismo no litoral oriental potiguar e seus desdobramentos foi necessária para compreender como e quando esta aportou na sua costa litorânea, afetando sua própria dinâmica turística e influenciando nas migrações.

Para auxiliar na compreensão desse campo empírico, é necessário fazer uma reflexão teórica sobre os fenômenos turísticos e migratórios, essa discussão será realizada no capítulo a seguir.

4 MIGRAÇÃO E TURISMO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

O avanço da tecnologia, dos meios de comunicação e sistemas de transportes gerou uma nova forma de pensar a relação entre o espaço e tempo, permitindo diminuir as distâncias e acelerar a noção das horas, interferindo diretamente no *modus vivendis* do ser humano, inclusive nas suas formas de mobilidade (HARVEY, 2010; URRY, 2000; BAUMAN, 1998; HALL, 2005).

Segundo Urry (2000), a mobilidade humana deve ser compreendida como a circulação entre pessoas que ultrapassa as dimensões físicas, corporais e econômicas, envolvendo também a cultura, afetividade, imaginário, espacialidade e individualidade. Dentre as diversas formas de mobilidade se destacam a migração e o turismo.

Os fenômenos turísticos e migratórios são exemplos emblemáticos desta sociedade contemporânea que está permanentemente em movimento – ressaltando que nem todos os sujeitos têm condições favoráveis para fazê-lo – e apresentam uma série de características que os aproximam e suscitam reflexões que merecem ser aprofundadas.

Primeiramente, sabe-se que tanto o migrar quanto o “turistar²⁵” tem como pré-requisito a viagem, isto é, o deslocamento de um local de origem para outro. A consumação desse ato é perpassada por valores intangíveis e tangíveis, tais como: interesses, custo, clima, informações do destino, estabilidade econômica e políticas governamentais. E esses fatores interferem diretamente na capacidade de maior mobilidade ou imobilidade dos sujeitos (URRY, 2007).

Um segundo aspecto das aproximações entre esses fenômenos surge a partir da compreensão de Skeldon (2013), na qual a migração não é um evento único no tempo e no espaço, podendo repetir-se ao longo da vida de um sujeito. Essa particularidade da migração também pode ser observada nas experiências turísticas, uma vez que o homem pode vivenciá-las por diversas vezes durante sua existência.

Ressalta-se que a quantidade de viagens migratórias ou turísticas vai variar de acordo com os fatores supracitados. Cabe destacar ainda que, considerando o fluxo internacional existe um elemento legal que os diferencia: o visto.²⁶

²⁵ Nesse estudo o termo *turistar* refere-se do ato de ser turista.

²⁶ O tempo de permanência nos países varia de acordo com as leis de cada governo e com o tipo de visto a ser solicitado, de turista, trabalhador temporário, de longo prazo, dentre outros, porém muitos estrangeiros são admitidos como turistas, mas tornam-se permanentes ou de longo prazo.

Por outro lado, considerando os aspectos que distanciam a migração do turismo e que merecem também ser discutidos, têm-se a relação estabelecida tanto pelo turista quanto pelo imigrante no destino, uma vez que o primeiro tem um contato geralmente mais superficial e predominantemente comercial (MAZÓN, 2014) com os locais visitados, enquanto o segundo, por sua fixidez busca manter outros tipos de vínculos no local onde escolheu residir, tanto afetivos quanto políticos ou econômicos, na busca de melhorias na infraestrutura e qualidade ambiental.

Essa visão está amparada a partir da proposição de Bauman (1998), ao afirmar que a relação estabelecida pelos turistas nos destinos é frágil e efêmera, já que não possuem perspectivas de futuro²⁷ e inexistente passado. Ainda nas palavras do autor, o turista “está”, sendo um *status* momentâneo. Partindo desse mesmo entendimento, pode-se inferir que a relação do migrante com o destino é mais duradoura, já que o tempo de permanência é de médio e longo prazos, e em alguns casos até ao final da vida, existindo assim uma maior preocupação com o futuro da localidade.

Além disso, segundo Sayad (1998) o migrante “é”, sendo considerado um emigrante no seu país de origem e um imigrante no país de destino, tornando-se um *status* permanente. Em contrapartida, o *status* de turista tem início e fim pré-determinados, pois, embora ele planeje sua viagem com antecedência e após o seu retorno traga memórias, fotografias ou *souvenirs*, trata-se de um *status* temporário que se estabelece apenas durante a viagem.

Esse aspecto não coincide com a visão de Panosso Netto (2005), que concebe a construção do “ser turista”, ou seja, para o referido autor o sujeito pode tornar-se turista, nos seus termos: “vier-a-ser”. Porém, diante do que fora anteriormente exposto, o termo mais adequado seria “estar turista”, “vier-a-estar”, pois a experiência tem início e fim definidos.

Ratifica-se que esses dois verbos semanticamente são distintos, o primeiro “ser” aproxima-se à ideia da permanência, da estabilidade ou como algo inerente ao sujeito, diferente do segundo “estar” que se liga mais ao transitório, passageiro ou a instabilidade, influenciando assim diretamente no *status* desse sujeito.

²⁷ Cabe uma ressalva diante da citação de Bauman (1998), por acreditar que existam modelos de turismo mais endógenos, de base comunitária, onde o turista assume uma maior preocupação com o destino e com os residentes, além de haver uma maior participação e envolvimento direto da comunidade local desde o planejamento à efetivação da atividade turística com respeito à sustentabilidade e às gerações futuras (MALDONADO, 2009; MIELKE, 2009). Embora, esse tipo de turismo seja exceção, não se pode negar que o tempo de permanência do turista é curto quanto comparado com o tempo de permanência do migrante, não se podendo estabelecer relações de médio e longo prazo entre o turista e o destino, já que muitas vezes são viagens pontuais e o turista geralmente busca conhecer novos destinos.

Essas contradições devem ser esclarecidas para entender melhor o estado do turista e do migrante. Cabendo uma ressalva por compreender que um *status* dito permanente não signifique que seja imutável. Por exemplo, mudanças de gênero e outros fatores genéticos, que diante da globalização e avanço de tecnologias transformam e afetam diretamente aspectos que até um tempo atrás eram inconcebíveis, mas que na contemporaneidade torna a mudança uma das suas principais características.

Em face dessas discussões, observa-se que as categorias tempo e espaço emergem como conceitos basilares que distinguem e aproximam a migração e o turismo. A relação do sujeito enquanto turista com o tempo se distingue da relação que assume com o tempo enquanto migrante. Geralmente, o turista quer aproveitar o tempo ao máximo, consumindo produtos e serviços de forma intensa, com a perspectiva do quanto mais, melhor, diferentemente do migrante que incorpora ações de cotidianidade, o tempo parece ser mais lento, uma vez que a permanência não tem tempo definido, podendo haver um retorno ou um viver semipermanente ou permanente no novo destino.

Com relação ao espaço, embora o migrante também estabeleça relações comerciais no destino, o caráter simbólico é mais proeminente quando comparado à experiência do turista, uma vez que o valor de uso é maior que o valor de troca. No entanto, quando o *locus* onde se desenvolve o fenômeno migratório acaba tornando-se o mesmo do turista e vice-versa – no caso, de migrações orientadas pelo lazer em destinos turísticos –, acredita-se que as interfaces entre turismo e esse tipo de migração se sobressaem e a linha tênue que os separa se manifesta de modo mais latente, quase a ponto de se mesclarem.

Mais um aspecto de distinção que merece destaque se refere à reflexividade. Enquanto a migração é um fenômeno reflexivo, já que migrante é sujeito e objeto do próprio deslocamento (SAYAD, 1998), no turismo, há uma diferenciação entre o sujeito e o objeto, pois enquanto o primeiro trata do turista, o segundo se refere aos bens e serviços turísticos (BENI, 2000).

Avançando nessas reflexões, pode-se fazer mais um paralelo partindo da visão de Moesch (2003), quando a autora afirma que o turismo propicia afastamentos simbólicos do cotidiano. Nessa perspectiva, pode-se pensar que na migração, o migrante assume novas relações simbólicas no seu novo cotidiano.

Corroborando com essas questões,

As escalas [dos turistas] são acampamentos, não domicílios. Por mais longo, que cada intervalo da viagem possa mostrar-se no fim, é vivido, em cada momento, como uma estada de pernoite. Só as mais superficiais das raízes, se tanto, são lançadas. Só relações epidérmicas, se tanto, são iniciadas com as pessoas dos lugares. Acima de tudo, não há nenhum comprometimento do futuro, nenhuma incursão em obrigações de longo prazo, nenhuma admissão de alguma coisa que aconteça hoje para se ligar ao amanhã (BAUMAN, 1998, p.115).

Acredita-se que essa seja uma diferença crucial entre esses dois fenômenos: a experiência do turista é momentânea e imediata, já o migrante estabelece relações de curto, médio e longo prazo, uma vez que o seu tempo de permanência é maior.

Diante disso, cabe enfatizar que embora a fixidez do migrante seja sua marca, ela é complexa e não implica em imobilidade, pois, frente aos avanços tecnológicos, acesso à *internet* e das facilidades dos meios transportes, se mover tornou-se muito mais fácil. Tendo acesso às ferramentas tecnológicas, esse migrante pode se comunicar com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, bem como pode se deslocar de um local a outro em questões de horas e com maiores facilidades de pagamento, caso disponha de recursos.

Ampliando essa discussão, King, Skeldon e Vullnetari (2008, p.26) afirmam que “o custo da migração não é apenas financeiro, mas também humano e psicológico. [...] os custos de saída e se adaptar a uma nova cultura, da separação de longo prazo de família e amigos, de fugir de prisões etc.”. Percebe-se assim que a ruptura com os laços deixados na cidade de origem é forte e envolve uma série de valores, não apenas a questão financeira, mas também simbólicos.

Dessa forma, a dimensão simbólica assume um forte grau da diferenciação entre turismo e migração, enfatizando as relações que os sujeitos (migrantes e turistas) assumem no e com o destino.

As inquietações sobre migração e turismo emergem ainda mais, diante das inúmeras mudanças vivenciadas na contemporaneidade, dentre elas a compressão espaço-tempo (HARVEY, 2010) e a destemporalização do espaço social, ou seja, “o tempo já não estrutura o espaço. [...] o que conta é exatamente a habilidade de se mover e não ficar parado” (BAUMAN, 1998, p.113), tornando assim, os limites entre os campos complexos e difusos.

Nesse sentido, mais um ponto é evidenciado, na migração a mobilidade é mais um meio do que um fim, já no turismo a mobilidade é mais um fim do que um

meio. Pois no primeiro caso, a viagem/deslocamento vai ser um canal para a fixação no novo destino; e no segundo caso, a viagem/deslocamento é a sua finalidade principal.

Diante do exposto, revela-se uma aproximação entre esses dois fenômenos com nuances que os diferenciam. Embora poucas reflexões tenham sido empreendidas no sentido de avançar nesse debate, decidiu-se a elaborar um quadro resumo a partir das análises produzidas nesta tese, chamando atenção para as similitudes e diferenças entre a migração e o turismo (QUADRO 3).

Quadro 3 – Similitudes e diferenças entre migração e turismo

Migração	Turismo
Viagem como meio	Viagem como fim
De regra mais fixidez e menos mobilidade	De regra mais mobilidade e menos fixidez
Não é um evento único no tempo e no espaço	Não é um evento único no tempo e no espaço
Tendência a criar vínculos mais profundos e duradouros com e no destino (relações hipodérmicas)	Tendência a criar vínculos mais superficiais e efêmeros com e no destino (relações epidérmicas)
<i>Status</i> permanente (ser)	<i>Status</i> temporário (estar)
Uso e apropriação do tempo de forma predominantemente mais lenta	Uso e apropriação do tempo de forma predominantemente mais acelerada
Geralmente o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca	Geralmente o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso
Reflexividade	Não reflexividade
Novas relações simbólicas no cotidiano	Afastamentos simbólicos do cotidiano
Comumente experiências de curto, médio ou longo prazo.	Comumente experiências de curto prazo (imediatas)
Maior custo de saída (ruptura dos laços)	Menor custo de saída (afastamento dos laços)

Fonte: Elaboração própria, 2018.

O quadro revela características que auxiliam a compreensão do turismo e da migração, apontando tendências ao se comparar esses dois fenômenos. Contudo, cabe ressaltar que esses aspectos devem ser analisados de modo conjugado, tendo cuidado ao distingui-los, já que fazem parte de um todo que é a mobilidade humana. Além disso, uma ressalva se faz necessária, já que existem exceções em certos modelos de turismo mais endógenos e tipos de migração onde os sujeitos preferem formar guetos, optando por não interagir com a comunidade local e não apresentar interesse em aprender o idioma local, por exemplo.

Porém, o desafio presente é apontar novos rumos para se pensar esses fenômenos, superando as dificuldades colocadas por Hall (2005). O autor afirmou que o turismo muitas vezes foi negligenciado pelos estudiosos, quer seja da Sociologia, Geografia e Demografia, por ser considerado um campo menor e sem merecimento de pesquisas. No entanto, se trata de um fenômeno complexo, com uma relação direta com os estudos da mobilidade e que necessita de avanços teóricos e é nesse sentido que esta reflexão é encaminhada.

A necessidade de refletir sobre esses campos também tomou por base a visão defendida por Janoschka (2013); Barreto (2009), Hall, Williams e Lew (2014), que compreendem que a experiência turística pode estimular a migração, bem como a migração pode intensificar o fluxo turístico. Defendendo essa mesma perspectiva e buscando aprofundar o tema, foi feita essa discussão, pensando-os como parte de um todo, e sinalizando para a tamanha fluidez e complexidade entre eles.

Isto enfatiza a necessidade para os interessados em turismo em abordar os limites arbitrários entre turismo e lazer, e turismo e migração. O turismo constitui apenas uma mobilidade temporária orientada pelo lazer, e que constitui parte da mobilidade, sendo moldado por ela e moldando-a.²⁸ (HALL; WILLIAMS; LEW, 2014, p.4)

Essa citação reforça como as fronteiras entre esses campos são tênues, devendo ser mais investigados pelos pesquisadores, destacando as relações entre “turismo e lazer” e “turismo e migração”. No entender dos autores, é perceptível a compreensão de que o turismo constitui uma forma de lazer orientado à mobilidade temporária, e constitui parte da mobilidade, sendo adaptado por ela e adaptando-a.

Concorda-se com tal afirmação, por compreender que o turismo é uma experiência de lazer que tem como definidor a viagem, a mobilidade. Contudo, o que torna mais provocador na citação supracitada é o refletir sobre a migração orientada pelo lazer enquanto uma mobilidade temporária (ou seja, o uso ocasional de segundas-residências²⁹ com fins de lazer e turismo/*turismo residencial*), bem como a migração orientada pelo lazer enquanto mobilidade permanente (residência habitual/*migración residencial*), deflagrando a recursividade e interconexão entre turismo e a migração

²⁸ **Citação no original:** *This emphasizes the need for those interested in tourism to address the arbitrary boundaries between tourism and leisure, and tourism and migration. Tourism constitutes just one form of leisure oriented temporary mobility, and it constitutes part of that mobility, being shaped by and shaping it.*

²⁹ Para Tulik (2001), no Brasil, “residência secundária” ou “segunda residência” são denominações comumente aplicadas às propriedades particulares utilizadas, temporariamente, por pessoas que tem sua residência permanente em outro lugar.

orientada pelo lazer. Qual limite de tempo o caracteriza como mobilidade temporária, diferentemente de uma mobilidade permanente? Essa discussão será retomada e aprofundada posteriormente.

Isto posto, empiricamente, acredita-se que a partir da fixação desse tipo de imigrante em destinos turísticos – que provavelmente esteve anteriormente como turista (experiência de lazer) –, novas viagens turísticas são realizadas, ao realizar visitas à cidade/país de origem (turismo emissor), ou de seus familiares e amigos ao visitá-lo (turismo receptor) no novo local de residência. Esses mesmos sujeitos podem vir a tornarem-se imigrantes, dessa forma, percebe-se que esse processo pode possibilitar a geração de novos fluxos migratórios e turísticos. Reforçando assim, a ideia da recursividade presente entre esses dois fenômenos.

Mesmo que o imigrante não tenha feito uma viagem pregressa enquanto turista no destino, ele provavelmente obteve informações do local através de amigos e/ou meios de comunicação ou decidiu investir e posteriormente se fixou na localidade. O fato é que, independentemente do caminho percorrido, pode-se observar um processo de retroalimentação entre o turismo internacional e a imigração.

Percebe-se, pela discussão exposta, que a migração e o turismo apresentam relações para além da complementaridade, um processo interligado e interconexo (MORIN, 2000), principalmente no contexto da migração orientada pelo lazer.

Tentando avançar no desvelamento entre esses dois campos, realizou-se uma análise das definições elaboradas pelos seus órgãos oficiais: a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), que será exposta na próxima subseção.

4.1 Aproximações entre as definições da OMT e OIM

Buscando compreender e enfrentar as dificuldades de caracterizar, delimitar e diferenciar o turismo da migração, recorreu-se à literatura desenvolvida pelas suas entidades oficiais. Apesar da complexidade desses fenômenos, as definições e classificações propostas por essas entidades são reconhecidas e aplicadas mundialmente.

A OMT é um órgão intergovernamental ligado às Nações Unidas com mais de 480 membros afiliados de 157 países, dentre eles representantes do setor privado, instituições de ensino e autoridades locais de turismo, e trabalha na promoção do turismo responsável, sustentável e acessível para todos (OMT, 2015b).

Já a OIM é a principal organização intergovernamental no âmbito da migração internacional contando com a participação de 165 países membros, envolvendo associados governamentais, intergovernamentais e não governamentais, atua em promover a migração humana para benefício de todos de forma harmônica e buscando garantir condições favoráveis de acolhida para os migrantes, defendendo o respeito e o direito à liberdade de movimento das pessoas (OIM, 2014).

Dessa forma, essas instituições assumem uma forte representatividade em nível mundial e devem ser consideradas frente às reflexões que perpassam seus principais objetos de defesa, investigação e auxílio. Embora os dados e pesquisas coletados junto a esses órgãos tenham um caráter preponderantemente estatístico, são úteis para suscitar e provocar inquietações e outros tipos de análise.

Segundo a OMT (2010), o turismo refere-se à atividade realizada pelos visitantes³⁰, e este deve ser entendido como

uma pessoa que viaja a um destino principal distinto ao seu **entorno habitual**, com uma duração **inferior a um ano**, com **qualquer finalidade** principal (lazer, negócios, ou outro motivo pessoal) que **não seja empregado** por uma entidade localizada no país ou lugar visitado. Estas viagens realizadas pelos visitantes se consideram **viagens turísticas**³¹. (OMT, 2010, p. 10, grifo nosso).

Nessa definição foram destacados quatro aspectos: entorno habitual, permanência, motivação e o vínculo empregatício, suscitando algumas reflexões, a saber: (a) qual a menor distância percorrida entre o local de origem e de destino para se delimitar a viagem turística? (b) Qual o tempo mínimo e máximo de permanência no local visitado para garantir que aquela experiência seja turística? (c) Quais motivações caracterizam o turismo? (d) Uma pessoa que não esteja empregada no seu país de origem ao viajar pode ser considerada turista? Como pensar no caso dos aposentados frente esse contexto de trabalho/emprego e turismo? Bem como daqueles que possuem trabalho e não emprego?

Essas perguntas serão problematizadas a seguir, pois apresenta muitos aspectos semelhantes na definição de migração proposta pela OIM.

³⁰ Segundo a OMT (2010) um visitante pode ser classificado em turista e excursionista, sendo o primeiro aquele que pernoita no destino e o segundo que permanece menos de 24 horas na localidade.

³¹ **Citação no original:** *Un visitante es una persona que viaja a un destino principal distinto al de su entorno habitual, por una duración inferior a un año, con cualquier finalidad principal (ocio, negocios u otro motivo personal) que no sea ser empleado por una entidad residente en el país o lugar visitado. Estos viajes realizados por los visitantes se consideran viajes turísticos. El turismo hace referencia a la actividad de los visitantes.*

Migração é o movimento da população para um território de outro Estado ou dentro do mesmo que abarca **todo movimento** de pessoas **seja qual for seu tamanho, sua composição ou suas causas**; inclui migração de refugiados, deslocados, migrantes econômicos³². (OIM, 2011, p.38, grifo nosso).

Os termos grifados na definição supracitada – movimento, tamanho, composição e causas – se aproximam diretamente daqueles apresentados anteriormente na definição de turismo pela OMT. Gerando reflexões sobre qual a distância mínima que distingue o turismo da migração, sobre movimentos com menos de um ano que não podem ser considerados migrações, entre outros motivos para vivenciar turismo que acabam abrangendo uma infinidade de fatores que podem, em algum momento, convergir com uma migração orientada pelo lazer.

Dessa forma, as perguntas podem e devem ser reformuladas: (a) qual a menor distância percorrida entre o local de origem e de destino para se delimitar se é turismo ou migração? (b) Qual o tempo mínimo e máximo de permanência no local visitado para garantir que aquela experiência é turística ou migratória? (c) O turismo e migração podem ter a mesma motivação? (d) Como pensar no caso dos aposentados frente esse contexto de trabalho/emprego, migração e turismo?

Algumas dessas dúvidas são esclarecidas pela própria OMT (2010), mas apresentam muitas incertezas, não conseguindo dar conta dessa complexidade, principalmente ao se pensar a proximidade conceitual com a migração.

Quando a OMT (2010) se refere ao entorno habitual, a mesma afirma que considera uma zona geográfica que inclui o local de residência principal do turista, ou seja, aquela em que o sujeito passa a maior parte do tempo, na qual desenvolve fortes vínculos econômicos e realiza suas atividades cotidianas habituais. Percebe-se assim, que o caráter simbólico é secundarizado. Mas acredita-se que esse é um ponto relevante ao se definir a residência primária, a importância dos vínculos afetivos estabelecidos na residência, e não apenas, o tempo ou a proximidade desta residência aos locais de trabalho ou estudo.

No mundo contemporâneo essa ideia deve ser revista, pois muitas pessoas vivem em um determinado local e estabelecem relações distantes de sua moradia, quer sejam profissionais, familiares, políticas ou religiosas, embora essa dinâmica aconteça em diferentes escalas e varie de região para região.

³² **Citação no original:** *Migración es el movimiento de población hacia el territorio de otro Estado o dentro del mismo que abarca todo movimiento de personas sea cual fuere su tamaño, su composición o sus causas; incluye migración de refugiados, personas desplazadas, personas desarraigadas, migrantes económicos.*

Além disso, outro processo também pode ajudar a repensar a definição de residência primária e do próprio entorno habitual: as multirresidências ou residências múltiplas, quando o indivíduo detém várias residências e passa certo período em cada uma delas. Embora a OMT aborde esse assunto de forma muito superficial, se trata de uma realidade que está em expansão, principalmente em países ocidentais, e por isso deve ter um olhar mais apurado por parte dessa organização.

Mais um aspecto sobre o entorno habitual defendido pela OMT (2010) é que ela recomenda que cada país determine o significado do que considera habitual para suas estatísticas de turismo, demonstrando assim uma fragilidade conceitual.

Noguero (2010) destaca que o conceito de entorno habitual é ambivalente, vago, impreciso, destacando o que pode ser considerado como distância mínima para se tornar turismo e que esse limite varia de país para país. Hall (2005) também corrobora essa perspectiva, destacando que em determinados países esse limite é de 40 quilômetros de distância entre o local de origem e destino para poder ser considerado turismo.

Essa problemática também é suscitada por autores da migração que chamam a atenção também para a ideia da distância mínima. King, Skeldon e Vullnetari (2008) afirmam que falta clareza na definição de fronteiras, da menor distância para se considerar migração interna e/ou internacional, tornando difícil pensar nessas práticas, principalmente nos países com dimensões continentais. Logo, considerando apenas o aspecto distância, distinguir turismo de migração é uma tarefa complexa, conflituosa e turva.

A segunda indagação suscitada diz respeito ao tempo de permanência no local visitado. Para ser considerada uma viagem turística não deve ultrapassar o período de doze meses e para ser turista deve ao menos pernoitar (OMT, 2010). Para contribuir com essa discussão, cabe chamar a atenção para o conceito de migração de retorno que “é o movimento de pessoas que regressam ao seu país de origem ou a sua residência habitual, geralmente depois de haver passado pelo menos um ano em outro país. Este regresso pode ser voluntário ou não. Inclui a repatriação voluntária³³” (OIM, 2011, p.39). Esses conceitos, em um primeiro momento, parecem distinguir a categoria tempo ao se pensar migração do turismo, considerando o prazo de um ano como elemento de

³³ **Citação no original:** *Es el movimiento de personas que regresan a su país de origen o a su residencia habitual, generalmente después de haber pasado por lo menos un año en otro país. Este regreso puede ser voluntario o no. Incluye la repatriación voluntaria.*

distinção. Contudo, ao aprofundar essa discussão, constata-se que não é tão simples assim.

Considerando mais duas definições sobre a temática, os termos migrante e visitante (que engloba tanto turista quanto excursionista), buscando aprofundar essa análise. O primeiro termo ainda é classificado em curto e longo prazo, conforme apresentado abaixo:

Em nível internacional, não há uma definição universalmente aceita para o termo “migrante.” Este termo abarca usualmente todos os casos em **que a decisão de migrar é tomada livremente pela pessoa concernida por “razões de conveniência pessoal” e sem intervenção de fatores externos que o obriguem a isso.** Assim este termo se aplica as pessoas e seus familiares que vão para outro país ou região com vistas a **melhorar suas condições sociais**, materiais e suas perspectivas e de suas famílias³⁴. (OIM, 2011, p.41, grifo nosso)

Migrante de longo prazo [em nível internacional]: Pessoa que vai a outro país, distinto de residência usual, **por um período de pelo menos um ano**, sendo o país de destino o lugar de sua **nova residência**. Na perspectiva do país da saída esta pessoa é um emigrante de longo prazo e desde a perspectiva do país de chegada é um imigrante de longo prazo³⁵. (OIM, 2011, p.41, grifo nosso).

Migrante de curto prazo [em nível internacional]: Pessoa que se desloca a um país distinto **ao seu ou de sua residência usual por um período de pelo menos três meses, mas não superior a um ano; exceto em casos quando o deslocamento a esse país se faz com fins de recreação, férias, visitas a familiares e amigos, negócios ou tratamento médico.** Para fins de estatísticas de migrações internacionais, se considera o país de residência usual desses migrantes, o país de destino durante o tempo que permanecem nele³⁶. (OIM, 2011, p.42, grifo nosso).

Nessas definições, novos elementos merecem ser repensados, tais como: a falta consensual do termo migração, a questão da liberdade de escolha (ressalva-se o

³⁴ **Citação no original:** *Migrante a nivel internacional no hay una definición universalmente aceptada del término “migrante.” Este término abarca usualmente todos los casos en los que la decisión de migrar es tomada libremente por la persona concernida por “razones de conveniencia personal” y sin intervención de factores externos que le obliguen a ello. Así, este término se aplica a las personas y a sus familiares que van a otro país o región con miras a mejorar sus condiciones sociales y materiales y sus perspectivas y las de sus familias.*

³⁵ **Citação no original:** *Migrante de largo plazo Persona que va a otro país, distinto al suyo o de su usual residencia, por un período de por lo menos un año, siendo el país de destino el lugar de su nueva residencia. En la perspectiva del país de salida esta persona es un emigrante de largo plazo y desde la perspectiva del país de llegada un inmigrante de largo plazo.*

³⁶ **Citação no original:** *Migrante de corto plazo Persona que se desplaza a un país distinto al suyo o de plazo su usual residencia por un período de por lo menos tres meses pero no superior a un año; excepto en casos cuando el desplazamiento a ese país se hace con fines de recreación, vacaciones, visitas a familiares y amigos, negocios o tratamiento médico. A los fines de las estadísticas migratorias internacionales, se considera el país de residencia usual de estos migrantes, el país de destino durante el tiempo que permanezcan en él.*

caso dos refugiados, tanto de guerra, perseguições ou ambientais) e a questão temporal (mínimo de três meses).

Percebe-se assim que, mesmo tendo como referência o período de um ano, até esse limite é considerado turismo, acima disto considera-se migração. Porém, é uma referência imprecisa e abstrata, principalmente ao se pensar nas migrações de curto prazo e que desconsidera outras dimensões quanto se pensa na permanência dos sujeitos, a temporalidade e complexidade do fenômeno.

Santos (2014, p. 159), apresenta um caminho para tentar compreender melhor essa dinâmica:

Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes. Temos, aqui, o eixo das coexistências.

Logo a temporalidade pode ser compreendida como uma forma de percepção do tempo social, que varia de indivíduo para indivíduo. Reforçando assim, que discutir o fenômeno turístico e migratório é perceber que o limiar entre eles é difuso.

O terceiro questionamento refere-se às motivações para a realização do turismo e da migração. Enquanto o primeiro destaca “com qualquer finalidade principal (lazer, negócios, ou outros motivos pessoais)”, o segundo diz respeito “seja qual for [...] suas causas” e tomando por base a expressão “seja qual for”, pode-se incluir qualquer escolha para migrar, inclusive o lazer. Coincidindo mais uma vez, a aproximação entre esses termos.

Ao se considerar de forma específica a motivação do migrante de curto prazo, proposta pela OIM (2011, não paginado) exclui-se “o deslocamento a esse país [que] se faz com fins de recreação, férias, visitas a familiares e amigos, negócios ou tratamento médico”. Contradizendo assim, o conceito central da migração, que aponta qualquer causa como motivo desse deslocamento. Além disso, na definição de migrante de longo prazo não se acrescenta nada nesse sentido, gerando mais incertezas sobre essas motivações. Conclui-se, assim, que essas adjetivações acabam dificultando o entendimento desses fenômenos.

A quarta provocação vincula-se ao trabalho/emprego e sua relação com o turismo e a migração. De forma geral, ao analisar o conceito da OMT (2010) sobre o

turismo, destaca-se o fato do turista não ter um emprego no local de destino. Isso instiga reflexões sobre a nova configuração do trabalho no contexto atual, bem como a sua precarização, sobretudo considerando os trabalhadores que vivem na informalidade ou prestam serviços terceirizados, são *free lancers*, rentistas e até aposentados.

Outro aspecto a ser considerado é a situação daqueles que, diante da tecnologia e do mundo globalizado, não precisam de um espaço físico para desenvolver seu trabalho, podendo exercê-lo em qualquer lugar do mundo em um sistema *home office*, bastando para isso estar conectado à internet com um *notebook*, *tablet* ou *smartphone* e trabalhar por resultado, ao invés de trabalhar por tempo de jornada. Nesse âmbito, talvez seja mais prudente falar em deter recursos, materiais e/ou imateriais, para que uma pessoa possa realizar uma viagem turística. Sendo assim, esse novo cenário impõe um repensar emergencial sobre o turismo, avançando nessa visão dicotômica que coloca trabalho e turismo em uma relação de oposição.

No tocante à migração, o desejo de obter melhores condições financeiras pode ser um motivo para o deslocamento, assim como a busca por um novo estilo de vida, onde o trabalho não contempla todas as possibilidades migratórias. Dentre elas, destaca-se o caso dos aposentados, segundo a OIM (2016), esses sujeitos buscam climas mais quentes e menor custo de vida em países em desenvolvimento, sendo as correntes mais populares: o deslocamento de americanos e canadenses ao México e ao Caribe; e no caso de europeus, àqueles que se deslocam em função dos laços coloniais – por exemplo, os aposentados britânicos que se mudam para a África do Sul; e nos últimos dois decênios, Tailândia, Malásia e Filipinas tem se convertido em novos lugares de migração de aposentados no Sudeste Asiático. Sendo assim, um tipo de migração reconhecidamente muito forte no sentido Norte-Sul global.

Essa nova dinâmica marcante no século XXI deve contribuir para se repensar esses conceitos, uma vez que a subjetividade assume um papel importante nas motivações migratórias e não apenas a materialidade.

Sendo assim, constata-se que há uma fluidez entre esses conceitos, que permeiam a indefinição da distância mínima para ser migração e turismo, o consenso do que vem a ser entorno habitual, além da questão do tempo mínimo que os diferenciem, e das relações com o trabalho, constatando-se algumas lacunas nessas classificações e fluidez entre esses conceitos.

A discussão proposta neste tópico buscou refletir sobre essas definições sem qualificar um determinado tipo de migração ou turismo, já que os pontos elencados

remetem a esses fenômenos de modo geral. Porém, quando a migração acontece em um destino turístico, esse olhar merece ser mais aprofundado, uma vez que compreende-se que nesse contexto ocorre um processo de retroalimentação, como será discutido no próximo tópico.

4.2 Migração orientada pelo lazer e turismo enquanto fenômenos recursivos

Tomando por base as definições de migração e de turismo, os estudiosos desses dois campos são unânimes em dizer que não há consenso conceitual.

King, Skeldon e Vullnetari (2008) afirmam que qualquer tentativa de construir uma única teoria geral da migração para todos os tipos de migração, para todas as partes do mundo, desenvolvidos e menos desenvolvidos, e para todos os períodos do tempo, é ilusória. Nessa mesma perspectiva, Massey *et al.* (1993) destacam que não existe uma teoria única e coerente sobre migração, pois trata-se de um campo complexo, de natureza multifacetada e que incorpora uma variedade de perspectivas, níveis e pressupostos.

Complementando, Salim (1992) afirma que inexiste unanimidade na compreensão do que seja migração, porém ao seu entender três elementos são fundamentais para constituir a migração: a distância do deslocamento; o tempo de permanência ou residência; e, o local de origem e destino do fluxo como etapa migratória única e/ou última.

Contrapondo-se o turismo, ora é visto como atividade econômica ora como fenômeno sociocultural, faltando unanimidade entre os autores sobre uma definição. Nesse sentido, Ramírez (2010, p.53) afirma que:

Não há dúvidas que os países industrializados tem percebido o turismo erroneamente, convertendo-o a uma “indústria” mais comercial, quer dizer, num conjunto de atividades econômicas destinadas a produzir e oferecer uma série de serviços que o turista necessita para seu conforto, esquecendo-se que basicamente o turismo é uma atividade humana que leva implícita os elementos que constituem as duas faces de uma mesma moeda: sociedade e cultura³⁷.

³⁷ **Citação no original:** *Es indudable que los países industrializados han percibido al turismo erróneamente, convirtiéndolo en una “industria” más del engranaje comercial, es decir, en un conjunto de actividades económicas destinadas a producir y ofrecer una serie de servicios que el turista necesita para su confort, olvidándose que básicamente el turismo es una actividad humana que lleva implícita los elementos que constituyen las dos caras de una misma moneda: sociedad y cultura.*

Como se observa, o autor não nega esse caráter de prestação de serviços que gera lucros e movimentam enormes cifras monetárias, mas, adverte que considerar apenas essa dimensão é um equívoco, pois, primordialmente, o turismo é uma prática social, que perpassa as relações humanas e suas trocas culturais.

Essa visão é compactuada por Nechar e Panosso Netto (2010), que defendem um turismo mais humano e humanizante. Trata-se de:

[um] fenômeno de saída e de retorno do ser humano do seu habitual de residência, por motivos revelados ou ocultos, que pressupõe hospitalidade, encontro e comunicação com outras pessoas e utilização de tecnologia, entre inúmeras outras condições, o que vai gerar experiências variadas e impactos diversos (NECHAR; PANOSSO NETTO, 2010, p.15).

Dentro dessa mesma linha de pensamento, Moesch (2003, p.20) sublinha que:

O turismo é uma prática social, ou melhor, um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades e, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

Dessa forma, para essa autora o turismo é um fenômeno social predominantemente subjetivo, devendo ser compreendido em seu contexto histórico, considerando as categorias tempo e espaço. Logo, pensar o turismo é pensar nessas dimensões e em suas variadas facetas que vivem um *continuum* processo de reconfiguração.

Ao apresentar esse aspecto histórico do turismo, entende-se que essa prática social foi criada, mas não se pode precisar quando surgiu. Corroborando com essa questão,

A categoria turismo é resultado do desenvolvimento do processo histórico e, portanto, sua existência aparece sob diferentes tonalidades e em períodos diversos por meio de manifestações consideradas travestidas em outras categorias que na verdade são expressões derivadas do turismo, isto é, aproximações de um todo mais desenvolvido. Assim com esse entendimento, o turismo não pode ser compreendido como sendo algo que aparece de repente como aqueles que acreditam que esse fenômeno surge com o capitalismo e na Inglaterra. (SANTOS FILHO, 2008, não paginado).

Dessa forma, o turismo deve ser compreendido para além do seu aspecto econômico e funcionalista bastante difundido como parte de uma visão eurocêntrica, que afirma que essa prática foi criada em meados do século XIX pelo inglês Thomas Cook (SANTOS FILHO, 2008). Logo, o turismo deve ser pensado em cada contexto

histórico, e na contemporaneidade de acordo com os valores incorporados pela pós-modernidade, diante principalmente das transformações advindas como as tecnologias de comunicação e informação.

Apesar da complexidade desse fenômeno, segundo Beni (2000) existem cinco elementos fundamentais que caracterizam o turismo, a saber: a viagem, a permanência fora do domicílio, o caráter temporário, o sujeito do turismo (turista) e o objeto do turismo (bens e serviços turísticos). Logo, para existir o turismo, faz-se necessário o deslocamento sazonal, fora da residência habitual, onde ocorra o uso de oferta turística por um agente social.

Fazendo um paralelo entre esses conceitos, a “não fixidez” do turista e a “permanência” do migrante são os principais elementos de diferenciação, que na contemporaneidade, têm sido questionados diante do aumento da mobilidade e das novas formas de viajar e morar das sociedades pós-modernas. A afirmativa de Cooper, Hall e Trigo (2011, p. 10) reforça esse entendimento: “O conceito ‘turista’ refere-se aos consumidores envolvidos em uma situação de mobilidade **temporária** e voluntária em relação ao seu ambiente de moradia” (Grifo nosso).

Nesse mesmo sentido, Rode (2008, p. 64) aponta para a seguinte questão:

O turismo tem mais a dizer sobre a migração de que muitos pesquisadores gostariam de admitir. Novas formas de **mobilidade híbrida** como os **trabalhadores migrantes-turistas** e os migrantes aposentados mostram que a ação humana é muito mais confusa e complexa do que as categorias impostas pelos Estados e organismos de governança global poderiam permitir. (Grifo nosso).

O interessante é que o autor trata esses fenômenos como mobilidades híbridas, destacando a aproximação entre esses campos e que as distinções entre eles não são tão simples.

Segundo os critérios da OMT (2010), embora o turista possa permanecer até um ano nos lugares onde visita, a sua condição e prática turística não devem ser confundidas com a migração, que concerne em deslocamento definitivo. Desse modo, ser visitante é uma situação passageira: uma vez concluída a viagem, a pessoa perde sua condição de tal.

Como bem apontam Bell e Ward (2000, p.97), o turismo representa uma “forma de circulação ou de movimento temporário da população. Movimentos temporários e migração permanente, por seu turno, formam parte do mesmo *continuum*

de mobilidade da população no tempo e espaço”, mostrando assim que a aproximação entre o turismo e migração está na ideia da mobilidade.

Aprofundando essa discussão Coles *et al.* (2005, p.32) argumentam que:

Precisamos, a fim de compreender o movimento ou a mobilidade humana temporária e voluntária, desenvolver um quadro conceitual apropriado do turismo, tratando-o como um conceito teoricamente orientado, ou seja, um conceito capaz de incorporar todas as dimensões do fenômeno turístico. Este quadro precisa considerar as relações entre o turismo, o lazer e outras práticas sociais, bem como os comportamentos relacionados à mobilidade humana, por exemplo, a aposentadoria e a migração, movimentos de segunda residência, estadas curtas, viagens de um ano para estudo, intercâmbio ou voluntariado, e folgas de trabalho. Muitas dessas formas de mobilidade, que vão além da tradicional diferenciação entre turismo (movimento temporário) e migração (movimento permanente), apenas recentemente têm recebido maior atenção, embora sejam parte cada vez mais importante dos estudos de turismo.

Sendo assim, avançar nesses estudos é algo extremamente emergencial. Acredita-se que o migrante tenha uma relação de lugar com o destino turístico, diferentemente do turista, que geralmente estabelece uma relação mais comercial, em especial quando se pensa no turismo massivo.

Sabe-se que a migração é um fenômeno que interfere na dinâmica das sociedades receptoras, de trânsito e emissoras, envolvendo dimensões sociais, políticas, econômicas e ambientais em sua efetivação. Ela pode ocorrer por uma infinidade de motivações, sendo a corrente mais tradicional que explica esses movimentos a teoria *push-pull*. Segundo essa teoria, existem fatores de repulsão no país de origem do migrante e/ou fatores de atração no país de destino, geralmente ligada a aspectos econômicos e na busca por melhores condições de vida e emprego. Porém, essa visão foi superada, por acreditar que os motivos da mobilidade humana são múltiplos, variados, multifacetados e marcados por dinâmicas que mudam constantemente (KING; SKELDON; VULLNETARI, 2008; ANICH; BRIAN; LACZKO, 2013).

A realidade do século XXI baseia-se em movimentos migratórios, que “envolvem pessoas que têm as condições necessárias à sua reprodução econômica, no lugar de origem, não ocupam o papel de produtores diretos das mercadorias, no processo de produção, e, mesmo assim, migram” (GOMES; SILVA, 2001, p.2). As autoras complementam:

Nesse sentido, determinados destinos, onde as atividades turísticas se desenvolvem, estão se tornando áreas de atração de migrantes, porque atualmente tem se cultuado a ideia de que o contato com a natureza leva a uma vida mais saudável. Ao conhecer o lugar ainda como turista, o migrante associa, de imediato, as condições naturais existentes, entre outros elementos,

a uma boa qualidade de vida (que para ele significa, antes de mais nada, uma vida tranquila e prazerosa) e, assim, muitos acabam voltando para morar. (GOMES; SILVA, 2001, p.2).

Esse tipo de mobilidade aproxima-se da experiência de ser migrante e estar turista. Ressalta-se, porém, que os estudos sobre esse tipo de migração que mantém uma relação tênue com o lazer e turismo é recente, datando do início do século XXI. Embora Williams e Zelinsky (1970) já chamasse a atenção para essa temática na década de 1970, conforme apontou Hall (2005), o assunto não foi alvo de interesse pelos pesquisadores.

Benson e Osbaldiston (2016) acrescentam que esse tipo de migração é parte do panorama mais amplo das migrações contemporâneas, sendo reflexo da pós-modernidade³⁸. Dentre suas características, observam-se novas relações do espaço-tempo, o aumento da habilidade de se mover, o crescimento do consumo – podendo-se incluir o consumo da paisagem, do litoral e do lazer –, e mudanças de estilo de vida.

As autoras acrescentam que a compreensão desse fenômeno deve ir além da ideia de uma busca por qualidade de vida, felicidade ou de uma experiência turística “permanente”. Para entendê-lo, é preciso considerar consumo e identidade, tensões sociais e econômicas, apego aos aspectos imateriais e não humanos do lugar, e questões de alteridade dentro da comunidade receptora.

Migrar, nesse contexto, é um projeto de vida individual e reflexivo; onde as pessoas refletem sobre o seu atual modo de vida frente novas possibilidades, rejeitando alguns sobre outros. Mas tendo o cuidado de não romantizar esse novo tipo de migração, já que a mesma é resultado de um conjunto de fatores, desde condições históricas e materiais, maior mobilidade e flexibilidade que permite que isso se efetive. (BENSON; OSBALDISTON, 2016). Por isso, esse fenômeno só pode ser totalmente entendido ao examinar a decisão a migrar dentro do contexto de vida dos imigrantes, envolvendo sua trajetória antes, durante e após a migração.

Embora esse tipo específico de movimento seja contemporâneo, realizando um breve estudo histórico sobre as migrações, constatou-se algumas formas que se aproximam dessa realidade. Nesse sentido, Boyer (2003, p.32) traz alguns elementos

³⁸ A pós-modernidade é marcada pela crise de ideologias, compressão do espaço-tempo, alta mobilidade, consumismo, rompimento de fronteiras, avanço da tecnologia, ultraindividualismo e sobreposição do mercado (BAUMAN, 1998; GIDDENS, 1991; LIPOVETSKY, 2004; HARVEY, 2010). Embora os autores diverjam em alguns pontos, inclusive na terminologia, se seria mais adequado falar em Alta Modernidade, Modernidade Líquida ou Hipermodernidade, o fato é que, em alguns aspectos, suas ideias se cruzam e suscitam essas reflexões.

que ajudam em sua compreensão: “cada vez mais numerosas, as pessoas de alta renda se valorizavam pelas migrações sazonais que faziam nas estações lançadas”. Sendo considerado um modo de distinção e símbolo de *status*, sendo difundido e imitado por muitos em fins do século XIX e início do século XX.

Essa característica peculiar das viagens se assemelha à prática da migração orientada pelo lazer nos tempos atuais,

[...] até certo ponto, uma migração privilegiada – uma maior capacidade econômica, um maior *status* social e o pertencimento à uma cidadania privilegiada, em comparação com a sociedade receptora – podemos imaginar que essa imigração implica uma exaustiva reconfiguração das paisagens e dos lugares, tanto que altera profundamente a composição das comunidades locais³⁹. (JANOSCHKA, 2011, p. 94-5)

Por certo, esse tipo de imigrante figura-se como privilegiado, por ter maior possibilidade de escolha sobre em qual local residir, e ainda assim, o privilégio é produzido por estruturas. As reflexões sobre a individualidade podem facilmente sugerir que os indivíduos sejam independentes. Não se deve esquecer que os indivíduos atuam dentro de estruturas existentes. Eles não são agentes de livre flutuação, embora os imigrantes de estilo de vida enfatizem sua agência individual, suas ações são muito influenciadas por fatores externos e condições estruturais. (KORPELA, 2014; BENSON; OSBALDISTON, 2016).

A estrutura desempenha assim um papel na determinação não só na capacidade de migrar, mas também na vida desses imigrantes. O componente estrutural diz respeito às condições materiais, incluindo características socioeconômicas, como sexo, etnia e classe que potencialmente facilitam, limitam e moldam a ação. Dessa forma, a classe e os recursos econômicos, vão permitir que eles vivam no país de destino e definir a maneira como vivem e como podem ficar ali. (KORPELA, 2014; BENSON; OSBALDISTON, 2016).

Essas estruturas influenciam as decisões de migrar, o ato em si e como eles são reproduzidos através das ações práticas e experiências de vida. Segundo Benson e Osbaldiston (2016), essa prática é um privilégio mais reservado aos homens, pois o sexo

³⁹ **Citação no original:** [...] hasta cierto punto, una migración privilegiada – una mayor capacidad económica, un mayor estatus social y la pertenencia a una ciudadanía privilegiada, en comparación con lo que es la sociedad receptora – podemos imaginar que esa inmigración implica una exhaustiva reconfiguración de los paisajes y los lugares, a la vez que altera profundamente la composición de las comunidades locales.

se faz presente, assim como a cor da pele, pois a maior parte é constituída por homens brancos.

Observa-se, que nesse contexto vemos assimetrias de poder no trabalho nos fluxos da migração global, onde as dinâmicas interpessoais e burocráticas, as questões de fronteiras internas/externas continuam a ser instrumentos poderosos, que não podem ser esquecidos ao investigar as motivações da migração orientada pelo lazer. Percebe-se assim, que os atributos desse imigrante são distintos quando comparados à realidade dos destinos e que essas diferenças podem trazer diversos impactos nas localidades receptoras, uma vez que, geralmente, os imigrantes detêm maior poder econômico que os nativos.

Outra característica apontada pelos estudiosos diz respeito à busca dos imigrantes por uma autorrealização ou por algo que os complete, que dê outro sentido para sua existência (O'REILLY; BENSON, 2009; KRIT, 2011). Essa busca por algo que lhes falta pode ser um reflexo da sociedade contemporânea, marcada segundo Bauman (1998) por relações mais superficiais que foram perdendo dentro da sociedade de consumo, da indiferença, do demasiado urbano, logo nessa busca surgem esses tipos de fenômenos, que buscam inverter essa lógica e buscam novas lógicas.

Frente esse cenário, Huete e Mantecón (2011, p.16), complementam que esse tipo de imigrante deve ser compreendido como,

[...] pessoas que pretendem recuperar a escala humana local em cenários mais amáveis e saudáveis. São indivíduos que decidem melhorar a sua qualidade de vida através de uma mudança residencial vinculada a construção de uma cotidianidade que se distingue pela **vida ao ar livre, experiências de lazer compartilhadas** e o **estabelecimento de relações sociais** "mais próximas."⁴⁰ (Grifo nosso).

Interessante observar nessa definição a mesma ideia proposta anteriormente, relacionada à busca desses imigrantes por algo que fora perdido ou que nunca fora encontrado. Uma busca por uma vida melhor que a anterior, do que aquela vivida no local de origem, onde o contato com a natureza assume um importante papel, assim como as experiências de lazer são valorizadas, além da criação de redes sociais com maior interação. Essas questões instigam reflexões sobre a cidade idealizada e a cidade vivida, e os impactos disso na vida do imigrante.

⁴⁰ **Citação no original:** [...] *personas que buscan recuperar la escala humana local en escenarios más amables y saludables. Son individuos que deciden mejorar su calidad de vida a través de un traslado residencial vinculado a la construcción de una cotidianidad que se distingue por la vida al aire libre, las experiencias de ocio compartidas y la consecución de relaciones sociales "más cercanas"*.

Corroborando com essas questões, Gurran (2011, p. 104) afirma que:

Por definição, os migrantes residenciais se movem em busca de uma **satisfação não-material**, em vez de por razões econômicas. Então, eles gravitam em torno de lugares ricos em **recursos naturais e culturais**, mas onde as oportunidades econômicas são frequentemente limitadas. Ao contrário dos principais centros econômicos e populacionais, as qualidades únicas dos destinos migratórios residenciais são particularmente vulneráveis aos efeitos do crescimento urbano, que exigem planejamento próprio e estratégias de gestão local.⁴¹ (Grifo nosso).

O autor ratifica que os valores subjetivos na decisão de migrar se sobrepõem aos aspectos objetivos, onde há uma valorização da natureza e da cultura, sendo essas dimensões decisórias no ato migratório. Também aponta que os destinos desse tipo de migração serão menos urbanos, menos desenvolvidos e com maiores dificuldades em seu planejamento local.

Além desses aspectos, a globalização, aliada à melhoria nos transportes e ao uso da tecnologia, permitiu uma maior mobilidade e o desenvolvimento de atividades laborais fora da área urbana e dos grandes centros. Sendo imbuídos novos valores, essas novas possibilidades têm contribuído para a migração orientada pelo lazer.

Frente a esse cenário de destino idealizado, destino vivenciado e cidade natal deixada para trás, já não há mais uma identificação com um lugar. Diante da pós-modernidade o sujeito torna-se mais fluido, mais móvel, possibilitando novas formas de habitar. Porém, essa fluidez também implica numa cultura mais imóvel, conforme assinalado por Krit (2011, p.185):

Um migrante em potencial tem algum tipo de experiência visual prévia que, posteriormente, é confrontada com a suposta liberdade para escolher entre diferentes contextos em que vivem. No entanto, tendo uma alta capacidade de deslocamento, o migrante residencial, mais cedo ou mais tarde sentirá um desequilíbrio entre o "eu permanente" e o "eu reubicado" que precisa ser ligado de alguma forma no novo território e estabelecer laços de pertença que consolidem a sua identidade, em outras palavras, encontrar materialidade na sua fluidez.⁴²

⁴¹ **Citação no original:** *Por definición, los migrantes residenciales se trasladan en busca de una satisfacción no material, más que por razones económicas. Así que gravitan hacia lugares ricos en recursos naturales y culturales, pero donde las oportunidades económicas son a menudo limitadas. A diferencia de los principales centros económicos y poblacionales, las cualidades únicas de los destinos de la migración residencial son particularmente vulnerables a los efectos del crecimiento urbano, y requieren una planificación propia y estrategias de gestión locales.*

⁴² **Citação no original:** *un potencial migrante tiene algún tipo de experiencia visual previa que, posteriormente, es confrontada con la supuesta libertad para elegir entre diferentes contextos en los que vivir. Sin embargo, teniendo una elevada capacidad de desplazamiento, el migrante residencial antes o después sentirá un desequilibrio entre el "yo permanente" y "yo reubicado" que necesita vincularse de algún modo al nuevo territorio y establecer lazos de pertenencia mediante los que consolidar su identidad; en otras palabras: encontrar materialidad en su fluidez.*

Dessa forma, é importante ponderar sobre os paradoxos que esse tipo de migração promove: o imigrante quer o lugar novo, mas quer encontrar o seu lugar, suas formas, reproduzir o velho (a sua origem) no novo destino, seu imaginário se confunde com o real, gerando tensões nesse processo de adaptação no destino. Além disso, o imigrante quer o contato com o outro, mas ao mesmo tempo pode produzir um fechamento de iguais – os guetos.

Apesar do caráter simbólico que envolve esse tipo de migração, não se deve desconsiderar que a difusão do capital imobiliário que se difunde pelo mundo inteiro, inclusive na cidade turística, modifica e produz novos produtos, estimulando o imigrante orientado pelo lazer. Essa migração também altera a comunidade local, na dinâmica do lugar e na criação de novos territórios.

Ainda fazendo um esforço nas aproximações entre migração e turismo, a migração mesmo que seja orientada pelo estilo de vida sofre influências exógenas e endógenas, tal como outros tipos de movimentos migratórios (GUILMOTO; SANDRON, 2001).

Black *et al.* (2011) consideram que cinco *drivers* (condutores) resultam na decisão de migrar: econômicos, políticos, sociais, ambientais e demográficos. Relacionando esses *drivers* da migração e o turismo, pode-se fazer um paralelo entre as oportunidades de emprego geradas na hotelaria, restaurantes, agências de viagens, dentre outros; nas políticas de incentivos (incluindo tanto investimentos, quanto liberação de tráfego aéreo); o clima e a paisagem como atrativos para o novo local de moradia, e os relacionamentos afetivos que são gerados e podem constituir sólidos vínculos afetivos, como os casamentos entre pessoas de nacionalidade diferentes.

Por sua vez, De Haas (2010) enfatiza que a decisão migratória perpassa um conjunto de variáveis, que também são influenciadas pelas características pessoais, familiares e pelas barreiras ou mecanismos facilitadores que podem estar no destino, chamando assim a atenção para a importância das redes sociais.

Goldin, Cameron e Balarajan (2011), destacam ainda que as características pessoais também influenciam na decisão de migrar, tais como idade, sexo, nível de escolaridade, a riqueza e estado civil, bem como o contexto familiar. Esses aspectos são apontados tanto no nível micro – a nível individual ou familiar –, e meso – a nível de redes sociais e intermediários que ligam os potenciais imigrantes com oportunidades nos países de destino – podendo ser constadas de forma implícita, no tocante às barreiras que envolvem essa decisão, como custos, transporte, questões legais ou

administrativas, a presença de agências de recrutamento ou traficantes, redes sociais e diásporas.

Os elementos apontados pelos autores supracitados também se aproximam nas escolhas das viagens turísticas que sofrem diversas influências no seu momento decisório, entre os quais se destacam a faixa etária, a companhia e renda. O turista também vai avaliar as questões econômicas, políticas e ambientais tanto do seu país de origem quanto do destino (PANOSSO NETTO, 2005). Além disso, o mesmo pode viajar sem a intermediação de alguma agência e/ou agente, sendo ele próprio o executor da sua viagem.

Isto posto, esse tipo de deslocamento não se assemelha aos modelos econômicos da migração, mas assume particularidades que se distanciam das características migratórias tradicionais. Com isso, são configuradas diferentes causalidades e efeitos no seu processo, em que o lazer se faz presente nessa nova dinâmica. Essa discussão será realizada no próximo tópico.

4.3 (Re) Pensando o lazer no contexto da migração

O lazer é um fenômeno social, contextualizado local e historicamente, que se reconfigura nesse contexto hoje denominado de pós-modernidade (KELLY e FREYSINGER, 2000; MELO, 2013; GOMES, 2014b). Essas mudanças resultantes na contemporaneidade influenciam as categorias espaço e tempo, que sempre estiveram presentes nos debates sobre os estudos do lazer, embora prevalecesse o debate do tempo frente ao espaço (GOMES, 2011), devendo ser repensados frente a esse novo contexto.

Com relação ao espaço, as discussões suscitadas no campo do lazer remetem “a toda rede de equipamentos de lazer, vazios urbanos e áreas verdes de uma cidade” (PELLEGRIN, 2004, p.73), ou seja, engloba os locais onde as ações e experiências de lazer podem ser desenvolvidas. Porém, essa discussão pode ser avançada, já que uma das características que permeiam a produção do espaço é o lazer, que pode ser tanto uma estratégia de valorização mercadológica quanto uma experiência humanizante, uma vez que o ser humano é contraditório por natureza e o lazer por ser dialógico reflete essas tensões e ambiguidades.

Na atualidade, diante dos recursos tecnológicos, o espaço social não se limita ao espaço físico, sendo possível interagir com os amigos e parentes através da

internet e das mídias sociais, com o uso de um celular, *smartphone*, *tablet*, computador ou *notebook*, por exemplo.

Também através dessas novas tecnologias, pode-se acessar jogos; assistir programas de televisão, filmes e/ou séries; ler; ouvir música; visitar museus e outros equipamentos culturais; logo o espaço para o lazer ganhou uma outra dimensão, o da virtualidade, que só foi possível diante da:

[...] nova reordenação dos tempos sociais em função da telemática, em si um novo conceito, criado no final da década de 1970 para explicar o impacto que a informática tem na sociedade. Trata-se, em linhas gerais, do conjunto de tecnologias de transmissão de dados a serviço dos indivíduos, o que contempla, nos dias de hoje, cada vez maior integração entre mídias distintas, desde as tradicionais, como televisão, telefone, rádio, até as mais modernas, notadamente oriundas de recursos computacionais. (MELO, 2013, p.31).

Percebe-se assim, que na conjuntura atual faz-se necessário avançar ao pensar o lazer permitindo novos olhares diante dele.

No tocante ao tempo,

O lazer é construído no percurso hegemônico, num marco fundamentado numa transição de época que estabeleceu o trabalho como aspecto privilegiado das sociedades. Durante os séculos XIX e XX, reconstruiu-se uma interpretação do lazer idealizado, que apoia discursos críticos sobre o trabalho. Discursos econômicos que enfatizam o consumo e o mercado são constituídos a partir do estabelecimento do laboral como eixo central da vida social, sendo vital a concepção do não-trabalho para a própria qualificação do trabalho e do consumo. (CARDOZO, 2014, p.21-22).

Nesse sentido, o trabalho assume um aspecto principal na vida do indivíduo, sendo referência para as demais dimensões humanas, dessa forma ao se regularizar o tempo de trabalho se regularizou também o tempo de não-trabalho, ou seja, o tempo necessário para se recuperar e compensar as atividades laborais, bem como utilizado para realizar outras atividades distintas ao trabalho. (MARCELLINO, 2007; BACAL, 1988).

O cenário que situa o lazer na lógica de reprodução do capital se insere em um contexto de expansão do tempo de não-trabalho da sociedade moderna, simbolizado como um bem de consumo de primeira necessidade que se traduz como “cura para melancolia e *stress*, rejuvenescimento, realização de sonhos e reposição fundamental de energias” (MASCARENHAS, 2010, p. 156), vinculada em oposição ao trabalho cansativo, enfadonho e alienante.

Nessa perspectiva, ressaltam Portuguez e Rabelo (2001, p. 33), “os indivíduos vivenciam a ilusão da vida privada, quando na verdade têm seus hábitos e necessidades padronizados pelas grandes estruturas responsáveis pela reprodução do capital”.

Rodrigues (1997, p. 109) complementa que “o tempo livre torna-se um tempo social e o lazer torna-se um produto da sociedade de consumo, mercadoria que se vende e se compra”. Dessa forma, fundamentado nos princípios capitalistas, o lazer incorpora valores que ditam novos padrões/modelos de consumo e que tem dado ao espaço e à sociedade perspectivas diversas merecedoras de investigação científica. A esse respeito,

[...] o tempo livre se converte cada vez mais em tempo de consumo, motivo pelo qual este tem-se tornado cada vez mais objeto de investigação de muitas ciências. O tempo tem servido de parâmetro para se observar o comportamento dos consumidores para além da “escolha” dos lugares, pois as pessoas escolhem ainda o tempo que permanecerão consumindo. Não se trata somente de onde, mas de quando e por quanto tempo consumir (PORTUGUEZ, 2001, p. 7-8).

É, portanto, nessa perspectiva que o lazer se traduz em importante prática que, mediada pelo consumo nos moldes capitalistas, vem contribuindo para a valorização, transformação e refuncionalização do urbano em seu processo de produção, haja vista que o consumo do lazer lhes atribui um valor de troca.

Como se pode observar, essa discussão está sustentada no debate sobre “tempo livre”, esse tempo, do qual se exclui aquele dedicado ao trabalho, ou seja, ao tempo de não-trabalho, sendo bastante controverso e discutível por muitos pesquisadores do lazer. Para Bacal,

Tempo livre (TLv), enfim, é a denominação atual de uma parcela do tempo liberado do trabalho, entendido como *tempo de que o homem dispõe legalmente*. O significado desse *tempo livre* é estabelecido a partir, preponderantemente, do sistema de referência adotado para a valorização das atividades a ele relacionadas. (BACAL, 1988, p.16-17).

A investigadora acrescenta que o “tempo liberado (TLb) é constituído pela parcela subtraída ao tempo necessário. Sua concepção varia, no decurso dos diversos estágios da civilização, e, em algumas épocas históricas, é confundida com o conceito de *tempo livre*”. (BACAL, 1988, p.16). E o tempo necessário é aquele utilizado para atender as necessidades vitais do homem.

Percebe-se assim, que se tratam de conceitos confusos, faltando clareza nessas distinções que muitas vezes são utilizados como sinônimos, acrescentam-se a esses termos: tempo desocupado, tempo conquistado, tempo de obrigações, tempo ocioso e tempo disponível (MARCELLINO, 2007; CAMARGO, 1992; BRAMANTE, 1998; BOULLÓN, 2004).

Mas diante dessas classificações pode-se afirmar que na contemporaneidade essa visão fragmentada do tempo deve ser rompida, uma vez que o próprio não é mais tão linear, padronizado e centralizado ao mundo do trabalho. As inovações tecnológicas e os novos modos de produção – em que o trabalho assume uma maior liquidez, já que antes o capital tinha sede (empresa fixa), atualmente flutua (BAUMAN, 1998) – permitem novas configurações, sendo assim necessário repensar sobre o tempo nesse contexto.

Dessa forma, deve-se romper com essa ideia do tempo intimamente ligado ao trabalho produtivo que secundariza o lazer, colocando-o numa posição subalterna, supérflua, como uma simples compensação do trabalho ou como um produto a ser consumido. Tornando-se relevante reconhecer a importância do tempo para o usufruto do lazer em equidade com o trabalho, uma vez que, são duas práticas sociais necessárias para o ser humano.

Corroborando com essa perspectiva Vera *et al.* afirmam que,

No século XXI, o lazer- e a viagem turística como uma de suas expressões - será essencial para a 'nova' sociedade, seja entendida como pós-industrial, pós-fordista, do lazer, do consumo, do conhecimento, informacional ou com outras conotações. As fronteiras entre tempo livre e desemprego, trabalho parcial e desemprego parcial são progressivamente menos claras. Novos tempos sociais aparecerão e outros serão modificados, o que marcará a evolução dos modelos de vida. Nas condições da evolução social no final do século, o tempo livre não pode mais ser considerado como um 'complemento' do tempo de trabalho. E neste tempo livre, o tempo de lazer, em vez de enfraquecer, impregna e caracteriza, de várias formas, a maior parte do tempo humano. Além disso, os padrões de consumo mais recentes privilegiaram bens voláteis em detrimento de bens manufaturados. O protagonismo do lazer provocou, irreversivelmente, uma nova dinâmica de consumo caracterizada por limites imprecisos entre as diversas atividades (turismo, cultura, esporte, entretenimento, comércio, etc.). Isto implica que a cultura, o lazer e o turismo deslocaram a atividade laboral como o eixo do nível e das relações sociais.⁴³ (VERA *et al.* 2013, p.14).

⁴³ **Citação no original:** *En el siglo XXI el ocio – y el viaje turístico como una de sus expresiones – será esencial para la ‘nueva’ sociedad, sea entendida como postindustrial, postfordista, del ocio, del consumo, del conocimiento, informacional o con otras connotaciones. Las fronteras entre tiempo libre y paro, trabajo parcial y paro parcial son progresivamente menos claras. Aparecerán nuevos tiempos sociales y se modificarán otros que marcarán la evolución de los modelos de vida. En las condiciones de evolución social de finales de siglo, el tiempo libre ya no se puede considerar como un ‘complemento’*

Os autores ratificam a fluidez do tempo do lazer e do trabalho e os equiparam, como sendo ambos tempos sociais importantes para o homem. Eles também enfatizam como o lazer vem assumindo o protagonismo na sociedade contemporânea não apenas do ponto de vista do mero consumo, como também na vida social.

Nesse viés, Magnani (1998) e Santos (2000a) indicam que existem outras possibilidades de vivenciar o lazer fora da esfera do consumo, a partir de experiências populares, que podem contribuir com a emancipação dos sujeitos e um momento para fruição do tempo disponível.

Dessa forma, a compreensão de lazer precisa ir além dessa visão mercadológica, uma vez que o sujeito em determinados momentos assume posturas e experiências emancipatórias e, em outros momentos, uma postura mais acrítica e consumista, cabendo as duas experiências em diferentes contextos, ou seja, por um lado pode reforçar a ordem social vigente e por outro, despertar na sociedade uma postura transformadora, democrática, política, mais humanizante e humanizada.

Em outras palavras, é imprescindível distinguir e relativizar uma construção conceitual ocidental que define o lazer como antítese do trabalho, como tempo livre/liberado de variadas obrigações, ou ainda como ocupação do tempo livre muitas vezes atrelada ao consumo, de outras compreensões, ainda incipientes, que destacam a importância de reconhecer que o lazer é uma prática social da vida cotidiana que precisa ser situada em cada tempo/espaço social, e que, justamente por isso, integra diferentes culturas. (GOMES, 2014a, p.8).

Frente a esse cenário, a dicotomia entre trabalho-lazer, ócio-negócio ou qualquer outro tipo de oposição precisa ser repensada. Além disso, o lazer precisa ser compreendido como uma prática social complexa e que tem suas particularidades em cada contexto local e temporal, como ressaltado na citação anterior, devendo ser situado historicamente.

A autora avança essas reflexões ao compreender o lazer “[...] como uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social” (GOMES, 2011, p.17). Logo, entendendo-o como necessidade torna-se algo imprescindível ao homem e enquanto dimensão da cultura, entende-se que o mesmo é construído socialmente e inserido em

del tiempo laboral. Y en este tiempo libre, el tiempo de ocio, en vez de debilitarse, impregna y caracteriza, bajo diversas formas, la mayor parte del tiempo humano. Además, las pautas de consumo más recientes han privilegiado los bienes volátiles en detrimento de los bienes manufacturados. El protagonismo del ocio ha provocado, de manera irreversible, una nueva dinámica de consumo caracterizada por unos límites imprecisos entre diversas actividades (turismo, cultura, deporte, espectáculo, comercio, etc.). Ello implica que la cultura, el ocio y el turismo han desplazado a la actividad laboral como eje del nivel y las relaciones sociales.

todo o seu contexto de vida. Nessa concepção de lazer, pode-se destacar três elementos que se inter-relacionam e são fundamentais para o seu entendimento: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social.

O primeiro elemento refere-se à ludicidade, sendo esta entendida como uma expressão humana, onde o sujeito criador se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo (DEBORTOLI, 2002). Podendo ser manifestado de diversas formas, já que é linguagem e capaz de promover diversos tipos de emoções.

Sobre as manifestações culturais, podem ser consideradas uma série de vivências e práticas sociais que podem suprir a necessidade de fruição do lazer e variam e acordo com cada contexto histórico. Pode-se salientar a festa, o cinema, as viagens, a dança, meditação, pintura, dentre tantas outras. Corroborando com essa perspectiva:

Obviamente, as variadas manifestações culturais são possíveis de transformação e são influenciadas por distintas sociedades e culturas, especialmente em um mundo globalizado. Por isto, o lazer não se refere apenas as práticas chamadas tradicionais ou folclóricas, mas também a todo tipo de prática social geralmente considerada como moderna e emergente. Entre elas, por exemplo, podem ser citadas as experiências ligadas à virtualidade, os novos gostos musicais, estilos de festas ou determinadas atividades que para uma pessoa de outra geração ou de outra cultura podem não ser compreendidos⁴⁴. (GOMES, 2014b, 364-365).

O interessante nessa proposta (GOMES, 2011; 2014b) é que a compreensão de manifestações culturais avança diante da perspectiva dos interesses culturais propostos por Dumazedier⁴⁵ (1979), já que trata numa visão não-compartimentada, integradora local e globalmente, assumindo múltiplos significados. De toda maneira, não se pode negar a contribuição desse autor para os estudos do lazer.

Dentre as diversas manifestações culturais vivenciadas ludicamente, destaca-se a viagem, e precisamente o turismo, que tal como afirma Boyer (2003, p.8),

⁴⁴ **Citação no original:** *Obviamente, las variadas manifestaciones culturales son posibles de transformación y son influenciadas por distintas sociedades y culturas, especialmente en un mundo globalizado. Por esto, el ocio no se refiere solamente a las prácticas llamadas tradicionales o folclóricas, sino también a todo tipo de práctica social generalmente considerada como moderna y emergente. Entre ellas, por ejemplo, pueden ser citadas las experiencias ligadas a la virtualidad, los nuevos gustos musicales, estilos de fiestas o determinadas actividades que para una persona de otra generación o de otra cultura pueden no ser comprendidos* (GOMES, 2014b, 364-365).

⁴⁵ Dumazedier (1979) por conceber o lazer em oposição ao trabalho e modo bastante fragmentado, categorizou o lazer em cinco interesses culturais: artísticos, manuais, físicos-desportivos, intelectuais e sociais. Posteriormente, Camargo (1992) inseriu os interesses turísticos e Schwartz (2003) incrementou essa categorização ao inserir os interesses virtuais – que envolve as mídias sociais, aplicativos de celulares, *smartphones* e *games*.

“[...] à semelhança de outras atividades gratuitas e lúdicas do homem, reflete a civilização e o estado de uma sociedade”.

Ainda para fundamentar essa proposta de estudo, cabe destacar mais um entendimento que norteará sua análise: a definição de equipamentos de lazer, que permeiam as escolhas das vivências dos indivíduos. No tocante aos equipamentos de lazer, as tipologias mais difundidas são as propostas por Marcellino (1996) e Camargo (1992), que dividem em: específicos (criados com a finalidade de vivenciar o lazer) e não-específicos (podem ser utilizados para se vivenciar o lazer, mas não foi criado com essa finalidade); quanto à gestão (público, privado, semipúblico e semiprivado); à dimensão (pequeno, médio e grande porte); finalidades programáticas (de acordo com interesse ou grupo/segmento específico). Dessa forma, conhecer a classificação dos equipamentos e as manifestações de lazer contribuirá para avançar nas discussões sobre a migração orientada pelo lazer, na criação de novos territórios e redes para estabelecer suas práticas sociais.

Além desses aspectos, ressalta-se que o lazer é um direito garantido pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pelos artigos 6º e 227º, podendo ser ampliado ao imigrante, uma vez que, segundo o artigo 5º da mesma Constituição, o mesmo deve ter os seus direitos garantidos pelo Estado, dessa forma o lazer deve ser para todos.

Frente ao exposto, observa-se a dimensão e o alcance dessa prática social, dessa forma o entendimento do lazer quando se qualifica a um tipo de migração específico, deve ser considerado como uma busca dos imigrantes em satisfazer ou melhorar esse tipo de experiência e até associá-lo/fundi-lo ao tempo de trabalho. Uma vez que o lazer se reconfigura diante de um tempo-espço social, menos rígido e estruturado e de divisões de trabalho menos sistemáticas. Segundo Bauman (1998) a fronteira entre a hora do trabalho e a do lazer, do escritório e da família, foi apagada, apresentando assim, outras possibilidades para se pensar o lazer.

É interessante destacar ainda que o lazer por muitas vezes foi relacionado a um tempo improdutivo, inútil, que não é sério, acrítico, ocioso e na medida em que se torna um motivador para as mobilidades assume um valor de destaque, onde se é possível desfrutar dessa experiência sem constrangimentos ou preconceitos, mas como uma prática importante no desenvolvimento dos sujeitos.

E embora, esse lazer buscado pelo imigrante possa tanto se relacionar na busca do consumo – quer seja do litoral, da paisagem, do divertimento ou descanso –

como também ligado a experiências subjetivas, de bem-estar, que buscam um autodesenvolvimento, em se ter maior fruição do seu tempo e assim, uma melhor qualidade de vida; em ambos os casos, admite-se a importância do lazer na vida contemporânea, como um espaço privilegiado e que ressignifica as relações com o trabalho, dando-lhes uma importância análoga, onde o trabalho tem o seu papel e o lazer tal qual, e essa é a grande diferença ao se pensar nesse tipo de experiência migratória.

Dessa forma, quando se assume a importância do lazer na vida de cada pessoa, rompe-se com a dualidade entre lazer e trabalho, entre materialidade e subjetividade, melhor e pior, - considerando ambos como complementares e que são condições essenciais para a totalidade da vida humana (WERNECK, 2008). É nesse sentido que se torna essencial pensar a migração orientada pelo lazer.

Ratifica-se assim, que essa migração é um reflexo da Pós-Modernidade, pois o lazer nesse contexto busca romper com determinadas fronteiras (teóricas e espaço-temporais) e dicotomias, promovendo a compressão do espaço-tempo, estimulando a alta mobilidade, novos estilos de vida, privações para os excluídos/refugiados, assumindo uma cultura híbrida e valorizando o consumo (BAUMAN, 1998; HARVEY, 2010; GIDDENS, 1991).

Como esses imigrantes se relacionam e estabelecem redes e produzem territórios será o cerne da discussão do próximo capítulo. O mesmo fundamentar-se-á no cruzamento de áreas como a Geografia e a Sociologia, amparando-se no reconhecimento do estreito vínculo entre os conceitos de território e rede.

5 TECENDO TERRITORIALIDADES E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

No processo de constituição histórica do ser humano, há (re)organização e criação de novas estruturas de convívio em sociedade, desde a formação de tribos, feudos, vilarejos, quilombos, impérios e Estados-Nação. Independente da configuração da coletividade, cada uma produz seus territórios, estabelece relações de poder econômico, político e/ou simbólico de acordo com o seu tempo e sua cultura. Nesse sentido, “cada sociedade produz seu (s) território(s) e territorialidade(s), a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas” (HAESBAERT, 2004, p.24).

Para entender a produção do território e territorialidade pela sociedade, primordialmente se faz necessário discutir esses conceitos. Raffestin (1993) explica que o território deve ser compreendido como o espaço socialmente apropriado, produzido e dotado de significado. Para haver o território é necessário o espaço, pois o primeiro está contido no segundo. Ou seja, o espaço é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 1997, p.51). O espaço torna-se território a partir do momento em que os sujeitos, formados pelas suas diferentes práticas sociais, se apropriam dele e o produzem dialeticamente.

Dessa maneira,

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma **apropriação** que incorpora uma **dimensão simbólica, identitária** e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, **afetiva**. (HAESBAERT, 1997, p.41, grifo nosso).

Embora o autor defenda que o território pode ser definido em termos políticos, referentes à ação do Estado; e em termos econômicos, associado à apropriação econômica dos espaços, derivada da divisão territorial do trabalho e da luta de classes; destaca também em termos culturais, identificado com relações simbólicas – individuais ou coletivas – com o espaço.

Neste estudo, se destaca essa dimensão simbólica, que envolve a questão dos sentidos, da subjetividade e do afeto manifestados pelos sujeitos ou grupo social que perpassa todo o processo de produção do território, indo além das relações de poder político e/ou econômico e de dominação estabelecidas entre eles.

Já a territorialidade constitui-se por meio do significado das ações e relações desenvolvidas pelos próprios sujeitos que produziram e/ou que pertencem a determinado território. Sack (1986, p.6) considera a territorialidade como “a tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Esta área será chamada território”. Embora o autor destaque o caráter de dominação que a territorialidade assume, a mesma adquire uma relativa flexibilidade, na medida em que se modifica conforme a posição dos atores e de determinados grupos sociais no território, bem como nas relações de domínio e apropriação estabelecidas por eles.

Com essa compreensão, Sack (1986) mostra a mobilidade inerente aos territórios, ou seja, desmistifica a concepção largamente difundida de algo paralisado, imóvel, fixo, ou dotado de grande estabilidade no tempo. O autor aponta que o território não é permanente, pois, se modifica conforme a atuação e interferência dos agentes sociais que o reorganizam conforme a atuação desses sujeitos, seus pares e/ou fatores externos.

Frente esse cenário constata-se que o território é dinâmico, passando por um processo contínuo de (des) (re) territorialização, o qual,

[...] a territorialização implica [...] um conjunto codificado de relações [...], a desterritorialização é, em primeiro lugar, o abandono do território, mas também pode ser interpretada como a supressão dos limites, das fronteiras [...]. A reterritorialização [...], pode ocorrer sobre qualquer coisa, através do espaço, a propriedade, o dinheiro etc. (RAFFESTIN, 1984, p.74).

Dessa forma, a territorialização representa o enraizamento de processos locais, que não podem ser rapidamente criados e imitados em localidades que não os desenvolvem. Em contraposição, na desterritorialização, há o desenraizamento, as atividades se tornam menos dependentes de recursos, práticas e interdependências específicas de um local, mas remete-se aos fluxos, às redes, e essas relações se movimentam em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias, criando novas formas de apropriação dos territórios, o chamado processo de reterritorialização.

Ressalta-se que são processos complementares, devendo ser pensados de forma análoga. Além disso, o que pode ser desterritorialização para certo indivíduo ou grupo social, na verdade, pode significar reterritorialização para outros e o que surge como desterritorialização em uma escala ou nível espacial pode aparecer como reterritorialização em outra (HAESBAERT, 2007).

Seguindo essa linha de interpretação:

A desterritorialização é entendida como a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território. Novas territorialidades ou re-territorialidades, por sua vez, dizem respeito à criação de novos territórios, seja através da reconstrução parcial, *in situ*, de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial, em outros lugares, de um território novo que contém, entretanto, parcela das características do velho território: neste caso os deslocamentos espaciais como as migrações, constituem a trajetória que possibilita o abandono de velhos territórios para os novos (CÔRREA, 1996, p.252).

Nesse contexto observa-se uma dinâmica eminentemente relacional e metamórfica, com resultados em níveis relacionais e multiescalares. Conforme o supracitado autor, a produção dos novos territórios pode acabar com um território, bem como pode criar o novo dialogando com o velho, o moderno com o tradicional ou até mesmo suprimir o antigo.

Destaca-se ainda na citação de Côrrea (1996) o importante papel das migrações nesse processo de reterritorialização, bem como o poder dos migrantes enquanto produtores de novos territórios e suas influências no destino, à medida que manifestam suas expressões culturais e estabelecem suas práticas sociais, como a inserção no mercado de trabalho. Esse processo diz respeito até mesmo à exclusão socioespacial, marcada por rejeição e xenofobia, e todos esses fatos contribuem para o reordenamento territorial. Consta-se, assim, uma relação direta entre o processo migratório e a produção de territórios.

Com esse processo permanente do território de “tornar-se” e “desfazer-se” para “refazer-se” (HAESBAERT, 2007), o migrante se desterritorializa do seu local de origem e se reterritorializa no local de destino não apenas no sentido físico, mas num sentido relacional, complexo, imbricado por questões político-econômicas e socioculturais.

Sobre os movimentos migratórios, esse autor alerta que a migração não se trata exclusivamente de um processo desterritorializante, podendo ser visto como um processo em diversos níveis de desterritorialização. Há uma gama de motivações que propulsionam os deslocamentos e as singularidades não devem ser generalizadas.

[...] podemos dizer que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. Com isso, falar genericamente em migração torna-se temerário – somos sempre obrigados a qualificá-la. Assim como os processos de des-territorialização podem ser multidimensionalmente caracterizados, o mesmo ocorre com as migrações, com a importante constatação de que também se trata de processos internamente diferenciados – por exemplo, a análise da des-territorialização

depende do momento em que a trajetória do migrante está sendo analisada. Além disso, há migrações ditas “econômicas” vinculadas à mobilidade pelo trabalho, migrações provocadas por questões políticas e outras por questões culturais ou ainda “ambientais”. Para completar, categorias como as de refugiado e exilado muitas vezes são confundidas com a de migrante, sendo muitas as situações ambíguas ou de entrelaçamento. (HAESBAERT, 2007, p.246).

Não é necessariamente devido ao deslocamento do território de origem – por meio de movimentos internos ou internacionais – que os migrantes se tornam automaticamente desterritorializados. Eles podem reterritorializar-se no local de destino e essa desterritorialização e/ou reterritorialização vai depender principalmente da causa dessa migração.

Conforme afirmou Haesbaert (2007), a motivação influenciará diretamente no ato decisório de migrar, na trajetória realizada, na adaptação no novo território e nas relações mantidas tanto no país de origem, como de destino. Além disso, o processo de desterritorialização, por ser dinâmico, pode aparecer em distintas fases na história migratória de determinado grupo social.

Partindo dessas reflexões pode-se compreender que independentemente do tipo de migrante que se considera, o processo de desterritorialização não será igual em todas as localidades ou grupos sociais. Ele será pleiteado, perpassado por embates e disputa de poderes – políticos, econômicos, simbólicos e ambientais – entre os *outsiders* (migrantes) e o *insiders*⁴⁶ (nativos e residentes), que resultará num novo território, híbrido e diferenciado em cada destino migratório.

O imigrante que se coloca neste estudo, discutido no tópico anterior, é aquele orientado pelo lazer, que se desloca antes de tudo pela busca de um novo estilo de vida e, geralmente, não apresenta limitações econômicas, detendo condições privilegiadas para se deslocar. Esse sujeito carrega consigo uma maior capacidade de “controle” do seu espaço, ou seja, à sua reterritorialização – o que inclui também, as relações que ele continua mantendo com o espaço de partida.

Isso porque, na maioria das vezes, o imigrante orientado pelo lazer se locomove com mais facilidade e maior liberdade para escolher onde decide residir, dispõe também de recursos financeiros e tecnológicos para manter relacionamentos com seu país de origem, conectado com seus amigos e familiares e estabelecendo novos vínculos no destino. Essa particularidade se distancia de quem migra por razões

⁴⁶ Os termos *outsiders* e *insiders*, de origem inglesa, também são utilizados para representar respectivamente os forasteiros e os nativos, ou melhor, àqueles que ali viviam em determinada localidade, foi bastante utilizado por Becker (2008).

primordialmente econômicas, pois, sua meta é buscar trabalho e enviar remessas ao seu país de origem. Sendo assim, é possível perceber níveis de desreterritorialização distintos para cada grupo social, evidenciando que tal processo é influenciado primordialmente pela motivação da migração.

Nesse sentido, Haesbaert (2007, p.250) adverte que “[...] precisamos, em primeiro lugar, distinguir entre a desterritorialização dos grupos dominantes e a desterritorialização das classes mais expropriadas”. Em outras palavras, as formas de deslocamento e trajetória migratória para os mais abastados da sociedade distanciam-se daquela realizada pelos sujeitos que o fazem para sobreviver.

Além disso, Haesbaert (2007) continua seu pensamento ao afirmar que quem tem menos controle/escolha em se movimentar e para onde se movimentar, está mais vulnerável à desterritorialização. Em contrapartida, aqueles que possuem mais condições e liberdade de escolha se territorializam com mais facilidade. Neste caso, os imigrantes orientados pelo lazer têm um maior poder de (re)territorialização quando comparado a outros tipos de imigrantes, principalmente do ponto de vista econômico, porém considerando a dimensão simbólica requer maiores aprofundamentos.

O autor pondera que “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2007, p.280). Sendo assim, nessa concepção de territorialização, a rede torna-se um elemento constituinte do território, onde as relações sociais dão significado e funcionalidade ao espaço, tornando-o território em si.

Nessa perspectiva de um território rizomático, deve-se reconhecer que os indivíduos e as instituições estão ligados através de uma diversidade de relações e envolvidos em vários domínios de trocas, formando assim a rede (BURT, 2000).

Sorensen (2007) complementa essa ideia ao definir redes sociais como um conjunto de pessoas ou organizações conectadas através de uma série de relações sociais de um determinado tipo, como por exemplo de trabalho ou de amizades.

No seio desse processo, a rede social vai sendo tecida por dois elementos centrais: os atores, que podem ser pessoas, organizações ou grupos, e suas relações sociais, ou laços, que ligam os atores por meio da interação estabelecida entre eles. Os laços são, portanto, os vínculos relacionais existentes entre os atores (BRANDÃO, 2010).

Avançando nessa discussão, compactua-se com a visão de que a rede é dinâmica e que os atores se movimentam continuamente. Reiterando, o resultado dessas

interações interfere no processo de desterritorialização, ou seja, os tipos de laços criados, o posicionamento dos atores dentro da rede e a densidade das mesmas afetará e será afetado diretamente nesse processo (BURT, 1992; LAZEGA; HIGGINS, 2014).

Como se pode perceber, as redes são tecidas e desfeitas continuamente, em um processo dinâmico e contínuo. E como as redes constituem mutuamente os territórios, as mudanças nas relações alteram a dinâmica territorial, condicionando e sendo condicionado, num processo recursivo.

Haesbaert (2007, p.350) enfatiza, ainda, que:

[...] não é simplesmente uma “coisa” que se possui ou uma forma que se constrói, mas, sobretudo uma relação social mediada e moldada na/pela materialidade do espaço. Assim, mais importantes do que as formas concretas que construímos são as relações com as quais nós significamos e “funcionalizamos” o espaço, ainda que num nível mais individual. [...] não se trata simplesmente de priorizar o expressivo sobre o funcional, mas de reconhecer sua permanente imbricação.

Isso não significa que as relações sociais sejam distintas da materialidade, significa pensar o território com menos superfície e mais fluxos, com menos materialidade e mais imaterialidade. Ou seja, compreendê-lo para além de uma unidade espacial ou de uma área física delimitada, com feições mais reticulares que, pouco a pouco, vão sendo tecidas em uma rede de relações sociais.

Sobre a rede, Cruz (2007, p. 29) sublinha que apesar desse conceito reunir,

[...] em um único verbete um universo de atividades e de lugares, esse universo não tem nada de homogêneo. Primeiro, porque o espaço sobre o qual se instalam as redes é heterogêneo; segundo, porque as redes, por si só, são heterogêneas. Portanto, embora as redes se aprofundem e se espriem pelo planeta com o processo de globalização, eventuais processos homogeneizantes que elas carreguem consigo, como verticalidades que se impõem aos lugares, são relativizados pelas horizontalidades, histórica e localmente edificadas.

A autora alerta para o uso indiscriminado do termo rede, já que nem tudo é rede e nem todas as redes se manifestam em territórios, destacando a diversidade constituída da própria rede e suas relações ao mesmo tempo globais e o locais.

Nesse sentido, Santos (1996), elucida que as redes são virtuais e também reais; são técnicas e também sociais, por vezes estáveis, mas também dinâmicas.

Mediante as redes, há uma criação paralela e eficaz da ordem e da desordem no território, já que as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. Quando ele é visto pelo lado exclusivo da produção da ordem, da integração e da constituição de solidariedades espaciais que interessam a certos agentes, esse fenômeno é como um

processo de homogeneização. Sua outra face, a heterogeneização, é ocultada. Mas ela é igualmente presente (SANTOS, 1996, p.222).

Logo, as redes apresentam um movimento dialético de oposições, confrontos e alianças - incluindo os sistemas de poder - que interferem em todos os níveis. Dessa forma, deve-se ter cuidado com generalizações, compreendendo e investigando os territórios e as redes de modo contextualizado local e historicamente. Pela sua dinamicidade, cada rede apresenta diferentes configurações, e, conforme a atuação dos atores sociais, interferirá substancialmente na sua formação.

A discussão proposta abordou aspectos referentes às imbricações entre territórios e as relações sociais principalmente no âmbito migratório. Considera-se que, em um contexto de interdependência da rede, fortalecimento dos laços e criação de territórios, as informações têm mais fluidez. Em decorrência disso, podem estimular novos fluxos migratórios e turísticos, no caso da migração orientada pelo lazer.

Sabe-se que o processo migratório, independentemente de sua causa, estabelece inúmeras relações entre os sujeitos: entre aqueles que migram e os que permanecem, entre os migrantes e não-migrantes no destino, bem como entre os migrantes e outros migrantes que residem na localidade receptora, por exemplo. Redes sociais já existiam no país de origem; novas redes são estabelecidas com a decisão de migrar e são tecidas no contínuo processo de ser migrante, reconfigurando-se com o passar do tempo e com a criação de novos territórios. Como processo social, a migração implica a presença de uma complexa estrutura social que, em geral, vai além do contexto migratório.

A teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. (SOARES, 2002, p.21).

A rede migratória é constituída por laços criados entre os países de origem e destino, ou seja, tanto entre as regiões bem como entre os sujeitos que as formam. Essa discussão é aprofundada por Fazito (2010). Para esse autor, o sistema de migração se define pela associação e sobreposição dessas duas redes, as quais ele denomina de “redes de fluxos” e “redes sociais”, devendo ser pensadas de modo complementar.

A rede de fluxos refere-se ao agregado estatístico da população de indivíduos que se deslocam entre duas regiões distintas (é o simples somatório dos deslocados que representam os vínculos entre duas regiões tomadas como nós da rede). A rede social refere-se não ao agregado, mas à estrutura social

composta das relações sociais cotidianas entre as diversas pessoas, migrantes e não-migrantes, de uma dada comunidade. (FAZITO, 2010, p. 97-98).

Assim, no primeiro caso, considera-se a rede dos fluxos migratórios entre duas ou mais regiões, onde essas regiões serão os nós e os laços as relações estabelecidas entre elas. No segundo caso, os migrantes, não-migrantes e instituições são considerados os nós, e as interações entre esses atores das mais diversas dimensões das relações sociais formam a rede, sempre contextualizada histórico-temporalmente.

O foco deste estudo, como já foi explicitado, incide sobre as redes sociais dentro do contexto imigratório. Sendo assim, quando se apresenta a rede social de imigrantes já se define quem constitui o social, ou seja, os imigrantes. Compreende-se que os imigrantes (nós) que formam essa rede estão ligados por uma multiplicidade de relações: de amizade, de trabalho, política ou religiosa, entre outras. Esses vínculos podem ter sido estabelecidos intencionalmente, informalmente ou serem oriundos de outros contextos. Contudo, seus efeitos são visíveis através das relações com o Estado, com a sociedade e com outras instituições representativas (ACIOLI, 2007).

Vale salientar que essas relações se encontram em constante interação e transformação. Para Fazito (2002, p.214), as relações promovidas pelos nós na rede “podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não-lineares (relações emergentes)”. Além disso, as redes podem se modificar ao longo do tempo mediante a inserção de novos atores e de fatores externos (HAGAN, 1998).

Outra característica marcante das redes é o posicionamento desses “nós”.

A estrutura geral e as posições dos atores nessas redes moldam as suas ações e estratégias (constrangendo inclusive as alianças e confrontos possíveis), ajudam a construir as preferências, os projetos e as visões de mundo (já que esses “bens imateriais” também circulam e se encontram nas redes) e dão acesso diferenciado a recursos de poder dos mais variados tipos, que em inúmeros casos são veiculados pelas redes (desde *status* e prestígio até recursos mais facilmente mensuráveis, como dinheiro e informação) (MARQUES, 1999, p.46).

Portanto, percebe-se que as redes são estabelecidas por uma miríade de motivações que objetivam socializar esses atores, trabalhando com a ideia de troca de informações, bens materiais e simbólicos, sendo influenciado de acordo com a posição que os atores assumem. Fazito (2002) ressalta que além dessas trocas, as redes são estratégias de sobrevivência e de sustentabilidade dos envolvidos no processo migratório, pela sua inerente capacidade de ser tecida e destecida, se adaptando e sendo adaptada às condições impostas – por exemplo, a remoção de algum ator na rede.

Diante dessa complexidade, Marques (1999) aponta que para cada tipo de interação entre os nós existe uma rede diferente, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo. Além disso, segundo o autor, a rede não é consequência apenas das relações que de fato existem entre os atores. Ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores, o que Burt (1992) denomina de buraco estrutural. Ou seja, a não-relação de determinados atores também interfere na dinâmica da rede.

Cabe destacar que essas relações sociais apresentam forma e conteúdo;

O conteúdo é dado pela natureza dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva etc.); e a forma da relação compreende dois aspectos básicos: i) a intensidade ou a força do laço entre dois atores; e ii) a frequência e o grau de reciprocidade com que esse laço se manifesta. Logo, conceitualmente, duas relações de conteúdo distinto podem apresentar formas idênticas (SOARES, 2002, p.27).

É importante relacionar esses fundamentos com os laços criados pelos imigrantes com o intuito de vivenciar o lazer. Para isso, a rede será feita por imigrantes (seja ou não em parceria com os residentes), para imigrantes, o que gera territórios de lazer que se potencializam paulatinamente. As redes sociais dos imigrantes para desenvolver o seu lazer extrapolam limites físicos e favorecem o estabelecimento de inter-relações com o lugar de destino, o que pode ser potencializado com o uso das novas tecnologias e da Internet.

Acredita-se que essa rede de lazer, de certa maneira, fortalece o grupo de imigrantes, reafirma suas identidades, ratifica o motivo de sua migração e propicia a troca de informações sobre o destino e o país de origem. Essas interações, no entanto, também pressupõem situações de constrangimentos, tensões, conflitos, contradições e oposições, como observa Fazito (2002).

Assim, corroborando com Soares (2002), a rede social dos imigrantes pode assumir um efeito multiplicador – onde cada novo imigrante origina grande reserva de imigrantes potenciais,

a contribuição das análises das redes sociais para a teoria das migrações seria de que, uma vez estabelecidas, podem indicar tendências nos fluxos migratórios, pois os grupos estão inclinados a migrar para lugares onde possuem contatos prévios: amigos, parentes e conterrâneos. (SOARES, 2002, p.23).

Pode-se ampliar essa visão dentro do contexto das migrações orientadas pelo lazer, que além da perspectiva de aumento do fluxo migratório, esse tipo de migração também possibilita a geração de turistas em potencial.

Por fim, percebe-se que a migração e o turismo geram consequências tanto em nível global quanto local. Daí a necessidade de pensá-los de modo articulado, uma vez que são fenômenos recursivos, que se interpenetram, têm interdependência e podem fazer surgir possibilidades de novas interações, e conseqüentemente, novas formas de compreender os conceitos e as dinâmicas desses deslocamentos.

6 SER IMIGRANTE NO LITORAL TURÍSTICO POTIGUAR

“Moro num país tropical
 Abençoado por Deus
 E bonito por natureza (mas que beleza)
 (...)

Sou um menino de mentalidade mediana
 (Pois é) mas assim mesmo sou feliz da vida
 Pois eu não devo nada a ninguém
 (Pois é) pois eu sou feliz
 Muito feliz comigo mesmo
 (...)”

(Pais Tropical, Jorge Ben)

“Brasil, terra boa e gostosa
 Da moreninha sestrosa
 De olhar indiferente.
 (...)

Esse Brasil lindo e trigueiro
 É o meu Brasil Brasileiro,
 Terra de samba e pandeiro.
 Brasil!... Brasil!... Pra mim... Pra mim...”

(Aquarela do Brasil, Ary Barroso)

Canções como “Aquarela do Brasil”, um clássico do compositor e cantor mineiro Ary Barroso, originalmente gravada em 1939, e regravada por grandes artistas como Carmen Miranda, Frank Sinatra e João Gilberto; e, “País Tropical”, composta pelo carioca Jorge Ben, gravada por Wilson Simonal em 1969, e posteriormente cantada pelo próprio compositor e por outros cantores, como Gal Costa, Ivete Sangalo e Shakira, enaltecem as belezas do Brasil.

Ao retratar as belezas naturais e alguns traços culturais da população brasileira (tais como a religiosidade, a festa e a alegria contagiante do povo), e valorizar a beleza da mulher brasileira, músicas como essas ajudaram a criar no imaginário coletivo uma ideia de Brasil. Propagada por músicas e por outras formas de expressão, essa imagem ecoou para além-mar, podendo ser fonte de inspiração e convite para muitos sujeitos que desejavam encontrar um lugar paradisíaco para viver.

A imagem implícita nos versos das músicas que abrem este capítulo corresponde ao que foi comentado pelos imigrantes em algum momento das entrevistas. Essa imagem idealizada diz respeito aos brasileiros, às brasileiras, ao Brasil e também à região Nordeste do país. Ressalta-se que não corresponde ao Nordeste da seca, da pobreza e do sofrimento, mas àquele da costa litorânea turística, com belas praias e dunas, águas mornas, clima agradável e gente amistosa.

Algumas dessas representações foram lembradas pelos estrangeiros que decidiram residir no litoral oriental potiguar. A partir dessa decisão, essas pessoas traçaram uma nova trajetória, outras cotidianidades, influenciaram e foram influenciados pela dinâmica sociocultural, política e econômica local.

Sendo assim, o objetivo deste capítulo é apresentar as motivações que interferiram na decisão dos estrangeiros de residir no litoral oriental potiguar, bem como analisar as influências dessa migração na geração de novas mobilidades no Rio Grande do Norte.

6.1 Quem são esses imigrantes?

Quem são esses imigrantes e quais os interesses para a migração ao litoral turístico potiguar? Assumindo essas questões como ponto de partida, neste tópico serão apresentados os resultados dos dados sociodemográficos dos 31 estrangeiros pesquisados, uma vez que diferentes variáveis (idade, sexo, estado civil e grau de escolaridade) podem influenciar os interesses do imigrante. O interesse principal dessa migração será analisado e, como a escolha do novo destino se dá por um conjunto de fatores que agregam valor na tomada de decisão final, outros aspectos também serão discutidos.

Vale salientar que o perfil dos entrevistados será analisado pelo viés qualitativo. Embora o número de entrevistados nesta pesquisa não componha uma amostra expressiva da população de migrantes internacionais no Rio Grande do Norte, suas características apontam algumas tendências do processo migratório e suas relações com o fenômeno turístico internacional no litoral potiguar.

Considerando a nacionalidade dos entrevistados, 14 são italianos, 10 são espanhóis e 7 são portugueses. Essas nacionalidades convergem para os três principais países europeus emissores de imigrantes e turistas internacionais para o Rio Grande do Norte (IBGE, 2012; BRASIL, 2015).

Com relação ao sexo, 27 são homens e apenas 4 são mulheres. Essa diferença de sexo entre os entrevistados confirma os estudos de Benson e Osbaldiston (2016), que afirmam que esse tipo de migração é predominantemente realizado por homens brancos. Fernandes, Castro e Knup (2014) corroboram com essa perspectiva,

segundo seus estudos, as recentes migrações no Brasil são realizadas por um número masculino bem superior ao feminino.

No que se refere à faixa etária, 25 entrevistados são adultos e encontram-se em idade laboral, e apenas 6 são considerados idosos no Brasil, com idade acima de 60 anos.

Sobre o estado civil dos entrevistados, 16 estão casados, uma pessoa vive em união estável, 8 são separados/divorciados e 6 são solteiros. Entre os 16 estrangeiros casados, enquanto 3 possuem cônjuges europeus, 13 têm cônjuges brasileiros. Alguns disseram que um dos motivos que fizeram com que se mudassem para o Rio Grande de Norte foi a situação conjugal, como foi explicado neste depoimento, por exemplo: “Cheguei em Natal, porque estou casada com um brasileiro” (Veneza, 56, F, ITA). Em outros casos, o casamento foi um fator chave na migração. Essa discussão será retomada mais adiante, quando os perfis dos imigrantes no destino potiguar forem detalhados.

Considerando o grau de escolaridade dos imigrantes os dados revelaram que mais da metade dos entrevistados (18) tem estudo superior, o que contribui diretamente com a obtenção de melhores oportunidades profissionais, pois, pessoas qualificadas têm mais chances de inserção no mercado de trabalho local. Interessante destacar ainda, que as 4 mulheres entrevistadas são graduadas.

As carreiras mais citadas foram Engenharia, Administração de Empresas e Turismo, áreas diretamente relacionadas com o setor turístico e/ou imobiliário, ponto forte da economia potiguar no período de chegada desses imigrantes. Quanto aos demais entrevistados, 9 tem estudos secundários e 3 realizaram curso técnico.

Quando perguntados sobre o exercício de atividade laboral, 27 entrevistados estão trabalhando no Brasil e 4 não exercem nenhum tipo de atividade remunerada (um deles vive de renda, um está aposentado, outro desempregado, e uma estrangeira é “dona de casa”).

Considerando as atividades desenvolvidas pelos estrangeiros que trabalham, identificou-se que a área de atuação profissional corresponde com a área de formação acadêmica. 16 dos 27 entrevistados que trabalham se autodenominaram empresários: alguns atuam no setor de Alimentos e Bebidas (4); outros no setor de hotelaria (2); na construção civil (3); na hotelaria/construção civil/setor imobiliário e/ou administração de imóveis de outros estrangeiros (4), construção civil e setor imobiliário (2), e um trabalha com eventos.

Todas essas atividades empresariais têm relação direta com o setor do turismo e/ou imobiliário, que são um ponto forte da economia potiguar. Essa inserção profissional também diz respeito aos demais estrangeiros.

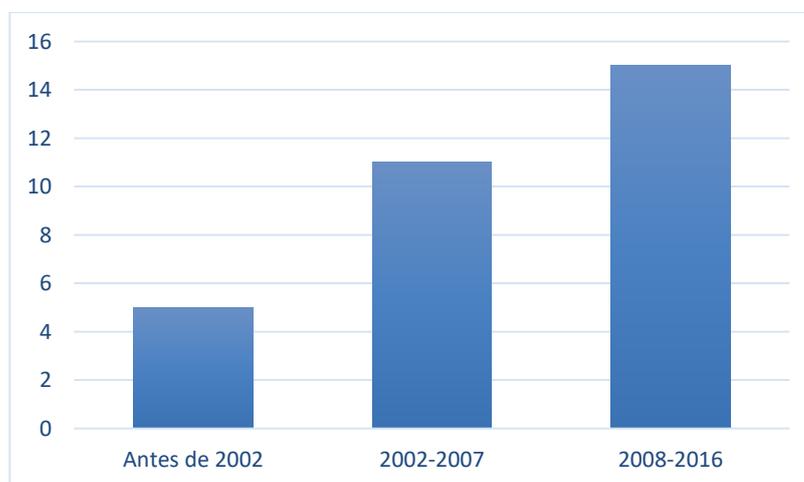
Cinco dos imigrantes desempenham funções de gerentes ou diretores, e também estão majoritariamente inseridos na área do turismo, seja como gerente geral de um hotel de bandeira internacional, gerente de pousada, diretor executivo de um parque aquático e investidor no Rio Grande do Norte, administrador de terrenos/imóveis de outros estrangeiros, além de uma gerente de um espaço infantil.

Entre aqueles que não exercem cargo de gestão, mas são trabalhadores formais, são quatro: um recepcionista de hotel, um garçom, um corretor de imóveis e um *chef* de cozinha. Já considerando os dois trabalhadores informais, um é ambulante na praia de Ponta Negra e o outro é professor de xadrez.

Constata-se assim, que a ocupação profissional da maioria dos entrevistados está diretamente relacionada à atividade turística, evidenciando que o setor do turismo assume um importante papel na vida dos imigrantes residentes no litoral oriental potiguar.

Buscou-se identificar o ano de chegada dos imigrantes e relacionar essa informação com o surgimento ou a intensificação do turismo internacional no litoral do Rio Grande do Norte. Os dados coletados demonstraram que a maioria dos entrevistados (15) veio para Natal entre 2008-2016, 11 estrangeiros vieram entre 2002-2007 e apenas 5 pessoas vieram para o litoral potiguar há mais de treze anos, conforme se observa no gráfico 2.

Gráfico 2 – Ano de chegada ao RN



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

O recorte temporal foi definido em função dos períodos de internacionalização do turismo no litoral do Rio Grande do Norte, conforme discutido no terceiro capítulo. Sabe-se que antes de 2002, existia um turismo ainda de forma incipiente, com viagens pontuais. A partir de 2002 esse processo é intensificado e começa a ascender de forma proeminente, com o aumento de *voos charters*, de investimentos de capital estrangeiro e construção de condomínios. A crise mundial de 2008 gerou um declínio nesse fluxo e nos investimentos, reduzindo o turismo no Estado, embora alguns estrangeiros continuassem elegendo o Rio Grande do Norte como seu destino turístico e/ou migratório. Sendo assim, mesmo diante de um cenário econômico desfavorável, as informações obtidas por esta pesquisa indicam que o turismo e a migração não cessaram.

Destaca-se também que alguns desses estrangeiros viveram por um período no Rio Grande do Norte e, posteriormente, regressaram aos seus países de origem. Curiosamente, em seguida voltaram a residir no estado.

A primeira vez, de férias, em 2008. Depois, como regular, com o trabalho que faço em qualquer lugar do mundo, e escolhi viver aqui em 2009. Depois, ficamos aqui quatro anos e voltamos à Itália para fazer outra coisa e depois, um ano atrás, voltamos de novo. (Bologna, 62, M, ITA)

A primeira vez foi em 1993, em Natal. Depois passei sempre indo e voltando até 1996 e vivi aqui em 1996, 97 e 98 e me casei. Depois voltei à Itália, passei 13 anos na Itália sempre indo e voltando aqui, ou fazendo pequenos negócios ou passando férias, e logo voltei definitivamente, em 2010. (Trieste, 50, M, ITA)

Considera-se assim que um conjunto de fatores contribuiu para a decisão de tornar-se residente em Natal, tendo influência o fato de terem conhecido anteriormente a cidade enquanto destino turístico.

Sabe-se que a capital potiguar vem sendo valorizada cada vez mais como um destino turístico de “sol e praia”, o que atrai investidores estrangeiros de diferentes nacionalidades, pelas oportunidades profissionais proporcionadas.

Certamente o turismo está localizado nesse contexto: se assumirmos que não é uma atividade econômica como tal, mas um processo social impulsionado por forças subjetivas, embora reforçado por estruturas econômicas criadas *ad hoc*, então também devemos supor que, nos estágios do turismo, forças subjetivas trabalham que levam o indivíduo a seguir certos padrões de comportamento⁴⁷ (HIERNAUX, 2009, p.115).

⁴⁷ **Citação no original:** *Ciertamente que el turismo se ubica en ese contexto: si suponemos que no es una actividad económica como tal, sino un proceso societario impulsado por fuerzas subjetivas, aunque*

Sobre o município de residência desses entrevistados, a pesquisa constatou que a maioria (23) vive em Natal, seis em Parnamirim e dois em Tibau do Sul. Ressalta-se que a maioria expressiva vive em zonas turísticas ou em seu entorno, o que não acontece apenas com quatro entrevistados. Essas áreas apresentam uma melhor infraestrutura, já que os serviços básicos como energia, saneamento, água, coleta de lixo, pavimentação e segurança são mais eficientes. Além disso, são bairros que dispõem de mais atividades e espaços de lazer.

Os que residem na capital potiguar estão em bairros de classe média-alta, que são aqueles que contam com as melhores infraestruturas da cidade: Ponta Negra (19 estrangeiros), Capim Macio (2), Petrópolis (1) e Lagoa Nova (1).

Entre os seis estrangeiros residentes em Parnamirim, quatro vivem em bairros residenciais (dois em Nova Parnamirim e dois no Cidade Verde) e dois em Pium, sendo este um distrito turístico cujos principais atrativos são o rio, a lagoa e a praia que recebem o mesmo nome. Os dois que vivem em Tibau do Sul, por sua vez, residem na praia da Pipa – embora não seja a sede do município, é o seu principal distrito e responsável por projetá-lo como o segundo principal destino turístico do estado.

Os resultados mostram que a maioria dos entrevistados se inclinou a viver em zonas costeiras, partilhando o território turístico e usufruindo os serviços que ali são oferecidos, como bares, restaurantes e equipamentos de lazer. Além disso, como visto, geralmente são nessas áreas que os serviços públicos e a infraestrutura apresentam melhor qualidade, quando se comparado a outros bairros da cidade, além da proximidade da praia.

A pesquisa investigou, também, quais foram os principais interesses desses imigrantes, visando compreender se existem relações entre a decisão migratória e o turismo, e caso existam, como se processam.

A partir das entrevistas foi possível identificar quatro perfis principais: os buscadores de um novo estilo de vida e/ou novos desafios pessoais; os empresários e investidores turísticos e/ou imobiliários; os assalariados e informais; e os motivados por questões afetivas. Em alguns casos, foi perceptível uma mescla entre diferentes

interesses. No entanto, buscou-se identificar os aspectos mais marcantes nas falas dos entrevistados, para distinguir os interesses principais.

Neste sentido, a ideia de formar uma nova vida num lugar paradisíaco, seguro, longe da cidade grande, tranquila, foi fundamental nessa escolha. Nas palavras de Hiernaux (2009, p.115): “A perseguição de um Éden indecifrável se materializa em um desejo extremamente sensível nas sociedades modernas: a fuga da vida cotidiana, através de formas de ‘viagem’ de diferentes naturezas⁴⁸”.

A busca incessante pelo “paraíso” estimula a realização de viagens (que podem ter o caráter temporário, semipermanente ou permanente) para um lugar idealizado, o que abre oportunidades de superar novos desafios e de recomeçar a vida. Essa ideia está presente em alguns depoimentos, como indicam os relatos a seguir.

Foi uma decisão pessoal e também mudar um pouco de vida, sair um pouco do *stress*, fugir do modo de vida de lá e também a expectativa de montar alguma coisa aqui, empresariar alguma coisa aqui que pudesse dar certo. (Milão, 49, M, ITA).

Eu viajei aqui muito, sempre. Mas definitivamente quando me aposentei em agosto de 2011 decidi morar no Brasil, porque em 2002 isso aqui era o paraíso [risos], aí comprei um apartamento ali na Cidade Verde, aonde estamos morando até hoje e tal. (Toledo, 66, M, ESP)

Nesses discursos pode se ratificar a ideia do idílico, remetendo-se ao Rio Grande do Norte como o paraíso que oferece, ademais, boas oportunidades de negócios, conforme salientado no primeiro depoimento, existe um “modo de vida lá” e logo, pode-se inferir que existe um “modo de vida aqui”, distinto e menos estressante, do qual ele quer fugir.

Interessante destacar que o imaginário acerca de um lugar paradisíaco não é exclusivo do Estado potiguar, mas do próprio país.

Nesse sentido, o Brasil se vincula a itinerários de sonho, a litorais de palmas, restaurantes perfumados, onde se prova a embriaguez das férias, deixando-se levar pelo calor e pelos perfumes exóticos, inebriados pelo seu clima, ou ainda, um lugar onde se encontram frutos reluzentes, colhidos no momento, de plantas que crescem espontaneamente na terra. O Brasil seria um lugar ideal para quem busca praias selvagens, onde se pode correr de pés descalços, em seus diversos oásis de natureza ainda não contaminada. É ainda um mundo de fábulas, um sonho, uma localidade que reserva surpresas incríveis de oásis encantados e desertos (BIGNAMI, 2005, p.112).

⁴⁸ **Citação no original:** *A persecución de un Edén inasible se concreta en un anhelo extremamente sensible en las sociedades modernas: el escapar de la vida cotidiana, mediante formas de ‘viaje’ de distintas naturalezas.*

Essa imagem do Brasil foi criada e divulgada por muitos anos pela EMBRATUR, perpetuado por décadas e ainda se faz presente no imaginário do europeu, como o país tropical, da alegria, da paz, da permissividade e da natureza exuberante, elementos que também representam a ideia do paraíso.

Acrescido a esses valores simbólicos, muitos dos entrevistados vieram com o desejo de criar o seu próprio negócio e buscar uma melhor qualidade de vida no Brasil, como fora dito anteriormente por Milão (49, M, ITA), “e também a expectativa de montar alguma coisa aqui, empresariar alguma coisa aqui que pudesse dar certo”. Esse pensamento foi recorrente em outras entrevistas, como em Trieste (50, M, ITA): “Eu me mudei também porque minha esposa é engenheira civil e andei pensando em fazer negócio aqui”.

É perceptível nos trechos acima a busca por uma nova vida, onde seja possível criar uma nova relação com o trabalho, com possibilidades empreendedoras de desenvolver um negócio que seja viável e com uma maior flexibilidade, indica a possibilidade de romper com a prática que era exercida no país de origem. Como lembram Benson e Osbaldiston (2016), esse imigrante figura como privilegiado, já que embora tenha o desejo individual de migrar, possui recursos materiais para isso, existem fatores e condições estruturais para que isso ocorra.

Percebeu-se que outros entrevistados vieram com uma ideia inicial de trabalho e com o passar dos anos mudaram o ramo de atuação, como o caso de Turim (37, M, ITA). “Nosso pai começou importando produtos para restaurantes e hotelaria, vinhos, farinha, produtos para restaurantes, como molho de tomate, todas essas coisas e depois a gente decidiu ficar e montar uma pizzaria”.

Os estrangeiros que não expressaram o desejo de empreender, enfatizaram apenas a vontade de aproveitar a vida em um país mais cálido: um ex-jogador profissional de futebol português que vive de renda; um italiano que em suas palavras se apaixonou por Natal e hoje vive como ambulante na praia de Ponta Negra; um aposentado e, um jovem estagiário, ambos espanhóis. Percebe-se, assim, que se trata de um público bastante heterogêneo, mas que tem em comum o interesse por um estilo de vida distinto do vivido no país de origem.

Outra consideração a ser feita, refere-se ao fato de que esse tipo de migração difere daquela orientada por melhores condições econômicas, marcadamente originária de países menos desenvolvidos para países mais desenvolvidos, de pessoas menos qualificadas e com baixa renda salarial. Nesta pesquisa, a migração estudada tem um

sentido oposto, com características distintas, oriundas de países do Norte, mais ricos, para países do Sul, mais pobres.

Em segundo lugar, abordar-se-á os imigrantes que decidiram mudar de país para tornarem-se investidores turísticos e/ou imobiliários. Ou seja, aqueles sujeitos que detinham um certo capital e elegeram o litoral potiguar como uma oportunidade de realizar investimentos, e assim obter mais lucro, diante do *boom* imobiliário pelo qual o estado vinha passando (ALEDO *et al.*, 2010; FONSECA, 2015). Essa questão está presente nos depoimentos a seguir:

Eu quando vim precisamente, era para comprar um apartamento em Canoa Quebrada. Mas nós descemos em Recife, fomos até Porto de Galinhas, procuramos o litoral todo, até 100 km ao norte... até Jericoacoara. E nós tínhamos um conhecimento das pessoas que estavam lá a fazer uns investimentos, uns portugueses. Nós éramos para ir pra lá, mas nós passamos aqui...andamos três semanas, procuramos o litoral todo e quando chegamos a Fortaleza não gostei nada daquilo, porque eram muito deserto, muita areia, não tinha verde. Então, nós ficamos apaixonados [por Tibau do Sul], eu pessoalmente, fiquei logo apaixonado... porque não conhecia, fiquei logo apaixonado por este local aqui. Então, quando chegamos lá, ao fim de conhecer a costa toda, decidimos voltar outra vez e vir aqui a comprar. [...] Em princípio era para ter sido um *apart* imobiliário, era um condomínio que nós fazíamos casa e vendíamos, depois apareceu uma operadora portuguesa, que era a Abreu, na altura que nós estávamos a construir e fizeram uma opção para nós pormos um *stand home outlet*⁴⁹ que é como está agora, né? Então passamos de patente imobiliária e passamos para a patente *home outlet* e pronto, a partir daí é o que está, é o acontece hoje, é o *home outlet*. (Aveiro, 65, M, POR)

Eu decidi porque eu tinha um dinheiro, tinha vendido algumas coisas na Espanha e queria investir em algum lugar, e então estive vendo na internet lugares, Equador, Peru, e vi Natal. E tinha amigos que já tinham vindo pra Natal e muita gente de Torre Vieja⁵⁰ investindo em Natal, porque em 2005 estava tudo muito bem, não havia tantos carros, havia um pequeno parque automobilístico. Era a segunda melhor cidade do mundo para se respirar bem, agora não, e também não tinha essa delinquência. [Em 2006] comprei um apartamento, comprei uma pousada, que era melhor nem ter comprado, comprei terreno. (Sevilla, 51, F, ESP)

Esses dois relatos foram selecionados por apontarem elementos fundamentais nesse debate e que foram encontrados nos discursos de outros entrevistados. O primeiro aspecto foi que esses estrangeiros estavam buscando lugares que oferecessem condições adequadas para se fazer investimentos. Para isso, fizeram

⁴⁹ *Home outlet* é um conceito do mercado imobiliário, utilizado quando se comercializa imóveis com algumas vantagens econômicas. Geralmente são apartamentos que não conseguem ser vendidos de imediato pelas incorporadoras e construtoras, podendo ser comprados com até 30% de desconto, uma forma de ponta de estoque.

⁵⁰ *Torre Vieja* é uma cidade espanhola, localizada a 48 km ao sul da capital Alicante, na *Costa Blanca*. Sua economia gira em torno da construção e da atividade imobiliária, contava com mais de 75.000 segundas residências em 2001, chegando a ter sua população triplicada durante o verão, passando de 150.000 habitantes para 500.000 habitantes no auge da ocupação (MAZON; ALEDO, 2005).

uma pesquisa de mercado em diferentes destinos, inclusive em países sul-americanos, e o Brasil era uma dessas opções.

O segundo ponto destacado é que os entrevistados apontam algumas qualidades do litoral potiguar. Por exemplo, Natal tem um padrão de natureza mais exuberante, rico, verde e fresco, e por isso superior quando comparada à capital cearense, como foi comentado pelo entrevistado Aveiro (65, M, POR), “eu pessoalmente, fiquei logo apaixonado... porque não conhecia, fiquei logo apaixonado por este local aqui”.

A entrevistada Sevilla (51, F, ESP), acrescenta que Natal é tranquila, com pouco tráfego, segura e com um alto índice de qualidade do ar, resultante da proximidade do mar e da constante renovação atmosférica, propiciando uma melhor qualidade de vida. Destaca-se que em 1994, Natal recebeu o título do ar mais puro das Américas, após estudo feito pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), a pedido da NASA (agência espacial dos EUA), sendo uma marca que perdura até os dias atuais.

As qualidades atribuídas ao litoral potiguar deflagram a importância desses elementos que combinados ao fator principal – o interesse em investir financeiramente – contribuíram para essa escolha do novo destino residencial.

O terceiro ponto identificado foi a existência de uma rede social pré-estabelecida, formada por amigos ou pessoas próximas, que já conheciam o Rio Grande do Norte ou que já haviam feito algum tipo de investimento no estado. Conforme foi comentado pelo português Aveiro (65, M, POR): “nós tínhamos um conhecimento das pessoas que estavam lá a fazer uns investimentos, uns portugueses”, ideia essa reforçada na entrevista da espanhola Sevilha (51, M, ESP): “tinha amigos que já tinham vindo pra Natal e muita gente de Torre Vieja investindo em Natal”. Observa-se, assim, que essa rede influenciou a escolha do destino como local propício para investir, com trocas de informações, sendo possível minimizar os riscos desses investimentos e ter um apoio, caso houvesse necessidade.

Perceber essas relações, quer sejam familiares, de trabalho, de trocas materiais ou simbólicas, enriquece a análise e a compreensão da sua importância no processo migratório e como as mesmas atuam frente esse contexto. Para melhor esclarecer essas questões:

As redes migratórias consistem de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses

laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. (...) Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes. (FAZITO, 2002, p.9)

O autor destaca que essas redes sociais precedem a rede migratória, aquela já existia e a partir dela mesma, foi gerada outra com uma finalidade de assessorar a migração para o país de destino.

O quarto ponto que também pode ser extraído dessas entrevistas e que são recorrentes em outras falas, é a tendência de investimento em negócios e serviços orientados para o turismo, construção civil, compra, venda e administração de imóveis.

Retomando novamente o relato de Aveiro (65, M, POR), observa-se que ele inicialmente atuava com a construção de condomínios e venda de imóveis, mas depois investiu no *home outlet*. Embora tenha mudado o segmento, permaneceu no mesmo setor. A entrevistada Sevilha (51, M, ESP) disse que já havia feito vários investimentos, tais como: compra de terrenos, de apartamento e até de um meio de hospedagem. Ressalta-se que esses setores foram predominantes na escolha dos imigrantes que decidiram se fixar no litoral do Rio Grande do Norte, como no nordeste brasileiro.

Conforme salienta Cruz (2009, p.171),

Na região Nordeste, a internacionalização de empreendimentos turísticos-residenciais se consolida como uma tendência caracterizada por converter-se em um mercado em que os europeus decidem participar (principalmente portugueses e espanhóis). Eles descobriram o litoral do Nordeste como uma nova opção para investir como para passar suas férias de verão. Neste contexto proliferam na costa do nordeste mega-empresendimentos imobiliários orientados a satisfazer demandas procedentes do exterior.⁵¹ (CRUZ, 2009, p.171).

A autora aponta que essa região se tornou uma oportunidade para investimentos estrangeiros diante da crise no cenário europeu e a busca por novos mercados, considerando questões como o preço do solo, o clima agradável e a paisagem natural. Sendo assim, um local adequado para fazer negócios, bem como uma escolha acertada para as férias de verão, já que as praias com mar calmo e com águas mornas sempre estiveram no imaginário coletivo como um bem de consumo a ser desejado.

⁵¹ **Citação no original:** *En la región Nordeste, la internalización de los desarrollos turísticos-residenciales se consolida como una tendencia caracterizada por convertirse en un mercado en el que deciden participar los europeos (sobre todo portugueses y españoles). Éstos descubrieron en el litoral nordeste una nueva opción tanto para invertir como para pasar sus vacaciones de verano. En este marco proliferan por la costa del nordeste mega-desarrollos inmobiliarios orientado a satisfacer demandas procedentes de ultramar.*

Nesse sentido, é interessante destacar que a maioria dos imigrantes entrevistados afirmou ter obtido êxito nos seus negócios, apesar de terem enfrentado muita burocracia e serem lesados por aproveitadores, fatos esses que inibiram a expansão desses investimentos e do rápido retorno financeiro.

Também se registraram algumas experiências negativas e planos frustrados, em sua maioria por pessoas inexperientes nesse setor e que visualizaram uma oportunidade no Brasil, mas ao final não alcançaram o que haviam almejado em sua decisão migratória. Sobre isso, Sevilha (51, M, ESP) comentou: “Encontrei um advogado que me roubou tudo, roubou meu dinheiro, [...] porque só fui enganada, levo um ano assim, tentando colocar tudo adiante e voltar pra Espanha”. Essa situação resultou na perda de alguns investimentos, e por isso atualmente a entrevistada espera recuperar parte do que perdeu para regressar ao seu país de origem.

Ademais desses aspectos, vários entrevistados destacaram que também elegeram o estado do Rio Grande do Norte para investir e viver, ante a estabilidade econômica pela qual estava passando o Brasil e sua previsão de crescimento.

Nos jornais daquela época... o Lula, dizendo que estava dando tudo muito certo, o negócio da dívida que tinha o país e ele colocou e pagou essa dívida, então a imagem de Lula e do Brasil estava muito em alta. Então, eu acreditei e via muita gente acreditando. E vi que poderia dar certo. (Córdoba, 40, M, ESP).

Parece que o Brasil estava em primeiro lugar no mundo, quando Dilma [Rousseff] falou que Brasil subsidiou ao Banco Mundial. E eu falei: Não pode ser, tinha o BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul], todo mundo chegou aqui pra investir. Isso não tá acontecendo mais. Todo mundo pegou a sua mala e... [assobiou]. Como a gente chega, a gente vai embora. (Pádua, 60, M, ITA).

Esses trechos reforçam a situação econômica favorável que o Brasil vivia no momento da vinda desses imigrantes, com a perspectiva de desenvolvimento do país, que oferecia oportunidades de investir em negócios lucrativos que pareciam dar um grande retorno financeiro, aspectos esses defendidos por Mas (2015) e Cañada (2012). Também é interessante destacar que os entrevistados fazem menção aos presidentes que estavam à frente do país, mostrando o interesse em conhecer o cenário político de onde iriam investir, bem como as oportunidades visualizadas nesse processo. Porém, essa perspectiva de expansão não foi efetivada e é demonstrada na fala dos entrevistados, com certa decepção e indicando para uma possibilidade de retorno e redirecionamento do seu capital em outro destino mais rentável.

Além disso, a crise econômica vivida na Europa a partir de 2008 (que se alastrou pelos anos seguintes) também foi lembrada pelos entrevistados: “em 2010, há 7 anos, um dos motivos foi a crise europeia” (Trieste, 50, M, ITA); “Aquele período por coincidência estava começando a crise na Europa” (Veneza, 56, F, ITA).

Esses depoimentos denotam a importância de estabilidade econômica e política como um fator atrativo (*pull*), da mesma forma que instabilidade e a crise como fatores repulsivos (*push*), como justificativas complementares no processo migratório, ou seja, uma experiência negativa que vinha se passando na Europa ligada a uma perspectiva positiva, vislumbrada no Brasil.

Estudos de Fernandes, Castro e Knup (2014) confirmam que os recentes processos migratórios desenvolvidos no Brasil foram ampliados depois da crise econômica de 2008. Os autores enfatizam que Natal, São Paulo e Rio de Janeiro foram os principais destinos buscados por portugueses, espanhóis e estrangeiros de outras nacionalidades.

Quanto aos imigrantes assalariados e informais, alguns foram para o Rio Grande do Norte com uma proposta de emprego prévia, como no caso do entrevistado Bilbao (46, M, ESP):

Bem, eu morava em Londres e meu trabalho é *reflotar*⁵² empresas. Aqui me chamaram porque a empresa tinha alguns problemas e me chamaram para solucionar e me colocaram a frente desta empresa, assumir a direção geral e tentar solucionar o problema que havia pela crise.

No caso específico desse imigrante, ele é um profissional altamente qualificado, experiente e especializado em combater crises que se passam dentro de empresas, e foi convidado para resolver um caso específico num equipamento de lazer no Estado norte-rio-grandense.

Em outros depoimentos, também se observa que o emprego foi o fator determinante para a migração, o que independe da nacionalidade do entrevistado:

Eu vim justamente para trabalhar... Eu vim para trabalhar, para duas empresas que são 100% brasileiras, ou seja, criadas e com sede aqui em Natal, mas de sócios estrangeiros, italianos. Então, o administrador dessas duas empresas, que tem capital dentro dessas empresas também, foi um colega de faculdade do meu pai, engenheiro, e, por existir essa amizade entre os dois... eu vim para fazer um teste, para ver se podia, se eu tinha condições de trabalhar aqui para ele, representando ele aqui, porque ele não tem interesse em morar aqui, então ele precisa de uma pessoa que faça os

⁵² *Reflotar* é um termo em espanhol que significa fazer com que uma empresa em dificuldades financeiras volte a ser rentável.

interesses dele aqui. No caso, que sou eu. Desde 2010 até hoje. (Florença, 33, F, ITA).

Cheguei em 2013. Porque eu fui chamado para trabalhar aqui. Essa pousada era de um irmão meu, e entrando com nova direção, me chamou aqui para trabalhar. (Coimbra, 46, M, POR).

Vale destacar que esse tipo de imigrante também tem algumas características em comum. A primeira delas trata-se, tal como o perfil anterior, da existência de uma rede social que oportunizou a vinda deles, como se observa nos trechos a seguir: “Aqui me chamaram” (Bilbao, 46, M, ESP), “(...) por existir essa amizade entre os dois... eu vim para fazer um teste” (Florença, 33, F, ITA) e “Essa pousada era de um irmão meu [...] me chamou aqui para trabalhar” (Coimbra, 46, M, POR). Logo, a vinda teve uma intencionalidade, que foi intermediada através de uma rede social de amizade, de trabalho ou familiar, corroborando com a importância desses laços para que a migração para o litoral potiguar fosse efetivada.

Por fim, identificou-se o quarto grupo, constituído por aqueles que decidiram migrar por interesses afetivos, ou seja, pelo fato do cônjuge ou algum familiar decidir migrar ou retornar para o Brasil.

Um entrevistado comentou:

Eu descobri Natal casualmente por uns amigos meus, empresários na Espanha, que comentaram que iam fazer aqui uns projetos em 2005 e sempre me falavam pra vir. E eu vim com eles, mas pra passear, não para trabalhar. Até que no final decidi. Conheci minha esposa e já decidimos formar família e vir direto pra cá. Porque ela não queria ir pra Espanha. (Barcelona, 44, M, ESP).

Cinco entrevistados citaram o casamento como um fator primordial para migrar, sendo que três deles já vieram do seu país de origem cônjuges de brasileiros. Como se pode observar nos depoimentos a seguir: “Eu já estava casado com a minha esposa e tudo isso era um objetivo nosso que a gente tinha no estrangeiro. Estávamos cientes que queríamos ficar aqui, comprar apartamento e mais pra frente viver, né?” (Braga, 48, M, POR), o mesmo entrevistado acrescenta: “Eu vim pra cá por uma questão primeira também pelas minhas filhas”. Outra entrevistada afirmou,

Eu cheguei em Natal, porque sou casada com um brasileiro. Cheguei em Natal porque decidimos a mudança, cheguei dois meses antes pra ver se gostava do lugar, gostei... [risos], portanto... isso foi em junho e julho de 2007 e em agosto fui para o sul da Bahia onde é lugar da família original do meu esposo e definitivamente a gente voltou e eu lembro exatamente da data 09 de novembro de 2007 [risos]. [...] Eu tinha esse sentido, porque sendo casada com um brasileiro, eu tenho dois filhos, eu queria que os filhos tivessem a oportunidade de conhecer mais profundamente a cultura do pai, a

outra metade, vamos dizer do céu [risos], porque eles tinham a idade na época da mudança de 12, 11 e 9 anos, sabia que era aquele momento ou não conseguiria mais. (risos). Eles já tinham uma boa base de onde nasceram, da cultura italiana e eu pensava em dar essa oportunidade. Claro foi uma coisa bem planejada, bem pensada e não foi fácil, mas foi mais por isso, no sentido de que eles não fossem somente turistas, que virasse a ser somente o turista brasileiro, mas que eles conseguissem entrar mais na cultura do país. (Veneza, 56, F, ITA).

Nesses relatos pode-se destacar alguns aspectos interessantes, o primeiro deles é que a decisão de migrar foi tomada de modo planejado, com antecedência. O segundo ponto se refere ao fato de ambos terem filhos e, para eles, a migração para o Brasil seria benéfica, como uma possibilidade de conhecer e vivenciar a cultura brasileira.

Outros dois entrevistados afirmaram terem conhecido suas esposas quando vieram anteriormente como turistas ao estado e depois decidiram casar e tornar o Rio Grande do Norte o seu lar. E dentre eles, um caso em particular chamou a atenção, um dos entrevistados afirma ter casado para conseguir seu visto permanente no país e assim facilitar seus negócios: “Foi por ‘namoramento’, por casamento [...] Quando iniciou o problema que, ficava restringida a permissão, que era o máximo de três meses pra [visto de] turismo... me casei” (Pádua, 60, M, ITA).

De fato, as relações matrimoniais entre pessoas de nacionalidades diferentes podem ser ocasionadas pelas mais diversas razões: seja exclusivamente por amor, por relações de interesse financeiro, aliar o casamento à possibilidade de adquirir o visto e assim, ter mais facilidades para realizar investimentos, entre muitas outras.

Ainda nesse perfil afetivo, encontram-se aqueles que migraram pelo fato de acompanharem seus pais. No caso específico desse estudo, uma portuguesa relatou,

No meu caso eu vim porque meu pai veio primeiro, né? A minha vó tinha negócios aqui no Brasil e meu pai é filho único, aí a minha vó tinha colocado que aqui seria muito melhor a condição de vida, e que era muito calmo e tinha muita segurança, que tava numa época muito boa para se investir. Então ela veio e fez esse investimento. Depois ela regressou pra Portugal e ficou mantendo a distância. Meu pai sendo filho único teria que ajudá-la por ela ser uma pessoa mais velha. Aconteceu uma tragédia no caso né, e o irmão da minha vó faleceu, então minha vó precisou vir, tomar pé das coisas dela, ver como estava a situação e nesse caso ela quis abrir mão ela disse que não queria mais tá tomando conta assim de tão perto. Meu pai deveria decidir se iria ficar tomando conta ou iriam vender todo o patrimônio, aí meu pai disse que viria para ver como é que tava a situação e ele veio na frente. E realmente ele se deslumbrou, viu que era tudo muito calmo que o dinheiro estava muito fácil naquela época, tinha passado por uma época transitória de moeda, que as coisas estavam muito boas mesmo, e Natal era muito calmo e ele então fez contato com minha mãe dizendo que seria uma boa a gente tentar a vida aqui. Então ele falou, a gente estava no colegial, meu irmão fazia universidade, então a gente teria de terminar o ano letivo para poder tá vindo pra cá. E eu

combinei com meu pai que eu queria terminar meu 2º grau lá pra poder tá vindo ai foi esse o combinado. Ai após o meu 2º grau eu vim para cá. (Sintra, 32, F, POR).

Esse relato explicita que a entrevistada portuguesa era ainda uma adolescente quando migrou para acompanhar seu pai ao Rio Grande do Norte, e o processo de negociação familiar teve que ser bem estruturado para que todos pudessem se reagrupar no Brasil. Também é interessante observar que sua avó paterna já tinha negócios no país, mostrando que já havia outro familiar que auxiliasse nesse processo. Mais dois pontos que funcionaram como atrativos para a migração foram a tranquilidade da cidade e a oportunidade de ganhar dinheiro nessa época.

Por fim, outro caso identificado, foi de um português que migrou ao Brasil por estar casado com uma brasileira, tendo seu primeiro destino Brasília, e após a sua separação, migrou para Tibau do Sul, já que tinha um irmão residindo em Pipa. Todos esses casos denotam a importância dos laços afetivos na decisão migratória e um forte motivo para que permaneçam ali.

Desse modo, pode-se afirmar que os 31 estrangeiros que migraram para o litoral potiguar e foram entrevistados na pesquisa possuem diferentes perfis e que o grupo investigado está composto predominantemente por uma população economicamente ativa.

Ressalta-se que os interesses centrais identificados para a imigração ao litoral potiguar foram: a busca por um novo estilo de vida e/ou novos desafios pessoais; realização de investimentos no setor turístico e/ou imobiliário; proposta de emprego ou questões afetivas, porém o lazer e as questões que o envolvem perpassa em todos eles, assumindo um lugar de destaque. Ademais, a presença de uma rede social auxiliou esse processo.

Assim, compreende-se que não se trata de um único fator, mas um conjunto deles, uma vez que os motivos da mobilidade humana são múltiplos, variados, multifacetados e marcados por dinâmicas que mudam constantemente (KING; SKELDON; VULLNETARI, 2008; ANICH; BRIAN; LACZKO, 2013) e que envolvem dimensões sociais, políticas, econômicas e ambientais em sua efetivação.

Segundo os estudos de Casado-Díaz; Kaiser e Warnes (2004), realizados no mediterrâneo europeu, os principais interesses relacionados a esse tipo de migração são: o clima, a saúde, a cultura e o estilo de vida local, assim como alguma benesse econômica. Constatou-se que as respostas dos entrevistados no litoral potiguar

convergem para o que foi diagnosticado pelos autores supracitados, conforme será explorado a seguir.

Quando os imigrantes foram perguntados pelas razões as quais elegeram a costa potiguar como lugar para viver, as respostas mais frequentes foram: o clima, a tranquilidade, a acolhida das pessoas e a natureza. É pertinente destacar que 18 dos 31 entrevistados citaram o clima como um fator positivo e, conseqüentemente, agregador nessa decisão, como se pode observar nos relatos a seguir: “Porque gostei do clima, o clima de Natal é bom, o calor, e não só o calor, o clima bastante constante o ano todo, entendeu? A natureza também”. (Bologna, 62, M, ITA). “O grande fator local aqui é o clima, não tenho dúvida nenhuma [...], o clima e a paisagem [pausa], tranquilidade, né?” (Aveiro, 65, M, POR).

Eu vejo que isso é uma coisa atraente e, o clima fantástico, sobretudo em relação à boa parte da Europa, com invernos muitos rígidos e aqui o clima é fantástico. Então isso é uma coisa positiva e, realmente a relação com a natureza aqui é mais intensa que nos outros lugares, então, eu acho que isso é outro fator positivo. (Florença, 33, F, ITA).

Esses três relatos se assemelham e é possível fazer duas considerações sobre eles. Primeiro, o clima local, que se refere a altas temperaturas, e a constância do verão durante o ano inteiro no Estado escolhido. Os termos “sol” e o “calor” reforçam essa visão, já que também foram utilizados fazendo referência ao clima, emergindo assim, essa variável como um fator fundamental na hora de eleger o destino, destacando valores no plano da psicosfera (SANTOS, 1997) como decisórios na decisão de imigrar.

Ressalta-se que o estado do Rio Grande do Norte tem uma temperatura média anual de 26°C, atingindo no verão temperaturas superiores a 30°C. Médias climatológicas bastante superiores quando comparado às baixas temperaturas que fazem durante o inverno europeu.

Um segundo ponto que pode ser extraído desses depoimentos é a questão da natureza, da paisagem natural encontrada no novo destino. O Estado potiguar dispõe de uma rica flora, com dunas, lagoas e praias e esses elementos também contribuíram para essa escolha. Expressões como “praia” e “mar” foram frisados por outros entrevistados: “Gosto do clima e das praias é claro” (Turim, 37, M, ITA). “Porque tinha vontade de morar perto do mar, mar quente, água quente” (Bologna, 62, M, ITA). Fazendo menção a uma particularidade da costa litorânea potiguar, suas águas mornas/cálidas, que se tornam propícias para o banho durante todo o ano, que foi destaque no depoimento do segundo entrevistado.

Esse conjunto de elementos paisagísticos foi citado por outros entrevistados: “É que a cidade é bonita, né? A beleza física ninguém duvida e a natureza é generosa, é fantástica, é maravilhosa”. (Toledo, 66, M, ESP). “E Brasil na Europa sempre foi visto como o paraíso, e era assim: Brasil era o paraíso, primeiro pelo clima, lá não temos isso aqui, isso é um diferencial muito grande” (Pamplona, 38, M, ESP).

Reforçando essas falas, o conceito de natureza está concebido no imaginário edênico e desde sempre abordada por diversos estudiosos, como Boyer (2003) e Corbin (1989), que demonstraram o fascínio do homem pela natureza e pelo mar, bem como destacaram o surgimento das vilegiaturas marítimas em seus estudos.

Com uma baixa frequência, o futebol foi citado como um elemento motivador na escolha do destino, remetendo-se assim a um dos estereótipos do Brasil, o chamado país do futebol, apontando que os fatores subjetivos também interferem nesse processo decisório. Também foram mencionados fatores ligados à segurança e tranquilidade da cidade na época que migraram, bem como o acolhimento do povo potiguar. Segundo o espanhol Córdoba (40, M, ESP),

O acolhimento que tivemos das pessoas, a qualidade de vida, o clima e segurança. Não queríamos cidade grande. Eu queria segurança, tranquilidade... e qualidade de vida. Que eu achei muito tranquilo. Sobretudo, eu achava tudo muito calmo, relaxado... que era o que eu precisava para aquele momento.

Esses pontos estão diretamente relacionados a um estilo de vida mais pacato, menos urbanoide, e conseqüentemente com maior qualidade de vida. Percebe-se assim, que os entrevistados expressaram razões semelhantes, onde os imigrantes associaram o clima com uma melhor qualidade para se viver, proporcionado um novo estilo de vida, este naturalmente mais atrativo, traduzido no desejo de se viver em um lugar paradisíaco.

Porém, alguns entrevistados destacaram que o cenário mudou, sobretudo no tocante à segurança da cidade. “Na época era uma cidade maravilhosa, não tinha bandidagem, não tinha essa violência que tem agora. Na época era ótimo. Agora é bonito... calor, o clima, mas agora está mais um pouquinho perigosa”. (Parma, 44, M, ITA).

Segundo pesquisa oficial realizada pelo IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, a partir dos índices de violência no Estado potiguar, em março de 2005 foi considerada a capital mais tranquila do Brasil. Atualmente, segundo o Atlas da Violência (CERQUEIRA *et al.*, 2017), o Rio Grande do Norte teve o pior índice do

país no intervalo de dez anos, entre 2005 e 2015, onde a taxa de homicídios cresceu 75,5% entre 2010 e 2015.

Outra pesquisa realizada pela ONG mexicana Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal, publicada no canal G1 (2018), a capital potiguar é a 10ª cidade mais violenta do mundo e a 1ª do Brasil com 69,56 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes. Esses dados são preocupantes, pois afetam diretamente a qualidade de vida da população residente, quer seja nativo ou imigrante, e consequentemente na atividade turística local.

Além desses fatores, O'Reilly (2009) e Williams e Hall (2000) afirmam que se deve considerar de igual importância as redes sociais e o papel do turismo nesta tendência migratória. Como a primeira questão já foi apontada anteriormente, a ênfase neste momento será o turismo, ou melhor, como a visita anterior ao destino como turista pode ter contribuído para essa tomada de decisão.

Além disso, o maior conhecimento dessas zonas turísticas através da experiência turística prévia, a posse de uma segunda residência anterior a decisão do traslado, assim a existência de comunidades de migrantes já estabelecidas pode julgar um papel importante na seleção do destino. (WILLIAMS; HALL, 2000, p.11).

Esta questão chama a atenção porque 28 dos 31 entrevistados estiveram primeiro no litoral potiguar como turistas. E destes, 5 visitaram por mais de uma vez, antes de migrarem. Destaca-se assim, que a viagem turística e todas as experiências ali vividas foram decisivas no processo de tomada de decisão para fixar residência no novo destino.

Sobre essa experiência, um imigrante italiano afirmou: “foi amor à primeira vista. Não tinha muitas expectativas de viver aqui. Estive um mês aqui e logo começou a ideia de me mudar para cá” (Puglia, 47, M, ITA). Outro italiano respondeu: “Vim a primeira vez como turista, e gostei! Depois voltei outra vez como turista e logo voltei e vim viver aqui” (Sorrento, 54, M, ITA). Um imigrante mais jovem disse:

vim aqui de férias em junho de 2015. Conheci um pouco do litoral norte. Me apaixonei por Natal, uma cidade pequena... não é tão grande como Fortaleza ou Salvador, por isso que eu gostei desse lugar, me apaixonei e voltei. Deixei meu trabalho... viajei (Livorno, 26, M, ITA).

Como se observa nos discursos acima, uma viagem anterior como turista foi um fator influenciador na sua decisão de mudar de vida, de país e cidade. Acredita-se

que essa certa familiaridade com o destino pode demonstrar maior confiança para essa tomada de decisão, pensamento esse defendido também por Almeida, Ferreira e Costa (2009); Janoschka (2013); Hall, Williams e Lew (2014).

Dessa forma, nesta pesquisa, pode-se afirmar que a viagem turística e todas as experiências afetivas vividas de modo positivo, somadas às boas oportunidades profissionais e de investimentos, foram propulsores para esses estrangeiros decidirem fixar residência no litoral potiguar. Logo, parte-se do princípio que o turismo foi um requisito prévio para a existência desse fluxo migratório internacional no litoral potiguar, quer seja através da experiência turística, enquanto turista, como para atuar profissionalmente nesse setor.

Muitos entrevistados estiveram primeiramente no Rio Grande do Norte como turistas, mas será que eles já tiveram outras experiências migratórias? Questionados sobre isso, quase metade dos entrevistados (15 estrangeiros) mencionou já ter uma experiência pregressa, ou seja, pelo menos uma vez na vida, migraram antes de chegar ao Brasil.

Foram identificados entrevistados, inclusive, que já moraram em dois, três e até mesmo em quatro países distintos, reforçando assim o caráter que a migração pode ocorrer em vários momentos da vida, não sendo uma experiência única e pontual (SKELDON, 2013). Essa experiência pode ser recorrente, transformando-se “em um estilo de vida pós-moderno, em que se questiona a permanência em um único lugar” (MARMARAS, 1996, p.54).

Considerando os motivos que levaram a esses movimentos migratórios, os mais citados foram: trabalho, família, estudos ou ter novas experiências pessoais: “Bem, eu morava em Londres e meu trabalho é *reflotar* empresas. Eu morei em Senegal, Saint-Louis; eu morei em Londres; eu morei em Tânger, Marrocos; eu morei em Bombaim, Índia; eu morei...[risos], eu morei em muitos lugares [risos]” (Bilbao, 46, M, ESP); “Morar, morar só morei lá [Suíça]. Outro lugar que eu morei, mas era muito pequeno, morei em Londres com meus pais, mas eu não gostei, não me adaptei, é muito triste, muito chato não dava pra mim, não gostei e voltei a viver em Portugal com uma tia” (Braga, 48, M, POR); e, “Como te falei fiz faculdade na Austrália e passei três anos. Passei um tempo na África do Sul, na Inglaterra, trabalhei lá. Viajei bastante, viajei bastante” (Puglia, 47, M, ITA).

Morei nos EUA, morei na Inglaterra e morei na Alemanha, morei nesses três. Nunca tive medo de conhecer outras culturas, eu nunca tive medo do

desapego daquelas coisas minhas típicas, de ser italiana, a comida ali não tá boa e essa coisa e tal, não, nunca tive medo. Claro que quando você tem filho a coisa muda um pouquinho, precisa ser mais pensada, mas não, não estava com medo de mudar. Apesar de que, quando mudei para cá, não era nova, já tinha 47 anos. (Veneza, 56, F, ITA)

Percebe-se que os destinos migratórios foram variados, não se limitando apenas a países fronteiriços ao seu país de origem, mas que inclusive ultrapassaram oceanos, alcançando outros continentes. Além disso, observa-se que alguns entrevistados tiveram experiências positivas, outros nem tanto, mas que esse fato marcou fortemente suas histórias de vida.

Cabe destacar ainda que três entrevistados afirmaram terem residido em outros estados brasileiros antes de se fixarem no Rio Grande do Norte. Um espanhol viveu em Vitória (ES), uma italiana e um português em Brasília (DF). O primeiro fez alguns investimentos naquele estado, mas não obteve êxito e decidiu se mudar e investir no Estado norte-rio-grandense; a segunda residiu na capital federal por motivos de estudos e ao término da sua faculdade recebeu uma proposta para trabalhar em Natal; já o terceiro, por ter se casado com uma brasileira, que era natural daquele lugar, foi morar ali, e após sua separação decidiu residir com o irmão em Pipa.

Não se identifica, portanto, uma linearidade nesses interesses. Porém, algo em comum que se pode inferir dessas experiências migratórias pregressas é o fato de já terem tido experiências em serem forasteiros, *outsiders*, estranhos em terras estrangeiras. Essa presença do estrangeiro impactou a sociedade em que viveram e foram impactados por ela, experimentando relações de alteridade e manifestando-se sentimentos de identidade, num processo de troca.

Acredita-se que todas essas experiências podem ter contribuído para o processo de adaptação desse imigrante no litoral oriental potiguar.

6.2 Ser imigrante em um destino turístico

Neste tópico buscou-se compreender os elementos que tornam esse sujeito imigrante, o seu processo de adaptação, através da sua territorialização sociocultural e suas redes sociais; e, a percepção da hospitalidade local nos territórios turísticos e não-turísticos. Sendo assim, no intuito de melhor analisar esse conteúdo, o mesmo foi subdividido em duas subsecções.

6.2.1 Territorialização sociocultural e redes sociais

No que concerne à integração do imigrante, esse processo envolve aspectos socioculturais, uma vez que é “uma pessoa que chega hoje e amanhã fica” (SIMMEL, 1983, p. 182). E nesse permanecer, diferenças socioculturais são manifestas e confrontadas. Nesse sentido,

O processo de desenraizamento original iniciado pelo movimento migratório se dá, em termos existenciais, pela alteração da territorialidade consolidada, a modificação desta relação originária *self*-lugar, saindo do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sobre os quais está edificada nossa identidade. Implica, portanto, sair dos territórios da segurança e lançar-se no mundo, em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade, onde há pouco ou nenhum controle, uma das raízes da insegurança (MARANDOLA JUNIOR; DAL GALO, 2010, p.410).

Isso significa que, o novo destino residencial representa uma nova realidade para o imigrante, com novos desafios, algumas incertezas, rumo ao desconhecido e essas mudanças são tanto socioculturais quanto espaciais. Ou seja, migrar implica necessariamente ao sujeito desenvolver outras territorialidades. Ademais, segundo Delgado (2009), trata-se de um processo de contínua adaptação, uma vez que, o imigrante nunca acaba de chegar ao destino, sempre existem descobertas e embates e como consequência novas territorialidades.

Dessa forma, a natureza subjetiva desse fenômeno também tem o seu importante papel e auxilia na compreensão da migração como um todo, uma vez que a mesma deve ser compreendida para além das questões materiais ou econômicas (ELHAJJI, 2013).

Considerando esse aspecto simbólico, analisou-se o processo de territorialização na dimensão sociocultural, a partir de três categorias: alimentação, idioma e redes sociais.

Sabe-se que essa territorialização resulta em transformação de valores, de comportamentos, no contato da cultura do outro (HASBAERT, 2004). No caso das migrações internacionais, acredita-se que esses encontros e confrontos socioculturais vão ser mais evidenciados, uma vez que se tratam de construções históricas e traços culturais distintos.

Inicialmente, considerou-se a alimentação, por ser, além de uma necessidade vital do ser humano, uma característica particular de cada sociedade, influenciada por fatores geográficos e climáticos. A alimentação é uma das representações culturais de determinado grupo social. Os hábitos alimentares e a culinária local marcam uma territorialidade, assumindo um valor simbólico de pertencimento àquele determinado território.

Para aprofundar essa discussão, cabe primeiramente distinguir “alimento” e “comida”. De acordo com Cascudo (2004), enquanto o alimento está ligado a necessidades biológicas de subsistência e à fome, a comida está associada ao paladar, algo que é formado culturalmente. Nesse sentido,

Como uma necessidade natural, a fome vem a ser satisfeita por qualquer tipo de alimento, do mesmo modo que a sede é satisfeita pela água. Mas o paladar está associado a modalidades distintas de comidas e bebidas. Mais que isso, está associado a formas específicas e particulares de preparação, apresentação e consumo. Por intermédio do paladar, os indivíduos e grupos distinguem-se, opõem-se a outros indivíduos e grupos. Por essa razão, o paladar situa-se no centro mesmo das identidades individuais e coletivas. (GONÇALVES, 2004, p.44).

Dessa forma, pode-se destacar um aspecto fundante que auxilia na compreensão dessa análise: o que diferencia uma sociedade de outra não é o alimento em si, uma vez que isso é uma necessidade de sobrevivência. O que as diferencia é o paladar, o gosto, o odor, as texturas e cores dos alimentos, os quais marcam diferenças e particularidades de cada pessoa, povo, região ou país nos modos de fazer e de consumir a comida.

Corroborando com essa questão, DaMatta (1986, p.37), afirma que “O alimento é algo universal e geral. [...] Por outro lado a comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade”. Desse modo, a comida representa a identidade de um grupo social.

Percebe-se assim, que a alimentação é uma prática e um marco sociocultural, sendo possível relacionar certos pratos típicos e hábitos alimentares a determinadas nações, por exemplo: *Fish and Chips* à Inglaterra, *Paella* à Espanha, *Bacalhau* à Portugal, *Massas* à Itália, *Sushi* ao Japão e *Feijoada* ao Brasil.

Considerando a alimentação brasileira, segundo Cascudo (2004), ela é resultado da mistura da culinária das três principais etnias que povoaram o país: os indígenas, os africanos, e os portugueses, porém com maior influência da portuguesa. Ainda segundo o referido pesquisador, dos negros foram herdados os alimentos

elaborados com leite de coco, mel, quiabo, açúcar, feijão, azeite de dendê, pimenta, além do consumo da galinha-d'angola e da utilização de “miúdos” das carnes. Já os indígenas utilizavam bastante inhame, palmito, macaxeira – inclusive fazendo uso da farinha –, e milho, além de ingerir bastante peixe e frutas – como o caju, a manga e o coco. Sobre a herança da culinária portuguesa têm-se principalmente os doces, o bolo, o trigo, os refogados, a sopa, as frituras e o vinho.

Cascudo (2004) afirma que a égide da culinária portuguesa sobre as demais, é resultado do processo de colonização, que para além do poder político e econômico, também se propaga na dimensão sociocultural. Nesse caso, a cozinha do colonizador foi sobreposta à adotada pela população que vivia no território brasileiro antes da colonização, incluindo novos animais, temperos, vegetais, mesclando aos elementos locais, provocando uma transformação em seus hábitos alimentares e na forma de cozinhar. Observando-se assim, o processo de (des) (re) territorialização na formação da alimentação brasileira.

Essas influências afetaram todas as regiões do Brasil, umas com maior incidência e outras com menos, principalmente ao se remeter a grande dimensão geográfica do país. Nessa lógica, pratos emblemáticos por si só representam determinado estado ou região brasileira, outorgando-lhes identidade.

As cozinhas regionais, portanto, “falam” do homem e de seu meio, na medida em que apresentam não apenas ingredientes e sabores próprios de uma localidade, mas os apresentam a partir de uma lógica própria, de técnicas de produção, preparo e serviço que transmitem valores e tradições de um determinado contexto cultural. A “territorialidade gastronômica”, desta forma, se constrói na medida em que uma determinada região se torna intimamente associada a um conjunto culinário, fazendo com que a menção a uma determinada iguaria remeta à ideia que se tem de uma região. (BAHL; GIMENES; NISTSCHKE, 2011, p.5-6.).

A citação acima retrata a importância do contexto na alimentação de cada região, não apenas nos aspectos geográficos ou climáticos, mas também históricos, em que o tempo é um dos responsáveis desse modo de alimentar-se e da construção desse paladar também regional. Destarte, pensar porque o vatapá e o acarajé são pratos típicos da Bahia, e não, o churrasco, que é característico do Rio Grande do Sul; ou porque o Feijão Tropeiro é marcante em Minas Gerais, e não, o Tacacá e Pato no Tucupí, que representam fortemente o Pará, fazem refletir sobre o quão importante é essa compreensão ao se discutir a alimentação enquanto uma forte representação sociocultural.

No caso desta tese, deu-se uma maior ênfase à comida regional nordestina, especificamente ao Rio Grande do Norte. Segundo, Furtado (2008) os principais alimentos consumidos neste estado são:

Carne de sol, cocada, cuscuz, feijão verde, linguiça do sertão, macaxeira, paçoca, peixe frito, queijo de manteiga, tapioca, galinha de cabidela. Entre os frutos do mar, estão: os peixes miúdos, como cangulo, sanhoá, biquara e carapeba; os pescados mais nobres, como arabaiana, cioba, cavala, bicuda e garoupa, e os crustáceos, como caranguejo, lagosta e camarão. Há ainda frutas regionais: manga, mamão, abacaxi, banana, caju, cajá, mangaba, maracujá. Não se pode esquecer dos bolos de carimã e de macaxeira, pé-de-moleque, canjica, pamonha, grude e ginga com tapioca (tradicional na praia da Redinha), queijo de coalho e de manteiga (FURTADO, 2008, p. 89).

Diante dessa lista de diversos alimentos que são consumidos pelos norte-rio-grandenses, evidenciando a diversidade gastronômica do estado, pode-se dividi-la em duas principais cozinhas: a litorânea e a sertaneja.

Considerando a culinária do litoral do potiguar – cabe antes esclarecer que o nome “potiguar” significa “comedor de camarão”, logo sua nomenclatura já denota uma das representações deste território marcado por um alimento – é rica em camarão, peixes, caranguejo e outros frutos do mar. Já a culinária do sertão, originária principalmente da região do Seridó, é abundante em pratos que contenham carne seca e de sol, bode, jerimum, carneiro, farinha e feijão. Merece destaque também as frutas típicas de cada região.

Tendo como base esse entendimento, buscou-se compreender como os imigrantes relacionam-se com a culinária local e observou-se muitas comparações entre a culinária brasileira e a europeia.

Alguns entrevistados consideram a comida local saborosa, porém menos sofisticada e elaborada que as encontradas em seu país de origem. Nesse sentido, “a relação de interesse/rejeição não se dá somente por conta dos sabores e odores percebidos pelo aparelho sensorial” (BAHL; GIMENES; NISTSCHE 2011, p.10.), mas pelo paladar construído socioculturalmente do imigrante, o que interfere diretamente na percepção do sabor da comida local.

(Pausa) Claro que as raízes italianas ficam, mas me sinto 50, 50. Estou me adaptando ao estilo brasileiro, até a comida. Que no começo é complicada para nós, porque temos outra cultura. Essa coisa de misturar num prato tudo, a gente foi complicado no começo, colocar arroz, feijão, salada, tudo no mesmo prato, não temos na nossa cultura, mas ao final você vai se adaptando. Agora, posso dizer que estou metade, metade (Puglia, 47, M, ITA).

O entrevistado apresenta fortes elementos que evidenciam as diferenças culturais e a influência nos hábitos alimentares, expressões como “raízes italianas” remete a ideia do tempo, de algo arraigado, cravado, logo parte do ser italiano; e, “estilo brasileiro”, denotando o comportamento, a natureza, a índole, que também designam a algo construído, formado; logo, que cada país apresenta o seu modo particular de fazer e de se alimentar, sendo um longo processo de adaptação à nova culinária.

Segundo Cascudo (2004), as escolhas alimentares diárias estão marcadas por um costume de muitos séculos. Sendo assim, o paladar não pode ser facilmente modificado, já que foi construído historicamente, necessitando assim da mesma fonte de sua formação: o tempo, para que ocorram essas modificações.

Outro aspecto levantado por Puglia (47, M, ITA) – e, também, observado por outros entrevistados – é sobre o fato do brasileiro comer tudo misturado, uma característica peculiar do país e muito diferente do que é encontrado na culinária europeia, onde os pratos são servidos em separado, tradicionalmente servidos em ordem: entrada, primeiro prato, segundo prato e sobremesa.

DaMatta (1986, p.43) explica esse hábito peculiar dos brasileiros, “é importante acentuar que a comida misturada é uma espécie de imagem perfeita da própria situação que ela mesma engendra e ajuda a saborear. E isso é desses traços mais importantes a transformar o ato de comer num gesto brasileiro”. Sendo assim, trata-se de um símbolo da cultura gastronômica brasileira, que trata a comida de modo interligado, onde os alimentos se mesclam, refletindo sua sociedade que também é marcadamente relacional.

Outro aspecto sobre os hábitos alimentares também foi citado por alguns entrevistados: “Aqui vocês não comem nada do mar, por exemplo, a gente tá acostumado a ter uma vida bem marinheira, aqui vocês são mais tipo assim, Caicó, Currais Novos, Seridó [risos] é carne de sol, paçoca, paçoquinha e paçoção... [risos]. É muito diferente”. (Toledo, 66, M, ESP).

Primeiramente, chama a atenção o fato de esse imigrante espanhol citar dois municípios que ficam na parte central do Estado potiguar e pertencem a região do Seridó, denotando um certo conhecimento da história gastronômica local, com ênfase na paçoca, um prato preparado na mistura da carne seca com a farinha de mandioca.

Em seguida, ele questiona o fato da proximidade do mar não refletir nos hábitos alimentares daqueles que vivem no litoral. Segundo o entrevistado, se come

muito mais carne vermelha em detrimento dos peixes e frutos do mar, aspecto distinto daquele que vivia em seu país de origem, na costa do mediterrâneo.

Essa característica também foi destacada por outros imigrantes,

Aqui é o país do churrasco, da carne de tudo, agora muito bom eu gosto e tudo. Agora lá, porque aqui variedades são poucas em questão de gastronomia, mas, lá tem mais, mas eu me sinto lá porque como fui habituado a Genebra e Suíça e morei lá durante anos, de vez em quando faz falta um *fondue*, uma *bracelet*, essas coisas assim de queijo *gruyere*; o que Portugal falta por exemplo: uma sardinha, um bacalhau, uma caldeirada de peixe, que aqui tem peixe, tem tudo, mas tem pouca variação do que lá na Europa. Lá na Europa é mais diversificado, o peixe, tem lulas, tem mais variedades de peixe do que aqui porque lá é atlântico frio e aqui é quente então essas espécies de peixe aqui são mais fraco. Aqui é mais carne. (Guimarães, 60, M, POR).

Como se observa, Guimarães (60, M, POR) começa elogiando um prato típico brasileiro – o churrasco – e afirma que tal iguaria lhe apetece, ressaltando que há uma grande valorização da carne vermelha no país, tal como Toledo (66, M, ESP).

O imigrante português, em seguida, aponta outros três elementos que reforçam a distinção entre a comida daqui e a comida de lá. Primeiramente compara a pouca variedade encontrada na gastronomia local em contrapartida com a diversidade europeia; depois, cita alguns pratos emblemáticos de países em que residiu anteriormente, tratando-os com um ar de superioridade, vistas como comidas mais requintadas do que as encontradas no Brasil. Posteriormente, aponta para a existência de poucas espécies de peixes e que na Europa há mais variedades, para ele, resultado das diferenças de temperatura dos oceanos.

Interessante destacar que o imigrante traz consigo hábitos e costumes que não são existentes no novo lugar e isso o impacta, causando-lhe certo estranhamento. Porém, na medida em que o estrangeiro desvaloriza a comida local, pode estigmatizá-la, tornando um meio de diferenciação social. Em contrapartida, ao consumir tais produtos e na possibilidade de novas fusões culinárias, pode contribuir para melhorar a interação com a cultura local. Essas misturas gastronômicas podem gerar novas territorialidades, fato marcante na Praia da Pipa, em Tibau do Sul, considerado reconhecidamente como um dos principais polos gastronômicos do estado, com a presença de diversos restaurantes, desde a culinária internacional, nacional até regional e a realização de vários festivais gastronômicos.

Mais um registro interessante feito pelos imigrantes no tocante a alimentação, é o fato da comida ser um dos principais elementos que eles sentem mais falta do seu país de origem. Afirmaram que até preparam seus pratos típicos em suas

residências, porém, a dificuldade em encontrar produtos de qualidade em território nacional e com preço justo é um grande empecilho na preparação destes pratos, interferindo diretamente no sabor e no resultado final desses pratos. Evidenciando-se nas falas abaixo:

Na verdade, eu vou me adaptando à comida, não é questão ..., é claro, que cada país tem a sua... Não é que eu sinto a falta da comida, até porque a gente cozinha aqui comida italiana, comida brasileira... mas a gente não consegue encontrar queijo parmesão com o preço acessível, é caro, produto importado é caro. (Bologna, 62, M, ITA).

Por isso tento ser brasileiro. Mas quando na Espanha, sou espanhol. Na Itália, italiano. E se amanhã vou pra Portugal, vou comer o que seja típico de lá... eu como comida nordestina. Por que? Porque estou aqui. Sinto saudades de minha terra e de minha comida? Lógico! Quando vou lá, que faço? Como o de lá! Não vou comer nordestino lá, seria ridículo. Aqui você não pode comer uma *paella*. Lá pode? Pode! Por que? Porque se pode fazer. Mas os ingredientes não são os mesmos e não fica igual. Você vai comer uma porcaria, então melhor comer uma coisa boa daqui, do que uma porcaria de lá. Não adianta. (Barcelona, 44, M, ESP).

Segundo os entrevistados, os alimentos específicos da culinária europeia vendidos no Brasil ficam aquém daqueles encontrados na Europa, interferindo no consumo desses pratos. Além disso, um deles considera que é melhor comer a comida local, já que vive aqui, e o melhor modo de fazer esse produto é no seu lugar originário.

Outros entrevistados afirmaram que para contornar essa situação, quando viajam ao seu país de origem, trazem certa quantidade desses produtos e estocam.

Com relação ainda ao custo do alimento, a maioria deles citou que comer fora de casa e fazer supermercado é mais caro aqui do que em seus países. Acredita-se que isso pode ser interpretado pela grande desvalorização do real em detrimento ao euro.

Aqui eu costumo fazer praticamente todas as minhas refeições em casa, porque eu acho um pouco caro ter uma refeição fora. E nem sempre vale o custo/qualidade. Lá na Itália, na minha cidade, talvez por ser um país muito conhecido do ponto de vista gastronômico também, é muito mais viável e alcance de todo mundo ter refeições de qualidade na rua sem ter um custo muito alto, então, essa é uma diferença muito grande. Muito fácil na Itália eu sair pra jantar com as pessoas e aqui é mais fácil eu chamar pra minha casa ou na casa das outras pessoas. (Florença, 33, F, ITA).

A entrevistada faz essa comparação em relação ao preço dos alimentos e ratifica a diferença da qualidade desses produtos e serviços. Ademais, destaca que fazer refeições em equipamentos de *Alimentos & Bebidas* é acessível para todo cidadão, diferente da realidade brasileira. A imigrante italiana, ainda apresentou uma peculiar

mudança de hábito, resultante da sua migração, o aumento de encontros gastronômicos em sua residência ou de amigos, ao invés de encontros em bares ou restaurantes.

Percebe-se, assim, que a alimentação teve um papel menos territorializador nessa dinâmica migratória. Isso se deve, principalmente, ao fato da comida e do paladar serem herdados através de gerações e gerações, culturalmente construídos e que remete às suas origens, talvez, considerado o principal elo de suas tradições. Despertando vários sentidos e memórias, tornando-se um alento diante da saudade que sentem do seu país de nascimento, seria assim uma forma de fortalecer sua identidade.

Considerando outras mudanças surgidas pelas contínuas trocas entre os locais e os novos residentes, segue-se uma discussão sobre o idioma, por entender que se trata de um forte elemento constituinte de uma nação e que irá contribuir na construção de uma nova territorialidade para o imigrante e no seu processo de reterritorializar-se no local de destino.

O conhecimento da Língua Portuguesa pode auxiliar no sentido relacional – de estabelecer novos vínculos sociais –, em um melhor desempenho do seu exercício profissional, na solução de problemas burocráticos, em compreender melhor a cultura local e respeitar o outro, em evitar equívocos ao transmitir ou impor suas ideias, dando assim, maior autonomia para o imigrante. Além disso, evitará a formação de guetos, abrindo-lhes outras possibilidades de interação social.

Dessa forma, buscou-se identificar como o imigrante se relaciona com a Língua Portuguesa. Segundo O'Reilly (2009), a maneira em que as pessoas definem suas habilidades linguísticas é muito subjetiva, pois alguns a subestimam e outros a superestimam. Em todo o caso, evidenciou-se que todos os entrevistados conseguem se comunicar em português, estabelecer diálogos, sendo entendidos e se fazendo entender.

Interessante destacar que vários imigrantes afirmaram que o idioma foi uma das maiores dificuldades no processo de adaptação. Conforme se observa nos depoimentos a seguir,

Os primeiros dois, três meses realmente, as primeiras semanas foi horrível. Eu não entendia nada. Depois, o primeiro que aprendi foi a escutar e eu acho que tinha vergonha de falar, porque não sabia. Então essa vergonha me fazia não falar. E quando decidi deixar a vergonha de lado e falar do jeito que sei, comecei a falar, comecei a falar e, se tenho erro, tenho erro [...]. (Segóvia, 40, M, ESP).

Os primeiros quinze, vinte dias chorava, quase não entendia nada. É complicado falar porque quando você está como turista você fala com as pessoas na frente, então de um jeito ou de outro, vão entender. Quando você está em um telefone, que você é gringo, que não fala bem português e do

mesmo tempo a pessoa que estar do outro lado não fala nenhum tantico é basicamente traumático [risos]. Os primeiros quinze dias foram basicamente para trabalhar com o português, depois fiquei um pouco mais tranquilo, fiquei um pouco mais relaxado e daí dei um jeito de melhorar cada dia, mas o início foi muito, muito traumático. (Nápoles, 42, M, ITA).

O desconhecimento do idioma, o medo de não ser compreendido e não compreender, o receio em falar errado e a vergonha, foram alguns dos fatores que se fizeram presentes no processo de aprendizagem da língua. Sendo um processo árduo, fazendo uso das palavras dos entrevistados, “horrrível” (Segóvia, 40, M, ESP) e “traumático” (Nápoles, 42, M, ITA). Para superar essa barreira, foi preciso criar estratégias onde pudessem aprender e adquirir o conhecimento do português, entre elas: parar um pouco, relaxar, escutar e tentar falar, mesmo de forma equivocada. A continuação desse exercício permitiu que no dia a dia, no contato com outros brasileiros, quer seja em relações de amizade ou de trabalho, conseguissem se comunicar.

Alguns entrevistados acrescentaram que, além do contato diário com os nativos, utilizaram como técnicas de aprendizagem: ouvir músicas, ler e assistir televisão. Uma entrevistada relata,

Foi no dia a dia com as pessoas muito gentis, pacientes e fui assistir novelas, porque ela tem um diálogo muito simples e repetitivo, as histórias não são difíceis e isso me ajudou, me ajudou com certeza na forma de dialogar e ainda não consegui fazer um curso de português [risos] (Veneza, 56, F, ITA).

Interessante destacar a ênfase dada à teledramaturgia brasileira, já que ela foi citada também por outro imigrante, e a importância desse meio como um canal para aprender expressões mais informais, coloquiais, que permitiram um maior entendimento da realidade local, da linguagem do cotidiano. Outro aspecto que vale a pena ser destacado se deve ao fato da mesma afirmar que ainda não fez um curso de português, essa é a realidade de 27 entrevistados.

Poucos foram os investigados que estudaram a Língua Portuguesa antes de migrar ao Brasil, no total apenas quatro entrevistados o fizeram. Dois realizaram cursos oferecidos pela Embaixada na Itália, um fez aulas na Espanha, e outro italiano estudou sozinho de modo autodidata. Como se observa no depoimento a seguir,

Sou um dos poucos italianos que tem aqui que tu conhecerás, que sabe escrever direito o português, que sabe a gramática portuguesa. Eu fiz cinco cursos na Embaixada, entendeu? Tem pessoas que moram aqui há vinte anos e nunca se interessou. Nem sabe como se escreve “você”. Eu não, eu fiz

porque me interessava. **Precisou, ao longo dos anos, precisou.** (Parma, 44, M, ITA, grifo nosso).

O entrevistado ratifica a importância do domínio do idioma e o quanto foi necessário para que tivesse uma melhor adaptação no novo destino, vinculando-se assim, a ideia de que o conhecimento da Língua Portuguesa será um forte aliado no processo de territorialização.

Ademais, pode-se perceber que Parma (44, M, ITA) também faz parte de um número reduzido que consegue, além de falar, escrever no idioma local. Um outro ponto que também pode ser observado no relato anterior é que ele deixa claro a existência de um grupo de estrangeiros que nunca se interessou em aprender, em se comunicar. Isso se deve, entre outros fatores, ao fato de conviverem mais com os seus pares, no convívio em guetos, não sendo necessário, do ponto de vista desses sujeitos, se comunicar em português.

Ainda com relação à realização de cursos idiomáticos, uma entrevistada afirmou ter feito um curso após ter migrado para o Brasil: “Quando eu cheguei em Brasília, a faculdade me ofereceu um ano de curso de português, então, eu estudei. Digamos assim, eu aprendi no dia a dia, mas também teve uma base de estudo gramatical” (Florença, 33, F, ITA).

Ainda no tocante a essa questão, foi interessante observar que metade dos espanhóis entrevistados utilizou o termo “portunhol”, ou seja, a junção da Língua Portuguesa com a Espanhola. Essa interlíngua permite que haja a comunicação entre os imigrantes espanhóis e os brasileiros.

É portunhol. Você chega e vai ao supermercado, fala errado uma palavra, mas como entendem, você armazena essa palavra como certa. Só que no momento que você sai de Pipa, vai à Goianinha, vai à Natal, aí você começa a ver que as pessoas fazem uma cara de quem não tá entendendo nada, e é aí que você percebe que não sabe de nada. É uma luta sempre entre o que você está falando errado ou correto. E também eu acho que deveríamos ter estudado mais a língua portuguesa... assistido a aulas para entender melhor o português. (Córdoba, 40, M, ESP).

Na fala do entrevistado é perceptível a angústia entre se comunicar e aprender o idioma erroneamente. O convívio próximo com outros estrangeiros e a não correção por parte dos brasileiros faz com que esse cenário permaneça. Já que, essa interlíngua permite o uso de expressões de modo equivocado e neologismos, diminuindo a possibilidade de aprender a Língua Portuguesa com todas as suas regras gramaticais.

Por fim, Córdoba (40, M, ESP), destaca a importância de realizar um curso e melhorar o domínio do idioma, esse desejo é praticamente repetido pelos demais estrangeiros, que afirmaram que gostariam de ter um melhor conhecimento da língua e de continuar aprendendo.

Já os portugueses não expressaram dificuldades em se comunicar, uma vez que se trata do mesmo idioma, com algumas variações linguísticas. Apenas dois entrevistados relataram que tiveram dificuldades em serem compreendidos.

Cabe destacar ainda que, dentre todos os entrevistados, dois espanhóis e um italiano apresentaram algumas limitações no entendimento de algumas expressões e palavras, sendo necessário explicar com maior detalhamento algumas questões dirigidas a eles no momento das entrevistas. Mas esse fato não afetou no ato de compreender e de ser compreendido no decorrer da entrevista. Dessa forma, pode-se constatar que a maioria dos entrevistados consegue manter uma conversação em português, inclusive com bastante fluidez.

Acredita-se ainda que a aproximação da origem latina das referidas línguas: portuguesa, espanhola e italiana, permitiu que esse aprendizado e o processo de comunicação fossem facilitados.

Enfim, o que se buscou com essa análise, foi refletir em que medida o domínio da língua portuguesa contribui no processo de territorialização do imigrante e constatou-se que, eles estão diretamente relacionados. A habilidade linguística adquirida fortalece o estabelecimento das práticas sociais desses imigrantes, dando-lhes mais poder simbólico. Do mesmo modo, acredita-se que dominar o idioma local também dará mais poder econômico e político para esse estrangeiro. Por outro lado, o desconhecimento da língua contribui para o fortalecimento de barreiras entre o residente e o imigrante, o aumento da exclusão sociocultural e a formação de enclaves, podendo surgir casos de aversão ou xenofobia entre eles.

A partir dessa constatação de que os imigrantes conseguem se comunicar, transmitindo e recebendo mensagens e ideias, é possível analisar suas relações sociais, já que para poder interagir é importante se comunicar com o outro, entender esses códigos, sinais e linguagens. Além do mais, o ser humano, como ser social, precisa um do outro para sobreviver.

Como a migração internacional é um fenômeno que interfere na dinâmica das sociedades receptoras e emissoras, analisou-se como são mantidas as relações sociais entre os entrevistados e os brasileiros; entre eles e seus compatriotas que

também residem no Rio Grande do Norte; e, entre os imigrantes e os seus familiares e amigos que continuam a residir em seu país de origem. Analisando a integração dos imigrantes com os brasileiros, pôde-se perceber que se constitui uma categoria heterogênea; enquanto alguns têm bastante proximidade com brasileiros, outros não. Considerando o grupo que desenvolve relações amistosas, muitos destacaram que mantêm relações estáveis e que nunca tiveram problemas com os locais, inclusive quatro entrevistados afirmaram que seus melhores amigos são do Brasil.

Um ponto interessante trazido por vários imigrantes é que o seu estado civil – casados com brasileiras –, contribuiu positivamente para que estabelecessem relações de confiança com outros brasileiros, e, que, assim, a rede de amizade do seu cônjuge contribuiu para a inserção deles e no estabelecimento de novos laços sociais, conforme se constata no trecho a seguir.

Tenho mais amigos brasileiros do que portugueses, não é por não conhecer, é porque minha esposa é brasileira, então no fundo já é os amigos que ela já tinha, eu que fui entrando e dizendo, esse gostei. Já fiz muito grupo privado meu, que minha esposa nem tá dentro, então fui fazendo as minhas raízes. (Braga, 48, M, POR).

Dessa forma, percebe-se a importância dessa rede primária no tecer de novas redes, pela busca de interesses não apenas do casal, mas também particulares. Acredita-se que essa rede auxilia o processo de adaptação, permitindo que o imigrante estabeleça novos laços a fim de vivenciar o lazer, o trabalho ou alguma outra atividade social, bem como esclarecer dúvidas sobre a cidade e aprender um pouco mais sobre o modo de vida dos locais.

Já aqueles que afirmaram ter dificuldades em estabelecer vínculos relacionais e que mantêm laços fracos com brasileiros, ou seja, “que são caracterizados por relações esparsas que envolvem um menor consumo de tempo e de emoções, menor intimidade e reciprocidade” (BRANDÃO, 2010, p.59), apresentaram os seguintes argumentos:

A palavra amizade é complicada. Ninguém é amigo de ninguém. As minhas verdadeiras amizades estão lá, só lá. Aqui tenho amigos, mas claramente amigos que você faz pra, como posso dizer? **Por conveniência**. Até hoje, graças a Deus, **não precisei pedir ajuda**, mas não sei quantos viriam me socorrer. Mas para o social tenho, tenho amigos, converso, saio. Quando treino, assim, reúno com o professor, com a turma que a gente treina junto e vamos tomar uma. (Milão, 49, M, ITA, grifo nosso).

Vamos dizer, a gente se acostumar a cidade, com o costume da gente, foi um pouco complicado pelo fato do **preconceito que o povo natalense tem com os estrangeiros**, muito complicado. Até hoje depois de três anos não tenho

nenhum amigo brasileiro. Tenho, agora sim. Depois de três anos posso dizer que sim, não são muitos amigos, mas são conhecidos. (Turim, 37, M, ITA, grifo nosso).

O primeiro depoimento registra que as relações são por conveniência, ou seja, por interesses particulares, em busca de algo em troca. O entrevistado afirma que mantém relações sociais para desenvolver atividades mais superficiais e não-sérias. Os vínculos que requerem mais compromisso, proximidade e intensidade emocional, não conhece ninguém a quem possa atribuir essas qualidades.

O segundo entrevistado destaca a atitude xenofóbica de alguns natalenses. Esse fato é interessante, pois segundo Bignami (2005), o Brasil é marcadamente conhecido por ser um povo que acolhe bem o estrangeiro, porém, diante do passado recente vivido no estado frente ao que se denomina, equivocadamente, de “turismo sexual”, quando muitos turistas buscavam realizar práticas sexuais comerciais no Rio Grande do Norte, bem como ao enfrentamento de grupos estrangeiros envolvidos em atividades ilícitas, isso resultou no comportamento de muitos norte-rio-grandenses que começaram a generalizar todos os estrangeiros como perversos, pessoas de má índole e por isso não são bem quistas, refletindo assim no tratamento hostil com alguns imigrantes.

Também foi possível perceber que os imigrantes distinguem relações de trabalho, amizade ou vizinhança. No ambiente laboral, foi recorrente o discurso de distinção entre a forma de trabalhar dos brasileiros, quando comparados com os europeus.

De trabalho, às vezes eu tenho uma dificuldade, porque no momento que o estrangeiro critica a pontualidade, o compromisso, a competência, é um estrangeiro grosso, se não critica é um estrangeiro abestalhado, tá entendendo? Sim, que é enrolado. Quando é negócio de amizade é amizade de oi, agora eu ultimamente, tenho que te dizer a verdade eu com um empresário brasileiro, consegui uma amizade que fosse com frequência onde a gente se encontra. [...] Ele teve já amizade europeia, assim que tem uma mentalidade um pouco... e nós ficamos amigos, sem nem uma programação, oi, oi você tá aonde? Vamos almoçar e tal, esse negócio espontâneo tranquilo e fizemos isso. Com a vizinhança não tenho muito contato. (Trieste, 50, M, ITA).

Aqui podem ser destacados alguns aspectos que valem a pena ser ponderados, primeiro, sobre relações de trabalho lá e aqui. O qual o papel do gestor europeu é questionado pelo brasileiro, assumindo atitudes extremas, ou é muito exigente ou condescendente. Essa forma do brasileiro manter suas relações de trabalho foi construída historicamente, através do sistema escravocrata durante o período colonial e

que traz consequências até a contemporaneidade.

No nosso sistema, tão fortemente marcado pelo trabalho escravo, as relações entre patrões e empregados ficaram definitivamente confundidas. [...] Creio que isso embebeu de tal modo as nossas concepções de trabalho e suas relações que até hoje misturamos uma relação puramente econômica com laços pessoais de simpatia e amizade, o que confunde o empregado e permite ao patrão exercer duplo controle da situação. (DAMATTA, 1986, p.22).

Essa lógica é desconhecida pelo europeu, que muitas vezes não compreende e nem sabe como agir diante dessa situação, já que a cultura laboral na Europa é distinta. O brasileiro muitas vezes confunde seu papel de trabalhador, misturando intimidade e simpatia com o desempenho de sua função, não sabendo o limiar nas relações entre empregador e empregado. Muitas vezes, o trabalhador exerce sua função, mas subordina a amizade, ao jeitinho, busca por troca de favores, transformando uma conversa formal rapidamente íntima. (DAMATTA, 1986; 1997).

Um segundo aspecto que pode ser extraído do relato de Trieste (50, M, ITA), se refere à amizade com brasileiro. O entrevistado afirma que foi difícil construir uma amizade, e que esta foi decorrente de relações de trabalho. Porém, o fato que mais chama a atenção, é que essa amizade apenas foi possível, pelo nativo ter tido experiências de amizades com outros estrangeiros, qualificando-o para tal. Segundo o italiano, esse sujeito tem “uma mentalidade um pouco...”, poderíamos complementar, diferente, superior ou intelectualizada se comparada a outros brasileiros, fazendo desse sujeito, um ser capaz de desfrutar de uma amizade com ele. Essa fala também leva a refletir que para o entrevistado nem todos são capazes de desenvolver uma amizade com estrangeiros, pois não são preparados ou equiparados para tal, apontando assim um caráter seletivo nessas amizades e de distinção aos demais.

O terceiro ponto identificado no trecho acima foi sobre as relações de vizinhança, sendo pouco frequentes. Essa constatação também foi feita por outros entrevistados, afirmando que esse tipo de relação é raro e até inexistente.

Ainda no tocante a percepção dos estrangeiros sobre os brasileiros, alguns entrevistados criticaram o caráter elitista do nativo.

Tem gente muito boa... por estar aqui há tanto tempo, já me sinto capaz de entender como posso trabalhar, com quem posso falar, com quem posso sair, com quem tenho que relacionar. O brasileiro é muito elitista. O brasileiro não é racista, o brasileiro é elitista. Então, eu não sou racista nem sou elitista, mas eu aprendi que no Brasil, você tem que saber com quem pode se relacionar. Porque tem pessoas que é melhor perdê-las que encontrá-las... para trabalho. E para amizades também. (Barcelona, 44, M, ESP).

Nesse trecho se identifica que foi preciso um determinado período de permanência no Brasil para compreender um pouco da dinâmica sociocultural local, do modo como as pessoas interagem e que interesses perpassam nessas relações. Demonstrando que o tempo é necessário para que o estrangeiro possa se territorializar.

O supracitado espanhol faz uma constatação bastante pertinente e que reflete uma das facetas da sociedade brasileira. Para ele, “o brasileiro não é racista, o brasileiro é elitista”, ou seja, o brasileiro trata o outro a partir da classe social a qual pertence. Embora ele se exima dessas duas características, já que não se considera nem racista e nem elitista.

Mas essa constatação sobre o povo brasileiro por parte de Barcelona (44, M, ESP) é reflexo do processo de formação histórica do país. Embora se discorde do espanhol, por defender, assim como DaMatta (1986), que o brasileiro tanto é elitista quanto racista:

Realmente, estou convencido de que a sociedade brasileira ainda não se viu como sistema altamente hierarquizado, onde a posição de negros, índios e brancos está ainda tragicamente de acordo com a hierarquia das raças. Numa sociedade onde não há igualdade entre as pessoas, o preconceito velado é forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e “saibam” qual é ele. [...] O lato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios. Os portugueses já tinham uma legislação discriminatória contra judeus, mouros e negros, muito antes de terem chegado ao Brasil; e quando aqui chegaram apenas ampliaram essas formas de preconceito. A mistura de raças foi um modo de esconder a profunda injustiça social contra negros, índios e mulatos, pois, situando no biológico uma questão profundamente social, econômica e política, deixava-se de lado a problemática mais básica da sociedade. De fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro pobre e inferior, uma série de critérios de classificação. Assim, podemos situar as pessoas pela cor da pele ou pelo dinheiro. Pelo poder que detêm ou pela feiúra de seus rostos. Pelos seus pais e nome de família, ou por sua conta bancária. As possibilidades são ilimitadas, e isso apenas nos diz de um sistema com enorme e até agora inabalável confiança no credo segundo o qual, dentro dele, “cada um sabe muito bem o seu lugar”. (DAMATTA, 1986, p.31-32).

A citação de DaMatta (1986), explica como se processaram as relações sociais e a forma de se relacionar com o outro, no qual você vale pelo o que você tem, não sendo o caráter de uma pessoa que a qualifica, mas a sua conta bancária; ou o seu tom de pele; sua influência e seu conhecimento. Mas acredita-se que essa qualidade racista e elitista do brasileiro, não seja exclusiva dessa nação.

Outro aspecto referente a distinção do povo brasileiro percebida no discurso de alguns estrangeiros, se refere a diferença entre o nordestino e o sulista, apontando para níveis culturais distintos de acordo com a naturalidade. O trecho a seguir ilustrará algumas dessas questões.

[...] se você quer morar aqui tem que começar a entrar no ritmo deles e ir resolvendo, devagarzinho, e vai resolvendo, entendeu? Aqui no Rio Grande do Norte. Se você for pra Minas, pra Belo Horizonte, aí já é diferente, se for Brasília já é diferente, se você for para o Rio já é diferente, cada vez que você desce mais, mais diferente vai sendo... [pausa] mais acelerado, mais competitivo, mais serviços, mais sério, e por aí vai, entendeu? (Faro, 46, M, POR).

O entrevistado deixa claro que na medida em que se aproxima ao sul do Brasil, o ritmo de vida vai se diferindo, enquanto os nordestinos são mais morosos, as pessoas do Centro-Oeste e do Sudeste são mais céleres, sendo perceptível uma diferenciação nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos dessas duas regiões. Além disso, também deixa claro que a qualidade dos serviços oferecidos também é diferente. Essa visão carrega alguns preconceitos, tratando o primeiro grupo como preguiçoso, descansado e relaxado, em contrapartida ao segundo grupo constituído pelos mais ativos, dinâmicos e sérios, quando o que existe são modos culturais distintos que refletem nos hábitos de cada sociedade e que não devem ser generalizados.

Essa percepção também foi representativa no depoimento de Bilbao (46, M, ESP): “Bom, no trabalho é complicado, o trabalho com gente do Sul é distinto. Mas do Nordeste [pausa] do Nordeste é complicado”. Ou seja, o entrevistado reforça essa distinção entre essas duas regiões brasileiras e que a forma de trabalhar em cada uma delas é diferente. O entrevistado ainda complementa que os nordestinos desempenham seu trabalho de modo mais lento e que requerem mais explicações para desempenhar suas funções, sendo um desafio para o estrangeiro exercer liderança e gerir negócios com brasileiros, principalmente se forem nordestinos, sendo muito diferente de sua vivência na Europa.

Esses dois depoimentos retratam algumas imagens do Nordeste e do povo nordestino, que segundo Albuquerque Junior (2011) foram inventadas e estigmatizadas,

Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.343).

Para o autor, essa estigmatização vincula-se a ideia de um Nordeste e de um nordestino inferior, menosprezado, marginalizado culturalmente e intelectualmente. Que assume um lugar de subordinação e dependência em relação ao sul, caracterizado pelo atraso econômico e social. Incluindo ainda a imagem da seca, do fanatismo religioso e do cangaceiro. Ademais, era ali que se encontrava o mestiço, o indolente. Em contraposição a um sul moderno e desenvolvido, intelectualizado, branco e empreendedor.

Ainda segundo Albuquerque Junior (2011), essa imagem começou a ser difundida a partir da década de 1920, esse estereótipo era baseado na antropogeografia que defendia que o clima dos trópicos gerava abatimento físico e intelectual, que aliada a visão naturalista afirmava que as diferenças regionais eram reflexo da natureza, do meio e da raça. Logo daí, originaria essa oposição entre o norte e o sul brasileiro. Nos seus estudos, o autor aponta que essa distinção se fortaleceu na medida em que os engenhos situados no Norte, contemplados em toda a região Nordeste, perdiam poder econômico e político para a cafeicultura paulista, sendo a partir daí criada a ideia de um Nordeste estereotipado.

Paralelamente a esse fato, o autor complementa que esse discurso foi produzido e reproduzido pelas artes, na literatura, na pintura, na música e no cinema, que perdura na contemporaneidade através da mídia e da sociedade, em geral, podendo se incluir os estrangeiros que aqui residem, como se constata neste estudo, fortalecendo assim esse antagonismo entre essas duas regiões brasileiras.

Mas é notório que o Nordeste não é homogêneo: é plural, diverso. Alguns discursos e imagens acabaram tornando-se consensuais e verdadeiros, quando se tratam de estigmas regionais. Dentro ainda dessa temática, outro entrevistado fez essa constatação e afirmou que outros estrangeiros distinguem nordestinos e sulistas, e os tratam de modo diferenciado, categorizando em escalas culturais, superiores e inferiores, mas que ele não age dessa forma, como se observa a seguir,

Não. Não discrimino nem... não. Aparece uma pessoa e eu já não sei se ... meu cérebro sabe que é argentino, que é espanhol, que é brasileiro... Se é brasileiro, se é do Nordeste, se é de Minas, do Sul. Sei que tem muita gente que distingue. Não esse é do Sul Brasil, que é muito melhor, tem nível cultural... porque o nordestino não ... não para mim. Sim é verdade que procuro com um nível cultural mais alto. Com indiferença à nacionalidade, de onde tenha nascido. Em meu país igualmente falo com pessoas que não tem nível cultural nenhum. Sento para tomar uma cerveja, compartilho o tempo. Não tenho nenhum problema. (Córdoba, 40, M, ESP).

Como se observa, o imigrante estrangeiro afirma não ter preconceito com relação a naturalidade ou nacionalidade das pessoas com as quais convive, embora busque contato com pessoas de um nível cultural mais elevado.

Por outro lado, constatou-se que a integração entre os imigrantes e seus compatriotas em território brasileiro é mínima. Muitos deles, independente da nacionalidade afirmaram que até conhecem e cumprimentam alguns, mas não desfrutam de amizades com os seus conterrâneos, não estabelecem vínculos mais estreitos, justificando ao fato de muitos estrangeiros terem vindo ao Estado norte-rio-grandense na busca por turismo sexual, atividades ilícitas, por serem pessoas não sérias e/ou manterem algum tipo de irregularidade em seu país de origem.

Foram constatadas severas críticas a esse perfil de estrangeiro, tentando estabelecer nos seus discursos que não querem ser comparados a esse imigrante, mostrando claramente sua distinção. Reforçando que são pessoas sérias, que vieram para trabalhar, investir e/ou mudar o estilo de vida. Além do que, muitos constituíram família no Brasil e querem preservar uma imagem moralmente correta, adequada, aceita pela sociedade brasileira. Essas impressões podem ser observadas nas seguintes falas, “Não gosto muito de me relacionar com espanhóis. Não gosto de espanhóis. Não dos que estão aqui...” (Zaragoza, 41, M, ESP).

Não. Sabe o acontece? É que, quando um inicialmente fala com um espanhol e fala... é que, eles tentam te enganar ou enganaram uma vez. E a gente evita, porque as pessoas já orientam a não procurar lugares que tenham espanhóis, porque já tenho medo de que... prefiro outros lugares que não... eu não sei se é só com espanhóis, porque quando falei com um italiano ele me disse o mesmo dessa percepção com seus pares. Deveria ser tudo ao contrário, porque as pessoas espanholas me falam: vamos marcar, acabo de chegar e eu encantado de ajudar essa pessoa, porque amanhã pode ser um parceiro, um amigo, mil coisas. Não entendo como as pessoas ficam tentando enganar, mas as pessoas são assim. (Vigo, 51, M, ESP).

Pouco. Conheço todos, chamo de amigos, no sentido de uma amizade assim superficial. São todos diferentes. Todos moram aqui, tem dinheiro que chove do céu e fala mal de Natal, então não pode ficar comigo. São pessoas que não gostam daqui, mas tão aqui a força, não por livre escolha. Deve ter algum motivo que eu não quero nem saber. Uma pessoa que fala mal de um canto onde mora, pegue o ônibus e vá embora. Deve ter algum motivo pra pessoa estar, pessoas que fizeram alguma coisa de errado lá, que não podem voltar. Dizem que amam tanto a Itália, mas ficam aqui? Eu não entendo isso. (Parma, 44, M, ITA).

Conheço, mas não me envolvo muito, porque eles, a maioria tem mentalidade, não sei, que é fora da nossa mentalidade, do nosso trabalho, não ligam muito. Não é que tenha muitas amizades. Porque infelizmente da Itália não só chegaram gente boa, tem gente que veio fugida, sei lá... (Bologna, 62, M, ITA).

Não, não tive interesse, até porque aqueles poucos italianos que conheci estavam casados com brasileiras e eu percebi que elas ... hummm, porque eles queriam uma permissão e eu não me encaixava. Teve um quase vizinho de apartamento italiano que namorava uma vizinha minha, uma senhora muito agradável, mas depois ele faleceu. (Veneza, 56, F, ITA).

Os trechos revelam que os entrevistados, independente da sua nacionalidade, até conhecem seus conterrâneos, mas deixam claro que não existe uma maior aproximação, intimidade ou reciprocidade com outros compatriotas, chegando inclusive a desqualificá-los.

A partir das entrevistas é possível concluir que existe outro tipo de imigrante, considerados enganadores, desleais, desonestos, e, envolvidos com questões ilegais, além de mancharem a imagem da cidade que os acolheu. Essa situação é bastante incômoda para os entrevistados, já que no decorrer de suas falas, eles retomam por várias vezes que são diferentes deles, ratificando esse caráter de distinção.

Sendo assim, pode-se afirmar que, independente da nacionalidade do imigrante é fortemente presente no discurso dos entrevistados receio em se aproximar aos seus pares, e que existem grupos distintos, com interesses divergentes, e que é melhor se afastar dessas pessoas e assim deixar de sentir confundidos ou sofrerem ações preconceituosas devido a esse outro estrangeiro.

Faz-se pertinente destacar ainda que muitos entrevistados fizeram menção que esses outros imigrantes estavam envolvidos com práticas ilícitas no estado, relacionada diretamente à prostituição, tema discutido no capítulo três desta tese. Conforme se observa no último depoimento, a entrevistada Veneza (56, F, ITA) dá a entender que as mulheres não tinham o seu perfil, eram vulgares, destacando que muitos estrangeiros se casaram com prostitutas. Relacionamentos pautados em outros interesses, e ela afirmou ser diferente dessas mulheres, não se enquadrando nesse perfil.

Muitos entrevistados reforçaram a ideia de que vários turistas estrangeiros foram atraídos pelo binômio “sexo e turismo” (LARANJEIRA, 2012; BIGNAMI, 2005) e que, inclusive, alguns deles fixaram residência no litoral potiguar. Dos 31 entrevistados, 20 pessoas, em algum momento da sua entrevista, fizeram menção a esse tema. Como se observa nos trechos a seguir:

Tinha sim, verdadeiramente e infelizmente, muito turismo sexual para Natal também. Infelizmente. Eu reconheço que, no grupo que eu vinha, ficava triste, porque de manhã já estavam pensando como iria ser a noite para fazer.... Infelizmente. Fiquei muito, muito triste. E além disso, não entendia, porque era uma coisa que tem perto de casa, em qualquer parte do mundo e fiquei...vai fazer negócios e fazer essa história...e você ia pela rua e via os homens agarrando duas ou três meninas e...mas vinha muito, muito, muito

investidores. [...]. Naquele tempo, cliente de Natal, era um cliente que buscava sexo [sussurrando]. E foi um ponto de sexo de Natal horrível, horrível. Era um perfil homem, muito feio. Horrível. Aqui em Pipa, não. Graças a Deus, vinha outro perfil. (Córdoba, 40, M, ESP).

Quando eu cheguei aqui em 2009, era aquela época que ainda tinha muitos europeus aqui, aquele turismo sexual, também, né?! A realidade era essa naquela época. E pelo fato de eu ser estrangeiro, eles me identificavam e... espanhol, eles me identificavam como isso aí, inclusive algumas vezes eu tive o acesso barrado a um local, por conta de eu ser espanhol. Locais importantes de Ponta Negra. Eu não tô falando de uma boatezinha, não. “Você é espanhol, você não pode entrar, porque não aceitamos gringos, porque vocês só procuram turismo sexual”. Mas eu tô com a minha esposa, não, isso é um fato desagradável. (Pamplona, 38, M, ESP).

Eu vou ser bem sincero, melhorou muito, melhorou muito em que sentido? Eu vou ser bem direto, quando o turista estrangeiro vem aqui é claro que o clima, mas também a beleza do lugar a beleza do lugar é a mulher, a mulher brasileira, infelizmente muita mulher era a mulher que fazia programa, não estou dizendo a gente adulto, por exemplo, só que teve um momento que este negócio que estrangeiro que vinha, era muito pesado, você é casado com brasileira com filho brasileiro, este casal estrangeiro em qualquer tipo de restaurante ou lugar fica constrangido com comportamento de outro estrangeiro; eu tenho que te dizer a verdade, teve um tempo que vi um caras sueco, norueguês do norte da Europa mesmo era bem estrangeiro pesado, e eu me lembro que numa época tinha um momento que no Praia *Shopping*, quase que no Praia *Shopping* era confusão diária porque o norueguês em Ponta Negra subia já meio bêbados, né? E achava que qualquer mulher que passasse era a mesma que tinha conversado lá embaixo, agora, é claro que cada mulher tinha seu marido em geral e gerava confusão e pra gente que é estrangeiro ser misturando com esse tipo de estrangeiro foi muito ruim, graças a Deus, você está vendo não tem, não tem mais esse povo aqui, ficaram muito mais espanhol, italiano e português que ficaram residente e teve família normal. (Trieste, 50, M, ITA).

E a gente via, vinham aquele pessoal da Itália que vinha bastante atrás de drogas, sexo fácil enfim mulheres e eles foram tornando a cidade muito promíscua, sabe? Eu acho que onde eles pisam eles vão sujando um pouquinho. E depois nós tínhamos um turismo de suecos também, que ele vinha procurar isso também mas é diferente eles vêm procurar porque eles recebem muito bem a moeda dela é alta, mas no país deles é muito caro bebida, cigarro, mulher então eles vêm pra cá para aproveitar isso mas eles aproveitam de uma forma diferente do italiano. Eles aproveitam no jeito deles e depois eles vão embora, diferente do italiano que ele quer ganhar o pedaço, ele quer ganhar o território, ele quer enfim, investir numa coisa errada aqui dentro da nossa cidade e acabou ficando ruim. (Sintra, 32, F, POR).

Eu acho que Natal é uma cidade muito racista com os europeus, com os estrangeiros em geral. Eu não sei se isso se deve a esse passado recente de Natal, onde os europeus, eu creio que não fizeram boas coisas aqui, então há uma rejeição importante ao europeu e eu nunca me senti tão rejeitado como me sinto aqui em Natal. Isso porque já morei em muitos lugares e eu nunca me senti tão rejeitado como tenho me sentido aqui em Natal. Em certos estratos sociais, em certos eu tenho sentido uma rejeição, uma desconfiança. (Bilbao, 46, M, ESP).

Os depoimentos revelam pontos que merecem ser analisados e que auxiliam na compreensão dessa dinâmica migratória no litoral potiguar. Primeiro, esclarece que

vinham estrangeiros com os mais variados interesses: investidores que também estavam interessados em consumir o serviço de prostituição; investidores que além de consumir também geriam esse tipo de negócio, alimentando esse mercado; o que é exclusivamente investidor; e os demais turistas que tem outros interesses. Isso resultou na rejeição por parte de outros turistas, que buscavam outro tipo de turismo, e, resultou na perda dessa demanda, direcionando-a para outros destinos.

Ademais, essa rede de prostituição era concentrada na capital, Natal, principalmente no bairro de Ponta Negra, na Rua Manoel Augusto Bezerra de Araújo, conhecida como Rua do Salsa – nome de um dos inúmeros bares que haviam naquele território. Nos demais destinos investigados, Tibau do Sul e Parnamirim não foram feitas menções sobre o desenvolvimento regular deste tipo de atividade.

Como resultado, surge o terceiro ponto, rejeição aos estrangeiros, com atitudes hostis, pessoas indignas pela residência deles em Natal, já que muitos potiguares se sentiram agredidos pelo comportamento desse tipo de turista. Gerando situações constrangedoras entre o recém-chegado e os estabelecidos, e até impedimentos no acesso desses imigrantes a determinados locais. Essa situação implicou em uma notória necessidade dos entrevistados se autoafirmarem como diferentes desses tipos de estrangeiros. Foi perceptível, no decorrer das entrevistas, inúmeras tentativas de se qualificarem e demonstrar interesse pela cidade, no sentido de romper com essa imagem criada para evitar preconceitos pelo fato de serem estrangeiros. Dessa forma, ressalta-se que estes estrangeiros merecem ser tratados com respeito, preservando suas individualidades e não serem discriminados pelo fato de não serem brasileiros.

Outra questão diz respeito a forma como essa relação “sexo e turismo” é tratada pelos entrevistados. Muitos nem gostam de usar esse termo e seus derivados, às vezes, falando em baixo tom de voz e outros momentos utilizando expressões que a associem, como: “fazer essa história” (Córdoba, 40, M, ESP), “este negócio que estrangeiro que vinha, era muito pesado” (Trieste, 50, M, ITA), “eles me identificavam como isso aí” (Pamplona, 38, M, ESP), denotam o desdém a esse tipo de atividade, o que reforça que eles são totalmente contrários a essa prática, inclusive clamando “graças a Deus” (Córdoba, 40, M, ESP), pela diminuição nos últimos anos.

O próximo aspecto se refere à imagem da mulher brasileira, erotizada, exótica, da liberdade moral e sexual. Segundo Freyre (2006), essa imagem começou a

ser construída no período colonial, pelo próprio colonizador, que detinha o poder sobre tudo, inclusive pelas mulheres.

Pode-se entretanto, que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda da mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata⁵³ para f..., negra para trabalhar’; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência, senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muitos mais do que as ‘virgens pálidas’ e as ‘louras donzelas’. (FREYRE, 2006, p.71-72).

Freyre, apesar de não ser unânime entre os estudiosos devido ao fato de retratar um Brasil que agradasse aos interesses da elite aristocrata brasileira e por defender um processo colonizador sem conflitos e harmonioso entre os povos que aqui viviam, valorizava a mestiçagem, e afirmava que isso foi um fator positivo na cultura brasileira. Dessa mestiçagem surgiu a mulata, essa mulher que é a típica brasileira e com todos os atributos por ele detalhado: a melhor dentre as demais para manter relações sexuais, a mais bela, cheia de encantos e sedução, colocando-a em um lugar de destaque frente as negras e as brancas.

Essa imagem foi progressivamente sendo trabalhada no imaginário coletivo, tornando-se parte da identidade nacional e um elemento atrativo para o turismo do Brasil. De acordo Bignami (2005, p. 123), essa é uma das formas, mesmo que velada, de tentar atrair turistas, “é a da sensualidade, o País sendo considerado um lugar onde a prática sexual é livre, fácil e desenfreada”.

Dentro desse imaginário, Ouriques (2005) acrescenta que além da busca pelo prazer sexual e da simples troca monetária, os estrangeiros buscam afeto nessas relações, já para esses turistas as mulheres dos países periféricos são vistas como “carinhosas”, “compreensivas” e “calorosas”. Nesse sentido, ele ainda complementa,

O sexo é assim um produto de exportação consumido localmente. Embora pareça ser contraditório, queremos enfatizar aqui que nos países centrais existe um “imaginário” sobre as viagens à periferia, associando-a aos encontros prazerosos, ou seja, é exportada a ideia, socialmente construída, de que a periferia é um “jardim das delícias”. (OURIQUES, 2005, p. 108).

⁵³ O termo mulata origina-se da palavra em latim *mulus*, que significa mula, um animal resultante do cruzamento do cavalo com a burra. Considerada por muitos como uma expressão depreciativa, que inferioriza as pessoas com esse tom de pele.

Evidencia-se assim, que a beleza e o comportamento da mulher brasileira são um atrativo turístico nacional, o que, por conseguinte, gerou diversos estereótipos sobre ela, que nem sempre corresponde com a realidade. Por causa disso, muitas mulheres foram assediadas por estrangeiros, apenas pelo fato de serem brasileiras, circulando em territórios da prostituição em zonas turísticas. No caso de Natal, os turistas que mais desenvolviam essa prática, segundo os entrevistados, eram aqueles do norte da Europa (suecos e noruegueses) e italianos.

Ratifica-se assim, que, embora a prostituição já existisse no litoral potiguar, a internacionalização do turismo intensificou essa prática. Ademais, a vinda desses estrangeiros, e posterior fixação de alguns deles envolvidos com esse tipo de prática, dividiu marcadamente os seus interesses. Percebe-se que eles, em sua maioria, se reconhecem, mas se distinguem e não mantêm relações de proximidade.

No entanto, aqueles que possuem amizade com seus conterrâneos afirmaram que foram amizades originadas do ambiente de trabalho ou do seio familiar. E que inclui poucas pessoas, em média duas ou três amizades. “Uma relação e quase parentesco, porque meu concunhado. Outras relações são de trabalho e amizade” (Florença, 33, F, ITA) e “Tenho poucos amigos espanhóis e me relaciono com eles como amigos e vamos ao cinema, almoçar e além do mais são sócios” (Barcelona, 44, M, ESP).

Também se observou que os italianos são o grupo que mais mantém vínculos e encontros regulares com seus pares, seguidos pelos espanhóis e portugueses. Apenas dois entrevistados afirmaram que a proximidade das amizades é igual tanto entre seus pares como entre os brasileiros.

Com relação à existência de uma associação de imigrantes, quer seja sociocultural, desportiva, política e/ou religiosa, que possa assumir um lugar de encontro e de resgate da cultura do seu país de origem; de compartilhamento de angústias e desafios; luta para alcançar objetivos em comum; auxílio na resolução de possíveis conflitos com a sociedade receptora; através do associativismo, pudessem se identificar com seus pares e trocar essas experiências, a grande maioria desconhece ou nunca ouviu falar sobre a existência desse tipo de instituição no Rio Grande do Norte.

Esse aspecto foi investigado por entender que as associações têm uma função social importante e que podem contribuir no processo de territorialização do imigrante no novo destino. Segundo Barreto (1987, p.49), elas devem ser compreendidas como um “mecanismo democrático que conduz o ser humano à

consciência de suas vinculações com a comunidade, tornando-o capaz de se auto ajudar e, também, ensinando-o não só a trabalhar para os outros, mas com os outros”. Dessa forma, o convívio entre compatriotas poderia facilitar o processo de adaptação e auxílio mútuo. Porém, para que elas existam e permaneçam, é necessário o envolvimento dos participantes, propiciando a eles, amplas oportunidades de efetiva participação e de solidariedade.

Albuquerque Ferreira e Viegas (2000, p.18), complementam: “as associações de migrantes visam a satisfação de interesses maioritariamente coletivos, no entanto, também permitem a criação e a reativação de laços sociais entre elementos do grupo”. De acordo com os autores, isso alimenta um sentimento de pertencimento. Sendo assim, as associações favoreceriam a conservação e afirmação de alguns traços culturais de origem e um escape para confortar a saudade de casa.

Os supracitados autores, ainda apontam algumas atividades possíveis de serem desenvolvidas por essas associações,

[...] manutenção da língua materna em contexto familiar comunitário ou associativo; o ensino formal da língua materna às crianças desde a idade infantil, quer tenham ou não nascido no país receptor; a comemoração de datas festivas de carácter religioso ou profano; a organização de festas e de convívios frequentes; a constituição de grupos de expressão cultural (ALBUQUERQUE; FERREIRA; VIEGAS, 2000, p.19).

Percebe-se assim, que as associações têm diversas finalidades, como ensino da língua materna, manutenção de tradições, espaços de convivência e troca de interesses entre os compatriotas, sendo um mecanismo para auxiliar no processo migratório.

Diante desse contexto, analisou-se esse aspecto a partir da nacionalidade dos entrevistados. Com relação aos nascidos em Portugal, nenhum deles conhece ou ouviu comentários sobre a existência de alguma associação portuguesa em terras potiguaras.

Com relação aos espanhóis, apenas um afirmou conhecimento, “Sim, tinha uma, mas nunca fiz parte. Não sei se ainda tem. Eu vi há muitos anos que existia, mas não sei dizer se existe ainda”. (Pamplona, 38, M, ESP). O entrevistado demonstrou desinteresse em participar ou se envolver em uma associação, tampouco, em procurar confirmar a existência da mesma.

Já os italianos foram os que fizeram menção de forma mais recorrente sobre a existência ou tentativa de criação de uma associação. Três afirmaram que existe uma

associação de imigrantes italianos em Natal, sendo que dois deles não são associados, e o terceiro afirmou ser o Presidente desta instituição. Como se observa a seguir,

Não [faço parte da associação]. Eu sei que existe a associação cultural aqui, reconhecida pela Prefeitura de Natal. Existe, mas, logicamente, acho que são feitas por pessoas... segredo...sigilo... fundada por gente que não tem a mínima noção do que é uma associação cultural. Associação cultural pra... não sei o quê. Associação tem que dizer que, cada sócio tem que investir pela própria cultura. Aqui não.... Aqui, se pode, vão roubar o dinheiro que está no caixa. Não existe associação cultural. (Pádua, 60, M, ITA).

Existia mas não deu certo, me foi proposto participar, mas eu vi os elementos que tinha, e sabia que não dava certo porque infelizmente a inveja reinava, e eu não quero, não sou um cara de confusão, eu gosto de cumprimentar com todo mundo, às vezes eu acho que me conheço, e conheço muito italiano e que muita gente que não conhece, teve essa associação, mas eu não sei porque não deu certo, antes de chegar aqui eu me informei porque eu achava interessante, tipo por exemplo, como o judeu faz na Europa tudo e no mundo, que fica muito forte economicamente também interessante porque quem é marceneiro, contador, quem era outra coisa e que podia fazer uma associação, não soube fazer uma associação dessa que poderia dar trabalho para o italiano ou mesmo... mas aqui não tem essa mentalidade positiva de direcionar as coisas, [...], mas aqui não, ao contrário eu vi o restaurante fazendo promoção, eu via, o judeu não faria isso, ele faria uma promoção na segunda e eu faço de terça, você manda e eu te mando um fornecedor, a gente compra junto porque assim abaixa o preço e assim vai a ajuda no preço, aqui não, se eu encontro um restaurante, uma boa massa ou molho, ele não fala nada pra o outro, então fazer o quê? (Trieste, 50, M, ITA).

Esses dois trechos instigam algumas reflexões, que confrontam diretamente o sentido da criação de uma associação, já que, como fora outrora dito, essa instituição tem a finalidade de associar pessoas que tenham interesses em comum, que estabeleçam relações de confiança, que manifestem sentimentos de pertencimento e de identidade coletiva. Porém, o que se extrai dessas falas é o oposto, o reconhecimento do outro, que propôs a criação dessa entidade, como um adversário que defende interesses particulares antagônicos à coletividade.

No primeiro depoimento, Pádua (60, M, ITA), reconhece a Associação e declara o reconhecimento por parte poder público local, mas repudia veementemente os fundadores da entidade, denominando-os de italianos despreparados – uma vez que não detém conhecimento do objetivo de uma instituição como essa –, e corruptos – pela possibilidade imediata de desviar dinheiro da Associação.

O segundo entrevistado, Trieste (50, M, ITA), reforça algumas ideias colocadas por Pádua (60, M, ITA), e destaca que a inveja, falta de solidariedade mútua, desconfiança entre os pares inibe a capacidade de atender e equilibrar os interesses coletivos e, assim, dar sustentação à entidade. Ademais, ao utilizar a expressão “elementos”, fazendo referência aos associados de modo pejorativo, desqualifica os

italianos que faziam parte dessa Associação. Supõe-se que isso deve à presença recente de grupos mafiosos da Itália na capital potiguar, durante meados da década de 2000. Diante desse cenário, o entrevistado afirmou não ter interesse em fazer parte desse mesmo grupo.

Também se pode destacar a comparação que Trieste (50, M, ITA) faz com os judeus, e como os espanhóis residentes no litoral potiguar assumem uma postura totalmente distinta daqueles. Para o entrevistado, ao invés dos espanhóis colaborarem e se solidarizarem entre si, não o fazem, se assumem como individualistas pelo bem próprio, o que acaba enfraquecendo e prejudicando o coletivo.

Nesse mesmo sentido, o presidente da Associação italiana afirma:

Eu faço parte e criei uma dessas, a ASCIBRA, Associação Cultural Ítalo Brasileira. Qual é o problema? O problema somos nós. Infelizmente cada um de nós pensa em seu próprio mundinho, no seu próprio ponto de vista, mas o problema é nosso, da qualidade de italianos que estamos aqui, problema nosso. Muitas pessoas tentaram, mas não deu certo. Aqui em Natal não deu certo. Tentamos fazer, mas depois, como sempre... não, eu não vou porque aquele é antipático, aquele outro também, mas seria muito importante. (Milão, 49, M, ITA).

Esse depoimento reforça a busca por interesses próprios e o desinteresse em atuar de forma coletiva na tentativa de solucionar problemas em comum, gerando relações conflituosas. Constata-se assim, que existe uma associação documentada, registrada, referente à comunidade italiana residente na capital potiguar, mas na prática os encontros não acontecem, não sendo legitimada por seus pares.

Dessa forma, é perceptível uma desarticulação entre os imigrantes, o que, conseqüentemente, enfraquece o grupo e dificulta na criação de estratégias para sustentar uma associação. Perdendo sua capacidade de valorizar a identidade desses estrangeiros e contribuir para sua adaptação, na medida em que se encontram residindo fora do seu país.

Além das justificativas que apontam para a falta de credibilidade e continuidade dessas associações, Rocha-Trindade (1995, p.184), afirma que só existe “uma comunidade de imigrantes da mesma nacionalidade numa certa região de destino, quando o fluxo migratório apresenta determinadas características quantitativas e de continuidade, durante um período longo de tempo”. Por conseguinte, acredita-se, que o fato dessa migração europeia no litoral potiguar ser recente, menos de uma década, isso contribui para a manutenção do *status quo*.

No tocante, aos vínculos afetivos deixados no seu país de origem, constatou-se que os imigrantes mantêm estreitos laços com familiares e/ou amigos, principalmente, através da Internet e das mídias sociais. Nessa perspectiva, segundo Costa (2008, p.110),

Apesar do pouquíssimo tempo de disseminação generalizada, a *internet* hoje é a ferramenta tão surpreendente e com mutações tão extraordinárias que se torna difícil imaginar o seu futuro daqui a uma década, por exemplo. Na velocidade da luz pode-se hoje enviar *e-mail* para qualquer parte do mundo e o destinatário receberá em tempo real. É possível também realizar operações comerciais em qualquer parte da Terra onde exista acesso à *internet*, reproduzir músicas, vídeos, livros, textos e imagens em geral, além de fazer operações financeiras, acessar jornais, visitar bibliotecas, museus, (arquivos) ou mesmo educação à distância.

Percebe-se assim, a dinamicidade e alcance dessas tecnologias digitais, e o quanto elas estão presentes no cotidiano das pessoas. Dentro desse universo, destacam-se as mídias sociais como *Whatsapp*, *Skype*, *Facebook* e *Instagram*⁵⁴, que foram citados por todos os entrevistados, como meio de manter suas redes sociais.

É nesse sentido que Santos (2014) afirma que se deve entender o espaço da conectividade, que permite uma sociabilidade à distância, ou seja, que atores longínquos estabeleçam uma linguagem que repercute imediatamente e imperiosamente sobre outros lugares distantes. Ainda segundo o autor, “Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos”. (SANTOS, 2014, p.266).

Essas redes são mantidas através de contatos diários com os amigos e familiares que permaneceram em seu país de origem, a partir dessas mídias. Poucos entrevistados disseram que se comunicam ocasionalmente e nenhum deles disse não manter nenhum contato com alguma pessoa em seu país de origem. Essas questões podem ser observadas nos relatos a seguir.

Hoje em dia é muito fácil, com a *internet*. Eu lembro quando eu morava fora fazem 15 ou 20 anos, a comunicação com a sua família era muito difícil, era telefone, cartas, agora com a *internet*, *skype*, *whatsapp*, eu falo quase diariamente com a minha família e meus amigos. (Bilbao, 46, M, ESP).

Hoje em dia é muito simples conversar, porque... pelo *whatsapp*, pelo *facebook*, pelo *instagram*, qualquer coisa você consegue se comunicar, não precisa ligar pra saber como estão as coisas. Às vezes manda uma mensagem e já está comunicado. No meu caso, eu sou uma pessoa com pouca dependência da família, ou seja, não tem uma relação estreita, mas hoje em dia não tem problema não. (Pamplona, 38, M, ESP).

⁵⁴ Trata-se de aplicativos gratuitos utilizados na *internet*, que fazem uso de mensagens de texto, imagens, áudios e vídeos, onde se é possível conectar em tempo real com qualquer outra pessoa no mundo.

É muito bom, porque a tecnologia de hoje permite uma extrema proximidade, apesar da distância. Com a *internet* eu tenho contato diário com os meus pais e quase diário com as minhas amigas. Então, é uma relação quase semipresencial. (Florença, 33, F, ITA).

Nos depoimentos acima, primeiramente destaca-se a importância que é dada ao avanço dos meios de comunicação. A tecnologia atual permite maior rapidez e conseqüentemente, instantaneidade às informações quando comparado com tempos passados, onde receber e enviar notícias era um processo mais demorado através do envio de cartas ou telegramas, ou então mais caros como o envio de *fax* ou telefonemas. Dessa forma, o ambiente virtual revela “novas noções de tempo, espaço e interação social, alterando condutas, valores e expressões, os quais passam a ser efetivamente peculiares desse contexto”. (SCHWARTZ; MOREIRA, 2007, p.150).

Nesse sentido, a proximidade geográfica não é mais a condição da comunidade social, porque as pessoas com as quais se lida não estão localizadas exclusivamente naquela comunidade local, ou naquele território físico, mas em um território-rede.

Alguns entrevistados também apontaram que mesmo com essa possibilidade de diálogo em tempo real permitido pelas mídias sociais, as informações às vezes não chegam com a mesma veracidade, além disso, podem chegar atrasadas ou serem mal interpretadas.

As informações chegam muitos distorcidas. Você fica com o coração quebrado, ou parodiando Alejandro Sanz⁵⁵, você fica com o *corazón partido*. Fica, porque as informações chegam mal, você se altera mais ou fica compungido por muitas coisas. A valorização de informação tem que ser muito fria, porque acontece episódios de todo tipo. Problemas familiares, de saúde, de investimentos, de fracassos ou momentos de felicidades mesmo. E tudo chega, eu acho, muito diferentes ou não chega no momento que você acha... todo mundo sabe e você não sabe. É difícil, realmente é difícil relacionamento à distância. Mas... (Córdoba, 40, M, ESP).

Além desses aspectos, vários entrevistados afirmaram que muitas relações se enfraqueceram, em sua maioria causadas principalmente pela distância e pelo tempo. E outros afirmaram que inclusive perderam totalmente o contato com algumas pessoas.

Enfraqueceram, enfraquece, enfraquece porque o pessoal primeiro muda a situação familiar, porque primeiro tem gente que tem filho e eu não tenho filho, e depois com o passar do tempo casado com a esposa, a mulher pode direcionar para outras amizades e assim aquela conversa..., às vezes fofoca de futebol italiano, mais um pretexto para poder ligar ou brincar, mas também

⁵⁵ Alejandro Sanz é um cantor espanhol reconhecido internacionalmente, sua canção *Corazón Partió* foi lançada no álbum *Más*, em 1997 e foi regravaada por uma série de outros artistas.

agora com este *facebook*, acho que ficou tão desagradável, por exemplo, o que eu posso dizer, que eu nunca pensei, minha mãe faleceu e eu nunca pensei que alguém morando aqui ou também na Itália poderia me mandar uma mensagem de condolências e eu, morando aqui tinha ido na casa dele e dar um abraço e eu recebi pelo *facebook* acho, e assim fica muito informal. (Trieste, 50, M, ITA).

Infelizmente enfraqueceram muitas. Muitas enfraqueceram. Até surpreendem. E meus amigos que eram os de sempre, sempre, infelizmente você sente que perdeu... e perdeu aquele que tinha contato todo dia. O tempo faz muito mal... faz muito mal para os relacionamentos. (Córdoba, 40, M, ESP).

Vale lembrar que esse imigrante, ao deixar o seu país de origem, deixa uma ausência ali. Não é apenas o imigrante que lida com essa situação, mas também aqueles que permaneceram no estrangeiro. Logo o enfraquecimento dessas relações é de responsabilidade de todos os envolvidos, das próprias pessoas e não necessariamente do ambiente virtual.

A pesquisa revela ainda que ao mesmo tempo que as mídias sociais permitem o acesso a informação, muitos desses contatos tornam-se mais superficiais e impessoais, tornando-se um paradoxo. Nesse sentido, as relações vivenciadas por meio dessas novas dimensões socioculturais “impõem um rearranjo para a exposição ao tecnologicamente possível do corporalmente permitido, representando uma transição cibernética das potencialidades corporais”. (SCHWARTZ; MOREIRA, 2007, p.166).

Percebe-se assim, que, embora os recursos tecnológicos tenham permitido novos modos de se relacionar, acredita-se que o ser humano continuará necessitando de contatos pessoais, já que o virtual não consegue atingir essa dimensão.

Isso posto, constatou-se que tanto a alimentação, como o idioma e as redes sociais – categorias da dimensão sociocultural do território – são (des)(re)territorializados com a dinâmica migratória, provocando novas territorialidades junto aos estrangeiros que decidiram fixar residência no litoral oriental potiguar, estabelecendo novas temporalidades, espacialidades no conviver com o outro.

6.2.2 Hospitalidade pública potiguar no território turístico e não-turístico

O residir permite que outros olhares sejam manifestos pelo estrangeiro, que se tornou imigrante, a partir da convivialidade com os anfitriões e com o novo sistema de objetos e ações encontrados no destino de acolhimento. De acordo, com Grinover

(2006, p.31), “de modo quase intuitivo o viajante, o turista, o migrante quando chega a uma cidade e percorre os espaços que constroem essa forma urbana, é submetido a um sem-número de percepções, de situações e de processos importantes de informação”.

O estudioso esclarece que essas percepções são distintas, já que cada sujeito apresenta sua individualidade e sua compreensão de mundo e isso vai influir diretamente nas suas percepções. Além disso, ressalta-se que a territorialidade do turista é diferente da territorialidade do imigrante, embora em determinados momentos partilhem do mesmo território.

Partindo desse pressuposto, buscou-se compreender a percepção dos imigrantes no tocante a hospitalidade pública local, já que essa mobilidade implica em uma apropriação em relação ao lugar que elegeram para residir e, conseqüentemente, na formação de novas territorialidades.

Constatou-se que eles diferenciam a hospitalidade pública local nos territórios turísticos, assumindo atitudes mais hospitaleiras; frente aos territórios não-turísticos, adotando posturas mais inospitaleiras. Nesse sentido, cabe esclarecer que o turismo escolhe porções do espaço para se reproduzir, e se por um lado, cria e valoriza determinado território, por outro lado, negligencia outras porções (CRUZ, 2005).

Como consequência, nos destinos turísticos podem ocorrer uma dualidade de territorialidade: “a territorialidade sedentária dos que aí vivem frequentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que frequentam” (KNAFOU, 1996, p.64). Percebe-se assim que as formas de apropriação são diferentes, o imigrante agora vive no território turistificado, sofrendo os efeitos desejáveis e não desejáveis do turismo, assumindo territorialidades distintas ao turista.

Nesse sentido, o território do imigrante deve ser compreendido como

O território realizado, vivido e sentido, mais que referenciado e circunscrito, engloba os lugares que se singularizam em suas diferenças pelo seu valor de uso, por seu alcance real: os lugares concretos quais sejam – o morar, o estudar, o trabalhar, o divertir-se, o viver saudavelmente, o transitar, o opinar. (GRINOVER, 2006, p.34).

Sendo assim, seria o território do seu cotidiano, das trocas sociais, no qual ele desenvolve suas tarefas rotineiras e seus percursos diários. Já os turísticos, são os “territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores” (KNAFOU, 1996, p. 73), ou seja, que foram

apropriados pelos turistas e sofrem com a especulação imobiliária e ação dos agentes hegemônicos.

Segundo os entrevistados, esse território vivido pelo imigrante é negligenciado pelo poder público, não havendo interesse em oferecer serviços de qualidade à população local. Diferentemente do que se observa no território turístico, que tem melhor infraestrutura urbana e serviços quando comparado a outros trechos da cidade.

Tendo compreensão dessa diferenciação destacada pelos entrevistados, cabe esclarecer qual o conceito de hospitalidade pública defendida nessa tese. A hospitalidade será compreendida como “[...] o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *habitat* natural” (CAMARGO, 2004, p.52).

Destaca-se que o novo *habitat* será o destino do imigrante e nesse chegar e permanecer, o mesmo tenderá a sentir-se como estranho, e as relações humanas e vivências na nova cidade serão responsáveis por um sentimento de prazer ou desprazer, emergindo através de experiências hospitaleiras ou hostis. Podendo assim avaliar a hospitalidade como sendo um comportamento que estabelece a troca de benefícios mútuos para o anfitrião e o recém-chegado.

Nesta tese, tomou-se apenas a dimensão pública da hospitalidade⁵⁶ que remete à percepção da hospitalidade em ambientes públicos, considerando aspectos como a sinalização, segurança e limpeza da própria cidade. (DENCKER, 2003; CAMARGO, 2004). Ademais,

O que torna a cidade bonita e hospitaleira é sua capacidade de expressar um microcosmo social e arquitetônico ordenado, no qual cada edifício, por sua dimensão, por seu refinamento e seu esplendor, mostra não só sua própria importância, mas também a importância de quem o encomendou e que ali vive. (GRINOVER, 2006, p.36).

Sendo assim, não se considera apenas aspectos ligados aos serviços oferecidos pelo poder público, ou a infraestrutura, mas também ao zelo, afeto e manutenção dos próprios cidadãos que ali residem.

⁵⁶ Além da dimensão pública, Dencker (2003) acrescenta: o espaço doméstico, aquele praticado dentro de casa e no relacionamento com pessoas próximas, parentes e amigos; o comercial, que compreende a hospitalidade oferecida por estabelecimentos mercantis; e o virtual, aquele onde a hospitalidade é percebida dentro de uma relação por meio da *internet* (DENCKER, 2003).

Dentro dessa dimensão, observou-se apenas um tempo/pilar⁵⁷, proposto por Camargo (2004): o “bem receber”. Trata-se do primeiro contato ao acolher o visitante em sua “casa”, ou seja, à análise da relação humana entre quem recebe e quem é recebido. Nesse caso, serão analisados o acolhimento e a receptividade dos anfitriões, mais precisamente do potiguar e da atuação do poder público frente a espaços e serviços de uso comum. Esse tempo/pilar fornece a sensação de acolhimento no novo destino, e suas diversas experiências poderão contribuir para que a sua permanência se torne mais agradável ou simplesmente contribua para aumentar o desejo do retorno.

Sabe-se que a hospitalidade pode estar presente em diversos momentos do viver em sociedade, e também interfere na escolha de um destino para residir, uma vez que o imigrante viverá em um local diferente do seu espaço natural, e que ele poderá sentir-se ou ser considerado um estranho pelo outro. Sendo assim, a hospitalidade está estritamente ligada às necessidades e desejos das pessoas, ou seja, do desejo de “ser bem recebido”.

Os anseios desse desejo dependerão de uma relação de troca entre o anfitrião e o convidado, ou seja, entre o nativo e o imigrante. Segundo Mauss (2003), essa hospitalidade de manifesta no ato dar, receber e retribuir.

Dessa forma, na medida em que o imigrante se fixa novo destino, paga seus impostos, desenvolve sua nova vida e assume um compromisso, neste caso no litoral oriental potiguar, ele espera-se que o poder público de alguma forma retribua seus feitos, a partir da forma que o estado lhe ofereça uma infraestrutura física adequada, uma prestação de serviços e um atendimento em espaços e órgãos públicos com qualidade.

Ressalta-se que essa percepção do estrangeiro ao chegar no novo destino, vai ser iniciada a partir da sua visão de mundo, dos seus valores e padrões comportamentais adquiridos ao longo da vida e que serão reterritorializados com a dinâmica migratória.

Considerando a prestação de serviços oferecidos aos estrangeiros, com relação a formas de cortesia e tratamento entre eles. Esse aspecto refutou a imagem pré-concebida do povo brasileiro, envolvida pelo “repertório de discursos que faz parte

⁵⁷ Embora o autor ainda inclua o bem alimentar, que está relacionado a presença da hospitalidade no ato da alimentação, do comer e do beber, na gastronomia local em detrimento da sua gastronomia originária; bem entreter, que seria a forma de propor um momento agradável para o visitante de maneira que possa servir de entretenimento para o mesmo, seja através de conversa, TV ou até mesmo algum programa para sair entre outros; e o bem hospedar, que refere aos meios de hospedagem da localidade. (CAMARGO, 2004).

dessa imagem [que] passa pelo mito do homem cortês, pela hospitalidade do brasileiro, pela ausência do racismo entre outros”. (BIGNAMI, 2005, p.115-116).

A maioria dos entrevistados acredita que isso é um mito, já que sofreram algum tipo de abuso ou preconceito, no tocante à prestação de serviços, pagando preços elevados por não serem brasileiros. Para os imigrantes, os nativos os veem como pessoas detentoras de muito capital e por isso devem pagar mais caro. E complementam que existe no imaginário do brasileiro de que todo estrangeiro é rico, e como tal pode ser explorado. Como se observa a seguir:

Porque a visão que tem aqui do estrangeiro é que ele é rico, né? Um cara da França chega aqui e aaaaaáííííí.... acha que é rico, multimilionário e não sabe o que fazer com o dinheiro dele. Pelo contrário, é um trabalhador que trabalha duro, poupa o ano inteiro, para ficar dez dias aqui de férias. (Toledo, 66, M, ESP).

Se eu vou fazer uma xerox, para minha mulher cobram sessenta centavos, e a mim, me cobram um real. O cara da xerox me escuta falar e diz: não, o cara é gringo, vou cobrar um real. Se eu, quando fui a me casar, fui ao salão e minha mulher tinha que negociar! Eu não podia abrir a boca... então, porque o brasileiro tenta tirar proveito, o político tira proveito da posição que está. Mas o cabelereiro tira proveito da posição que ele está, o cara que vende coco tira proveito. Então, se acaba que a educação do brasileiro é de tirar proveito. Então, muito complicado. (Segóvia, 40, M, ESP).

Percebe-se uma indignação, por parte dos entrevistados, que alteram a sua voz em determinados momentos da entrevista ao relatar essa situação, e afirmarem que muitas vezes são obrigados a pagar mais caro. Eles também destacaram duas estratégias bastante utilizadas para tentar fugir desses tratamentos abusivos, primeiro, pedir para familiares ou amigos brasileiros efetuarem a sua compra; e segundo, realizar compras *on line*.

DaMatta (1997), apresenta alguns elementos que podem auxiliar na compreensão dessa situação de tratamento entre os prestadores de serviços e os imigrantes. Para o estudioso, o brasileiro assume diferentes posturas dependendo com quem esteja interagindo, admitindo distintas condutas de acordo com determinadas pessoas, ações e situações. Nesse sentido,

Assim, se compro e vendo a um parente ou amigo não quero ter lucro e não me importo com o dinheiro. Mas, se comercio com um estranho, então não existe regra senão aquela de explorá-lo até o último ponto. Troca e comércio, para ser mais preciso, exigem éticas sociais radicalmente diversas. (DAMATTA, 1997, p.43).

Sendo assim, o fato de cobrar mais caro para o estrangeiro, mesmo que esse seja residente tal como o prestador de serviço, é uma forma de reproduzir um

comportamento que já está arraigado na cultura do brasileiro, da malandragem. Em que o malandro utiliza artifícios pessoais para tentar tirar proveito de certas situações, partindo da premissa “que cada homem é um caso e cada caso deve ser tratado de modo especial” (DAMATTA, 1986, p.70). Logo, os preços e os serviços serão ofertados de acordo com o interesse do comerciante, variando intempestivamente de estrangeiro para estrangeiro, de turista para turista, e de nativo para nativo.

Ampliando essa discussão, evidenciou-se diversas queixas dos entrevistados sobre o fato de muitos brasileiros se aproximarem por interesse e na busca de obter algum tipo de vantagem – quer sejam econômicas ou sociais – o que acarretou em prejuízos financeiros e emocionais para os imigrantes. Todos, sem exceção, em algum momento, passaram por esse tipo de situação.

Advogados, despachantes, amigos, parceiros... eu passei já por todos e todos me enganaram. Pegaram dinheiro para uma coisa e era outra. A pessoa que com eu iniciei aqui, descobri faz pouco tempo que estava roubando meu dinheiro já há bom tempo atrás. Imagina a sensação que você tem? De traição. Mas, tem que buscar força, porque na Espanha também uns, que tem negócios lá... já... não que estejam acostumados, mas procura seguir adiante e esquecer. Mas a frustração é muita. (Vigo, 51, M, ESP).

Todo o mundo, 100% dos brasileiros me roubaram. E aqui o esporte nacional do brasileiro é roubar. Eu vou à praia de Ponta Negra, deço a barraca... o cara me está vendo, 3 anos que moro em Ponta Negra e todos os dias que baixo, me tenta roubar. E eu falo: Ronaldo, pelo amor de Deus, e ele me diz: argentino! Primeiro, que não sou argentino, sou espanhol! Você deveria saber, porque eu não sou um turista. Eu moro aí, na frente do mar. Eu deço minha escada e estou aqui. Sempre me quer cobrar mais por uma cerveja, sempre me quer cobrar mais por um coco, sempre quer colocar menos camarão na porção de camarão... Ronaldo, pelo amor de Deus, você deveria saber que eu não venho quinze dias, que eu moro aí em frente, sempre explico a ele, a mesma história... E ou o cara é retardado ou está rindo de mim, só isso. Então... um país muito complicado (Segóvia, 40, M, ESP).

Podem ser extraídos dois aspectos interessantes nos trechos acima, ambos os espanhóis apresentam um discurso contundente que a desonestidade é uma prática corriqueira do brasileiro. Segóvia (40, M, ESP) assume uma postura mais agressiva e generalista dos brasileiros, além da revolta diante desse cenário e uma grande desconfiança em estabelecer novas relações profissionais com brasileiros. O segundo ponto, ratificado por Vigo (51, M, ESP) é que essa atitude aproveitadora não é exclusiva do brasileiro, mas trata-se do caráter do sujeito e não de nacionalidade. Isso se faz pertinente destacar para que não haja preconceitos e atitudes discriminatórias entre os estabelecidos e os *outsiders*.

Dessa forma, as atividades comerciais, segundo os entrevistados, têm um caráter predominantemente mais extorsivo, já que não oferecem um preço justo, e as relações profissionais geram descrédito pelos repetidos enganos sofridos pelos estrangeiros, podendo ser assim consideradas atitudes inospitais. Mesmo se tratando de relações que envolvam trocas monetárias, não foi oferecido algo “como ‘para além do’ ou ‘tudo que se faz além do’ contrato” (CAMARGO, 2006, p.25), mas ocorreu exatamente o oposto, deixou-se muito aquém do que era esperado, frustrando as expectativas do imigrante.

Poucos foram categóricos ao fazer comentários positivos com relação à hospitalidade potiguar, inclusive um dos entrevistados chamou a atenção para isso. Ele disse que o seu carro foi arranhado algumas vezes e escreveram na janela do seu automóvel: “filho da puta, vá embora do meu país”, uma atitude clara de repulsão por parte dos locais.

Essa situação levou a uma outra reflexão, quais os motivos que levaram o outro a reagir dessa forma? Esse nativo viu o estrangeiro se apropriando e se estabelecendo no seu território cotidiano, “sem ser convidado”, e por isso ele mesmo também teve que se reterritorializar. Acredita-se que essa situação foi e é permeada por conflitos, não somente na dimensão espacial, mas sociocultural, política e econômica, e que cada agente social, estabelecido ou *outsider* teve que ir se adaptando a essa nova realidade.

Aqueles que destacaram a hospitalidade do brasileiro, afirmaram: “Fomos bem acolhidos e bem tratados” (Córdoba (40, M, ESP); “[...] só tenho que agradecer pelas pessoas que me ajudaram, pessoas maravilhosas e pacientes” (Veneza, 56, F, ITA); “Brasil tem uma coisa muito boa... as pessoas são uma coisa muito boa, muito acolhedora”. (Barcelona, 44, M, ESP). Mas foram depoimentos pontuais, que exaltaram alguns contatos pessoais, que auxiliaram no processo de adaptação; ou um comentário mais generalista, que não enfatizou nenhuma ação em particular.

Cabe destacar, que os entrevistados declararam um grande descaso do Estado com o espaço público, em que a corrupção é o grande complicador nesse processo de viver no Brasil e que o habitante local é indiferente com a cidade, apático, não reivindicando o direito por melhores condições de vida. Eles fizeram severas críticas aos serviços públicos local, apontando diversos problemas estruturantes e deficiências que afetam no seu dia-a-dia. Frisando que uma coisa é estar na cidade como

turista e outra é viver como imigrante, o olhar do turista é diferente do olhar do imigrante, bem como sua relação com o tempo e o espaço.

Se você vem de férias pra Natal, é maravilhoso, porque ninguém vai dizer que Natal é uma cidade feia, porque também ninguém conhece a cidade. Quem vem de férias não vai à Praça das Flores ou não vai pra Salgado Filho, sabe? A pessoa que vem de férias vai conhecer o Morro do Careca, vai conhecer Genipabu, Ponta Negra, Praia da Pipa, Cotovelo. A pessoa que mora aqui avalia com outros olhos. As pessoas gostam. Gostam muito. Por isso que Natal é uma cidade turística, porque as pessoas querem... repetem, a grande maioria. (Pamplona, 38, M, ESP).

Esse depoimento será o ponto de partida para essa discussão, pois deixa claro que existem territórios distintos na cidade. O território turístico, marcado por diversos atrativos naturais e qualificado como maravilhoso, e um outro território aquele do residente, do imigrante, que o turista desconhece, que apresenta outros atributos. Sendo assim, o território turístico é mercantilizado, criado para atender as demandas do turista, onde se tenta encobrir os problemas enfrentados pela cidade do residente, marcado por outros territórios.

Dessa forma, pode-se afirmar que o turista não conhece a cidade, mas territórios que atendem suas demandas momentâneas e que criam o desejo do retorno. O consumo do turista é mais a do espectador, da passagem, da efemeridade, que percorre a rota turística e compra *souvenir* (BAUMAN, 1998; MAZON, 2014; OURIQUES, 2005). Já o imigrante é protagonista, vive a cidade com seus prazeres e dissabores, esse conhecer que só é possível através do vivido, de sua territorialização no decorrer do tempo, onde se percebe os conflitos e os problemas cotidianos, assumindo assim, comportamentos e atitudes distintas com relação ao espaço e tempo.

Esses estrangeiros, agora como residentes, afetam e são afetados pela dinâmica do lugar, (re) (des) territorializam, atuam economicamente e questionam como qualquer cidadão o direito à cidade. Muitos deles denunciaram preocupações e problemas enfrentados enquanto cidadãos. E, embora tenham melhores condições de vida que os nativos, também sofrem da ineficiência do Estado.

As variáveis de análise dessa categoria estão relacionadas com a infraestrutura física e a prestação de serviços básicos para o cidadão (saúde, segurança e educação), a fim de identificar elementos que poderiam ser representados como expressão do bem acolher da cidade, uma vez que, geralmente o que se observa são melhores serviços e infraestrutura nos territórios turísticos.

Quando analisamos o que acontece em vários locais do planeta, onde as canalizações de água e esgoto que servem a hotéis luxuosos passam por bairros pobres sem ser a elas ligadas; onde a eletricidade que ilumina e aquece o banho dos turistas não chega até as comunidades locais; onde o asfalto que passa pelos roteiros turísticos contrasta com as ruelas esburacadas e enlameadas dos países próprios, muitas vezes a poucos metros da modernidade automobilística, concluímos que a especificidade do desenvolvimento pelo turismo para a imensa maioria dos habitantes do mundo periférico não passa de uma ilusão. (OURIQUES, 2005, p. 100).

Nesse sentido, o estudioso aponta que os benefícios são pontuais, e na verdade em apenas alguns trechos da cidade, naqueles onde o turismo se reproduz, questionando assim, até que ponto o turismo contribui com desenvolvimento da localidade e de sua comunidade. Diante dessa constatação por parte dos entrevistados, da existência de dois territórios distintos, percebeu-se uma preocupação dos imigrantes com as condições da cidade e com a falta de interesse político em reverter essa situação.

Um dos principais problemas citados pelos entrevistados foi no tocante a insegurança pela qual passa o estado e, conseqüentemente, o aumento da violência. Dois entrevistados afirmaram terem sofrido assalto na capital potiguar. Um dos relatos pode ser observado a seguir.

Então vendi [um apartamento], fiz algum dinheiro, mais ou menos setenta mil reais e o Banco do Brasil estava em greve e tive que levar meu dinheiro na mão para a Espanha. E me roubaram tudo, levaram tudo, meu passaporte. E ninguém sabia que eu levava esse dinheiro, falei com minha contadora e minha administradora. E fui na casa de câmbio e tinha uma moto próxima, e levaram, me puseram uma pistola e tinha um carro da polícia e fui lá e nada. [...] e eles foram embora e levaram mais ou menos três mil euros, levaram meu NIE, meu passaporte. Depois encontraram meus documentos, mas o dinheiro não. Depois fui na delegacia, com minha contadora e o delegado achou que ela estava envolvida com o roubo, mas eu não acredito nisso, embora os fatos seguem para essa direção (Sevilla, 51, F, ESP).

Outros aspectos levantados pelos entrevistados foram o alto custo de vida, a formação de filas, burocracia e desrespeito às leis, o que dificulta o trabalhador de exercer seu trabalho.

Lá a burocracia também há ... nós temos a tendência de dizermos, cá o nosso é melhor, não. A questão é que... eu acho que a única coisa que tem aqui que é insuportável, entre aspas, é... por exemplo, você vai à Caixa Econômica e o menino que está a atender e diz, “olha, hoje eu não atendo mais ninguém” ou “hoje eu não abro a conta” ou “hoje é só pra pessoas que sabem ler”. Quer dizer, a pessoa vai daqui [Tibau do Sul] pra Natal, leva uma pessoa e tá ali duas horas à espera e vem o menino lembrar que hoje já não abre mais conta. E depois não há ninguém, ninguém é responsável, ninguém sabe de nada. Eu não chamo isso incompetência, isso chama-se justificação. Você não tem ninguém que saiba ouvir, você vai falar com o gerente e... ahhh. pois, pois, pois... vai te embora. O mais chato é isso. Acho que o fato mais complicado é isso. E é por causa disso que nunca... aqui é tudo amanhã, tudo, tudo, tudo, tudo... se mandar fazer uma coisa ali, olhe... ahhh, a gente a amanhã faz, se

mandar fazer uma coisa aqui ...nunca é no mesmo dia. Sempre é amanhã. É sempre, sempre, sempre... Não há responsabilidade nenhuma. Ninguém é responsável por aquilo que faz. Eu, pra mim, como coisa que eu vejo, é o fator mais complicado é essa falta de responsabilidade. Toda gente faz, ninguém assume, depois logo se vê e pronto. E assim se vai. (Aveiro, 65, M, POR).

Na visão da maioria dos entrevistados a cidade não está preparada para receber o imigrante. Essas críticas foram defendidas praticamente de modo uníssono pelos entrevistados, endossando as questões referentes à ausência da pavimentação em diversas ruas, buracos nas vias, falta de sinalização, exposição de lixo, falta de saneamento básico, calçadas com desníveis, depredação do patrimônio e espaços públicos necessitando de manutenção, mesmo em bairros com altos valores de IPTU. Também acrescentaram que a incompetência desses gestores reverteu na perda de interesse do mercado turístico, e assim, o capital elegeu outros destinos e Natal perdeu com isso.

Esse cenário contribui para a percepção de uma cidade pouca acolhedora, uma vez que:

A cidade é hospitaleira ou não, em função da coexistência de três dimensões fundamentais: a acessibilidade, a legibilidade e a identidade, intimamente relacionadas pela 'escala', pelas medidas geográficas e temporais, que proporcionam a compreensão da cidade, seja para o habitante, seja para quem dela se aproxima, nela se introduz e dela se apropria. (GRINOVER, 2006, p.30).

Percebe-se, assim, que o que torna a cidade hospitaleira é o acesso dos cidadãos a atividades ou serviços que contribuam para o seu bem-estar, tais como: sistema de transporte público adequado, sistema de infraestrutura viária, um lugar seguro para viver, rede de esgotos, educação, saúde e lazer; bem como acesso à cultura, proporcionando o encontro entre seus habitantes e respeito às diferenças. O que confronta diversos aspectos apontados pelos entrevistados.

A legibilidade entendida por Grinover (2006) se refere à qualidade visual de uma cidade, percebida por seus habitantes e a identidade representa suas particularidades, conhecer a cidade como ela é, é sobretudo de reconhecê-la como realidade.

Muitos apontaram que muitos problemas estruturantes foram ocasionados pela péssima gestão pública e a corrupção existente no Brasil, aliada à falta de interesse em fazer investimentos, uma vez que, "se o espaço urbano não se apresenta de forma adequada, reproduz a incapacidade do caráter político, de sua construção e da

modalidade de sua reprodução” (CIRILO, 2006, p.71). E embora, mesmo sendo residente, cabe também aos nativos reivindicarem por melhores condições de vida e que assim, a cidade se torne mais acolhedora, porém o que observam é que os brasileiros não lutam pelos seus direitos, não se mobilizam e ficam apáticos frente esse cenário.

Dessa forma, é questionável a passividade de grande parcela da população brasileira, que convive há muitas décadas com um Estado ineficiente e frequentemente alheio ao bem comum e aos interesses coletivos, que tende a valorizar os interesses privados e particulares da minoria que detém o poder político e econômico. Nesse sentido, observa-se uma inércia de grande parte da população nacional, marcada pela baixa capacidade de mobilização, participação, luta por melhores condições de vida, equidade e justiça social, maior redistribuição da riqueza e combate a corrupção.

Segundo DaMatta (1997, p.19), esse comportamento do brasileiro pode ser explicado:

Em casa somos todos ‘supercidadãos’. Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas ‘autoridades’ e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente ‘subcidadãos’ e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora da nossa calçada; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depreder a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora da nossa casa é ‘um problema do governo’! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado.

Ou seja, o brasileiro contribui para a degradação do seu meio e acha que não é responsável por isso, que o papel é do Estado, não assumindo assim, sua participação e corresponsabilidade na manutenção ou reversão desse quadro. Segundo o autor é difícil viver numa sociedade em que se existem multiplicidade de cidadania – uma em casa, outra no centro religioso, outra na rua – o que contribui para a imobilidade social e política. Entende-se, aqui, que talvez isso seja devido ao fato de no Brasil não se ter uma formação ética e política mais consistente, pautada nos interesses coletivos e no bem comum. Isso é fundamental para se desenvolver um sentimento de pertencimento, no qual o patrimônio público seja considerado como nosso, e, portanto, devemos zelar por ele.

Nesse contexto, também não se deve esquecer que esse olhar da cidade também é carregado de história, de comparações com o seu lugar de origem, já que em vários momentos, os entrevistados comparavam sua vida atual com aquela que viviam

em seu país de origem. E afirmando que algumas expectativas foram frustradas com a migração.

Esses resultados merecem um olhar mais aprofundado pois incidem diretamente na qualidade de vida da população e conseqüentemente da competitividade do destino turístico. Já que nesse contexto, ratifica-se que o poder público deve procurar a satisfação da sua população residente, quer seja imigrante ou local, oferecendo prestação de serviço público com qualidade e desenvolvendo infraestrutura para atender as demandas da cidade, devendo satisfazer física e psicologicamente as expectativas de todos.

Já como aspectos positivos, elencaram que a cidade é tranquila, com poucas festas, uma cidade confortável, que dispõe de belas praias, mar e sol gostoso, clima agradável e pessoas bonitas. Obviamente, há belas praias, mas algumas estão sujas, com lixo na areia e na orla. A presença de pedras na orla de Ponta Negra para conter o mar também prejudica a qualidade visual da paisagem.

Apesar de serem identificados aspectos mais hostis do que hospitaleiros, a maior parte afirma que se sente em casa tanto no seu país de origem quanto no Brasil, mas o conteúdo desses vínculos emocionais difere. O lar brasileiro se associa normalmente ao bem-estar, relações matrimoniais e as experiências ligadas ao lazer; enquanto o lugar de origem representa as tradições familiares, a segurança, recordações e a talvez, uma continuidade, do retorno na velhice.

Dessa forma, há um misto entre sentir-se imigrante, gringo, estrangeiro ou brasileiro. Dos 31 entrevistados, 10 se sentem brasileiros, 8 se sentem estrangeiros, 7 como gringos, 3 como imigrante e 3 se sentem como cidadãos do mundo.

No Brasil você sempre é gringo. E tem muito brasileiro que se puder tirar vantagem sabendo que você é gringo, vai tirar vantagem. E tem muitos que não, que te ajudam pra caramba. Mas infelizmente sempre te acham gringo. Ainda mais loiro, olhos azuis, não tem jeito. Mas eu não me sinto como tal. As pessoas me veem como tal, mas eu não, eu me sinto brasileiro. Você já viu que eu falo do Brasil com amor e falo das coisas que estão ruim, para tentar melhorá-las. Eu não me sinto como um estrangeiro. Se eu me sentisse um estrangeiro, me sentisse imigrante, me sentisse mal no Brasil, pode ter certeza que eu não moraria no Brasil. E eu sou muito chato, e vou registrando. Vá a puta que pariu, Brasil. Eu sou assim. Eu não... no dia em que eu não estiver bem aqui, eu vou embora. Você tem que valorizar na sua vida, você tem que ver se tudo que é seu bem maior é o que resta, você tem um *superávit*, você fica, se não, vá embora. (Barcelona, 44, M, ESP).

Acho que eu me sinto como estrangeira, porque o povo por causa do meu sotaque me faz lembrar que eu sou estrangeira [risos]. Mas eu me sinto (risos), eu adoro esse país, eu me sinto, não sei [risos] me sinto bem, mas

para os outros, sim eu sou uma estrangeira, [risos] você não é daqui. (Veneza, 56, F, ITA).

É uma sensação complicada, a sensação de imigrante é uma sensação complicada quando volta a casa, quando volta a casa e ficas mais de uma ou duas semanas tudo se sobra, é complicado [risos], é curioso, eu gosto de escrever e algum dia eu gostaria de escrever sobre isso, é uma sensação de quando você mora fora da sua casa, do seu país de querer voltar para sua casa, muitas vezes você se sente um estranho em sua própria casa. (Bilbao, 46, M, ESP).

Percebe-se assim, que dentre diversos fatores, aqueles que se sentem brasileiros se declararam devido ao fato de terem adquirido um ritmo mais tranquilo semelhante após sua migração. Também acrescentaram que a alegria e o otimismo do brasileiro são contagiantes e que assumem tal postura. Além disso, disseram que pertencem a esta nação e defendem o Brasil pelo fato de terem escolhido essa pátria como a sua. Embora, como dito outrora, em alguns momentos das falas, ratificaram sua distinção com relação ao ser brasileiro, no tocante ao comportamento do jeitinho brasileiro e da malandragem.

Os que se afirmaram como estrangeiros, o fizeram pelo fato de não terem nascido no Brasil, porque segundo eles, sua aparência e seu sotaque são sempre lembrados pelos brasileiros como uma forma de os identificarem como tal, e dessa forma, os distinguem. O interessante foi perceber que alguns entrevistados não se consideravam imigrantes pois a ideia que eles detêm é negativa, correspondente àquele sujeito que fugiu do seu país de origem, por perseguições políticas, religiosas e/ou pela busca de melhores condições econômicas, dessa forma, não se enquadram nesse perfil.

Também é pertinente destacar que Bilbao (46, M, ESP) retrata exatamente o que Sayad (1998) destacou sobre a sentimento de ser migrante, que é um emigrante em seu país de origem e um imigrante no seu país de destino e que essas mudanças geram uma série de sentimentos, comportamentos e atitudes para esse sujeito. Nesse mesmo sentido, Elhajji (2013, p.130) complementa,

A migração é, em si, um movimento duplo e dúbio, no qual imigração sempre equivale a emigração, chegada a partida, expectativas a frustrações, sorrisos a lágrimas. Mas também significa a possibilidade de hibridizações, cruzamentos subjetivos, afetivos, simbólicos, culturais e científicos.

Outro aspecto elucidado pelos entrevistados e que foi bastante recorrente, foi a percepção do outro, do nativo, de que eles são gringos. Ou seja, embora a grande maioria não se sinta gringo, os outros os rotulam como tal, e isso não lhes agrada, pois,

geralmente esse termo assume um tom pejorativo e eles sofrem abusos por isso, como por exemplo, pagar mais caro.

Uma pequena parcela dos entrevistados afirmou que não tem raízes, nem sentimentos de pertença com relação ao seu país de origem ou com o Brasil, assumindo uma postura híbrida, como se fora um cidadão do mundo:

É assim, eu sou como Sócrates, que disse eu não sou grego nem ateniense, sou cidadão do mundo. Nem em Portugal eu considere que era meu lar, nunca, tanto que eu acho que nunca vou considerar isso. Sou uma pessoa que vai se movendo no mundo, vendo as possibilidades, as oportunidades (Amarante, 49, M, POR).

Percebe-se que o processo de territorialização perpassa por experiências hospitaleiras e hostis, uma vez que viver em sociedade implica nessas trocas, nesse convívio de tensões e conflitos, um movimento ambíguo e complexo. O imigrante também (re) (des) territorializa simbolicamente, pois chegou em um novo território, estranho a ele, onde muitas vezes não conhece os costumes, comportamentos e história do novo local de moradia, uma cidade estranha. Mas, a partir do momento da sua chegada, torna-se sua, faz parte da sua nova vida, impactando-o e sendo impactado por ela.

Defende-se que o poder público também deve procurar atender às necessidades de um imigrante, a fim de integrá-lo com o ambiente que ele escolheu para morar, com o mesmo caráter nivelador e igualitário, tal como qualquer outro cidadão. Uma vez que, se a cidade está preparada para bem receber ao imigrante, essa hospitalidade influenciará diretamente no desejo da permanência no destino ou do retorno.

6.3 Fluxos turísticos e migratórios no litoral potiguar

Visando compreender até que ponto a migração internacional gera novos fluxos turísticos e migratórios no litoral oriental potiguar, buscou-se encontrar elementos que dessem conta dessa questão. Dessa forma, perguntou-se aos entrevistados: (a) se os mesmos já receberam familiares e/ou amigos estrangeiros como turistas em suas residências, bem como se já realizaram viagens para o seu país de origem e com qual frequência; (b) se recomendariam o seu novo lugar de residência como destino residencial e/ou turístico; (c) como avaliam o projeto migratório,

principalmente a partir das experiências de lazer, e, conseqüentemente a possibilidade do retorno.

6.3.1 Entre o ir e o vir

Entendendo que o turismo internacional requer o deslocamento de pessoas entre diferentes países e que deve ter um período mínimo de permanência (OMT, 2010), constatou-se que um número expressivo dos entrevistados, 27 pessoas, já recebeu visitas de familiares e/ou amigos estrangeiros e brasileiros em sua residência. Um dos motivos que incentivou a vinda desses turistas foi a fixação desse estrangeiro no litoral nordestino brasileiro. Acredita-se que, se esse imigrante tivesse escolhido um outro local de residência, esses visitantes dificilmente teriam conhecido o litoral potiguar.

Dessa forma, pode-se inferir que a presença desses imigrantes no Rio Grande do Norte contribuiu para a escolha dele como destino turístico, estimulando o turismo, e assim movimentando a economia local e gerando renda para o estado.

Nesse sentido, um dos entrevistados que reside em Natal desde 2014, destacou: “Duas pessoas [vieram], o primeiro veio em 2015 e o segundo em 2016. Passaram aqui um mês e eles gostaram. Por enquanto já conhecemos alguns lugares e eles aproveitaram o meu conhecimento e do meu irmão, mas eles gostaram e querem voltar, claro” (Turim, 37, M, ITA).

Nesse caso a periodicidade das visitas é anual, tem assim uma regularidade no acolhimento desses visitantes. Também se ressalta que o próprio imigrante assume o papel de apresentar o destino, demonstrando um certo pertencimento e apropriação do lugar onde vive, uma vez que toma para si o papel de guia de turismo, apresentando a cidade através do seu olhar e das suas experiências. Pode-se fazer menção ainda sobre a satisfação do visitante e o desejo do retorno.

Sobre o perfil do visitante, é bastante heterogêneo, incluindo pessoas tanto do sexo masculino quanto feminino e de diferentes faixas etárias, podendo ser familiares e amigos.

Com relação também ao tempo de permanência desses turistas, as respostas não foram uniformes, variando entre uma a três semanas, havendo exceções como um entrevistado que afirmou que sua parenta permaneceu três meses em sua residência:

Olha, chega uma vez ao ano, minha mãe passou aqui três meses, ela adora o Brasil, agora se ela pudesse escolher ia morar aqui, por causa da vida, sabe como é, e meu irmão está chegando agora no próximo mês para passar duas semanas, então tem essa ligação (Puglia, 47, M, ITA).

O entrevistado reforça também a frequência dessas visitas, anualmente e demonstra a forte presença de familiares como turistas que o visitam, quer sejam por curtos ou longos períodos. Merece destaque a expressão “tem essa ligação”, ou seja, entre o receber visitantes em sua residência e o fato dele viver no Rio Grande do Norte, essas visitas tem essa motivação, além do lazer, do reencontro.

Outros imigrantes enfatizaram o recebimento mais de amigos do que de parentes. “Familiares menos que amigos, eu tenho três amigos que vivem vindo aqui pra Natal, amigos que não moram aqui, entendeu? Pelo menos uma vez ao mês, um está por aqui”. (Faro, 46, M, POR). Esse depoente apresenta uma particularidade, disse receber mensalmente algum colega em sua residência, demonstrando assim uma maior intensidade desse fluxo de turistas. Acredita-se que o que contribui para essa realidade é o fato de existir um voo semanal de Natal a Portugal pela empresa TAP, e se houvesse mais voos essas visitas seriam mais recorrentes.

Pode-se acrescentar, ainda no que diz respeito à assiduidade dessas viagens, que 15 entrevistados afirmaram receber no mínimo uma visita por ano e desses, 6 disseram que recebem mais de duas visitas anuais.

Um aspecto interessante é que alguns imigrantes apontaram que, além da visita de outros estrangeiros, também receberam visitas de brasileiros. Mostrando assim, que essa migração não estimula apenas o turismo internacional, como também o turismo doméstico.

Meu marido não é daqui. Ele é do Rio de Janeiro. Claro que seria visita de brasileiros, mas a gente recebe ... vamos pensar... só na minha família, que são estrangeiros. Ano passado recebi três visitas. Aliás, quatro, quatro visitas. Duas, minha mãe e minha vó. Na metade do ano veio meu pai, no Natal veio minha irmã. No ano anterior eu recebi amigos. Todo ano tem visita, todo ano. (Florença, 33, F, ITA).

Percebe-se assim, que o fato da entrevistada ser casada com um carioca, permite que seus parentes oriundos daquele estado, também viagem ao Rio Grande do Norte, com o intuito de possibilitar o reencontro e vivenciar momentos de lazer. Outro imigrante, casado com uma brasileira, ratificou essa realidade.

Já recebi pessoas de onde eu trabalhava já veio um casal dali, agora essa semana veio um casal francês, casal não, amigo que tá casado com brasileira

também e ela fica no Rio com as duas filhas mas ele veio passar uma semana aqui em casa. [...]. Às vezes a minha filha também vem com uma amiga então assim a gente recebe. (Guimarães, 60, M, POR).

Também se constatou que a maioria dessas viagens foi orientada pelo lazer e que houve uma aprovação dos turistas com relação ao destino turístico. Muitos entrevistados afirmaram que não foi a primeira vez que o seu amigo e/ou familiar visitou o Rio Grande do Norte; outros que estiveram pela primeira vez, demonstraram o desejo de retorno, possibilitando assim, a geração de novos fluxos turísticos.

No geral, dentre os aspectos destacados positivamente por esses turistas, a ênfase recai novamente ao clima e à paisagem natural. Como se observa nos depoimentos a seguir: “Eles gostam, é que a cidade é bonita, né? A beleza física ninguém duvida e a natureza é generosa, é fantástica, é maravilhosa” (Toledo, 66, M, ESP).

Todo mundo reclama, mas todo mundo volta. Dizem que aqui tem uma força mágica. Dizem que tem um magnetismo muito grande, Natal. Essa é uma pesquisa da NASA, dizem que a terra de Natal tem um magnetismo muito grande. Todos reclamam, mas sempre voltam Não sei. (Veneza; 56, F, ITA).

Os relatos enaltecem os atrativos naturais e também traz essa ideia do encantamento que envolve a capital e porque não estender, o seu litoral. Também pode-se afirmar que mesmo diante de alguns problemas encontrados na cidade, o visitante tem o desejo de voltar ao destino.

Como pontos fracos, citaram principalmente a falta de programações e espaços culturais: “Acham um local muito parado que não tem muito o que você ver. Digamos que uma semana tá bom pra você ver aqui em Natal, né?” (Sintra, 32, F, POR).

Antigamente, 2008-2009, eles vinham uma vez por ano. O padrinho da minha filha, meu melhor amigo, ele vinha sempre. Deixaram de vir porque acabou a diversão. Não mais há quase nada para fazer. Como eu te disse, não é mais assim um lugar pra solteiros, pra se divertir. Ficou mais um lugar pra casal, jovens brasileiros que vem passar o fim de semana (Parma, 44, M, ITA).

Os dois trechos auxiliam a se pensar em diversificar as opções de lazer no território potiguar, tanto para turistas como para residentes, uma vez que o mesmo é concentrado no turismo de sol e praia. Não se contesta as belezas naturais, mas a falta de atrativos culturais que permitam tornar o destino mais competitivo, já que a demanda turística é flutuante e busca diversos interesses.

Também, se destaca no segundo depoimento, a expressão “porque acabou a diversão. Não mais há quase nada pra fazer. Como eu te disse, não é mais assim um lugar pra solteiros, pra se divertir”. Gerando algumas provocações, qual o entendimento dele de diversão? E que divertimento seria esse para o solteiro? Já, que segundo o próprio Parma (44, M, ITA), para casais e jovens brasileiros é um destino assertivo. Seu pensamento dá margem, para a ideia de que o divertimento ao qual se refere seria ligado à prostituição.

Cabe ainda destacar, que mesmo diante desse contexto, 7 entrevistados afirmaram que algum amigo ou familiar realizou algum tipo de investimento, quer seja comprando algum imóvel ou investindo no setor de construção civil. Sinalizando para o litoral potiguar ainda como um ponto de interesse turístico e/ou imobiliário, ou como um lugar para manter uma segunda-residência ou até permanente. Apenas o futuro poderá dar conta dessas respostas.

Assim, diante do exposto, percebe-se que existe uma relação direta desse tipo de migração com o turismo, já que a presença do imigrante facilitou a escolha de outros sujeitos pelo litoral potiguar enquanto destino turístico, fazendo surgir um novo fluxo de viagens que retroalimenta esse processo, embora também sofra interferências de uma série de outros fatores.

Considerando as viagens realizadas pelos estrangeiros, foi questionado se eles já haviam viajado ao seu país de origem e, caso sim, com qual frequência. Constatou-se que alguns entrevistados apenas visitam o seu país de origem durante curtos períodos, quer sejam viagens de férias, de trabalho ou com ambas motivações, como se observa no relato a seguir: “Tenho duas filhas lá...quando estou lá, é quinze dias com minhas filhas. Não deixo de trabalhar, porque agora com essa tecnologia, com *whatsapp*, com telefone, com *email*, você não para de trabalhar” (Zaragoza, 41, M, ESP).

Observou-se ainda que aqueles que viajam com maior frequência possuem uma melhor situação econômica, o que lhes permite ter uma vida mais móvel.

Com relação à frequência das viagens à sua terra natal, dentre o total de entrevistados, 28 voltaram ao menos uma vez ao seu país de origem, desde o período que estão residindo no Rio Grande do Norte. E essas viagens são distribuídas da seguinte forma, 11 entrevistados afirmaram que viajam uma vez ao ano, 7 entrevistados afirmaram que viajam duas ou mais vezes ao ano, 2 entrevistados afirmaram que viajam

a cada dois anos, 2 entrevistados a cada três anos, 1 entrevistado a cada quatro anos e 3, mais de cinco anos.

Não havendo uma conformidade nas respostas, como se elucida nos depoimentos a seguir: “Eu vou 2, 3 vezes ao ano. Quando tenha necessidade. Pode ser que eu viaje 5 vezes em cada mês e depois passe 6 meses sem ir. Tem gente que programa toda a sua vida, eu não tenho essa necessidade, quando tenho desejo, vou” (Pádua, 60, M, ITA); “Eu sempre voltei pelo menos duas vezes ao ano. Agora, nesses últimos dois anos, devido a ... talvez, devido a vinda do meu filho, eu consegui viajar somente uma vez por ano, mas é pouco” (Florença, 33, F, ITA); e, “Faz um monte de tempo que não vou. Antigamente ia a cada 4, 5 meses... agora, posso passar um ano, ano e meio pra voltar. Agora faz quase dois anos que não vou, porque todos os negócios estão aqui”. (Barcelona, 44, M, ESP). Percebe-se assim, uma variedade nas respostas, cujo fatores determinantes na regularidade dessas viagens são: dinheiro, família e negócios.

No tocante ao tempo de permanência, o período varia entre quinze a quarenta dias. Alguns relataram que já chegaram a passar até três meses, seis ou até oito meses no seu país de origem, por motivos de saúde, familiares ou de trabalho. Como se percebe nos trechos a seguir: “Uma semana, dez dias. Mas eu não veja a hora de voltar...[risos]” (Puglia, 47, M, ITA).

O mínimo que eu fico são 40 a 50 dias, mínimo. Aconteceu de eu ficar até oito meses, mas foi devido a uma situação com o meu pai que ele tinha que fazer uma cirurgia e eu iria ficar dois meses, mas as coisas foram se agravando e foi até que ele se foi. Mas a cada ano eu vou sim (Veneza, 56, F, ITA).

Apenas três entrevistados nunca viajaram ao seu país de origem, alegando principalmente o valor do câmbio e a distância geográfica.

Infelizmente, não consigo. Não ganho o suficiente para ter no mínimo, uma viagem ao ano. Entre a moeda, que flutua muito e o nível salarial daqui não me permite. Esse ano eu irei. Foi um presente dos meus pais, por ocasião do aniversário de 50 anos de casamento. Mas, pelo que eu ganho, não tenho como ir (Córdoba, 40, M, ESP).

Percebe-se assim, a existência de um fluxo de viagens entre o Brasil e os países de origem desses estrangeiros e vice-versa; bem como no próprio país, ou seja, identifica-se uma movimentação tanto interna quanto internacional. Ressalta-se, por fim, que o estudo não permite quantificar, mas sinalizar para esse aspecto, podendo assim, afirmar que existe uma relação entre essas migrações e as viagens turísticas.

6.3.2 Destino residencial e/ou turístico?

Uma vez escolhido o novo destino residencial, questionou-se primeiramente aos entrevistados se eles recomendavam sua cidade para algum familiar e/ou amigo residir. E as respostas se resumiram da seguinte forma: oito entrevistados afirmaram que recomendaria para qualquer pessoa, sem nenhuma restrição; onze entrevistados recomendariam, com algumas ressalvas; onze não recomendariam e um entrevistado não respondeu essa questão. Percebe-se que essa questão teve um índice de respostas bastante equilibrado.

Aqueles que recomendam a cidade sem nenhuma restrição, apresentaram os seguintes argumentos: “Para morar em Natal, se for morar no Brasil, eu recomendaria aqui, o Rio Grande do Norte. Também eu não conheço muito e o pouco que eu conheço eu recomendaria aqui” (Coimbra, 46, M, POR).

Sim. Por que não? Claro! Se não recomendasse, eu não estaria aqui. É o que eu falo sempre crítica construtiva, que eu o que tento fazer, ser construtivo. Eu não detono o país, não detono as coisas. Eu falo das coisas que estão mal para que se possa mudar. Mas nunca, jamais... se eu não tivesse feliz no Brasil, eu não moraria no Brasil (Barcelona, 44, M, ESP).

Os elementos encontrados nos depoimentos acima, se fizeram presentes nas falas daqueles que mantêm a mesma opinião, afirmando que apesar dos problemas urbanos, o destino oferece condições adequadas para que o estrangeiro aqui se estabeleça, seja bem remunerado pelo seu trabalho e construa sua nova vida.

Onze entrevistados recomendariam o destino como residencial com algumas ressalvas, conforme se observa a seguir, “Depende do que a pessoa procura” (Florença, 33, F, ITA); e, “Só se for alguém que tenha uma renda. Porque aqui é difícil. Hoje em dia é difícil” (Sorrento, 54, M, ITA).

Pra morar, precisa ser uma pessoa aventureira. Eu tenho amigos que tem empreendimentos, pousada, mas a família dele não se adaptou. [...] Espírito aventureiro sim, mas uma pessoa com família, aqui é complicado. Educação e saúde. A saúde, porque tem dengue, tem isso, tem lixo em qualquer lugar. Precisaria primeiramente mudar a mentalidade das pessoas, com educação, com campanhas pra conscientizar as pessoas (Bologna, 62, M, ITA).

Constata-se assim vários tipos de perfis, uns que se adaptariam a viver no litoral potiguar, e outros não. Dentre eles: pessoas solteiras, sem filhos, aposentadas ou se tivesse um objetivo claro sobre onde investir ou como atuar profissionalmente,

recomendaria; mas para famílias com filhos, não indicariam principalmente pela prestação deficitária dos serviços públicos – com ênfase na área da saúde e educação.

No entanto, aqueles que não recomendam a cidade, justificaram principalmente pela ausência de espaços culturais, aumento da violência e alto custo de vida. “Para mim, como te diria, a necessidade cultural que tem nessa cidade é muito importante, então eu para as pessoas do meu entorno recomendar esse lugar que tem uma grande necessidade cultural é um grande problema, então não” (Bilbao, 46, M, ESP); “Agora não, infelizmente não. Se era cinco, seis anos atrás sim, mas agora não, pela falta de segurança, com certeza” (Turim, 37, M, ITA).

Não. Não quero ninguém [risos], tô brincando. Não sei se as pessoas aguentariam, porque a expectativa dos italianos é outra. Diversão fácil, comida do nosso jeito. E aqui é caríssimo comer do nosso jeito. E que seja tudo grátis, como tem que ser. Saúde, diversão... aqui não é... a violência está afastando muito os estrangeiros, também esse problema da saúde, as pessoas começam a ter uma idade avançada e se acontece um probleminha e você não tem dinheiro, morre. Então muitos italianos na faixa dos 50 anos estão indo embora por causa disso, estão começando a se assustar. Um pequeno problema de saúde, um braço quebrado... E se aqui você não tem um plano de saúde... nem indicaria, te digo a verdade, pra minha família. Teria medo. Isso aqui é uma coisa que eu gosto, que eu boto a cara. Não botaria ninguém aqui (Parma, 44, M, ITA).

Interessante observar que a ausência de espaços culturais é um fator determinante na recomendação do destino enquanto fixação de residência. Já que esses espaços são fundamentais para garantir a valorização das manifestações artísticas e culturais, oportunizar momentos de diversão e de trocas sociais que são essenciais para o lazer. Segundo dados levantados junto ao banco de dados do MUSEUSBR (2017), a capital potiguar dispõe apenas de 29 espaços culturais públicos, sendo que os dois principais estão fechados, são eles a Fortaleza dos Reis Magos e o Teatro Alberto Maranhão; Parnamirim apresenta apenas um registro; assim como Tibau do Sul.

A precariedade dos serviços de saúde, quer sejam de ordem pública ou privada, foi bastante citada pelos entrevistados que enfatizavam ser um dos maiores problemas do destino. Sendo recorrente, as comparações com o seu país de origem, onde lá, segundo eles, esses serviços básicos são oferecidos de forma gratuita, eficaz e eficiente.

A insegurança também foi um agravante destacado pelos entrevistados, o aumento da criminalidade no estado que chegou a ser o mais seguro do Brasil, e que nos últimos três anos vem assumindo índices alarmantes, conforme discutido outrora, interfere nessa decisão em recomendar ou não o destino. Mas é interessante perceber

que mesmo diante desse cenário, o entrevistado Parma (44, M, ITA) registra que ele gosta de viver no Brasil, embora não indicaria ninguém vir para cá, mostrando as contradições que perpassam essa permanência no país.

Com relação ainda ao cenário do aumento da violência, esse fator bastante recorrente na fala dos entrevistados que tem contribuído para que os imigrantes não indiquem a cidade como um local para habitar, dois entrevistados afirmaram inclusive ter sofrido assalto.

O que eu gostaria de mudar no Brasil, por exemplo? A insegurança. Um país onde você não pode sair com relógio bom porque tem medo de ser assaltado... eu já fui assaltado, eu já fui roubado, eu já fui esfaqueado. Como não vou querer mudar tudo isso? Meu filho estuda aqui e está no meio dessas coisas perigosas (Barcelona, 44, M, ESP).

(...) o Banco do Brasil estava em greve e tive que levar meu dinheiro na mão para a Espanha, e me roubaram tudo, levaram tudo, até meu passaporte. (Sevilla, 51, F, ESP).

Quem ainda não sofreu teme por isso e afirmam que deve se tomar certos cuidados ao andar pela cidade. Dessa forma, destacam que o Rio Grande do Norte já foi um destino assertivo para migrar e iniciar uma nova vida, era mais tranquilo e seguro. Essa situação merece um olhar mais aprofundado, pois incide diretamente na qualidade de vida da população residente e implica na imagem do destino, que repercute diretamente na demanda turística.

Observa-se que os problemas apontados pelos entrevistados foram bastante recorrentes e tratam de dificuldades estruturantes que afetam diretamente o residente e que deveriam ser assegurados pelo Estado. Ou seja, o acesso a equipamentos e serviços públicos de qualidade, como saúde, segurança, lazer, saneamento e educação a todos os cidadãos. Como quase todos os entrevistados exercem alguma atividade laboral no Rio Grande do Norte, e de alguma maneira estão envolvidos na economia local, pagando impostos, investindo, mesmo que seja uma parte da sua renda no Brasil fazem jus aos mesmos direitos que são garantidos aos cidadãos brasileiros.

Em seguida, foi perguntado se os imigrantes recomendavam a sua cidade de residência para algum familiar e/ou amigo realizar turismo. As recomendações foram mais positivas: 26 entrevistados recomendam a cidade enquanto destino turístico, destacando o clima, as praias, a rede hotelaria e o câmbio favorável ao turista estrangeiro, como se pode observar nos seguintes depoimentos: “Aqui tem muitas coisas que a gente obviamente, em termos turísticos tem muita coisa que a gente aqui

pode oferecer, eu acho que... fora do clima maravilhoso, tem muitas coisas, tem muita oferta turística nesta cidade” (Puglia, 47, M, ITA);

Se você quiser vir passar 15 dias com câmbio a 3 a 4 reais um euro, bom demais, se quer ir à praia da zona norte ou da zona sul? Bom demais. Se você quer ir ao Rastapé que tem muita mulher e pode paquerar, bom demais, mas se você quer vir batalhar aqui não é fácil, eu acho que não (Trieste, 50, M, ITA).

Mais uma vez, o clima e as belezas naturais foram citados pelos entrevistados, destacando que esse binômio é o atrativo principal do destino. Também foram lembradas a oferta turística, o que inclui meios de hospedagens, agências de receptivo, bares e restaurantes.

Outro elemento motivador para a vinda desse turista, segundo Trieste (50, M, ITA) é a mulher, retomando a discussão de que a figura feminina é um símbolo do turismo do país, e que essa busca pode contribuir com o aumento da prostituição e possibilitar a exploração sexual infanto-juvenil. Em seguida, fez um contraponto com o trabalho, dizendo que a cidade é favorável para se ter momentos de férias e de diversão, mas para obter um emprego e fixar residência é complicado.

Alguns entrevistados também afirmaram que mesmo diante da crescente insegurança que vem acometendo o estado, isso não é um impeditivo para que o turista deixe de visitar o destino, porém ressaltam que esse visitante deve ter algumas precauções: “Como turista [recomendo] sim. [Mas] Pensar em tomar algumas precauções com relação à segurança. Não passear com um *rolex* ou uma corrente ouro” (Milão, 49, M, ITA)

Sendo amigo, eu sou bem sincero, e digo pode vir sim, mas tenha muito cuidado porque isso aqui não é Barcelona. Barcelona não tem assassinato de nenhum tipo, assalto em agência bancária, eu digo pode vir, é bonito, eu te acolho e tal, e te explico os caminhos que podem ser feitos (Toledo, 66, M, ESP).

Além disso, foi citada a ineficiência das políticas públicas brasileiras na divulgação do destino e a interferência negativa da imagem do país, o que repercute na vinda de mais turistas.

Por isso eu acho que Natal, o Rio Grande do Norte, o Brasil não se promove, não faz essa... porque infelizmente a única coisa que sai fora, que eu adoro esse país, é só coisa feia. Sai a favela, a diferença social, muitos pobres, essas coisas de falta de direitos humanos, isso era muito forte. Mas a mídia ainda faz isso, só coloca o lado feio. Só um pouco do bom, o futebol, o carnaval e só, não passa nem a coisa boa. [...] tá passando imagem de corrupção,

violência, não querem viajar é cara a passagem o custo de vida parece, algum cambio aumentou o custo de vida aqui é alto não parece mas é alto, não tem uma saúde pública, pra um cara turista vem fazer aqui e não é seguro para viajar. Então isso, as coisas ruins têm muita facilidade de chegar lá fora, as coisas boas não tem então acredito que sim por violência as pessoas podem não querer mais vir (Veneza, 56, F, ITA).

Os imigrantes ainda lembraram que a divulgação de notícias negativas sobre o destino Brasil e também potiguar repercutem internacionalmente e interferem na demanda turística.

Os principais problemas divulgados e que foram lembrados pelos entrevistados foram, primeiro, de ordem de saúde, no caso do aumento da dengue, proliferação da zika e da chikungunya; em seguida, a questão da segurança, aumento da violência e o caso da rebelião do presídio em Alcaçuz (RN), com a destruição de celas e mortes violentas de alguns detentos; por fim, também foi lembrado o escândalo da comercialização de carne imprópria para o consumo, com adição de papelão e alumínio, por grandes empresas nacionais. Esses temas assumem um grande valor midiático e repercutem diretamente no turismo local, que mesmo diante da realização de megaeventos mundiais no país, como a Jornada Mundial da Juventude em 2013, Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016 não atingiram números mais expressivos na demanda turística do país.

Apenas 4 entrevistados não recomendariam a cidade para vir como turista, principalmente pela falta de infraestrutura, presença de lixo na orla marítima, de espaços culturais, câmbio, e pela distância e alto custo de viajar até o Brasil quando comparado a outros destinos de sol e praia no Caribe ou no norte da África.

Cabe ainda destacar que duas entrevistadas não indicariam o litoral potiguar como destino turístico, mas recomendariam as cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, por terem além dos atrativos naturais, oferecerem atrativos culturais.

É muito interessante observar o paradoxo do pensar o destino, enquanto residencial e turístico, pois embora residam no litoral potiguar e, em sua maioria, assumam um compromisso com o local e mantenham o desejo de melhorias para as cidades envolvidas, o fato de recomendar ou não o destino para residir obteve um maior grau de discordância. Porém, para “turistar”, as respostas obtiveram maior nível de concordância. Ressalta-se que os principais apontamentos levantados pelos imigrantes para a não recomendação do destino, quer seja para residir ou turistar foram de ordem estruturante, acredita-se que, se os problemas apontados pelos imigrantes fossem solucionados ou minimizados pelo poder público local refletiriam diretamente numa

melhor qualidade de vida para os residentes. Isso poderia repercutir diretamente no desenvolvimento da atividade turística, e possivelmente no repensar sobre essas recomendações por parte dos entrevistados.

6.3.3 Migração e lazer: entre o idealizado e o real

Nessa seção buscou-se avaliar as relações entre a migração e o lazer, por ser uma perspectiva inovadora na análise sobre o papel do lazer nos movimentos migratórios e nos fluxos turísticos. Acredita-se que o resultado dessa avaliação irá interferir diretamente no grau de satisfação da decisão migratória do estrangeiro, ao atendimento de suas expectativas e o desejo pelo retorno.

Inicialmente, cabe destacar que 14 entrevistados foram categóricos ao afirmar que o tempo de não trabalho aumentou com a migração, e que, assim usufruem maior tempo disponível para o lazer.

Eu particularmente tenho muito mais tempo aqui... logicamente, eu não tenho o mesmo empenho de trabalho que eu tinha na Itália como investidor, então eu posso permitir que o que quero. Não tenho a necessidade de impor uma rotina de trabalho. Trabalho pra mim mesmo, e, posso fazer o que eu quero. A maioria de estrangeiros que vem pra cá, tem muito mais tempo aqui, que na Europa. Numa porcentagem, muito mais tempo. Tem gente que, eu acho, economicamente, tem mais possibilidades econômicas que lá (Pádua, 60, M, ITA).

Ali você tem tempo livre bem pouco, ali esperava o final de semana, uma vez por semana conseguia bater um futebol com os amigos, se a gente arrumar as pessoas pra jogar, e se a gente conseguia sair, era uma vez por semana num restaurante. Lazer na Itália realmente era bem pouco, porque é bem pouco tempo que você tem livre e aquele tempo livre que você tem às vezes é usado para descansar, usado para descansar do trabalho, você não tem nem energia nem força para organizar algumas coisas [...] Aqui, não tem aquela força, aqui como eu falei, desço todos os dias para a praia, jogando, é outra qualidade de vida (Puglia, 47, M, ITA).

Nesse sentido, percebe-se que os entrevistados assumem uma nova relação com o trabalho e o lazer, que muitos entrevistados apontaram que a migração permitiu uma maior flexibilização do trabalho com uma menor jornada, e conseqüentemente mais tempo para o lazer.

Hiernaux (2009, p.119) endossa essa questão ao afirmar que “O que conta neste contexto [da hipermodernidade], é a liberação do ‘tempo obrigado’, substituído pelo ‘tempo livre’”. Interessante destacar que as qualificações ligadas ao tempo estão entre aspas, pois não existe um tempo totalmente livre ou totalmente obrigado.

Nesse sentido, rompe-se com

A ideia de que o trabalhador existe para a reprodução do capital – , ao se “desligar” do trabalho (como comumente se fala) para exercer qualquer atividade de lazer, o indivíduo está, antes de crescer física ou espiritualmente como descanso semanal e as férias são elementos de reconstituição da força de trabalho, baterias psicologicamente necessárias para recarregá-la nos ciclos semanais e anuais de labuta (OURIQUES, 2005, p. 38).

Com a flexibilidade do trabalho não é mais necessário esperar o final de semana ou as férias, pois, para muitos, essa visão estanque e dicotômica foi rompida. Não é necessário mais essa separação dura, mas agora, isso é mais difuso.

Os depoimentos a seguir justificam essa constatação: “Aqui quando quero ficar fico [trabalhando], quando não quero, não fico [trabalhando]” (Bilbao, 46, M, ESP); “Quando eu sinto que eu preciso de um dia de não fazer nada, faço nada. E quando sinto que tem que trabalhar muito, vou fazer tudo. E quando eu quero fazer uma coisa, planejo e faço” (Segóvia, 40, M, ESP); “Aqui eu desço com a minha motinha na praia, vou caminhar, vou jogar na praia de manhã cedo, vou trabalhar, trabalho em casa, então não preciso ir ao escritório, com roupa social, então é completamente diferente” (Puglia, 47, M, ITA).

Os depoimentos revelam que a mudança de residência permitiu uma nova organização no modo do trabalho e em sua carga horária, percebe-se a existência de menos formalidades, de um melhor planejamento no desempenho de suas atividades. Dando-lhes mais autonomia e rompendo com a dicotomia do tempo de trabalho formal com duração de 8h/dia ou 40h/semanais, e do tempo de lazer, usufruído geralmente nos finais de semana e nas férias, remetendo-se assim a ideia de um repensar sobre os tempos sociais, como apontam Melo (2013), Vera *et al.* (2013) e Gomes (2014a).

Sabe-se que essa nova forma de trabalho corresponde a uma pequena parcela da população laboral, mas é uma realidade que resulta dessa pós-modernidade, que estabelece novas relações com o espaço e tempo.

Já uma parcela dos entrevistados, no total 13, não percebeu diferença entre a quantidade de tempo livre que tinha no seu país de origem para a que tem no Brasil, mas citam que o tipo e a qualidade da experiência é outra. “Olha, a vida mais ou menos é igual, porque se tu trabalhas... mas aqui tem menos *stress*, eu acho. Por quê? Porque o dia a dia é mais tranquilo, lá é tudo corrido. Corrido, corrido. 24 horas corrido. O modo de viver é mais ou menos é igual” (Sorrento, 54, M, ITA).

É só diferente. Eu não diria que nem é melhor, nem é pior. Se eu tivesse que escolher, eu diria que é pior, mas na verdade seria injusto, porque eu faço coisas boas aqui. Às vezes só saudade que me faz pensar que seja pior. Não é pior, entendeu? Então eu seria injusta se eu falasse isso. Acho que é diferente, a palavra certa. Tempo livre igual. Qualidade do tempo livre... diferente. Talvez, como eu posso dizer... É porque como é uma vida totalmente diferente, as coisas que eu faço no meu tempo livre aqui... as coisas que fazia no meu tempo livre lá, são totalmente diferentes do meu tempo livre aqui. Mas, o tempo livre que eu tenho aqui é bom. Eu tenho uma boa piscina no condomínio, tenho belíssimas praias, eu tenho...vou ao *shopping*...eu gosto, gosto de ir no *shopping*. Então, qualidade boa. (Florença, 33, F, ITA).

Constata-se mais uma vantagem adquirida com o processo migratório, a qualidade do tempo melhorou, ou seja, no litoral potiguar desenvolvem um cotidiano menos atarefado, o que permite que se cansem menos e assim, tenham maior disposição para desenvolver suas experiências de lazer. Por outro, destacam-se que essas vivências se modificam, principalmente por questões naturais e sociais.

Assim como a entrevistada Florença (33, F, ITA) salientou o *shopping* como um espaço de lazer, outros também o destacaram, principalmente pela sensação de segurança. Mas, eles apontaram que essa prática surgiu no Brasil, pois no seu país de origem, as vivências são realizadas, em grande parte, na rua, já que existem muitas programações gratuitas, espaços públicos ao ar livre, e os cafés e bares são vistos como uma extensão da casa.

Constatou-se, assim, diferentes territorialidades vinculadas às vivências do lazer, no exterior, vinculada a experiências desenvolvidas na rua e no Brasil, mas vinculada em casa e em espaços privados. É claro que a rua serve também como o espaço típico do lazer.

Um pequeno grupo de entrevistados, formado por 4 pessoas, afirmou que o tempo para o lazer diminuiu, uma vez que a migração intensificou o seu ritmo de trabalho, sendo-lhes atribuídos maiores responsabilidades, não permitindo assim desenvolver mais tempo para o lazer, inclusive decepcionando-se com tal situação. Como se observa nos seguintes relatos: “Aqui eu tenho menos tempo livre, porque minha profissão requer muito tempo aqui, 24 horas praticamente aqui neste trabalho. Além de ser de eu gerenciar o meu tempo, aqui eu não tenho” (Coimbra, 46, M, POR); e, “É diferente. Lá tem mais lazer, talvez. Lá tem mais lazer... tenho mais lazer por quê? Porque aqui estou no hotel e, quer queira, que não, aqui tá... convivo aqui, quer queira, quer não, tô dentro do hotel dentro do serviço. Portugal é diferente” (Aveiro, 65, M, POR).

Os dois entrevistados têm muitas características em comum, além do fato de serem portugueses atuam no setor da Hotelaria, o primeiro entrevistado como gerente de uma pousada familiar, e o segundo, proprietário de um hotel; ambos residem no local de trabalho, tornando as relações entre trabalho e lazer mais difusas, difíceis de serem percebidas.

Constata-se assim, que essa mudança de vida tende a romper ao mundo do trabalho tradicional, oposto ao lazer, porém com uma linha mais tênue entre ambos e assim os imigrantes administram melhor seu tempo. Segundo Perkins e Thorns (2006), na medida em que a mobilidade das pessoas está cada vez maior, seus padrões laborais e de lazer cada vez mais flexíveis e as situações relacionadas com sua residência mais diversas, não é possível aceitar mais essa distinção hierárquica.

Partindo do princípio desse limiar entre trabalho e lazer, um dos entrevistados tocou num ponto que contribui para o avanço dessa discussão.

Eu não quero muito tempo de ócio. **Eu desfruto trabalhando.** Eu gosto. Gosto de fazer negócio disso, daquilo, eu disfruto assim, sabe? Só em conversar, falo com o caseiro, falo com uma pessoa de negócios. Vamos fazer isso, vamos procurar... investigar, como fazer, o que fazer. Há um tempo para tomar um café, uma água conversando... Para mim não tem problema (Vigo, 51, M, ESP, grifo nosso).

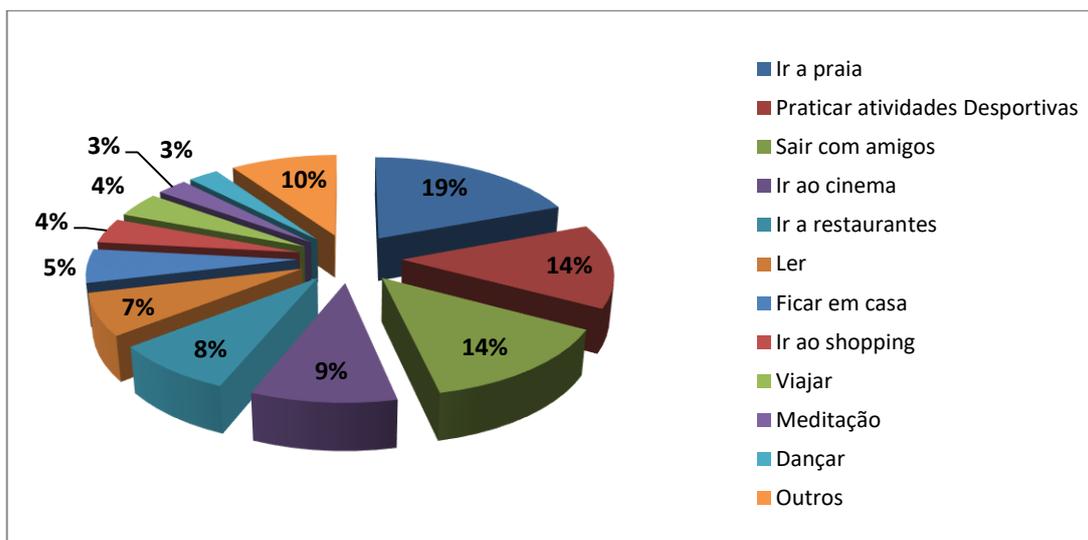
Esse relato corrobora a ideia de que novas configurações surgem e que a polarização lazer/trabalho merecem ser repensadas, já que conforme se observa, eles se apresentam de forma articulada, e não em contraposição, como foi postulado por autores como Dumazedier (2002).

Já sobre as vivências de lazer dos entrevistados, relacionando diretamente com o processo migratório, as respostas foram muito diversas, fazendo especial menção às idas à praia, às atividades desportivas e sociais. Ir ao cinema, comer nos restaurantes e ler foram também atividades muito citadas. Como se pode verificar nos seguintes discursos:

Praia, que é o básico, mas eu gosto muito das lagoas, porque é tipo uma praia, mas ao redor cheio de natureza, de árvores, sei lá, gosto muito disso. Uma coisa que a gente não tem lá. Lazer também é muito... lazer noturno, pela noite, vamos a um bar, vamos pra casa beber cerveja, tocar um violão. E depois lazer, tipo, não sei em casa seria lazer, leitura, tudo isso. Eu fico muito mais em casa que lá na Europa (Elche, 22, M, ESP).

Alguns disseram que ficam em casa, fazem compras, viajam, fazem meditação e dançam. O gráfico 3 ilustra as principais vivências desenvolvidas pelos entrevistados.

Gráfico 3 – Vivências de lazer dos entrevistados



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Com relação a companhia para o desenvolvimento de suas experiências de lazer, geralmente o fazem com familiares e/ou amigos, mas em alguns momentos também realizam sozinhos.

Também foi questionado se os entrevistados estão satisfeitos com o seu projeto migratório e se eles têm a intenção em retornar ao seu país de origem. A maioria dos entrevistados encontra-se satisfeita; um pequeno grupo está parcialmente satisfeito; e, um terço dos entrevistados disseram estar insatisfeitos.

A parcela que afirmou estar satisfeita com a migração afirma que a qualidade de vida melhorou consideravelmente, como se revela o seguinte relato: “Estou satisfeito. A qualidade de vida que eu ganhei foi muita e eu acho que fiz bem. Ganhei muito em saúde” (Córdoba, 40, M, ESP); “Às vezes a gente não faz uma escolha certa, mas essa escolha aqui, pessoalmente, para minha natureza, entre aspas, eu acho que foi uma escolha certa. Já não poderia voltar para Itália e imaginar minha vida agora em outro país” (Puglia, 47, M, ITA).

Minhas expectativas estão sendo atendidas. Tudo é um processo, logicamente. Estou feliz. É o que estamos falando, se eu não tivesse feliz com minha situação aqui, teria ido embora. Logicamente você tem que ser muito claro na vida. Você não pode falar, estou bem e falar, com perdão, merda de lugar onde você está. Então, se você fala merda, vá embora. Não me sinto mal aqui. Acho que tudo o que eu queria fazer, estou fazendo, estou conseguindo meus propósitos, com dificuldades, porque, como falamos, esse é um país extremamente burocrático, extremamente caro, complicações com assuntos documentais. Tudo vai aos poucos se solucionando. Só não quero

pegar o jeitinho brasileiro. Fujo do jeitinho brasileiro. Essas coisas de... ah, tem um jeitinho. Não. Comigo não. Não quero! (Barcelona, 44, M, ESP).

Já os que estão parcialmente satisfeitos explicaram que financeiramente os objetivos foram alcançados, mas a cidade vem sofrendo algumas pioras no decorrer dos últimos anos, como se evidencia a seguir: “Primeiro porque eu confiei demais nas pessoas. E a crise afetou muito o setor que eu estava trabalhando. Se junta tudo e ao final... esperava retorno do negócio em um ano e levou três. A expectativa, a nível pessoal, está bem” (Vigo, 51, M, ESP).

Aqueles que afirmaram estar insatisfeitos justificaram pelo aumento da criminalidade aliada ao medo da violência, a crise política e a instabilidade econômica brasileira, a existência de pessoas aproveitadoras, alta burocracia, baixa qualidade no ensino e o desejo de envelhecer em melhores condições de seguridade social. E que esse conjunto de fatores corroboram para o desejo de retornar ao seu país de origem.

Não. Só em queda, só pra baixo. E já te digo fundamentalmente por causa da segurança, segurança aqui é privada, é absurdo. Isso não existe em nenhum lugar do mundo. Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde, um relatório que fez sobre a segurança no mundo, em 2012 declarou que Brasil era o país que tinha mais assassinato no planeta Terra, quase não existe guerra que mate tanto. Isso foi em 2012, creio que hoje o número deva ser bem maior. E você está num estado que assassina mais, que mata mais do Brasil, já foi Alagoas e agora Natal é o número um (Toledo, 66, M, ESP).

Não, é uma coisa triste que não sou eu que sou desfeito mas realmente o estado do Rio Grande do Norte, o Brasil, o serviço que não estar dando nada a população. Paga os impostos mas não tem nada de boa vida, satisfação absolutamente não [pausa] você precisa de um plano de saúde tem que pagar, precisa de um hospital tem que pagar, ter filho tem que mandar no colégio tem que pagar então o serviço não estou absolutamente satisfeito, coisa pior do mundo. Mas é Brasil, tem que viver com esse problema de serviço no setor público, hospital, escola e tudo a respeito (Nápoles, 42, M, ITA).

Alguns estão felizes na vida pessoal, outros apenas no trabalho ou vice-versa. De toda forma, o fator econômico influenciou decisivamente na avaliação do projeto migratório.

Há duas diferenças. Hoje em dia, como investidor eu nunca mais investiria aqui. Agora, como pessoa física é um dos lugares mais bonitos que eu conheço pra viver. Este lugar é muito bom é mesmo pra viver... ter uma casinha, viver descansar, relaxar. Isto é tranquilo, as pessoas são simpáticas. Agora, como atividade comercial, empresarial é muito complicado, muito complicado (Aveiro, 65, M, POR).

Eu acho a crise em Brasil é uma crise política. Aqui não tem crise econômica. Para meu parecer... que era uma crise econômica a Espanha, que foi uma crise econômica... Espanha se baseava num método de economia ... 80% era da construção... a construção parou, porque era uma bolha imobiliária, que se vendiam casa não para morar, se vendiam casas para especular. E quando

todo o mundo viu que era assim, parou o crédito, parou a construção e o país morreu. Uma crise econômica (Córdoba, 40, M, ESP).

Dezessete estrangeiros não querem voltar ao seu país de origem sob nenhuma maneira, e reforçaram o desejo de permanecer no Brasil.

Eu não consigo me ver deixando o Brasil, não sei se tem essa coisa de outras vidas, mas aqui eu me sinto muito bem, aqui eu me sinto em casa, eu me sinto muito bem, aconteceu eu te falo de verdade, aconteceu que quando estava fora 40, 50 dias de eu ter saudades do Brasil, e na primeira vez, me diziam mas você está na sua Itália, mas eu não sei, talvez era o clima, essa particularidade, não sei se é o vento que tem, que eu gosto muito, mas é isso [risos] (Veneza, 56, F, ITA).

Já é a minha pátria. Estou bem aqui, gosto de tudo que aqui, curto, porque aqui está bem, não interessa mais pela Itália faz anos, entendeu? Ou seja, minha vida é aqui. Qualquer coisa que não se encaminhou sentido do ser, tentei modificar aqui, também. Nunca pensei em voltar, nunca (Sorrento, 54, M, ITA).

Alguns estrangeiros (2) não têm planos de voltar, mas se a crise continuar no Brasil, pretendem deixar o país e ir para qualquer lugar onde possam ter perspectivas de melhorias com respeito a sua renda e assim, obter mais lucro, independentemente de ser o seu país de origem.

Não tenho planos, agora estou no Brasil, não sei até quando vou ficar aqui e depois eu vou ver o que faço, se eu volto pra Espanha, mas não é minha prioridade voltar pra Espanha não. Na verdade, eu estou a morar e trabalhar em qualquer lugar do mundo, onde eu consiga encontrar um projeto que seja atrativo pra mim e pra minha esposa. A Espanha, como Espanha, assim não. Pode ser qualquer lugar (Pamplona, 38, M, ESP).

A instabilidade que interfere nos negócios é um fator preocupante. Nesses casos, retornar para o seu país de origem torna-se a melhor saída, e talvez esse seja um elemento motivador para se pensar no retorno.

Três pessoas gostariam de passar uma parte do ano no Brasil e a outra parte do ano em seu país de origem. “Não. Eu tenho minha pensão...não quero ficar aqui definitivo, nem ficar em Portugal. É dividir sempre o meu tempo aqui. Talvez quando tiver coisas pra fazer lá... tanto ficar aqui 8, 9 meses e 3, 4 meses lá” (Aveiro, 65, M, POR).

Em definitivo? Não. Mas eu passaria... o meu planejamento era de aqui uns dois anos era estar na Itália. Passar uns 5 ou seis meses lá e o restante aqui. Não vai dar, mas... Se não vai dar em dois anos, vamos ver se daqui a 5, 10 anos a gente... mas eu não quero voltar pra lá, em definitivo (Milão, 49, M, ITA).

São sete os estrangeiros que têm interesse em regressar ao país de origem, cinco sem datas precisas e dois já haviam comprado a passagem de regresso. Os motivos que levam a esse desejo estão diretamente relacionados à demora nos procedimentos legais e burocracias, e o fato de terem sido enganados por aproveitadores.

Voltar? Com certeza! Que ser um ano, como máximo. O máximo. Minha ideia é, que quando minha mulher fique grávida, vou embora. Se ficar grávida o mês que vem, eu fico aqui os primeiros três meses, que são três meses de risco de gravidez. Três meses, quatro meses e eu sim, eu volto. Se minha mulher não ficar grávida, eu tô tentando, pouco a pouco, vender meu patrimônio aqui e ver em que vou investir lá. Já me estão falando do que tá melhorando, já dá pra fazer negócios. Então, não preciso de muito, porque você lá trabalha pra você ...e você ganha e avança. Aqui você ganha e dá pra o governo. Então, aqui é nadar pra se afogar (Segóvia, 40, M, ESP).

Um caso especificamente chamou a atenção, da espanhola Sevilla (51, F, ESP), ela deseja retornar à Espanha, diante dos golpes, decepções, traições e roubos vividos no Brasil, apresentando um sentimento de derrota, e por isso, decidiu não relatar para os familiares essa situação. Mas se se trata de uma investidora inexperiente, que viu no mercado imobiliário uma possibilidade de ter ascensão econômica e social, não avaliando os riscos dessa prática.

Outro fator determinante nesse desejo do retorno, segundo os entrevistados, é que o seu país de origem oferece melhores condições para se envelhecer com qualidade de vida. Ou seja, o litoral potiguar é adequado para se capitalizar e viver enquanto se é jovem, após isso, é melhor retornar para a sua terra natal, principalmente diante de uma doença mais grave e da velhice.

Foi destacado também, que outro elemento propulsor para esse retorno seria a educação dos filhos, já que muitos afirmaram que no Brasil as escolas são caras e não oferecem diferenciais, como, por exemplo, serem bilíngues.

E por fim, dois imigrantes ainda não sabem ou não pensaram a respeito.

Não sei. Porque hoje por hoje, eu estou feliz aqui. Sem muitas expectativas profissionais, ou seja, reduzindo minhas expectativas para ficar melhor pessoalmente, ok? Mas eu não posso reduzir a tudo, eu necessito ter expectativas profissionais, vou tentar e não tendo conseguido começar outros negócios, eu vou embora (Bilbao, 46, M, ESP).

Os resultados apresentados levam a pensar que o projeto migratório em sua maioria foi bem-sucedido e que não foi melhor, devido principalmente à crise que afetou os negócios e tardaram ou diminuíram seu retorno financeiro. Frustrando algumas expectativas e com o atual cenário político e econômico brasileiro, a imagem

do Brasil enquanto país de oportunidades, sofreu uma estacionada e interrupção, gerando um cenário de incertezas.

Diante disso, e compreendendo que a migração não é um evento único no tempo e no espaço, mas que pode repetir-se ao longo da vida de um sujeito (SKELDON, 2013), essa migração no Brasil pode ser permanente ou não.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese partiu das inquietações que o tema imigração e turismo internacional suscita. Sabe-se que a migração de espanhóis, italianos e portugueses na costa litorânea nordestina do Brasil, e precisamente no Rio Grande do Norte, não se assemelha a nenhum outro movimento migratório vivido em tempos passados, e foi incorporada a partir da propagação do turismo internacional nos primeiros anos do século XXI.

Em linhas gerais, neste período, houve um crescimento descomunal do volume de turistas internacionais no Estado, devido principalmente à elaboração de políticas públicas que subsidiaram tal vinda, atrelada à localização estratégica do Rio Grande do Norte – com um número significativo de voos regulares – ao clima e belezas naturais; ao valor do câmbio; e estabilidade econômica pela qual o Brasil vinha passando e perspectiva de crescimento. Esse contexto favoreceu o desenvolvimento da atividade turística, bem como o investimento de capital estrangeiro – uma realidade nas áreas periféricas do sistema econômico – e a expansão do setor turístico imobiliário. Ressalta-se assim, que este fenômeno só pode ser compreendido de maneira associada a este conjunto de fatores diversos: econômicos, políticos, ambientais e socioculturais.

Diante desse cenário, problematizou-se a complexidade do fenômeno migratório internacional no litoral turístico do Estado potiguar, respaldando-se nos fundamentos teórico-metodológicos que sustentaram esta investigação e que permitiram, com o auxílio de entrevistas, responder aos questionamentos levantados no decorrer do estudo e compreender a realidade empírica investigada.

Constatou-se que a mobilidade turística contribuiu com a mobilidade imigratória, uma vez que grande parte dos estrangeiros esteve no país primeiramente como turista e essa experiência – avaliada positivamente – foi um dos fatores que contribuiu na tomada de decisão de migrar.

Levando-se assim, a considerar que as decisões para a mudança e a seleção do destino são diretamente influenciadas pelas experiências satisfatórias anteriores que o imigrante teve enquanto turista, sendo um fator catalisador para se pensar sobre uma migração subsequente. Além disso, um contato pregresso com a localidade pode minimizar o risco dessa escolha.

Notou-se ainda, que a atividade laboral dos imigrantes pesquisados está diretamente relacionada à dinâmica turística-imobiliária no litoral, quer sejam como

investidores, empresários, empreendedores ou empregados. Mostrando, dessa maneira, mais uma estreita relação entre os fenômenos imigratório e turístico.

Esses imigrantes contemporâneos são predominantemente homens adultos, em sua maioria, com formação superior e que migram em busca de um novo estilo de vida e/ou novos desafios pessoais; de possibilidades de investir no setor turístico e/ou imobiliário, assumir cargos de trabalho e/ou estabelecer vínculos conjugais.

Também foi constatado que a maioria deles utilizou recursos financeiros preexistentes para efetivar a migração, denotando a importância da detenção de um certo capital para a execução de tal prática. Mas ressalta-se que esse não é um fator determinante, já que não foi unânime entre os pesquisados.

No tocante a forma de organização para efetivar a migração, observou-se que eles se organizaram tanto de forma individual como através de redes de amigos ou familiares. As vantagens identificadas através do auxílio dessas redes sociais se deram principalmente nas indicações de trabalho, na realização de investimentos e no processo de socialização. Porém, os que vieram de modo individual, não apresentaram dificuldades em realizar esse deslocamento e conseguiram estabelecer vínculos com o passar do tempo.

Confirmou-se que a imigração não se limita apenas a mudanças espaciais, mas também à dimensão simbólica, ao desejo de vivenciar um novo modo de vida, distinto daquele desenvolvido em seu país de origem, buscando valores da contemporaneidade, tais como: a reificação da natureza, a valorização do tempo presente, a fuga da modernidade e o desenvolvimento de novas relações espaço-tempo (GASTAL, 2006), gerando assim novas territorialidades para esse imigrante.

Observou-se que o processo de territorialização sociocultural no novo destino enfrenta muitos embates no processo contínuo de adaptação, uma vez que, outros atributos e comportamentos são vivenciados em sua terra natal e precisam ser territorializados no novo destino residencial.

Essa territorialização se deu por múltiplas maneiras, entre elas o idioma, a alimentação e as redes sociais. Constatou-se que o domínio do idioma foi o principal elemento territorializador no processo migratório, pois isso permitiu estabelecer novas relações sociais, de trabalho, e de lazer. Nesse sentido, quanto mais se apropria da Língua Portuguesa mais ele se apropria do destino e melhor desenvolve suas atividades cotidianas.

Já a alimentação, teve um papel menos territorializador, já que se trata de uma prática cultural mais enraizada nos sujeitos entrevistados. Foi um dos elementos que os imigrantes mais sentem saudades do seu país de origem, e que consideraram como um forte fator de distinção quando comparado à comida local.

Alusivo aos vínculos desenvolvidos no Brasil observou-se algumas relações conflituosas, principalmente no que concerne às relações entre os compatriotas – já que muitos grupos de estrangeiros que vieram para o Rio Grande do Norte se envolveram com atividades ilícitas e de prostituição, e os imigrantes entrevistados ratificaram por diversas vezes sua distinção com relação a esses sujeitos e que apresentam compromisso com a sociedade em que vivem.

Em menor grau também se diagnosticou resistências em desenvolver vínculos com brasileiros – quer seja pelo jeitinho brasileiro ou diferenças culturais; já aqueles que desenvolveram proximidades com os nativos, em grande parte, esse movimento se deu por influência de amigos em comum.

Nesse sentido, sabe-se que essa migração afeta tanto a população local, as zonas costeiras, como também são afetados por ela e que essa integração vem ocorrendo de variadas formas, permitindo que os imigrantes desfrutem de uma melhor vida no Brasil, através das trocas culturais, conhecimentos e da convivialidade.

Com relação aos vínculos mantidos no país de origem, merece destaque a importância da tecnologia nas novas territorialidades, uma vez que esta é uma parceira fundamental nesse processo, permitindo ter mais acesso e comunicação com o país de origem, já que a *internet* e as novas tecnologias digitais ampliam as possibilidades de contato num mundo cada vez mais complexo e interconectado. Por outro lado, se observou que pode afastar e afrouxar os laços, demonstrando suas contradições.

Constatou-se também, que o estrangeiro, agora como residente, assume um outro olhar frente o destino, diferenciando o território turístico do não-turístico, ou seja, do território das férias para o território do vivido, do cotidiano. Como moradores, os imigrantes conseguem identificar problemas de infraestrutura, insegurança, demasiada burocracia e a má prestação nos serviços públicos, bem como declararam que há falta de interesse e pouca participação da população local em lutar para reverter essa situação.

Ressalta-se que, essa percepção independe de nacionalidade ou sexo, e isso vai influenciar diretamente na hospitalidade pública da cidade, na imagem do destino e na qualidade de vida desses sujeitos, mas apesar dessas impressões negativas, grande parte se sente em casa, e tomam o Rio Grande do Norte como o seu lar e desfrutam do

fato de viver no litoral potiguar. Ademais, a maioria preponderante deles reside em zonas turísticas, que oferecem mais bem-estar, havendo assim, uma apropriação e consumo desses espaços. Desvelando assim, mais um ponto de ligação entre esses dois fenômenos.

Diante desse cenário, percebe-se que a cidade deve ser preparada primeiramente para o residente, pensando em oferecer melhores serviços e condições para que ele tenha qualidade de vida, pensar num turismo que acolha os interesses da população e do destino. Pois um turismo que cresce numericamente não é interessante para a cidade e para os cidadãos que nela residem, apenas para os agentes hegemônicos.

Dessa forma, não se pode romantizar esse tipo de migração, só porque esses sujeitos têm maior possibilidade de escolher onde residir e serem detentores de capital, já que eles também passam por conflitos socioculturais, sofrem ataques xenofóbicos e as consequências da precariedade infraestrutural da cidade.

Isso implicou em uma não unanimidade no tocante à recomendação da cidade como destino residencial. Em contrapartida, houve uma maior incidência na indicação do destino, enquanto destino turístico.

Com relação aos fluxos imigratórios e turísticos, os dados não são suficientes para afirmar de modo contundente que houve um aumento expressivo de turistas, devido à imigração desses sujeitos. No entanto, demonstra claramente essa tendência, uma vez que, praticamente todos os entrevistados já receberam amigos e/ou familiares em sua residência. Dessa forma, constatou-se que a imigração permitiu que outros estrangeiros conhecessem o litoral potiguar, e que essa experiência turística foi facilitada devido à indicação e o convite desse imigrante para uma experiência turística.

Por outro lado, existe a circulação dos imigrantes até o seu país de origem, quer seja por motivo de lazer, saúde e/ou trabalho, apontando assim para a existência e continuidade desses fluxos internacionais.

Encontrou-se indícios que algumas imigrações foram resultantes de outras imigrações, em dois casos identificou-se que primeiramente os pais vieram, se estabeleceram, e em seguida os filhos vieram, sendo assim uma segunda geração de imigrantes, porém esse cenário não permite afirmar de modo contundente que essa relação é fértil, até porque trata-se de uma imigração recente no Rio Grande do Norte, com menos de 10 anos, acredita-se que a médio prazo essa tendência poderá ser constatada.

Nesse tocante, outro fator identificado foi o fato de que alguns imóveis foram comprados por amigos e/ou familiares do imigrante residente no litoral potiguar, denotando que eles podem vir a ser utilizados como residência primária ou secundária.

Com relação à avaliação da experiência migratória, a oportunidade de viver com mais qualidade de vida foi muito valorizada pelos entrevistados. O destino potiguar foi assinalado pelos entrevistados como uma cidade muito adequada para desfrutar do turismo e do lazer durante todo o ano, como uma cidade turística apta para os negócios, destacando que a migração contribuiu com o aumento do tempo para o lazer e que este assume um lugar de protagonismo nesse novo estilo de vida, contribui assim para a permanência desses estrangeiros no litoral potiguar. No contexto estudado, também se observou uma difusão nas relações lazer/trabalho, dessa forma o destino potiguar expressa esse binômio de forma articulada e não em contraposição.

Com esta pesquisa, foi possível perceber que o lazer vivenciado por esses imigrantes assume novos formatos e desempenham um importante papel na vida deles, um momento de trocas sociais, descanso e divertimento. Também se observou que algumas experiências vivenciadas no Brasil são diferentes daquelas vivenciadas em seu país de origem, onde lá eles desenvolviam mais vivências na rua e espaços públicos, e aqui se direcionam mais à praia e em espaços fechados.

A maioria dos imigrantes relatou que a sua nova vida no Brasil contribuiu para melhor qualidade, embora destaquem algumas fragilidades na prestação de serviços públicos e na infraestrutura do litoral potiguar. Não se pode negar a contribuição desses imigrantes na economia local e nas trocas culturais, e que dessa forma, suas críticas devem ser ouvidas, trazendo melhorias para toda a população residente e o desejo da sua permanência no país.

De forma geral, os imigrantes avaliam positivamente seu projeto migratório, e que os valores intangíveis conquistados com essa imigração são superiores aos valores tangíveis, detonando mais uma vez que a sensação de bem-estar se sobrepõe aos lucros obtidos ou em questões salariais.

Afirmaram ainda que, apesar dos muitos contrastes e desigualdades socioespaciais no novo território, os imigrantes mudaram para o litoral potiguar permanentemente e estão satisfeitos com sua tomada de decisão, apenas uma pequena parcela admite que se trata de uma migração temporária, embora sem uma data fixa para o retorno.

Ressalta-se que, quando se pensa no regresso, os imigrantes se remeteram, principalmente ao fato de, no seu país de origem, oferecerem um melhor suporte durante a velhice, já que durante essa fase da vida, se requerem mais cuidados com relação à saúde e à acessibilidade, dois fatores deficientes no Brasil. Interessante destacar, que nenhum imigrante vinculou o retorno à ideia da melancolia, nostalgia da época em que viveram ali e que essa vida era melhor que a atual.

Sabe-se que é difícil fazer previsões sobre o futuro desse fenômeno, uma vez que vivemos nesse mundo de incertezas, da fluidez do capital e precisamente da instabilidade política pela qual vem passando o Brasil, mas pode-se afirmar que esse é um movimento contínuo ao longo da vida, e que as redes sociais estabelecidas podem permitir que esse fluxo permaneça, uma vez que mesmo diante da crise mundial de 2008, o turismo e a imigração não cessaram no litoral oriental potiguar. Acredita-se que agregado ao conjunto de fatores citados, a combinação do clima e da natureza, a fuga do urbano e a localização geográfica do estado permitiram que esses fluxos permanecessem.

Acredita-se que essas mobilidades vão se avolumar, principalmente pelas mudanças climáticas, intensificação da globalização, o avanço da tecnologia e da flexibilização do trabalho, devendo-se aprofundar pesquisas sobre esse tema e preparar as comunidades locais para essa nova tendência mundial.

Destaca-se ainda que a mobilidade humana é um assunto amplo e as migrações não podem ser interpretadas a partir de uma lógica generalista de mobilidades humanas, pois cada movimento desenha diferentes vínculos com diferentes conjuntos de direitos e deveres, em âmbito internacional. Ademais, essa migração orientada pelo lazer vivenciada no litoral turístico potiguar é uma tendência migratória recente e que se transforma em um estilo de vida pós-moderno.

Evidencia-se ainda, que não se trata de um estudo comparativo, nem comprometido com generalizações, pois, debruçou-se sobre um contexto em particular, mas acredita-se que as considerações aqui expostas sobre o caso do litoral turístico potiguar apontam para analisar realidades semelhantes que ocorreram em outros destinos na costa litorânea do nordeste brasileiro, podendo ser replicado ou expandido. Já que muitos municípios tiveram um aumento do fluxo internacional turístico aliado a uma injeção de investimentos estrangeiros, que incidiram também em imigrações.

Dessa forma, esta tese significa um meio em potencial para se obter informações sobre esses fluxos migratórios no litoral turístico potiguar e incitar

reflexões futuras, já que esse campo de investigação permite que muitos outros estudos sejam realizados e que contribuirão para avançar nessa discussão, tais como: analisar a percepção de quem recebe esses imigrantes, no caso um estudo que permita investigar o olhar dos nativos, uma vez que a sensação de hospitalidade ou de hostilidade deve ser analisada tanto por quem recebe como por quem é recebido; investigar o grau de satisfação da experiência turística internacional e uma eventual imigração para o destino; e, compreender a realidade vivenciada por estrangeiros de outras nacionalidades.

Pode-se concluir assim, que a migração internacional no litoral potiguar é uma extensão do fenômeno turístico, do turismo enquanto atividade econômica, bem como da experiência pregressa do turista, constatando que houve uma motivação pelo lazer para o litoral potiguar, e esta vem articulada ao trabalho, não como oposição, porque mesmo que alguns tenham buscado oportunidades promissoras de negócios, sabe-se que a satisfação buscada não é meramente material, mas de ter uma vida melhor, diante do clima ameno, sol, praia, tranquilidade, novas formas de trabalho e aumento do “tempo livre” e esses aspectos compõem o lazer e a chamada qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1 esp., 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>. Acesso em: 01 jun. 2016.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE, R.; FERREIRA, L.É.; VIEGAS, T. **O Fenómeno Associativo em Contexto Migratório**: duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal. Oeiras: Celta Editora, 2000.

ALEDO *et al.* **Turismo imobiliário**: uma reflexão sobre o impacto da crise financeira de 2008 e perspectivas no Rio Grande do Norte. ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 5. Florianópolis, 2010.

_____. Complejos turísticos residenciales: análisis del crecimiento del turismo residencial en el Mediterráneo español y en el Litoral Nordestino (Brasil) y su impacto socio-ambiental. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v.20, p. 772–796, 2011.

ALMEIDA, Cláudia Ribeiro de; FERREIRA, Ana Maria e COSTA, Carlos. El proceso de decisión aplicado a la compra de una vivienda secundaria en un destino turístico. El caso del mercado británico en el Algarve. In: MANTECÓN, Alejandro; HUETE, Raquel e MAZÓN, Tomás. **Turismo, urbanización y estilos de vida**: las nuevas formas de movilidad residencial. Akanycia: Ed. Icaria. Política Internacional. Barcelona, 2009. p. 97-108.

ANAC – Associação Nacional de Aviação Civil. **Manual para solicitação de operações não-regulares**. Superintendência de Regulação Econômica e Acompanhamento de Mercado (SRE) e Gerência de Operações de Serviços Aéreos (GOPE). 2011. Disponível em: http://www2.anac.gov.br/arquivos/Manual%20do%20Processo%20de%20N%C3%A3o%20RegularREVISA02011_V2.pdf. Acesso em: 22 março 2016.

ANDERÁOS, Alexandre. **Turismo Residencial e seus impactos**: estudo de caso de um empreendimento turístico no litoral paulista. 131 f. Profissionalizante em Gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente Instituição de Ensino: Centro Universitário SENAC, São Paulo, 2005.

ANICH, Rudolf; BRIAN Tara; LACZKO, Frank. **Tendencias de la migración: comparación de las cuatro direcciones.** Informe sobre las migraciones en el mundo 2013: el bienestar de los migrantes y el desarrollo. Ginebra: Organización Internacional para las Migraciones, 2013.

ASSECOMRN. **O Brasil foi descoberto pelo Rio Grande do Norte?** 2016. Disponível em: <http://www.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=136385&ACT=null&PAGE=null&PARM=null&LBL=NOT%C3%8DCIA>. Acesso em: 05 maio 2018.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Novos nexos entre o turismo e as migrações internacionais: um olhar geográfico sobre a mobilidade dos turistas residenciais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ. 18 a 23 de novembro de 2013. Disponível em: www.simpurb2013.com.br. Acesso em: 10 jan. 2013.

BABBIE, Earl. The logic of sampling. In: _____. **The Practice of Social Research.** 10. ed. Belmont: Wadsworth/Thompson Learning, 2004. p. 178-187.

BACAL, Sarah, S. **Lazer: teoria e pesquisa.** São Paulo: Loyola, 1988.

BAHL, Miguel; GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia; NITSCHKE, Letícia Bartoszeck. Territorialidade gastronômica: as cozinhas regionais como forma de mediação do homem com o meio e como atrativo turístico. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, p.1-16, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277857371_TERRITORIALIDADE_GASTRONOMICA_AS_COZINHAS_REGIONAIS_COMO_FORMA_DE_MEDIACAO_DO_HOMEM_COM_O_MEIO_E_COMO_ATRATIVO_TURISTICO. Acesso em 14 maio 2018.

BARRETTO, Margarita. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **Revista Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.** Cidade, v.7. n. 1, p. 1-11, 2009.

BARRETO, S. L. C. Associativismo no Brasil. **Bol. Intercâmbio**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 30, p. 44-53, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELL, Martin; WARD, Gary. Comparing temporary mobility with permanent migration. **Tourism Geographies**, v. 2, n. 1, p. 97-107, 2000.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2000.

BENSON, Michaela; OSBALDISTON, Nick. Toward a critical sociology of lifestyle migration: reconceptualizing migration and the search for a better way of life. **The sociological review**, v.64, p.407-423, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-954X.12370>. Acesso em: 04 jul. 2017.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005.

BLACK, R. *et al.* The effect of environmental change on human migration. **Global Environmental Change** 21S, Supplement 1, n.0, S3–S11, 2011.

BRANDÃO, Pamela de Medeiros. **Análise da rede política do turismo brasileiro**. Natal, RN, 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Turismo.

BRINKMANN, Svend. **Qualitative interviewing**. Oxford: Oxford university, 2013.

BNB. PRODETUR/NE. **Relatório final do projeto**. Banco do Nordeste do Brasil, 2005. Disponível em: www.bnb.gov.br. Acesso em: 17 dez. 2015.

BOULLÓN, Roberto C. **Atividades turísticas e recreativas: o homem como protagonista**. EDUSC: Bauru, 2004.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**. Belo Horizonte, v.1, n.1. p.9-17, set. 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 jun. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul**. 2016. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>. Acesso em: 04 jul. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo – MTUR. **Anuário Estatístico – 2017 – Ano Base 2016**. v. 44. Brasília, 2018.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE. **Estudo da Demanda Turística Internacional Brasil – 2016**: estrutura de pesquisa e resultados do turismo receptivo. Brasília, 2017a.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Demanda turística internacional. Fichas sínteses 2012-2016**. Versão ampliada. Brasília, 2017b.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Rio Grande do Norte tem novo mapa turístico**. 2016a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6460-rio-grande-do-norte-tem-novo-mapa-tur%C3%ADstico.html>. Acesso em: 28 abr. 2018.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Anuário Estatístico – 2015 – Ano Base 2014**. v. 42. Brasília, 2016b.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Demanda turística internacional. Fichas sínteses 2010-2014**. Brasília, 2015.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Anuário Estatístico – 2013 – Ano Base 2012**. v. 40. Brasília, 2014.

_____. **Estudo da demanda turística internacional. Fichas sínteses 2006-2012**. Brasília, 2013.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Anuário Estatístico – 2011 – Ano Base 2010**. v. 38. Brasília, 2012.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Demanda turística internacional. Fichas sínteses 2004-2010**. Brasília, 2011.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Anuário Estatístico – 2009 – Ano Base 2008**. v. 36. Brasília, 2010.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR. **Anuário Estatístico EMBRATUR 2008**. v. 35. Brasília, 2009.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. **Plano Nacional de Turismo 2007-2010**. Uma viagem de inclusão. Brasília, MTUR, 2007.

_____. Ministério do Turismo – MTUR. Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR. **Anuário Estatístico 2005**. v. 32. Brasília, 2006.

BRINKMANN, Svend. **Qualitative interviewing**. Oxford: Oxford University, 2013.

BURT, Ronald S. The network structure of social capital. In: STAW B.; SUTTON, R. (Ed.). **Research in organizational behavior**. New York, NY: JAI Press, 2000. v.22.

_____. **Structural Holes: the social structure of competition**. Cambridge/MA: Havard University Press, 1992.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n.2, p.11-28, 2006.

_____. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes (org). **Turismo, como aprender, como ensinar**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2001. v.2.

_____. **O que é lazer?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CANO, Ignácio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia nas ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, v. 14, n.31, 2012.

CAÑADA, Ernest. Claroscuros del turismo residencial en Centroamérica. In: ALEDO, Antonio; CAÑADA, Ernest. **El turismo residencial en tiempos de crisis: ¿Fin de un modelo?** Barcelona: Icaria Editorial, 2012. p.37-84.

CARDOZO, Juan Manoel Carreño. Poder e hegemonia na construção do conhecimento do lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda.(org). **Produção de conhecimento em Estudos do Lazer: paradoxos, limites e possibilidades.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.13-29.

CASADO-DÍAZ, M.; KAISER, C. e WARNES, A. M. Northern European retired residents in nine southern European areas: characteristics, motivations and adjustment. **Ageing and Society**, v.24, n.3, p.353-381, 2004. Disponível em: <http://eprints.uwe.ac.uk/6256/1/6256.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CAVALCANTI NETO, Manuel Oliveira. **1500: de Portugal ao saliente potiguar: praia do Marco porta oficial do Brasil.** Natal: Offset, 2018.

CERQUEIRA, *et al.* **Atlas da violência 2017.** IPEA. FBSP: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em 25 março 2018.

CHARLEAUX, João Paulo. **3 diferenças entre as migrações haitiana e venezuelana no Brasil.** 2018. Disponível em: www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/13/3-diferen%C3%A7as-entre-as-migra%C3%A7%C3%B5es-haitiana-e-venezuelana-no-Brasil. Acesso em 25 abr. 2018.

CIRILO, Lecy Gotardo. Monte Verde: hospitalidade, turismo e imigração. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 63-75, 2006.

COLES *et al.* Mobilizing Tourism: a post-disciplinary critique. **Tourism Recreation Research**, v.30, n.2, p.31-41, 2005.

COOPER, Chris; HALL, Michael; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental.** São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CÓRDOVA, R. **Rutas y dinámicas migratorias entre los países de América Latina y el Caribe (ALC), y entre ALC y la Unión Europea.** Ginebra: Organización Internacional para las Migraciones, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Território e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Org). **Território: globalização e fragmentação.** 3. ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996.

COSTA, Edmilson. **A globalização e o capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. As redes, o território e o turismo. In: CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Colaboradores: SABINO, André Luiz; MOLINA, Fábio Silveira; CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Geografias do turismo de lugares a pseudo-lugares.** São Paulo: Roca, 2007. p. 27-34.

_____. Los nuevos escenarios del turismo residencial en Brasil: um análisis crítico. In: MANTECÓN, Alejandro; HUETE, Raquel e MAZÓN, Tomás. **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial.** Akanycia. Barcelona: Ed. Icaria. Política Internacional, 2009. p. 249-267.

_____. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 27-43, jul./dez. 2005.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE HAAS, H. Migration Transitions: a theoretical and empirical inquiry into the developmental drivers of international migration. **IMI Working Paper Series.** International Migration Institute, Oxford University, UK, 2010.

DEBORTOLI, J.A.O. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, A. *et al.* (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002. p.73-76.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Introdução. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti, Bueno, Marielys Siqueira (Orgs). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DELGADO, Manuel. **Seres de otro mundo**: sobre la función simbólica del inmigrante. In: La Dinámica Del Contacto: movilidad, encuentro y conflicto en las relaciones interculturales. p.13-22, 2009. Disponível em: https://www.cidob.org/publicaciones/serie_de_publicacion/monografias/monografias/la_dinamica_del_contacto_movilidad_encuentro_y_conflicto_en_las_relaciones_interculturales. Acesso em: 04 abril 2018.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer: valores residuais ou existenciais?. In: POIRIER, J. (Eds). **História dos costumes**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.p.147-222.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELHAJJI, MohaMMed. Migrações internacionais, fuga das mentes e corrida dos cérebros: custos materiais, benefícios simbólicos e dúvidas existenciais. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida e BENTO, Sofia. **Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros**. Braga: CECS, 2013. p. 125- 137. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/viewFile/1575/1489. Acesso em: 11 março 2018.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25 n. 72, fevereiro, 2010.

_____. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13. **Anais...**, Ouro Preto, 2002.

FERNANDES, D.; CASTRO, M.C.G.; KNUP, S. A imigração internacional qualificada para o Brasil após o início da crise de 2008: o caso dos imigrantes portugueses e espanhóis”. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 19. População, Governança e Bem-Estar. **Anais...** São Pedro, 2014. p.1-19.

FERNANDES, Duval Magalhães; FARIAS, Andressa Virgínia de. **Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório**. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 5. Montevideu, 2012. Disponível em: http://www.alapop.org/Congreso2012/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2012_FINAL514.pdf. Acesso em: 25 abr. 2018.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. Crise financeira, dinâmica imobiliária e turismo em Tibau do Sul/ Pipa. In: CORIOLANO, Luzia Neide e TAVEIRA, Marcelo da Silva. (Orgs). **Políticas, mercado e gestão do turismo no Rio Grande do Norte**. Jundiá: Paco Editorial, 2015. p. 15-34.

_____. Tendências atuais do turismo potiguar: a internacionalização e a interiorização. In: NUNES, E.; CARVALHO, E.; FURTADO, E.; FONSECA M. (Orgs). **Dinâmica e gestão do território potiguar**. Natal: EDUFRN, 2007.

_____. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal: EDUFRN, 2005.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; LIMA, Renata Mayara Moreira de. Segunda residência: conceito, características e significados. In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. (Org). **Segunda residência, lazer e turismo**. Natal: EDUFRN, 2012. p. 11-18.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; SILVA, Kelson de Oliveira. Origem e evolução das segundas residências no Polo Costa das Dunas/RN. In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. (Org). **Segunda residência, lazer e turismo**. Natal: EDUFRN, 2012. p.95-126.

FRATUCCI, A.C. Turismo e território: relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**. Edição especial: hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.87-s.96, nov. 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FURTADO, Edna Maria. **A onda do turismo na cidade do sol**. Natal: EDUFRN, 2008.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas**: o passado como subterfúgio. Campinas: Papirus, 2006.

G1. **Natal é a cidade mais violenta do Brasil, diz ranking mundial**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/natal-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial.ghtml>. Acesso em 25 março 2018.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GOLDIN, I., CAMERON, G.; BALARAJAN, M. **Exceptional People – how migration shaped our world and will define our future**. USA: Princeton University Press, 2011.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014a.

_____. El ocio y la recreación en las sociedades latinoamericanas actuales. **Polis, Revista Latinoamericana**, v.13, n.37, p. 363-384, 2014b.

_____. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set/2011, p.1-25.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Maria José Ramos da. Migração, crescimento econômico e qualidade de vida em Natal/RN. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, v.94, n.68, agosto 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-68.htm>. Acesso em: 24 fev. 2010.

GONÇALVES, Salete. **Turismo em jogo: a dinâmica da reterritorialização em Tibau do Sul/RN**. 2010. 155f. Dissertação. (Mestrado em Turismo). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, n.33, p.40-55. 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2210/1349>. Acesso em 14 maio 2018.

GOSNELL, Hannah; ABRAMS Jesse. Amenity migration: diverse conceptualizations of drivers, socioeconomic dimensions, and emerging challenges. **Geojournal**. 2009.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n.2, p.29-50, 2006.

GUILMOTO, C.Z.; SANDRON, F. The internal dynamics of migration networks in developing countries. **Population: an English Selection**, v.13, n.2, p.135-164, 2001.

GURRAN, Nicole. Migración residencial y transformación social en las costas australianas. In: MAZÓN, T.; HUETE, R.; MANTECÓN A. (Eds). **Constuir uma**

nueva vida. Los espacios del turismo y la migración residencial. Santander: Milrazones, 2011. p. 103-128.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e identidade:** a rede “gaúcha” no nordeste. Nitéroí: EDUFF, 1997.

HAGAN, Jacqueline Maria. Social networks, gender, and immigrant incorporation: resources and constraints. **American Sociological Review**, v. 63, n. 1, p. 55-67, Feb., 1998. Disponível em: www.jstor.org/stable/2657477. Acesso em: 06 maio 2015.

HAGUETTE, Tereza M. F. **Metodologias qualitativas em sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, M. Reconsidering the geography of tourism and contemporary mobility. **Geographical Journal**, v. 43, n.2, p.125-139, 2005.

HALL, C.M.; WILLIAMS, A.M.; LEW, A.A. ‘Tourism: conceptualisations, disciplinaryity, institutions and Issues’. In: LEW, A., HALL, C.M., & WILLIAMS, A.M. (eds.) **The Wiley Blackwell Companion to Tourism.** Chichester: John Wiley, 2014.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

HIERNAUX, Daniel. Los imaginarios del turismo residencial: experiencias mexicanas. In: MANTECÓN, Alejandro; HUETE, Raquel e MAZÓN, Tomás. **Turismo, urbanización y estilos de vida:** las nuevas formas de movilidad residencial. Akanycia. Barcelona: Ed. Icaria. Política Internacional, 2009. p.109-125.

HUETE, Raquel; MANTECÓN, Alejandro. Introducción: sobre la construcción social de los lugares. In: MAZÓN, T.; HUETE, R.; MANTECÓN A. (Eds). **Constuir uma nueva vida. Los espacios del turismo y la migración residencial.** Santander: Milrazones, 2011. p.11-19.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa de Serviços de Hospedagem (PSH)**. Brasília: MTUR, 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2010**: resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2010**: nupcialidade, fecundidade e migração. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf. Acesso em: 05 fev. 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2000**: migração e deslocamentos - resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, 2000a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/88/cd_2000_migracao_deslocamento_amostra.pdf. Acesso em: 05 fev. 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000b.

IDEMA. SEMARH/RN. **Anuário estatístico do Rio Grande do Norte – 2014**. Natal, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0Bx0BXxMKFEmdaEVTc0FaLUINOXc/view> . Acesso em 11 maio 2018.

_____. SEMARH/RN. **Perfil do seu município**: Natal. Natal, 2013a. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC00000000016677.PDF>. Acesso em 05 maio 2018.

_____. SEMARH/RN. **Perfil do seu município**: Parnamirim, Natal, 2013b. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC00000000016675.PDF>. Acesso em 05 maio 2018.

_____. SEMARH/RN. **Perfil do seu município**: Tibau do Sul. v.10 p.1-23, Natal, 2008. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC00000000013808.PDF>. Acesso em 05 maio 2018.

_____. **Rio Grande do Norte**: produto interno bruto do estado e dos municípios 2010-2015. 2015. Disponível em:

<http://www.adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC000000000171454.PDF>.

Acesso em: 07 jun. 2018.

INFRAERO. Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária. **Anuário Estatístico Operacional 2013.** 2014. Disponível em: <http://www4.infraero.gov.br/media/551857/final.pdf>.

_____. **Anuário Estatístico Operacional 2010.** 2011. Disponível em: <http://www4.infraero.gov.br/media/551857/final.pdf>.

JANOSCHKA, Michael. Nuevas geografías migratorias en América Latina: prácticas de ciudadanía en un destino de turismo residencial. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona, v.XVII, n. 439 maio 2013. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-439.htm#>. Acesso em: 08 maio 2015.

_____. Imaginários del turismo residencial en Costa Rica. Negociaciones de pertenencia y apropiación simbólica de espacios y lugares: uma relación conflictiva. In: MAZÓN, T. HUETE, R, MANTECÓN A. (Eds). **Constuir uma nueva vida. Los espacios del turismo y la migración residencial.** Santander: Milrazones, 2011. p.81-102.

JANOSCHKA, Michael; DURÁN, Rafael. Lifestyle migrants in Spain: contested realities of political participation. In: JANOSCHKA, Michael; HAAS, Heiko. (Eds). **Contested spatialities, lifestyle migration and residential tourism.** Oxon: Routledge, 2014. p.60 – 73.

KELLY, John; FREYSINGER, Valeria. J. **21St Century Leisure: current issues.** EUA: Allyn e Bacon, 2000.

KING, R., SKELDON, R., VULLNETARI, J. Internal and international migration: bridging the theoretical divide. **Working Paper** n.52, Sussex Centre for Migration Research, University of Sussex, December, 2008.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

KORPELA, Mari. Lifestyle of Freedom? Individualism and Lifestyle Migration. In: BENSON, Michaela e OSBALDISTON, Nick. **Understanding Lifestyle Migration:**

theoretical approaches to migration and the quest for a better way of life. Londres: Palgrave MacMillan, 2014. p. 27-46.

KRIT, Alesya. El análisis del entorno construído como un médio para entender la interpretación que los migrantes residenciales hacen de sus nuevas vidas: los británicos en España. In: MAZÓN, T.; HUETE, R.; MANTECÓN A. (Eds). **Constuir uma nueva vida. Los espacios del turismo y la migración residencial**. Santander: Milrazones, 2011.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LARANJEIRA, Anaclecia. **Turismo sexual na praia de Ponta Negra: um estudo sob a ótica dos comerciantes**. 2012. 57 f. Monografia (Graduação em Turismo) - Departamento de Turismo, UFRN, Natal, 2012. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/720/1/AnacleciaL_Monografia.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.

LAZEGA, Emmanuel; HIGGINS, Silvio Salej. **Redes sociais e estruturas relacionais**. Belo Horizonte: Fino traço, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, Rosa Maria Rodrigues e ALVES Larissa da Silva Ferreira. O desenvolvimento do turismo no estado do Rio Grande do Norte a partir da ação pública. **Cultur**, ano 9, n. 3, outubro 2015. p.143-172. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/940/868>. Acesso em: 05 de maio 2018.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) **Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2009. Disponível em: www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads/regionalizacao/TURISMO_DE_BASE_COMUNITxRIA.pdf. Acesso em: 12 abr. 2014.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo Marandola e DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARMARAS, Emmanuel V. Tendencias migratorias y desarrollo turístico en Grecia: las etapas iniciales del crecimiento del turismo residencial de extranjeros en las islas del Mar Egeo meridional. In: MANTECÓN, Alejandro; HUETE, Raquel e MAZÓN, Tomás. **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial**. Akanycia. Barcelona: Ed, Icaria. Política Internacional, 2009. p. 249-267.

MARQUES, Eduardo Cesar. Redes sociais e instituições na construção do estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, outubro, 1999.

MAS, Ivan Murray. **Capitalismo y Turismo en España: del “milagro económico” a la “grand crisis”**. Barcelona: Alba Sud Editorial, 2015.

MASCARENHAS, Gilmar. Contribuições da Geografia para o estudo do lazer. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). **Lazer: olhares multidisciplinares**. Campinas: Alínea, 2010. p. 139-159.

MASSEY *et al.* Theories of International Migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, v. 19, n. 3, p. 431-466, Sep. 1993.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p.183-314.

MAXQDA. MAXQDA 12: Guia de introdução. 2016. VERBI Software. Consult. Sozialforschung. GmbH, Berlin 20. Disponível em: <https://www.maxqda.com/wp/wp-content/uploads/sites/2/Getting-Started-Guide-MAXQDA12-ptbr.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MAZÓN, Tomás. **El Turismo**. Lo bueno, lo feo y lo malo. Comunidad Valenciana: Librería Compás, 2014.

MAZÓN, Tomás; ALEDO, Antonio. **La masificación del turismo residencial: el modelo de Torrevieja**. Universidad de Alicante, 2005.

MELO, Victor Andrade de. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**. Rio de Janeiro, v.8 n.23, p.15-35. set-dez. 2013.

MIELKE, E. J. C. **Desenvolvimento turístico de base comunitária**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MOESCH, Marustchka. Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão. In: MARCELLINO, N.C. (Org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.

MOREIRA, D. A. O uso de programas de computador na análise qualitativa: oportunidades, vantagens e desvantagens. **Revista de Negócios**, v. 12, n. 2, p. 56-68, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MUSEUBR. Rede Nacional de Identificação de Museus. **Museus no Rio Grande do Norte**. 2017. Disponível em: [http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!t\),filterEntity:space,map:center:\(lat:-5.795081038360286,lng:-35.20697593688965\),zoom:13\),openEntity:\(type:space\)\)\)](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space,map:center:(lat:-5.795081038360286,lng:-35.20697593688965),zoom:13),openEntity:(type:space)))). Acesso em: 07 abril 2018.

NATAL. Câmara Municipal. **Lei Complementar nº 082, de 21 de junho de 2007**. Dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências. Natal, 2007.

NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo. In: NECHAR, Marcelino Castillo e PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del turismo: estudios críticos**. Mexico: Trillas, 2010.

NIEVES, Raquel Huete; TERÁN, Alejandro Mantecón; MARTÍNEZ, Tomás Mazón. ¿De qué hablamos cuando hablamos de turismo residencial? **Cuadernos de Turismo**, n. 22, p. 101-121, 2008.

NOGUERO, Félix Tomillo. El concepto de turismo según la OMT. In: NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del turismo: estudios críticos**. Mexico: Trillas, 2010.

NOSCHANG, Juliane. **O modelo teórico SISTUR diante da complexidade do fenómeno turístico**. Dissertação. (Mestrado Profissional em Turismo) - Universidade de Brasília: Brasília, 2014.

OIM. **Global migration trends 2015**: Factsheet. Global Migration Data Analysis Centre International Organization for Migration. 2016. Berlin. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/global_migration_trends_2015_factsheet.pdf. Acesso em 04 jul. 2016.

_____. **La Constitución de la OIM y otros textos fundamentales de sus órganos rectores**. Ginebra: OIM, 2014. Disponível em: http://publications.iom.int/system/files/pdf/iomconstitution_sp.pdf. Acesso em: 29 nov. 2016.

_____. **Informes sobre las migraciones en el mundo 2013: el bien estar de los migrantes y el desarrollo**. Ginebra: OIM, 2013. Disponível em: http://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr2013_sp.pdf. Acesso em: 20 nov. 2016.

_____. **Glossário sobre Migração, Migração Internacional Law Series n. 25**. 2011. Disponível em: <https://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/key-migration-terms-1.html#Immigration>. Acesso em: 27 março 2014.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de; FERREIRA, Angela Lúcia, SIMONINI Yuri. Uma cidade marcada por perdas e sonhos: a Natal da Segunda Guerra Mundial. In: SEMINÁRIO DA HISTÓRIA, DA CIDADE E DO URBANISMO – SHCU, 12., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 15 a 18 de outubro de 2012. Disponível em: http://www.hcurb.ct.ufrn.br/assets/modules/projetosvinculados/projetovinculado_33.pdf. Acesso em 06 maio 2018.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. A cidade do Natal/RN (Brasil) na II Guerra Mundial. In: XVII ENANPUR, 17., 2017, São Paulo. **Anais...** p.1-11. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%207/ST%207.5/ST%207.5-01.pdf. Acesso em 06 maio 2018.

OMT. **Panorama OMT del turismo internacional**. Edición 2017. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419043>. Acesso em: 13 abril. 2018.

_____. **Panorama OMT del turismo internacional**. Edición 2015. Madrid, 2015a. Disponível em: <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416875>. Acesso em: 05 jul. 2016.

_____. **Acerca de la OMT**. Madrid, October 2015b. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/aboutunwtoesoctober2015web.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

_____. **Tourism Towards 2030: global overview**. Gyeongju: Republic of Korea. 10 October 2011. Disponível em: http://media.unwto.org/sites/all/files/pdf/unwto_2030_ga_2011_korea.pdf. Acesso em: 05 jul. 2016.

_____. **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo 2008**. Madrid. Nova York. 2010. Disponível em: http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/Seriesm_83rev1s.pdf. Acesso em: 01 dez. 2016.

ONUBR. **Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU**. 2013. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>. Acesso em: 03 jul. 2016.

O'REILLY, Karen. Migración intra-europea y cohesión social: el grado y la naturaleza de la integración de los migrantes británicos en España. In: MANTECÓN, Alejandro; HUETE, Raquel e MAZÓN, Tomás. **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial**. Akanycia. Barcelona: Ed. Icaria. Política Internacional, 2009. p. 249-267.

O'REILLY, Karen; BENSON, Michaela. Migration and the search for a better way of life: a critical exploration of lifestyle migration. **Sociological Review**, v.57, n.4, p.608-625, 2009.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. São Paulo: Alínea, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PELLEGRIN, Ana de. Espaço de lazer. In: GOMES, Christianne Luce. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.73-75.

PERKINS, Harvey C.; THORNS, David C. Home away from home: the primary/secondary home relationship. In: MCINTYRE, Norman; WILLIAMS, Daniel; MCHUGH, Kevin. (eds). **Multiple Dwelling**. Wallingford, UK: UABI, 2006. p.67-81.

PE247. **Estrangeiros redescobrem a região nordeste**. 2013. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/pernambuco247/107844/Estrangeiros-redescobrem-a-Regi%C3%A3o-Nordeste.htm>. Acesso em: 06 jul. 2016.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/download/>. Acesso em: 06 maio 2018.

PINTO, Lenine. **Reinvenção do Descobrimento**. Natal: RN Editora, 1998.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira. (Org.). **Consumo e produção do espaço urbano**. São Paulo: Roca, 2001. p. 3-30.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira; RABELO, Denise Lima. Prazer e contradição: aspectos da construção segregadora dos territórios de lazer. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira. (Org.). **Consumo e produção do espaço urbano**. São Paulo: Roca, 2001. p. 31-38.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e informazione, In: TURCO A. **Regione e regionalizzazione**. Milano: Franco Angeli, 1984. p.69-82.

RAMÍREZ, Carmen Urdaneta. Reflexiones sobre epistemología del turismo. In: NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del turismo: estudios críticos**. Mexico: Trillas, 2010.

RAMOS, Silvana Pirilo. **Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte – IDEMA. **Anuário estatístico do Rio Grande do Norte** 2014. Disponível em:

https://docs.google.com/folderview?id=0Bx0BXxMKFEmdZkxLaVRBmi12anc&usp=drive_web. Acesso em: 22 março 2016.

_____. **Decreto Nº 18.186**, de 14 de abril de 2005. Institui o Polo Costa das Dunas e dá outras Providências. Disponível em: <http://rnbrasil.tur.br/wp-content/uploads/2014/04/criacao-do-polo-de-turismo-costa-das-dunas.pdf>. Acesso em: 21 março 2016.

ROCHA-TRINDADE, M. B. Conceitos e Tipologias. In: ROCHA-TRINDADE, M.B. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 37-39. (Coleção Manuais. n.88).

RODE, Nicolas Clemens Wilhelm. **The tourism-migration nexus: towards a theory of global human mobility**. 2008. Disponível em: <http://digitalcommons.ryerson.ca/dissertations/102>. Acesso: 25 março 2014.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SACK, Robert David. **Human Territorially: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. (Tradução de páginas isoladas).

SALIM, Celso A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 8, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de e SILVEIRA, Maria Laura. (Org). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

_____. Lazer popular e geração de empregos. In: SERVIÇO Social do Comércio/World Leisure and Recreation Association. **Lazer numa sociedade globalizada/Leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000a. p. 31-37.

SANTOS FILHO, João dos. Thomas Cook: marco da historiografia dominante no turismo ensaio sociológico sobre o preconceito ao fenômeno turístico na história. **Revista TURyDES**, v. 1, n. 2, mar. 2008. Disponível em: www.eumed.net/rev/turydes/02/jsf.htm. Acesso em: 17 jul. 2016.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, v.6, n.2, 2003.

SCHWARTZ, Gisele Maria; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. O ambiente virtual e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 149-170.

SETUR. Secretaria de Turismo do Rio Grande do Norte. **Pólo Costa das Dunas**. 2018. Disponível em: <http://rnbrasil.tur.br/polo-costa-das-dunas/>. Acesso em: 21 março 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Kelson de Oliveira. **A residência secundária e o uso do espaço público no litoral oriental potiguar**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação e Pesquisa em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, Marília Natacha de Freitas. **O imobiliário-turístico no nordeste brasileiro: o turismo residencial e a macroubanização turística a partir da expansão e expressão dos resorts no litoral**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2013.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). FERNANDES F. (Coord). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SKELDON, R. Global Migration: demographic aspects and its relevance for development. **Population Division Technical Paper** n. 2013/6, United Nations, New York, USA, 2013.

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 344 f. Tese de Doutorado.

CEDEPLAR. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas. UFMG. Belo Horizonte, 2002.

SOARES, Glácio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n.48, p.27-52, 2005.

SOARES, Weber; LOBO, Carlos; MATOS, Ralfo. Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no Brasil - 1991/2010. **REMHU - Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 191-205, jan./jun. 2015.

SORENSEN, Flemming. The geographies of social networks and innovation in tourism. **Tourism Geographies**, v. 9, n. 1, p. 22-48, 2007.

TEIXEIRA, Tânia Maria da Fonseca. **Arraial do Marco: nosso Porto Seguro**. São Paulo: Editora STS, 2013.

TEIXEIRA, Alex Niche; BECKER, Fernando. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 94-113, jan/jun 2001,

TORKINGTON, Kate. Lifestyle migrants, the linguistic landscape and the politics of place. INTERNATIONAL WORKSHOP LIFESTYLE MIGRATION AND RESIDENTIAL TOURISM, 2. Centro de Ciencias Humanas y Sociales, Madrid, p.23-25 March 2011.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. São Paulo: Roca, 2001.

UNWTO. Tourism Highlights 2016 Edition. http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/estatisticas_indicadores/UNTWO_Tourism_Highlights_2016_Edition.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

_____. Resultados del turismo internacional en 2017: los más altos en siete años. PR n. 18003. 15 Ene 2018. <http://media.unwto.org/es/press-release/2018-01-15/resultados-del-turismo-internacional-en-2017-los-mas-altos-en-siete-anos>. Acesso em: 17 abr. 2018.

_____. **Tourism Highlights 2017 Edition**. 2018. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419029>. Acesso em: 01 maio 2018.

URRY, John. **Mobility**. Cambridge: Polity, 2007.

_____. **Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century**. London: Routledge, 2000.

VELASCO, H.; DÍAZ DE RADA A. **La lógica de la investigación etnográfica**. Um modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Trotta, 1997.

VERA, Fernando J, *et al.* **Análisis territorial del turismo y planificación de destinos turísticos**. 2 ed. Valência: Tirant Humanidades, 2013.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatório de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VIANA, Thereza Cristina Bertazzo Silveira. **Modos de ser e modos de viver: a trajetória dos estrangeiros em Natal/ RN**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

VITAL, Helenice *et al.* Rio Grande do Norte. In: MUEHE, Dieter. (Org). **Erosão e progradação no litoral brasileiro**. Brasília: MMA, 2006. p.155-172. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_sigercom/arquivos/rn_erosao.pdf . Acesso em: 06 maio 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Lazer, trabalho e qualidade de vida**. 2008. Disponível em: <http://www.motricidade.com/index.php/repositorio-aberto/42-gestao/1229-lazer-trabalho-e-qualidade-de-vida>. Acesso em: 27 maio 2018.

WEISS, Robert S. **Learning from Strangers: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1994.

WILLIAMS, Alan, M.; HALL, Michael C. Tourism and migration: new relationships between production and consumption. **Tourism Geographies**, v.2, n.1, p.5-27, 2000.

WILLIAMS, A.; ZELINSKY, W. On some patterns of international tourism flows. **Economic Geography**, v.46, p.549–567, 1970.

APÊNDICES

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO DO BANCO DE TESES DA CAPES QUE ABORDAM A TEMÁTICA NO PERÍODO DE 1987-2016

	Título	Autor (a)	Nível	Área de concentração
1.	Identidade gastronômica alemã em Águas Mornas (SC): um estudo para o fortalecimento do turismo de base local	Berenice Giehl Zanetti Von Dentz	Dissertação	Patrimônio cultural
2.	Raízes do turismo no território do vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi - 1870 a 1960 (RS/Brasil)	Vander Vanduga	Tese	Patrimônio cultural
3.	Turismo e memorabilidade: aspectos da arquitetura de imigração em Silveira Martins-RS/Brasil	Rafael Egidio Ruviaro	Dissertação	Patrimônio cultural
4.	A interpretação patrimonial da imigração alemã para o turismo na rota romântica	Cintia Elisa Dhein	Dissertação	Patrimônio cultural
5.	Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP	Rafael Galvão Monteiro	Dissertação	Patrimônio cultural
6.	A cerimônia do chá como elemento de convivialidade na população nipo-brasileira	Susana Sou Youn Jhun	Dissertação	Patrimônio cultural
7.	Patrimônio cultural e imigração: a invenção da tradição do pastel de bacalhau no mercado municipal paulistano	Idalia Maria Teixeira Souto	Dissertação	Patrimônio cultural
8.	Hospitalidade, imigração e gastronomia: a família Marino e o restaurante Carlino	Leonardo José da Fonseca Ribeiro	Dissertação	Patrimônio cultural
9.	Da cozinha à gastronomia: a comida italiana nos restaurantes paulistanos	Camila de Meirelles Landi	Dissertação	Patrimônio cultural
10.	Turismo e sua história no Rio Grande do Sul: o ciclo das casas de pasto (1850 -1930)	Flávia Carvalho Machado	Dissertação	Economia
11.	Considerações sobre o aporte de argentinos turistas imigrantes na economia de Balneário Camboriú- SC, Brasil	José Augusto Zaguini	Dissertação	Economia
12.	Hospitalidade e imigrações internacionais contemporâneas: nigerianos em São Paulo	Sérgio Sipereck Elias	Dissertação	Hospitalidade
13.	Monte Verde: hospitalidade, imigração e turismo	Lecy Cirilo Gotardo	Dissertação	Hospitalidade
14.	Modos de ser e modos de viver: a trajetória dos estrangeiros em Natal/RN	Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana	Tese	Ciências Sociais
15.	Entre o turismo e o imobiliário: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade - Camocim/CE	Lenilton Francisco de Assis	Tese	Planejamento urbano

Fonte: Elaboração própria, 2016

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO AOS IMIGRANTES

Local da entrevista: _____

Data: ___/___/___

Entrevistado: _____

BLOCO 01 – MOTIVOS PARA O TRASLADO E ADAPTAÇÃO NO BRASIL

1. Em que ano o senhor chegou ao Brasil? Veio sozinho ou com outras pessoas?
2. Como você chegou ao Brasil e precisamente no Rio Grande do Norte? (Pedir para falar também um pouco sobre sua trajetória de vida: pregressa e atual. Verificar se já residiu em outros países estrangeiros. Como tomou conhecimento desta cidade? Como se localizou? Procurou que pessoas ou instituições? Quais suas maiores dificuldades neste processo?)
3. Qual foi o motivo principal para o seu traslado ao município em que reside? (Clima, qualidade de vida percebida em comparação com o lugar de origem, economia, programas governamentais, outros) (fatores *push*)
4. Quais fatores fizeram com o que deixasse o seu país de origem?(fatores *pull*)
5. Como se relaciona com a língua portuguesa?
6. No Brasil, você se sente mais como imigrante, estrangeiro ou turista?
7. O que acha dos turistas internacionais que visitam o Rio Grande do Norte?
8. Como sua vida no Brasil se diferencia da sua vida no seu país de origem?
9. Qual a imagem criada e a imagem concebida do Rio Grande do Norte? (eu ubicado).

BLOCO 02 – RELAÇÕES COM O PAÍS DE ORIGEM

1. Como se processam os laços sociais, de amizade, familiar e de lazer com o seu país de origem?
2. Já voltou ao seu país de origem? Por quê? Quantas vezes? Quando? Geralmente, quanto tempo passa no seu país de origem?
3. Como se sentes quando viajas de férias/passeio em seu país de origem? Que pessoas visitas? Quais locais frequenta?
4. O que você mais sente falta do seu país de origem?
5. Existe uma intenção do retorno em definitivo ao seu país de origem? Para quando?

BLOCO 03 – REDES SOCIAIS DOS IMIGRANTES PARA O LAZER

1. Conhece pessoas do seu país que moram aqui no Rio Grande do Norte? Que tipo de vínculos você tem com elas? Como é o seu relacionamento com elas? Você conhecia alguma dessas pessoas antes de imigrar? Com que frequência se encontra com eles? Em que lugares e ocasiões? Como é o comportamento social nestes encontros? Pode descrever?
2. Descreva suas principais atividades sociais. O que geralmente você faz na semana? E no final de semana? (Costuma sair a noite? Com quem? Com que frequência? Frequenta a praia?)

3. Como você vivencia suas experiências de lazer no Brasil? (Quais espaços e equipamentos você frequenta, quais as principais manifestações culturais vivencia— artísticas, virtuais, esportivas, intelectuais, turísticas, sociais –, com qual regularidade, com qual companhia – compatriotas, brasileiros ou outros estrangeiros, vizinhos, colegas de trabalho, cônjuge...)
4. O que você busca nessas experiências de lazer?
5. Em que sentido a imigração tem contribuído para melhorar suas vivências de lazer?
6. Essas práticas são distintas das que você realizava em seu país de origem? Caso sim, poderia descrevê-las?
7. Existe alguma vivência de lazer que você desenvolva exclusivamente com outros imigrantes? Caso sim, pode descrevê-la.
8. Como você compreende o lazer e qual o significado dele no seu cotidiano?
9. Existe alguma associação ou comunidade estrangeira no RN que promova festas ou demais eventos específicos da sua cultura?
10. Algum amigo ou familiar decidiu comprar uma residência no Rio Grande do Norte? E tornaram-se também imigrantes?
11. Você já acolheu algum imigrante em sua casa? Quer sejam parentes ou não. Quando? Quantas vezes?
12. Como se vê dentro de alguns anos? Você alcançou o que almejava ao decidir migrar?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Voluntário (a),

É com grande prazer que convidamos você para participar da pesquisa: “Migração internacional e lazer no litoral turístico potiguar”, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais sob responsabilidade científica da Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, com a participação da doutoranda Salete Gonçalves. O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira se processa a dinâmica da migração internacional orientada pelo lazer no litoral oriental potiguar e suas influências na geração de novos fluxos turísticos e migratórios no Rio Grande do Norte.

Para alcançar esse objetivo, será necessário contar com a participação de imigrantes de origem portuguesa, italiana ou espanhola no preenchimento voluntário de um questionário e/ou na concessão voluntária de uma entrevista. Caso você aceite contribuir com esta pesquisa, o questionário será aplicado via *on line*, mas não sendo possível, poderá ser aplicado pessoalmente. Já a entrevista, será realizada presencialmente, mas não sendo possível, será realizada via *internet* em data e horário definidos por você e seguirá um roteiro semiestruturado, buscando identificar a trajetória e os elementos de fixação no destino, analisar a rede social para o desenvolvimento de vivências de lazer, entre outros aspectos. Caso você esteja de acordo, a entrevista será gravada e as principais partes de seu relato serão transcritas posteriormente. Se não for possível gravá-la, serão feitas anotações para registrar suas respostas.

É importante esclarecer que não haverá qualquer despesa de sua parte para a participação neste trabalho, nem remuneração financeira e/ou benefícios de qualquer natureza pela sua entrevista, sendo essa participação totalmente voluntária. A sua identidade não será revelada publicamente. Com relação aos riscos, caso você sinta algum desconforto no decorrer de seu relato, terá total liberdade para não responder alguma pergunta ou interromper a entrevista quando e como quiser, sem qualquer tipo de prejuízo. Além disso, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar/cancelar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

Todas as informações coletadas receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidas sob sigilo no Laboratório de Pesquisa LUCE/UFMG por um período de cinco anos. Havendo a necessidade de mais explicações, você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir através da pesquisadora responsável pelo telefone (5531) 3409-2335. Deixamos claro que a pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG), e se for de sua vontade entrar em contato diretamente para maiores esclarecimentos sobre as questões éticas, o mesmo está localizado no campus UFMG Pampulha, na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Adm. II, 2º Andar, sala 2005 - (31) 3409-4592.

Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para o conhecimento sobre a temática “imigração e lazer em destinos litorâneos do nordeste brasileiro”, por isso a sua participação é muito importante. Assim, se você entendeu a proposta do trabalho e concorda em ser voluntário (a), favor assinar no espaço abaixo, concedendo-nos o seu consentimento formal.

Desde já agradecemos pela compreensão e voluntariedade,

 Profa. Dra. Christianne Luce Gomes
 Coordenadora da pesquisa

 Salete Gonçalves
 Doutoranda

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade n. _____ fui informado(a) dos objetivos do estudo e aceito participar da pesquisa intitulada “Migração internacional e lazer no litoral turístico potiguar”, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais sob responsabilidade da Profa. Dra. Christianne Luce Gomes. Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Portanto, livremente dou o meu consentimento para a realização da coleta de dados.

Local e data: _____, _____ de _____ de 201_.

 Assinatura do(a) voluntário(a)